



Universidade de Aveiro Departamento de Educação  
2014

**Patrícia Filipa Mendes  
Castro**

**Deram-me as asas para voar – Investigação  
Participativa com Jovens em Acolhimento**



**Patrícia Filipa Mendes  
Castro**

**Deram-me as asas para eu voar – Investigação  
Participativa com Jovens em Acolhimento**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Doutora Manuela Gonçalves, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este projeto ao meu pai, que apesar de não estar mais entre nós, teria imenso orgulho por eu tê-lo concluído.

Dedico-o, em especial à minha Mamy, mulher lutadora e corajosa, que muito me apoiou e ajudou, e assim tornou possível esta etapa da minha vida.

## **O júri**

**Professor Doutor António Neto Mendes**

Professor Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

**Professora Maria Cristina do Nascimento Rodrigues Madeira Almeida de Sousa Gomes**

Professora Auxiliar do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território da Universidade de Aveiro

**Professora Maria Manuela Bento Gonçalves**

Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

## **Agradecimentos**

Para mim escrever esta tese tem sido uma viagem e, por essa razão, gostaria de agradecer aos que encontrei pelo caminho.

Começo por agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Manuela Gonçalves, pela disponibilidade, pelo alento e pela forma como me conduziu tornando possível todo o meu trabalho.

À minha Mamy, um muito obrigada por estar sempre presente, nos dias bons e nos dias da adversidade.

Filipe, obrigada do fundo do coração todo o carinho e dedicação, sempre presente quando mais preciso.

Ao meu irmão Jorge e sua esposa Patrícia, um agradecimento especial pela vossa atenção, carinho, apoio e pela família inspiradora, particularmente ao Alexandre, meu sobrinho e afilhado, minha fonte de alegria.

À minha amiga de longa data, Rosalina, pelo conforto das tuas palavras de sabedoria que falaram alto, desde o início do percurso académico, obrigada é uma palavra demasiado pequena.

Lucinda, madrinha, obrigada pelas palavras “Vais conseguir!”, pois acreditou ser possível.

Stephanie, um especial beijinho à minha grande amiga e companheira de quarto, em Aveiro.

Ágne, amiga para a vida, obrigada por todos os momentos de partilha.

Agradeço em particular aos jovens da Instituição, participantes da investigação, que permitiram o desenvolvimento deste projeto, e um obrigada também à Diretora e à Técnica da instituição pela disponibilidade amabilidade. A todos um muito obrigada.

A minha gratidão é para todos os amigos importantes que de alguma forma contribuíram para eu estar nesta fase.

## **palavras-chave**

Jovens em acolhimento institucional, (re)construção do lugar social, fatores de sucesso educativo e inclusão social e, Investigação Participativa.

## **resumo**

O presente trabalho é um projeto de Investigação Participativa, realizado em parceria com quatro jovens que frequentam o ensino superior e que apresentam percursos de vida enquadrados por respostas sociais de acolhimento (Lar de Infância e Juventude e Apartamento de Autonomia). Tendo em conta os contextos de vulnerabilidade e risco social que determinam a institucionalização de crianças, assim como os constrangimentos, dificuldades e limitações que acompanham a experiência de institucionalização prolongada, propusemo-nos desenvolver com estes jovens um projeto que visa, partindo das suas experiências e dos seus significados reconhecidos, contribuir para a reconstrução do lugar social das crianças e jovens institucionalizados e para a promoção da participação social coletiva das crianças mais novas que vivem na Lar de Infância.

Para tal, tornou-se necessário reconstruir e compreender o percurso de vida destes jovens, identificando os fatores facilitadores de sucesso escolar e de inclusão social. Pretendia-se, ainda, contribuir para a construção coletiva de mecanismos geradores de participação social. Para o efeito, contamos com técnicas e dispositivos metodológicos desde o Focus Group, Orçamento do Tempo, Círculo de Amigos, Linguagem Musical, Role Playing e Brainstorming neste processo de Investigação Participativa.

O decorrer do trabalho foi possível destacar os aspetos subjacentes aos percursos dos jovens, tais como: o papel dos educadores nas relações interpessoais e construção da relação vinculativa, implicando atitudes, por parte da equipa para com os jovens, desde o empenho, dedicação, persistência, acompanhamento e orientação na (re)construção da identidade; comunicação assertiva, horizontal, visando o questionamento e reflexão (jovens-cuidadores); ambiente acolhedor da instituição – relação familiar; empenho, dedicação e esforço por parte das crianças e jovens em construir o seu próprio futuro; (re)construção das relações com os progenitores.

Acreditamos que, embora este projeto não tenha culminado numa construção efetiva de mecanismos geradores de participação social das crianças no Lar, todavia terá estimulado e suscitado mudanças nas vidas dos jovens participantes.

Quanto às expectativas dos jovens acerca da instituição, um deles afirma: Deram-me asas para eu voar.

**keywords**

Children and young people that are institutionalized, reconstruction of the social place, factors of school success and social inclusion, and Participative Research.

**abstract**

The present work is a Participatory Investigation Project that was realized with four young people who attend higher education and who present the paths of their lives that are framed by social responses of foster home (Home of Childhood and Youth and Apartment of Autonomy). Taking into account the contexts of vulnerability and social risk that determine the institutionalization of children, as well as the constraints, difficulties and limitations that accompany the experience of prolonged institutionalization, we set out to develop with these young people a project that aims to contribute to the reconstruction of the social place of children and young people that are institutionalized, and for the promotion of collective social participation of younger children living in Foster Home of Childhood, on the basis of their experiences and recognized meanings.

To achieve that we found it necessary to reconstruct and understand the way of life of these young people, identifying the factors of school success and social inclusion. We also intended to contribute to the collective construction of mechanisms of social participation. For this purpose, we applied technical and methodological devices such as the Focus Group, Appropriation of Time, Circle of Friends, Musical Language, Role Playing and Brainstorming in this process of Participatory Research.

During the project was possible to highlight the aspects underlying the pathways of young people, such as: the role of educators in interpersonal relations and construction of the necessary relationship, implying the attitudes on the part of the team with the young people, such as commitment, dedication, persistence, monitoring and guidance in (re)construction of identity; assertive, horizontal communication, aiming to the questioning and reflection (young-caregivers); cozy atmosphere of the institution - family relationship; commitment, dedication and effort on the part of the children and young people to build their own future; (re)construction of relations with their parents.

We believe that, even though this project has not culminated in the construction of the effective mechanisms of social participation of children in the Foster Home, however, it could have stimulated and provoked changes in the lives of these young participants.

As far as the expectations of young people about the institution, one of them says: They gave me wings for me to fly.

## Índice

Lista de Abreviaturas.....	5
Lista Figuras .....	6
Lista Tabelas.....	6
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Concetual.....	3
1. Jovens e juventude – a passagem à vida adulta.....	4
1.1. Os jovens enquanto categoria social.....	4
1.2. Passagem para a vida adulta .....	6
2. Jovens em risco?.....	8
3. Jovens no ensino superior.....	11
4. O acolhimento institucional.....	14
4.1. Breve sinopse histórica do acolhimento institucional.....	15
4.2. Lar de infância e juventude.....	18
4.3. Situação de acolhimento em Portugal.....	20
Capítulo II – Enquadramento Metodológico .....	23
Introdução.....	24
1. Investigação Participativa.....	25
1.1. Origem histórica e principais evoluções .....	25
1.2. Principais dimensões e características .....	28
1.3. O papel do investigador coletivo .....	36
1.4. Considerações éticas na Investigação Participativa.....	39
2. Contextos: o grupo de participantes e a instituição .....	40
2.1. O grupo participante – Os jovens .....	40
2.2. A instituição ABCD.....	42

2.2.1. Lar – Projeto LIJ.....	43
2.2.2. Apartamento de Autonomia.....	44
3. Técnicas e dispositivos de investigação .....	45
3.1. Focus Group .....	45
3.2. Orçamento de Tempo – grupo .....	47
3.3. Círculo de Amigos – individual.....	49
3.4. Linguagem Musical – individual .....	51
3.5. Role Playing – grupo .....	52
3.6. Brainstorming – grupo.....	53
Capítulo III – O Percurso da Investigação .....	55
1. A entrada no terreno .....	56
2. Os encontros com os participantes .....	56
2.1. Primeiro encontro .....	57
2.2. Segundo encontro .....	58
2.3. Terceiro encontro.....	60
2.4. Quarto encontro .....	61
2.5. Quinto a oitavo encontros .....	62
2.6. Nono encontro.....	63
Capítulos IV – Deram-me as asas para voar .....	65
Introdução.....	66
1. A importância da ABCD na vida dos participantes.....	66
1.1. Dimensão relacional – afetiva, vinculativa nas trajetórias de vida.....	67
1.1.1. Funcionários da instituição.....	68
1.1.2. Diretora.....	70
1.1.3. Amigos na instituição .....	71
1.1.4.Família biológica .....	72

1.1.5. Grupo de pares.....	74
1.2. Dimensão de apoio à vida escolar.....	76
1.3. Dimensão de organização do quotidiano .....	78
2. Do coletivo ao individual .....	80
2.1. A Identidade e individualidade .....	80
2.2. Construção da identidade e da individualidade .....	86
2.3. Autonomia de vida.....	88
3. A caminho do sonho.....	92
Considerações Finais .....	97
Bibliografia.....	102
Anexos.....	- 1 -
Anexo I – Consentimento Informado .....	- 2 -
Anexo II – Tabela de sessões do projeto .....	- 4 -
Anexo III – Notas de Campo.....	- 6 -
1. Conversa informal 1 .....	- 7 -
2. Conversa informal 2 .....	- 11 -
3. Conversa informal – Dinâmica de grupo.....	- 15 -
4. Focus Group 1 .....	- 18 -
5. Instrumentos Expressivos – Carlos .....	- 23 -
6. Instrumentos Expressivos – Pedro.....	- 28 -
7. Instrumentos Expressivos – João.....	- 32 -
8. Instrumentos Expressivos – Ana .....	- 34 -
Anexo IV – Transcrições .....	- 38 -
1. Conversa informal – Dinâmica de grupo.....	- 39 -
2. Focus group 1 .....	- 46 -
3. Focus group 2 .....	- 53 -

4. Instrumentos Expressivos – Orçamento de Tempo .....	- 81 -
5. Role playing e Brainstorming .....	- 103 -
Anexo V – Atividade Dinâmica de Grupo .....	- 123 -
Anexo VI – Orçamento de Tempo .....	- 127 -
Anexo VII – Círculo de Amigos .....	- 131 -
Anexo VIII – Linguagem Musical.....	- 136 -
Anexo IX – Brainstorming .....	140

## **Lista de Abreviaturas**

AA – Apartamento de Autonomia

ABCD – Associação Basilar da Comunidade para o Desenvolvimento

CA – Círculo de Amigos

CAT – Centros de Acolhimento Temporário

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

FA – Famílias de Acolhimento

IA – Investigação Ação

IAP – Investigação Ação Participativa

IP – Investigação Participativa

LIJ – Lares de Infância e Juventude

OT – Orçamento de Tempo

PII – Plano de Intervenção Imediata

## **Lista Figuras**

Figura A – Orçamento de Tempo (exemplo) .....	48
Figura B – Círculo de Amigos (exemplo) .....	50

## **Lista Tabelas**

Tabela A – Orçamentos de Tempo preparados.....	49
Tabela B – Linguagem Musical (exemplo) .....	52
Tabela 1 – Sessões do projeto .....	-5-
Tabela 2 – Comparação Orçamento de Tempo (1,2,3,4) .....	-130-
Tabela 3 – Círculo da Intimidade .....	-134-
Tabela 4 – Círculo da Amizade .....	-134-
Tabela 5 – Círculo de Participação .....	-134-
Tabela 6 – Círculo de Troca .....	-134-
Tabela 7 – Número de repetições de funcionários e amigos da instituição por círculos .....	-135-
Tabela 8 – Linguagem Musical .....	-139-

## **Introdução**

Este trabalho corresponde a um projeto de investigação, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação (MCE), especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária (ESIC), realizado sob orientação da Professora Doutora Manuela Gonçalves, da Universidade de Aveiro.

O desenvolvimento deste projeto surgiu, inicialmente, da preocupação acerca do elevado número de crianças e jovens portugueses em acolhimento institucional (segundo CASA, em 2012 eram 11.147), a que acresce o número prolongado de anos em que assim permanecem (o acolhimento superior a sete anos corresponde a 83, 4% dos casos, de acordo com CASA, 2012). E, como refere Santos (2010), embora a pesquisa sobre os impactos da institucionalização sobre o desenvolvimento social das crianças e jovens seja vasta, trata-se de uma área temática que tem suscitado uma discussão fortemente polarizada. Com efeito, na revisão da literatura acerca do acolhimento institucional de crianças e jovens, destacam-se alguns aspetos negativos, levando Santos (2004,12) à afirmação de que se trata de uma “ilusão de constituírem uma resposta”. Contudo, outros trabalhos concluem que a vivência institucional, quando comparada com outras respostas, constitui uma “alternativa de vida com vantagens, nomeadamente, pela experiência e vivência em grupo (...)” (Santos, 2010: II).

O interesse por esta problemática conduziu-nos à oportunidade de conhecer a diretora de um Lar de Infância (Maria Silva), através da Coordenadora da área de especialização de ESIC do MCE, e mais tarde quatro jovens que viveram desde crianças neste Lar e que atualmente, três deles, se encontram a residir num Apartamento de Autonomia de vida. O Pedro, o Carlos, o João e a Ana<sup>1</sup> têm idades compreendidas entre os 20 e os 26 anos e encontram-se a frequentar o ensino superior. Os seus percursos escolares têm sido percursos bem sucedidos, fator que podemos considerar muito significativo tendo em conta a importância da educação escolar na transição para a idade adulta e na construção de percursos socialmente inclusivos e participativos. Ao constituírem-se como o grupo participante deste projeto, estes jovens levaram-nos a ter como meta do trabalho a

---

<sup>1</sup> Nomes fictícios, de modo a preservar a confidencialidade. Pelo mesmo motivo, não se identifica o Lar de Infância e Juventude.

construção de contributos para a promoção da reconstrução do lugar social das crianças e jovens institucionalizados. Esta meta parece-nos ser pertinente, na medida em que, se as crianças e jovens em contexto institucional estão relacionadas com um passado marcado por situações de vulnerabilidade, neste novo contexto, continuam contudo a representar um grupo sujeito a experiências de vulnerabilidade, fortemente associado a risco de exclusão, desigualdades sociais, estigmatização, vitimização, ou seja, um grupo sujeito a variadas privações e desigualdades sociais. Este objetivo de, com este grupo de quatro jovens, contribuir para a reconstrução do lugar social das crianças e jovens institucionalizados foi entendido como uma oportunidade para o questionamento sobre as possibilidades de promoção da participação social das crianças que ainda vivem na instituição.

Para atingir este objetivo, estabelecemos como objetivos específicos:

- 1) Reconstruir o percurso de vida dos jovens na instituição e a sua relação com a escolarização;
- 2) Identificar fatores facilitadores de sucesso escolar e de inclusão social;
- 3) Tendo por base os dois objetivos anteriores, construir coletivamente mecanismos geradores de participação social.

O trabalho desenvolvido está delineado numa estrutura composta por quatro capítulos.

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado ao enquadramento teórico-concetual e contextual da problemática. Situa-se a abordagem da juventude enquanto categoria social e incide-se sobre a passagem para a vida adulta, cuja caracterização assenta cada vez mais na indefinição, atipicidade e incerteza. Abordamos, também, algumas particularidades da juventude no contexto de risco social; aspetos relacionados com o ensino superior e terminamos este capítulo com uma breve resenha histórica acerca do acolhimento institucional, em particular o contexto da resposta social nos Lares de Infância e Juventude.

No segundo capítulo, apresentamos o método de investigação deste projeto, a Investigação Participativa, e procedemos à caracterização o grupo participante, contextualizando a instituição onde os jovens se enquadram e as técnicas e dispositivos metodológicos aplicados ao grupo.

No capítulo três, descrevemos o desenvolvimento do projeto realizado com o grupo, esclarecendo o ponto de partida para o terreno, e sintetizamos os encontros que decorreram com os jovens e as atividades desenvolvidas.

No capítulo quatro, interpretamos acerca do percurso de vida dos jovens, permitindo assim explorar e averiguar, em função das reflexões e ponderações por parte dos jovens, os fatores de sucesso nas suas vidas.

Por último, nas considerações finais, propomo-nos refletir de uma forma geral sobre o projeto de investigação no qual procuramos sintetizar as reflexões do grupo de jovens participantes.

## **Capitulo I – Enquadramento Concetual**

## **1. Jovens e juventude – a passagem à vida adulta**

É comumente aceite a consideração dos jovens enquanto pessoas com idade entre os 15 e os 24 anos. Esta classificação, conforme se verá, não pode ficar desenquadrada de uma reflexão bem mais vasta, acerca das características e contextos que a juventude apresenta enquanto lugar na sociedade.

A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, assume os jovens enquanto grupo heterogéneo e em constante evolução. Assume igualmente que, a experiência de “ser jovem”, varia significativamente entre diferentes regiões e países. Não obstante, há bastantes espaços e entendimentos comuns acerca das características e contextos que envolvem os jovens e a juventude, e ainda sobre os momentos em que se dá a transição para a vida adulta.

Nos parágrafos que se seguem, procurar-se-á identificar e explicar as principais correntes de pensamento que explicam a juventude enquanto categoria social, tentando enquadrar-se a sua relação com a sociedade contemporânea e refletir sobre as principais condicionantes geradoras de instabilidade e vulnerabilidade nos jovens.

### **1.1. Os jovens enquanto categoria social**

Enquanto categoria social, a juventude é uma realidade relativamente recente, na medida em que é um conceito vulgarmente associado à industrialização das sociedades ocidentais, com efeitos sobre a escolarização das crianças e crescente prolongamento do sistema básico educativo até à idade adulta. Com efeito, Coleman e Husén (1985:23), afirmam que

“o aparecimento da adolescência e da juventude enquanto fase distinta no desenvolvimento é um fenómeno próprio da sociedade industrial complexa e especializada, na qual um longo período de estudos e de preparação precede a admissão no mundo dos adultos.”

Esta mesma ideia é defendida por Ariés (1981), quando refere que a condição da criança é construída social e historicamente, sendo que, no final do séc. XVII, a escola proporciona as condições para a criação das noções de infância e juventude.

Pelo exposto, compreende-se que comece por haver, principalmente entre os investigadores sociais, maior distinção e reflexão sobre um conjunto de condições e comportamentos nos jovens, marcadamente diferentes dos das categorias de criança ou adulto.

Machado Pais (1990:146) refere-se à juventude como “uma fase de vida; uma categoria socialmente construída, formulada, no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”.

Para Coleman e Husén (1985:13), a juventude é “um período durante o qual nada é resolvido, nem a questão do trabalho nem a da família, uma espécie de compasso de espera antes das responsabilidades da idade adulta”, sendo a sua delimitação bastante fluída, levando em consideração o estilo de vida e não tanto a idade. Assim sendo, delimitar onde começa e onde termina a fase da juventude torna-se uma tarefa complexa, que não deve ser baseada unicamente no critério da faixa etária.

Na opinião de Machado Pais (1993), o conceito de juventude encerra duas dimensões distintas. Por um lado deve ter-se em conta a sua homogeneidade relativamente à faixa etária, e por outro, a heterogeneidade interna dentro do grupo. Em concreto, identifica estas dimensões considerando,

“homogéneo se a acompanharmos com outras gerações; heterogéneo logo que a examinarmos como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros” (Pais, 1993:35).

De opinião divergente, relativamente à homogeneidade da juventude, Bourdieu (1980, in Gonçalves, 2012), considera-a apenas “uma palavra”, pois trata-se de uma categoria social que, articulada com outros elementos constituintes da esfera social, proporciona diversas possibilidades de compreensão das diferentes maneiras de ser jovem. Então, o género, a etnia, a qualificação profissional, as habilitações escolares, o tipo de constituição do agregado familiar, a relação de pares, o meio cultural, o meio urbano ou rural, entre outras configurações da teia social, interferem na constituição, não de uma, mas de diferentes juventudes.

Independentemente dos diferentes entendimentos expostos, parece haver terreno comum no reconhecimento da fase da juventude enquanto palco de incertezas constantes, em muito provocadas ou acentuadas pela indefinição dos locais de partida (infância) e de chegada (vida adulta). Apesar da aparente instabilidade, a juventude encerra importantes momentos de experiências individuais e sociais que contribuem ativamente para a construção do ‘eu’.

Segundo o estudo de Deyrell (2007:171), a trajetória dos jovens é um momento duro, de dificuldades concretas de sobrevivência, de tensões com as instituições e que se julga fazer parte do processo de afirmação e construção individual numa procura clara de identificação social. É relevante ainda refletir na crença de Machado Pais (1990) que alerta que a juventude deve ser contextualizada, considerando o plano social em que se encontra, isto é, dir-se-á que os momentos de construção individual são, em muito, determinados pelo contexto pessoal, familiar, cultural e até mesmo económico que envolve os jovens e serve de pano de fundo para as suas vivências.

Então, se cada contexto é um somatório muito próprio de diferentes variáveis, assim será a influência sobre os jovens (muito própria). No entanto, admite-se que um conjunto de jovens expostos ao mesmo contexto, desenvolvam uma homogeneidade mais ou menos evidente, o que explicará o surgimento de certos grupos e subculturas. Do ponto de vista do estudo efetuado nesta tese, este é um importante ponto de partida, na medida em que, como se verá mais adiante, tentará compreender-se a homogeneidade própria de um grupo e a forma como esta terá (ou não) conduzido a certas realidades futuras.

## **1.2. Passagem para a vida adulta**

O processo de passagem da juventude para a vida adulta é caracterizado por não ser “nem linear nem irreversível” (Guerreiro et al., 2009:245). Adicionalmente, associa-se-lhe o confronto com vários obstáculos e ainda muitas limitações geradoras de frustrações e desestruturações. O fenómeno adensa-se com as transformações ocorridas nas sociedades ocidentais, particularmente a partir das décadas finais do século XX e aparenta ser cada vez mais tardio.

Desde logo, ligada ao prolongamento sucessivo da escolarização, a dilatação da fase da juventude encontra-se também associada às alterações no mercado de trabalho onde se tem assistido, entre outras dinâmicas, a uma maior pressão para a ‘flexibilização’ da oferta de trabalho. Em consequência, os indivíduos mais novos, têm sido sujeitos a maiores dificuldades no acesso ao emprego, maior risco de desemprego e formas “atípicas” de emprego (Novaes, 2012). Por sua vez, esta instabilidade – antes de tudo, económica - tem provocado a intensificação das relações de dependência dos jovens relativamente à família de origem e o adiamento da idade de casamento, assim como da parentalidade. A partir daqui, várias trajetórias de vida são projetadas e muito caracterizadas pela precarização, flexibilidade e diversidade (Coleman e Husén, 1985; Guerreiro et al., 2009; Machado Pais, 1990).

Compreendendo-se que a transição da juventude para a vida adulta se faça cada vez mais tarde, importa agora compreender de que forma é que vai tomando lugar. Desde logo, considera-se que a passagem para a vida adulta é possível numa multiplicidade de cenários, pois é traçada em função do contexto social, económico, cultural e biológico em que cada indivíduo se encontra. Adicionalmente, cada contexto não assume de igual modo a mesma expressividade, antes manifesta-se mediante as condições em que cada jovem se encontra e a relação dos acontecimentos que foram marcantes. Também resulta em diferentes gerações (Coleman e Hursén, 1985:28), o que, desde logo, reforça a ideia, já apresentada, de que a transição para a vida adulta não ocorre numa idade específica, é antes um processo social e historicamente organizado, projetado em cada indivíduo pelo conjunto dos contextos que o assistem e a forma como se relaciona com eles, através das suas experiências.

É, portanto, impossível tentar definir um momento concreto em que a passagem para a vida adulta se dá, muito embora se tenha teorizado quanto à dimensão familiar da transição. Neste contexto, Guerreiro et al. (2009:245), efetuam uma distinção entre a organização biográfica individual e a barreira psicológica. A primeira alude à entrada no processo de conjugalidades e na parentalidade, que integra os “conhecimentos transitórios, amizades e namorados”, sendo que constitui “um triângulo de continuidades relacionais facilmente transponíveis”. A segunda está subjacente à ideia de “assumir responsabilidades familiares e sociais”. Nesta segunda dimensão, Coleman e Husén (1985:15) constataam que “numa

sociedade moderna os jovens esperam mais tempo antes de assumir as responsabilidades e os poderes da idade adulta”.

Uma definição mais concreta acerca do momento em que se dá a passagem para a vida adulta, pode ser vista em Gonçalves (2012:238), que refere um “modo progressivo de acesso à idade adulta, caracterizado por um processo de ajustamento das ambições sociais, da identidade socioprofissional e da posição social”.

## **2. Jovens em risco?**

O capítulo anterior pretendeu dar alguma forma aos conceitos de jovem e juventude, e ainda enquadrar os processos que parecem melhor refletir a passagem desta categoria social para a seguinte – a de adulto. Nesta secção pretende-se refletir sobre as particularidades da juventude, num contexto de risco social.

Assim, importa, desde logo, clarificar o que se entende por risco social (ou vulnerabilidade social). Carneiro e Veiga (2004) definem vulnerabilidade como exposição a riscos e baixa capacidade material, simbólica e comportamental de famílias e pessoas para enfrentar e superar os desafios com que se defrontam. No que diz respeito ao desenvolvimento (das pessoas em geral e dos jovens em particular), alude-se à Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959) e ainda a Convenção dos Direitos das Crianças (1989), para atestar quanto à vinculação do Estado, Entidades e Famílias na prestação de cuidados particulares de respeito, afeto e educação. Quando tais cuidados não são prestados, ou então são-no de forma insuficiente diz-se que uma criança ou jovem estará em situação de risco social.

Em Portugal, são comumente aceites como indicadores de risco social, os seguintes: carência económica, más condições de habitação, dependências (droga, álcool), violência doméstica (incluindo abusos sexuais), isolamento familiar e social, contexto de crise (morte, abandono, separação), família alternativa, psicopatologias, comportamentos desviantes/marginais.

Ora, recordando as referências de Deyrell (2007) já apresentadas, o percurso de um qualquer jovem é naturalmente difícil e repleto de momentos de instabilidade, tensão e sobrevivência. Se se considerar então que um jovem pode estar exposto a qualquer uma das dimensões de risco enunciadas, então admite-se que o seu processo autonomização e de apropriação de futuro, com o nível de confiança desejado, possa ficar bastante comprometido. Isto é, as condições de risco apresentadas estão associadas, por um lado, a situações próprias do ciclo de vida e, por outro, às condições das famílias, da comunidade e do ambiente que envolve os jovens. Independentemente do contexto, as situações elencadas favorecem a exclusão social, que é o fenómeno pelo qual uma pessoa está impedida de participar em pleno na vida económica, social e civil. Ora, se a juventude é um estado de forte transformação e construção, compreende-se que um jovem privado das condições de desenvolvimento minimamente aceitáveis, sinta uma maior frustração e desalento nesse mesmo processo de construção (de si próprio, mas acima de tudo, do seu futuro) – como se a sua vida fosse uma tela escura de inevitabilidade. Talvez por essa razão, muitos escolham o caminho da violência como forma de negação de tal inevitabilidade, como meio de luta pelo maior ideal da Humanidade – o livre arbítrio. Seguem-se exemplos de contextos de risco.

De acordo com Giddens (2000), a sociologia tem produzido investigações que mostram que sujeitos (crianças/jovens), provenientes de grupos sociais, cultural e/ou economicamente desfavorecidos, têm mais probabilidades de serem vítimas de desigualdades sociais (essencialmente económica, associada às diferenças de riqueza entre grupos, mas também de carácter qualitativo, como o prestígio). O fenómeno adensa-se, na medida em que um jovem em situação de carência económica, tem menores possibilidades de acesso à educação e, conseqüentemente, às oportunidades de um melhor futuro, tal como sumariza Lopes (2004:40): “em termos sociológicos, a educação tende a expressar e a reafirmar as desigualdades existentes, muito mais para as acentuar do que para as superar”.

Também uma experiência de isolamento pode reafirmar desigualdades, abrindo caminho para a exclusão. “Efetivamente, assiste-se a exclusão por (...) falta de referências simbólicas, ou seja, isentos (jovens – paráfrase) de sentimentos de pertença, de valores, normas, etc. “ (Lopes, 2004:40).

O próprio processo de globalização influencia profundamente os jovens e, apesar de não ser considerado diretamente condição de risco, parece contribuir para o aparecimento da mesma. Martins (s/d:4) afirma que os jovens de hoje são “filhos(as) de consecutivas crises e do desenvolvimento”. De facto, os avanços na indústria, na ciência, na tecnologia, na saúde, nas redes de comunicação, etc., têm vindo a exercer uma forte pressão sobre as próprias relações sociais. Se, por um lado, abriu caminho para a riqueza económica e cultural, por outro também suscita o surgimento de assimetrias de oportunidades e recursos, como concluem Guerreiro et al. (2009:257). A globalização parece, portanto, ter contribuído para a construção de mais obstáculos ao adequado desenvolvimento das pessoas, em geral, e dos jovens, em particular.

Em jeito de conclusão, parte-se da posição de Coleman e Husén (1985:28) que afirmam que, “a juventude deve ser considerada como reprodução do que existe, visto que é um resultado da socialização; mas deve também ser considerada como transformação”. Viu-se, no entanto, que esta transformação se dá cada vez mais em contextos de incerteza, particularmente económica, e que esta, normalmente, é palco de um grande número de condições de risco que potencializam a exclusão social com a consequente diminuição de oportunidades de vida. Já sobre a “reprodução do que existe”, não deixa de ser curioso notar que nos últimos anos, houve uma importante transição dos agentes de socialização, outrora focados na família e na escola, agora nos amigos. De facto, afirma Schmidt (1990:647) que “a nova situação social e cultural dos jovens [é] marcada por uma intensa sociabilidade com os amigos”. Julga-se que esta constatação seja particularmente relevante, na medida em que os ‘amigos dos jovens’ são, provavelmente, outros jovens expostos aos fortes contextos de incerteza e instabilidade que já foram sendo caracterizados ao longo do documento.

Apesar de fatores de vulnerabilidade poderem ser mais ou menos constantes/presentes na vida de alguns jovens ou grupos de jovens, como diz Novaes (2011:20), “cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais determinam as vulnerabilidades e as potencialidades das juventudes”. Os próximos capítulos farão agora referência a contextos em que jovens sujeitos a alguma forma de risco social não deixam de aproveitar oportunidades relevantes de vida, como o acesso à educação, muito embora pesem particulares dinâmicas de integração.

### 3. Jovens no ensino superior

A sociedade contemporânea é apelidada de “sociedade do conhecimento”, desde logo, porque os fatores tradicionais de produção como o trabalho e o capital, passaram a ser substituídos, indubitavelmente, pelos fatores conhecimento e inovação, também porque é crescente a orientação para a formação ao longo da vida.

Atualmente, a educação e a formação formal, não formal e informal, fazem parte do dia-a-dia de qualquer pessoa, sendo de destacar a multiplicidade de experiências em que ambas vão tomando lugar. Como constata Guerreiro et al. (2009:248), “assistimos a uma subida de níveis de escolaridade (...) em comparação com as gerações mais velhas.”

O suporte estatístico evidencia tal realidade, considerando, por exemplo, a crescente procura de qualificação educacional - cerca de 79 mil diplomados em 2011 (entre licenciaturas, mestrados, especializações e doutoramentos), em comparação com cerca de 19 mil diplomados nos anos de 1991<sup>2</sup> - o que também adensa a questão da integração profissional. De facto, num curto espaço de tempo, houve uma massificação do ensino e nem sempre o ensino superior se organizou no sentido de ir ao encontro da realidade efetiva do mercado de trabalho.

Além deste tipo de qualificação superior, Guerreiro et al. (2009), apontam demais processos de educação e formação ao longo da vida tais como, especializações, reciclagem ou renovação profissional. Estas formações são uma questão de valorização pessoal e social. Outras, porém serão uma forma de “fuga ao desemprego” (Guerreiro et al., 2009: 248) por se estar fora do mercado de trabalho.

Portanto, se, por um lado, se compreende o crescendo da qualificação dos Recursos Humanos, na formação de base, bem como nas formações complementares, se é de comum acordo que o acesso à educação dará maiores garantias de um futuro mais sustentável,

---

<sup>2</sup> PORDATA. Diplomados no ensino superior: total e por nível de formação – Portugal. Internet. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Portugal/Diplomados+no+ensino+superior+total+e+por+nivel+de+formacao-219> [consultado a 25-9-2013].

então, como é vivido este percurso, normalmente iniciado na infância e juventude, quando o contexto é de risco e até de exclusão social? Será que estes contextos mais difíceis são eliminatórios de um acesso à educação, que idealmente está ao alcance de todos? E no caso se não o ser? Será o percurso formativo vivido com as mesmas perspetivas e taxas de sucesso?

Com o intento de ilustrar algumas dessas dimensões, recorre-se ao artigo de Teixeira (2008), sobre “Histórias Singulares – trajetórias de sucessos escolar no ensino superior de jovens provenientes de contextos descapitalizados”. A autora baseia-se na obra de Lahire (1995), e fala-nos de cinco temas que fazem parte do conjunto de laços da rede de relações da interdependência dos jovens, a saber:

1. As formas familiares da cultura escrita – ao considerar a escola como o universo da escrita, em que esta configura uma fonte de experiências (quer positivas quer negativas);
2. As condições e disposições económicas – aqui apesar das condições económicas não se poderem ignorar, a autora dá maior importância ao conceito de “cálculo racional” – como o que verdadeiramente contribui para o sucesso escolar;
3. A ordem moral e doméstica – aqui existe uma intenção de incutir uma atitude de submissão ao poder, relacionada com a escola. A família atua nos “domínios periféricos da ação” nos jovens de forma impercetível e estes adquirem, em consequência, métodos de organização e estruturas cognitivas fundamentais para a sua construção ao longo da vida;
4. As formas de exercício da autoridade familiar – o poder familiar que é exercido sobre o jovem é importante pelo facto de ajudar a definir e incentivar a sua “autovigilância” semeando-se assim a arte da disciplina;
5. Os modos familiares de investimento pedagógico – referindo-se às situações em que famílias sem condições económicas, “se organizam e se sacrificam” na organização moral e gestão económica. Aqui tem especial destaque a integração social e simbólica da experiência escolar, que é realizada através do interesse, por parte da família, na experiência do(a) filho(a) e de onde provêm momentos de escuta e tempo dedicado a eles. O envolvimento no seu percurso escolar é fundamental na experiência do sucesso.

Neste estudo é possível acompanhar histórias de sucesso escolar de jovens – na perspetiva da integração em ensino superior - mesmo quando o contexto económico é desfavorável. Pela análise dos cinco tópicos identificados, parece haver uma relação muito direta entre tal sucesso e um contexto social (destacando-se o familiar) que promove, incentiva e acompanha a envolvimento dos jovens no percurso educativo.

Relacione-se, agora, esta conclusão com os quatro pilares educativos<sup>3</sup> - aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Num contexto, estrutura e ambiente familiar no qual se prepara e incentiva o desenvolvimento das capacidades para a construção do ser, torna-se mais fácil para o sistema de ensino dar continuidade à mesma construção em torno dos quatro pilares identificados. Em consequência, haverá maior oportunidade para aproveitamento escolar e, naturalmente, criadas maiores condições para um percurso de vida mais bem sucedido. Isto é, mesmo vivendo-se num contexto de maior dificuldade e desigualdade, numa sociedade que apenas abre perspetivas frágeis e insuficientes (Deyrell, 2007), ainda assim é possível construir um cenário diferente, nomeadamente, de conquista de qualificações, por via do ingresso ao ensino superior.

Apesar das perspetivas promissoras para todos quantos um contexto económico difícil é compensado por um ambiente familiar responsável e encorajador, as dificuldades assumem-se no novo capítulo da vida destes jovens que ingressam no ensino superior. Como explica Rodrigues (2005:87), trata-se de “uma frente de desafios ao nível das competências pessoais, interpessoais e sociais dos jovens universitários”, por conseguinte requer, da parte destes, aprendizagens e ajustamentos ao novo contexto. Implica também outras mudanças, como a saída da casa dos familiares (instituição provedora), adaptação a uma nova cidade e a um novo sistema de ensino.

A par destas observações, destacam-se ainda denúncias específicas por gabinetes de psicologia em universidades. Concretamente, na Universidade de Coimbra, os autores Mendes (2005) e Cabral (2005), identificam necessidades e problemas dos estudantes universitários salientando casos de suicídio, situações de stress, inadaptação social, extremas carências económicas, problemas de autoestima, discriminação económica, racial, sexual e cultural, assim como dificuldades de concentração, défice de motivação,

---

<sup>3</sup> Jacques Dolores (2010). Um tesouro a descobrir. UNESCO

dificuldades de organização e planificação, sintomas depressivos e ansiosos, problemas relacionais/namoro, entre outros.

Novamente, Teixeira (2008) aponta que, até aqui... e principalmente aqui, a família assume um papel preponderante na valorização, no afeto e aconselhamento dos jovens, “é nestas circunstâncias complicadas que os pais [instituição provedora] mais uma vez apoiam os filhos” (Teixeira, 2008:9).

Reconhecendo este papel fundamental da base familiar de um jovem, mesmo que num contexto económico adverso, para que ele conquiste etapas fundamentais da sua construção pessoal e familiar, levanta-se agora a questão sobre a amplitude do termo “instituição provedora”. É propósito específico deste trabalho tentar relacionar os fatores de sucesso previamente analisados como estando na progressão da educação de ensino superior, um ambiente familiar favorável, com as realidades específicas do acolhimento institucional, quando este é o ambiente familiar equiparável, isto é, a efetiva instituição provedora. Em conformidade, o próximo capítulo lança as bases do enquadramento do fenómeno do acolhimento institucional em Portugal.

#### **4. O acolhimento institucional**

O acolhimento institucional tem como principal finalidade a proteção de crianças e jovens em perigo, de modo a favorecer o seu desenvolvimento a nível físico, mental e social. O acolhimento institucional está intimamente relacionado com várias conceções de proteção e quadros legais de proteção.

Assim sendo, neste tema, faz-se uma breve abordagem histórica do acolhimento institucional, particularmente no que se refere ao caso português mas enquadrando-o na sua origem. Analisa-se, ainda, o contexto de uma resposta de acolhimento - os Lares de Infância e Juventude - incluindo as suas características fundamentais, assim como os seus planos em desenvolvimento, tendo em vista a construção de respostas cada vez mais adequadas aos seus utentes.

#### **4.1. Breve sinopse histórica do acolhimento institucional**

O acolhimento institucional remonta há bastantes séculos. Martins (2004) faz referência a registos da sua existência já na Grécia Antiga e no Império Romano. No decorrer do tempo, as respostas de acolhimento institucional assumiram contornos diferentes, de acordo com as necessidades sentidas em cada época. Porém Martins (2004), recorrendo a Ruxton, situa o aumento de cuidados residenciais, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Alberto (2003) depreende, como objetivo principal da institucionalização, proteger as crianças das condições desfavoráveis de que são alvo no seu ambiente familiar e fomentar o seu desenvolvimento.

Em Portugal, no séc. XII, surge a primeira instituição vocacionada para crianças órfãs, ficando conhecida como o Hospital dos Enjeitados (Martins, 2004). Porém, é só a partir do séc. XVI que a proteção de crianças abandonadas passa a ser tutelada por autoridades municipais, o que não acontecia anteriormente (Martins, 2004).

Face às várias situações problemáticas a que as crianças se encontravam sujeitas, o Estado viu-se obrigado a decretar legislação de proteção, seguindo-se sucessivas reformas. No decurso do tempo, constituíram-se marcos deveras importantes no desenvolvimento das práticas de institucionalização das crianças e jovens em risco no nosso país, tornando-se, assim, uma medida de defesa e proteção muito importante.

As perspetivas face à institucionalização não são consensuais. Santos (2004) numa entrevista à Página da Educação, afirma que a institucionalização oferece “a ilusão de constituir uma resposta”, uma vez que faz parte da “própria noção de instituição totalitária manter normas e regras que vão contra os valores de justiça e de socialização exigidos pela sociedade”. Apesar da resposta da institucionalização pretender ser uma forma muito real de colmatar o risco a que as crianças estão sujeitas, acaba por ser concretizada num elevado número de crianças agregadas na mesma instituição, crescendo e desenvolvendo-se fora do contexto familiar e em condições díspares do que seria desejado, ou seja, fora do enquadramento sociofamiliar em que se baseia a socialização primária e secundária.

Alberto (2003:242) faz uma analogia desta condição em que se encontram as crianças e jovens, assumindo os institucionalizados como “pássaros” e as instituições como “imagens de gaiolas”, em que:

“cada instituição é uma casa de ‘faz –de-conta’, é uma família de ‘faz-de-conta’, para crianças e adolescentes que continuam a sentir um profundo vazio de uma casa ‘de verdade’, com uma família ‘de verdade’, como têm os outros meninos e meninas”.

Esta institucionalização de crianças e jovens enquadra-se na categorização de instituições totais, descritas por Goffman (in Morais e Jorge do Ó). Em Portugal, durante muitos anos, as instituições caracterizaram-se pelos regimes fechados. Neste sentido, Morais e Jorge do Ó (2011:171), recorrendo a Goffman e Foucault, descrevem a instituição como um espaço de controlo das necessidades, de controlo disciplinar da atividade humana, de violação de territórios, de invasão da fronteira que o indivíduo estabelece entre o seu eu e o ambiente, de dormitórios coletivos e ausência de portas nas casas de banho, de impossibilidade de se estar inteiramente sozinho, de estar sempre em posição de ser visto ou ouvido por alguém, de impossibilidade de vida reservada, de inexistência de espaços reservados para guardar bens, de espaço não regulado pela autoridade, de espaço pessoal limitado ao quarto individual (reduzido para uma parte da população), de dificuldade em guardar algo para si e de tudo o que se usa poder também ser usado por outros, de tendência à criação de esconderijos, de obrigação de abandono de bens que podem ser o que o indivíduo mais se identificou. Ou seja, as instituições estão marcadas por práticas padronizantes. Como afirma Alves (2007), apesar das diretrizes legais que veremos em seguida promoverem uma melhor filosofia de funcionamento, ainda se mantém, em muitas delas, a sua “administração formal” que não atenta para a individualidade de cada criança e jovem.

Apesar dos fortes criticismos, algumas instituições de acolhimento, tendo consciência das fragilidades e efeitos nos percursos e projetos de vida destas crianças e jovens, têm vindo a promover alterações no funcionamento e organização, na perspetiva do zelo pelo interesse da criança e jovem. É cada vez mais notório o esforço prestado pelas instituições no sentido da construção de melhores práticas.

De uma forma mais geral, atualmente, assiste-se à crescente preocupação e ênfase colocada na proteção de crianças e jovens em risco, sendo de referir, a título de exemplo, o Plano de

Intervenção Imediata (PII). Inicia-se, assim, em 2003, um trabalho de levantamento da situação das crianças e jovens em acolhimento e, naturalmente, a sua regularização. Porém, só em 2006 se conseguiu tomar conhecimento, na totalidade, acerca da realidade das crianças e jovens em acolhimento, no caso português. Consequentemente, em 2007, no âmbito do PII, concebe-se uma iniciativa para a qualificação do sistema nacional de acolhimento de crianças, designadamente, o Plano DOM – Desafios, Oportunidades e Mudanças (PII, 2007). Este plano visa a implantação de estratégias para apoiar as crianças e as famílias, com vista à diminuição do tempo de institucionalização e à definição de projetos de vida.

De acordo com o PII (2007), o Plano DOM assenta em duas medidas de trabalho, respetivamente, a dotação ou reforço das equipas técnicas pluridisciplinares dos Lares de Infância e Juventude, adequando-as ao número das crianças e jovens acolhidos e a qualificação da intervenção e dos interventores, através de formação proporcionada às equipas e a criação de instrumentos técnicos de intervenção. O plano DOM, em 2007, arranca com 87 Lares de Infância e Juventude (LIJ) e, em 2009, é alargado à totalidade das respostas LIJ.

Por sua vez, em 2011, o PII concebe uma nova iniciativa que dedica uma atenção especial à criança e jovem. Este programa, CASA – Caracterização Anual da Situação de Acolhimento – parte do princípio de que toda a criança e jovem desprovida do meio familiar necessita de uma casa, como o próprio nome sugere. Assim sendo, pretende-se, como objetivos fundamentais, prestar os cuidados individualizados e reparadores, assumir responsabilidades e sentido de oportunidade para uma intervenção que se requer célere, mas segura, desenvolvida com participação ativa da própria criança ou jovem, família e comunidade.

Com este programa, pretende-se que o acolhimento institucional seja marcado na sua atuação pelo profissionalismo e qualificação, visando uma resposta positiva. Esta filosofia de atuação parece ir ao encontro daquilo que Martins (2005) considera fulcral: um quadro de promoção dos direitos e uma ética de qualidade, para contrariar o estatuto desvalorizado que o acolhimento institucional tem tido.

No ano 2013, o plano de intervenção imediata (PII) foi remodelado – Plano SERE+ (Sensibilizar, Envolver, Esperança, MAIS). Com este novo plano é esperado que o interesse da criança e do jovem seja levado em consideração, no sentido de lhes proporcionar condições para desenvolverem as suas potencialidades e aplicar os seus direitos, assim como estimular e implicar as próprias crianças e jovens na construção das suas histórias de vida com modelos de intervenção mais especializados de carácter individual para cada criança e jovem.

#### **4.2. Lar de infância e juventude**

Como já foi referido, o sistema de acolhimento institucional é uma resposta dada pela sociedade às crianças e jovens que necessitam de uma proteção imediata, face a determinadas situações que podem pôr em causa a sua integridade física e/ou psicológica, que têm repercussões com maior ou menor gravidade, sob o ponto de vista do seu desenvolvimento global. Esta resposta social assenta o seu trabalho na responsabilidade e no compromisso dos seus utentes, que determinam uma cultura particular, construindo-se em conjunto o bom funcionamento e sucesso do acolhimento. Desta forma, as crianças e jovens, enquanto sujeito de plenos direitos, constituem o elemento mais importante, estando no centro da missão destas instituições.

Neste sentido, pretende-se que as respostas sejam qualificadas, funcionando segundo padrões definidos que primam, acima de tudo, pelo cumprimento dos direitos da criança – centrado no interesse da criança, assim como no seu processo de desenvolvimento em direção a uma progressiva autonomia (Magalhães, 2012).

São inúmeras as razões que estão por detrás de um recurso à institucionalização. Quando esta decisão é tomada, considera-se que a criança ou jovem está em risco, pelo que algumas dessas razões remetem-nos para 17 problemáticas apresentadas pela CPCJ<sup>4</sup> que as sinaliza em: situações de abandono; abandono escolar; abuso sexual; consumo de estupefacientes; corrupção de menores; exercício abusivo de autoridade; exploração do

---

<sup>4</sup>Retrato das problemáticas de risco e perigo. Internet. Disponível em: [http://www.cnpcjr.pt/Manual\\_Competicencias\\_Comunicacionais/int\\_ret\\_problematicas.html](http://www.cnpcjr.pt/Manual_Competicencias_Comunicacionais/int_ret_problematicas.html) [consultado em 10-1-2013]

trabalho infantil; exposição a modelos de comportamento desviante; ingestão de bebidas alcoólicas; maus tratos físicos; maus tratos psicológicos/ abuso emocional; mendicidade; negligência; pornografia infantil; prática de facto qualificado como crime; problemas de saúde; prostituição infantil.

Assim, as instituições procuram dar o melhor apoio, tendo em conta a superação da situação traumática e a preparação da criança para a vida, num plano global.

Na base do trabalho das instituições estão importantes medidas de promoção e proteção das crianças e jovens. De acordo com a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, (Lei nº147/99 de 1 de Setembro, Artigo 35º), existem sete tipos de respostas, a saber: apoio junto dos pais; apoio junto de outro familiar; confiança a pessoa idónea; apoio para a autonomia de vida; acolhimento familiar; acolhimento em instituição e adoção. Esta última foi revista na Lei<sup>5</sup> nº 31/2003 de 22 de Agosto, Artigo 35º.

No âmbito do acolhimento institucional surgem duas modalidades, conforme o caso de cada criança e/ou jovem: o acolhimento de curta duração, num prazo não superior a seis meses, realizado em Centros de Acolhimento Temporário (CAT) e o acolhimento de longa duração, num prazo superior a seis meses nos Lares de Infância e Juventude (LIJ).

Os Lares de Infância e Juventude enquadram, portanto, uma resposta de longo prazo, destinada a crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 18 anos, sinalizadas numa situação de perigo (determinada pela medida de promoção e proteção). Pretende-se, com esta medida, assegurar as condições básicas para o desenvolvimento psicológico, social e físico da criança. Chichorro et al. (2006:24) referem os seguintes objetivos desta resposta:

“Assegurar alojamento; Garantir a satisfação das necessidades básicas das crianças e promover o seu desenvolvimento global, em condições tão aproximadas quanto possível às de uma estrutura familiar; Assegurar os meios necessários ao seu desenvolvimento pessoal e à formação escolar e profissional, em cooperação com a família, a escola, as estruturas de formação profissional e a comunidade; Promover, sempre que possível, a sua integração na família e na comunidade de origem ou noutra medida em meio natural de vida, em articulação com as entidades competentes em

---

<sup>5</sup> Lei nº 31/2003 de 22 de Agosto, Artigo 35º. Alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. Alínea g)“Confiança a pessoa selecionada para a adoção ou a instituição com vista a futura adoção.”

matéria de infância e juventude e as comissões de proteção de crianças e jovens, com vista, à sua gradual autonomização.”

Ao abrigo do Decreto-Lei nº2/86 de 2 de Janeiro, as instituições são regulamentadas por princípios básicos a que devem obedecer. No Artigo 2º, os lares são apresentados como:

“Equipamentos sociais que têm por finalidade o acolhimento de crianças e jovens, proporcionando-lhes estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua inserção na sociedade. A ação desenvolvida pelos lares destina-se a apoiar as famílias ou substituí-las, total ou parcialmente, na proteção de vida às crianças e jovens.”

Destaca Martins (2004:333) que a colocação extra familiar deve ser entendida “não apenas como o suprimento estrito de uma falha ao nível do contexto parental, mas cada vez mais se percebe enquanto oportunidade de ganhos efetivos, tanto para a criança como para a família”.

Tendo em perspetiva uma realidade diversa e plural de prestações dos cuidados institucionais de proteção infantil e juvenil, importa, por isso, averiguar o desenvolvimento e o funcionamento desta.

Em suma, os LIJ podem ser entendidos como uma medida transitória, com um papel interventivo centrado na reintegração segura no agregado familiar, ou, então, possibilitarem a promoção de competências para a autonomização.

### **4.3. Situação de acolhimento em Portugal**

Portugal é um dos países da Europa com maior número de institucionalizações (Santos, 2009). Relativamente aos últimos dados, constantes no Relatório de Caracterização das Crianças e Jovens em situação de acolhimento no Relatório CASA 2012, deparamo-nos com um universo de 11. 572 crianças e jovens. Sendo que desde 2006, estes números têm vindo a descer significativamente:

- 2006 – 15.016
- 2007 – 14.380

- 2008 – 13.910
- 2009 – 12.579
- 2010 – 12.025
- **2011 – 11.572**

Da análise deste relatório, é evidente a redução desde 2006 a 2012 com menos 3.688 crianças institucionalizadas (CASA, 2012).

Porém, este decréscimo de crianças institucionalizadas advém da implantação da iniciativa desde 2007, do Plano DOM – Desafios e Oportunidades e Mudanças,

“através do qual se está a aprofundar, não só o diagnóstico da realidade funcional e organizativa das Instituições de Acolhimento prolongado – Lares de Infância e Juventude, mas também o incentivo e apoio à qualidade da respetiva intervenção, (...) garantia de um acolhimento de qualidade e à desejável, mas convenientemente segura, desinstitucionalização das crianças e jovens” (PII, 2009:8).

Deste universo de crianças e jovens, 2.289 iniciaram o acolhimento neste mesmo ano, ou seja, representa um valor aproximado ao dos anos anteriores. Consequentemente, 8.557 encontram-se efetivamente em acolhimento, mas menos 4,3% face a 2010. Verifica-se também que saíram do sistema 2.590, menos 44, face a 2010 (CASA, 2012).

Do número de crianças e jovens em colhimento, 5.636 têm idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos, que representa 65,9%, ou seja, há um maior número de jovens adolescentes em situação de acolhimento. Tendencialmente, o género feminino predomina, mas, contrariamente, nos anos de 2011 e 2012, pela primeira vez, temos maioria do predomínio de rapazes, de 4.319 (50,5%) contra 4.238 raparigas (49,5%). No que diz respeito à escolarização, constata-se que 99,4% das crianças e jovens (4.585) em idade de escolaridade obrigatória (entre os 6 e os 15) frequentam a escola. As outras 29 crianças e jovens não frequentam. As crianças e jovens apresentam elevadas taxas de insucesso, especialmente, na transição de ciclos. Porém, aos 16 anos é onde se apresenta o número mais elevado, com 67%, de taxa de insucesso. Relativamente ao ensino superior, ingressaram 93 jovens, sendo um motivo da sua permanência nas intuições até mais tarde.

Relativamente à resposta social de acolhimento prolongado, em que se pretende intervir especificamente neste projeto, os Lares de Infância e Juventude, destacam-se com um claro

predomínio de cerca de 5.513 jovens e crianças (64,4%); CAT 2.092 crianças e jovens (24,4%) e FA 419 crianças e jovens (4,9%), sendo que a faixa etária com maior duração de acolhimentos é a partir dos 15 anos, em que 74,2% estiveram quatro ou mais anos em acolhimento, quando o tempo médio de permanência seria além dos 6 meses. Todavia, o tempo médio de acolhimento, este ano, foi de 2 anos, inferior ao do ano transato, que tinha sido três anos.

## **Capítulo II – Enquadramento Metodológico**

## **Introdução**

Constitui-se, como principal objetivo do presente projeto contribuir para a mudança de perspetiva acerca do acolhimento institucional através da promoção social de um grupo de jovens neste contexto, importa assim refletir acerca dos fenómenos sociais no acolhimento institucional. Deste modo, é importante debruçarmo-nos acerca da modalidade de acolhimento institucional em causa e conhecer os fundamentos das representações na vida dos jovens.

Neste contexto de compreensão, é fundamental utilizar um método de trabalho orientado para os interesses e necessidades das pessoas envolvidas na investigação, de modo a promover as suas capacidades de mobilização, a participação social e contribuir para o fortalecimento das suas organizações (Pazos, 2005). Como tal, a escuta ativa de jovens constitui um fator relevante no processo de investigação acerca da compreensão do contexto de desenvolvimento pessoal e social. Permite ainda, autenticar a interpretação da sua própria condição. Com efeito, consideramos que para a construção do conhecimento e a promoção social efetivo acerca dos mundos sociais e culturais de cada um dos jovens, importa construir um processo de investigação baseado no envolvimento dos sujeitos em primeira voz, sendo que, para o efeito, se recorreu à “Investigação Participativa” como método de investigação. Face à dimensão participativa, conscientizadora e de empowerment, foram selecionadas técnicas e ferramentas metodológicas que se enquadram neste posicionamento epistemológico, centrado na relação participada e interativa entre, tradicionalmente designados, investigador e investigado.

De seguida passa-se à apresentação das escolhas metodológicas.

## **1. Investigação Participativa**

Este método de investigação enquadra-se no paradigma participativo, associado a um sistema alternativo da produção de conhecimento. Consiste num conjunto de procedimentos e técnicas, de recolha de informação e interpretação, com uma forte componente assente na relação entre os seres humanos envolvidos (Nolacos, Garcia, Castro, 2007). Os autores consideram este processo de investigação um desafio à premissa metodológica convencional de investigação das ciências sociais, por propor no processo de investigação a participação dos sujeitos, não como clientes ou objetos mas como pessoas que-pensam-e-sentem, que permite uma análise da própria realidade e a promoção da participação social, na medida em que implica a integração dos sujeitos no quadro dos investigadores (investigador coletivo)

Importa ainda destacar a especificidade do grupo de pessoas que participam no processo de investigação, comumente associadas a contextos comunitários onde se manifestam situações de opressão, a vários níveis, desde económica, política, social, cultural e educativa (Chambers, 1994; Durston e Miranda, 2002; Nolasco, García, Castro, 2007; Silva, 2007; Villegas, 1991; Villegas, 2012).

É neste contexto, de comunidades desfavorecidas, que os investigadores foram explorando abordagens diferenciadas de investigação social, sobretudo, nas mais comprometidas com a sua própria libertação, emancipação e transformação.

### **1.1. Origem histórica e principais evoluções**

Este método de investigação, nas ciências sociais, adquire grande relevância, na atualidade, face às crescentes fragilidades sociais, como a recessão económica, o desemprego, a pobreza, a exclusão e a marginalização, presentes na contemporaneidade. Nesta perspetiva, a Investigação Participativa (IP) visa enquadrar os acontecimentos sociais dentro de contextos das forças sociais e históricas e refletir sobre as suas dinâmicas potencialmente geradoras de transformação social.

O termo Investigação Participativa surge nos anos 70, pela primeira vez (Hall, 2005). No entanto, é no início dos anos 60, na América Latina, que cientistas sociais, estimulados em parte pelo sucesso da revolução cubana, começaram a explorar formas mais comprometidas de investigação (Chambers, 1994; Hall, 1979; Hall, 2005). É relevante referir Paulo Freire e seus colegas, que desenvolveram conceitos amplamente influentes na educação de adultos, refletindo a Pedagogia do Oprimido, de Augusto Boal. (Chambers 1994; Cornwall e Jewkes, 1995; Falabella, 2002; Hall, 2005). Paulo Freire sugere a compreensão de uma investigação como prática envolvida. Assim sendo, na sua abordagem em educação de adultos, centra-se em duas premissas importantes, a destacar:

“It should invite people to believe that they have knowledge. The people must be challenged to discover their historical existence through the critical analysis of their cultural production: their art and their music.” (Freire, 1971, in Hall 2005:7)

O contributo de Paulo Freire, para a investigação em ciências sociais, consiste na sua noção acerca do poder do conhecimento (conhecimento é poder), salientando o envolvimento dos indivíduos na análise crítica e ação organizada que permite compreensão e, em consequência, a melhoria da sua própria condição. Além disso, o próprio investigador é comprometido com a mudança social, não apenas com o estudo dos fenómenos, de forma neutra, mas assume uma atitude de facilitador ao serviço do conhecimento coletivo.

Destaca-se ainda um outro nome de influência no âmbito da IP. Na Tanzânia, Marja Liisa Swantz e a sua equipa de estudantes desenvolveram trabalhos com as mulheres e a juventude a que chamaram de “participant research” (Hall, 2005:8). Segundo Hall (2005), Marja Liisa Swantz, em 1974, redigiu um artigo onde define algumas notas sobre a IP. Esta estratégia de investigação foi modelada nas universidades de países desenvolvidos, embora a Tanzânia pertencesse a um país em desenvolvimento. Descreve a autora no seu plano de investigação, que na parte relativa ao desenvolvimento implica responder a algumas perguntas, tais como:

- Quem são os beneficiários dessa pesquisa?
- Quais são os objetivos?
- Quem vai estar envolvido?

- Que abordagem e métodos de investigação se devem utilizar para que a pesquisa possa trazer os maiores ganhos possíveis ao desenvolvimento?

Note-se ainda que a autora adverte para o facto de a investigação e o investigador poderem tornar-se agentes de desenvolvimento e processo de mudança, enquanto a investigação ainda está a decorrer (Hall, 2005:8).

No entanto, a estrutura do método que Marja Swnatz desenvolveu reporta-se à abordagem relativamente à Investigação Ação (IA) (Hall, 2005:9). Note-se que este método, surge anteriormente, em 1946 por Kurt Lewin, reconhecido como o “pai” da IA. Um dos objetivos da IA, definidos por Lewin, é promover a mudança social mediante a ação (Silva, 2007:234), ou seja, no seu plano de abordagem da IA, perspetiva uma avaliação crítica das relações de poder, e desenvolve planos de ação para a capacitação dos sujeitos (Bleijenbergh, Korzuilus, Verschuren, 2013). Quanto à IP, este não é o seu objetivo último, mas poderá contribuir para tal.

A IP foi chamada também de Investigação Ação Participativa (IAP), ímpeto adquirido no trabalho de Falls Borda com grupos na Colômbia, nos anos 70. O objetivo de Borda foi legitimar uma “Filosofia de la vida”, ou seja, pretendia um conhecimento vivencial (Ortiz e Borjas, 2008). Destaca-se um elemento chave desta linha de investigação, o facto de os agentes sociais poderem conduzir a sua própria luta pela transformação social e cultural.

“El control por parte de los participantes constituye la base de su propio programa de acción (...) la investigación es un proceso que ha de ser incorporado au quehacer cotidiano de resolución de problemas” (Nolasco, García, Castro, 2007:7)

A IAP partilha com a IP este ethos participativo em todo o processo de investigação. Porém, a IP diferencia-se pelo facto de não ter como objetivo principal a procura da resolução de problemas sociais, mas sim a articulação/relação entre o conhecimento científico/ teórico e o conhecimento do contexto real/prático.

“en la investigación participativa los resultados científicos se obtienen en la práctica y estas operaciones prácticas se revierten a su vez en contenidos teóricos” (Cano 1997, in Nolasco, García, Castro, 2007:9)

Para além destas linhas de investigação social é possível encontrar outras linhas paralelas que enquadram o paradigma participativo.

Em Nolasco, Garcia, Castro (2007) encontramos referências desde a Participatory Research (PR); Action Research (AR); Participatory Rural Appraisal (PRA); Participatory Action Research (PAR); enquanto Chambers (1994) tem em comum a Activist Participatory Research, sendo que inclui a Participatory Research, (PR) Participatory Action Research (PAR) e faz referência ainda a outras como a Rapid Rural Appraisal (RRA) e Agroecosystem Analysis; Applied Anthropology; Field Research on Farming Systems.

### **1.2.Principais dimensões e características**

A IP, no seguimento dos propósitos de Paulo Freire, caracteriza-se por incorporar uma ferramenta dinâmica ao serviço da reflexão crítica e consciente do mundo.

Importa destacar um outro elemento em que a IP foi ganhando destaque e se foi diferenciando dos outros métodos de investigação. Com recurso a Cornwall e Jewkes (1995), refira-se que a chave diferenciadora encontra-se na localização do poder, ao longo das várias etapas do processo de investigação.

Trata-se do poder diferenciador que fala Cornwall e Jewkes (1995), presente na IP pelo ethos participativo como já foi referido.

Este ethos participativo ganha destaque no contributo para as melhorias das práticas de desenvolvimento social, uma vez que favorece e implica o diálogo, valoriza a subjetividade, proporciona o alcance da objetividade e estimula a reflexão crítica.

Destaca-se, assim, a dimensão participativa como uma referência da IP, como vários autores fazem menção, desde Hall (2005), Bleijenbergh, Korzuilus, Verschuren (2013), Nolasco, García, Castro, (2007), Villegas, (1991), Lima (2003), Gabarrón (2008), entre outros já referidos anteriormente.

Antes de mais, faça-se uma pequena reflexão sobre o conceito de participação, o qual pode articular vários níveis. Gaventa (2006, in Villegas, 2012) faz referência a quatro tipos de participação: 1) Participação a partir da base – relacionado com a luta dos excluídos; 2) Participação dos beneficiários dos projetos – referente aos processos de desenvolvimento, tais como os trabalhos das ONG's; 3) Processos participativos – permitem comprometer as pessoas interessadas em fazer o que deseja o Banco Mundial ou o FMI; 4) Participação como exercício de direitos de cidadania – em que permite falar de direitos, de cidadania, de políticas e não de beneficiários ou de oportunidades (Gaventa, in Villegas, 2012:14).

Ao longo do seu texto, Villegas (2012) debruça-se sobre a participação como exercício dos direitos. Neste contexto da IP, importa refletir de forma particular sobre a Participação a partir da base, isto é, a participação que é orientada para as lutas dos excluídos e para a interpretação da realidade, implícitas nos princípios de Paulo Freire e Falls Borda.

O processo de participação tem um papel fundamental na IP. E como o próprio Villegas (1991:17) afirma: “Não pode haver IP sem participação”. Considerando Silva (2007), o processo de participação requer o envolvimento das pessoas, em análises e reflexões críticas acerca da sua própria condição.

Com recurso a Lopes, Galinha e Loureiro (2010:91-92), em seguida são expostos os vários desafios importantes neste processo da participação, assim como a necessidade de articulá-los, a saber:

- Informar: é o meio primário para poder ter a visão e a consciência pessoal da situação.
- Situar: os seres em situação devem ter a consciência de onde estão situados.
- Compreender: captar as necessidades mais profundas do ser como pessoa e compreender o sentido de saber entender o seu tempo e o seu mundo.
- Tomar posição: aceitar um desafio e enfrentar as responsabilidades que implica viver numa sociedade e numa determinada época.
- Mobilizar: para além do diálogo, inclui colocar-se em situação de deliberação.
- Organizar: por não se tratar de uma tarefa individual, requer organização.

- Aceder a fazer cultura: acarreta a transformação de um público espetador a um público ator.
- Participação ativa: inscrever-se na realização da própria vida.

Não se pode deixar de referir que a participação é um processo complexo, que implica um debate permanente e um questionamento aberto e profundo por parte dos sujeitos.

Assim, a participação na IP não se refere a uma participação passiva ou pontual, decorrendo antes do envolvimento pleno e de uma participação ativa dos envolvidos em todo o processo de investigação (Hall, 2005).

Esta visão da IP pretende equacionar o sujeito e o contexto como tal. O desafio e a contribuição mais importante neste processo é criar um ambiente de partilha e também de aprendizagem, sobretudo, desprovido de eventuais medos, receios, preconceitos e complexos de inferioridade. O contributo deste processo da participação não visa somente a componente de produção de conhecimento, como já se viu, mas também a reflexão e a intervenção social orientada para os valores humanos (Silva, 2007).

Desta forma, constata-se que esta dimensão participativa decorre numa articulação dinâmica em ambientes de partilha, interação e mobilização entre os sujeitos. Como tal, chega-se a um outro ponto importante - o reconhecimento do Outro.

A construção partilhada, que é proposta nesta linha de investigação, só se evidencia como um caminho viável se ocorrer num ambiente de cooperação, aceitação e reconhecimento do próximo e contextualização do meio, como se pode constatar nas palavras de Villegas (2007: 43):

“a negação do outro fundamenta-se na impossibilidade de nos descentrarmos do nosso universo simbólico para podermos discutir, dialogicamente e em igualdade com o outro”

Assim, é fundamental promover a construção de um diálogo horizontal para reconhecimento do outro e de nós mesmos. É de notar que vários autores fazem referência a este diálogo horizontal, reportando-se em específico à relação entre os sujeitos implicados na investigação e o investigador (Hall, 2005; Silva 2007; Villegas 1991).

Podemos destacar, deste modo, uma posição que rompe com aquela que é tomada na investigação tradicional.

Desta forma, e em consonância com Silva (2007), Herber (2005) e Villegas (1991), esta abordagem participativa, atenta para um novo paradigma da investigação social, por trabalhar a partir da interpretação dos sujeitos acerca do contexto em que se inscreve a sua existência, permitindo entender o processo das suas ações e culminando, assim, um percurso de conscientização. Desenvolve-se num sentido de “una metodología didáctica que transmite de forma más eficaz nuevas maneras de ser e de conocer” (Villegas, 1991:198).

Por seu turno, Lima (2003:317) destaca a ética da solidariedade social, reconhecida na IP, afirmando que:

“todos somos autores deste mundo (...) [e] que a responsabilidade seja assumida por todos (...) [para] articular, com precauções de congruência, as formas que os contextos a esclarecer e a melhorar aconselham a melhorar”.

O processo de IP, conforme Paulo Freire propôs, deverá estar pautado por um movimento dialógico e uma pedagogia situada. Conta-se com um conhecimento que se revê numa experiência educativa para os participantes e propõe conseguir um maior poder sobre as suas vidas (Fletcher 1987, in Villegas 1991; Meireles e Thiago, 2006).

Testemunha-se assim, que a participação dos sujeitos resulta como meio para a mudança do poder invisível, que permite esmorecer e romper com esta relação de poder entre dominado e dominador. Nas palavras de Villegas (2007:36), a participação dos sujeitos torna-se:

“um elemento de transformação social entrelaçado com a capacidade de formar, em colaboração com os outros, pessoas críticas e reflexivas, possíveis de agir e transformar a realidade”.

A estes elementos que envolvem a participação, Silva (2007) chama de processo criativo, por viabilizar um mecanismo de libertação dos mitos que aos sujeitos são impostos pela estrutura de poder dominante, tornando-os implicados na tomada de consciência das suas responsabilidades e ações.

De acordo com a reflexão de Falabella (2002:30), acrescenta-se um desafio à participação, na medida em que esta surge como sinónimo de viabilidade de programas de desenvolvimento sociocomunitário, dado que a participação implica necessariamente um processo de conscientização.

Esta dimensão de conscientização é importante e decorre do processo de produção de conhecimento. Neste, os sujeitos são desafiados a conhecer a sua existência situacional, através da análise crítica, sendo nas palavras de Meireles e Thiago (2006:7),

“fruto de um processo de desenvolvimento das habilidades individuais, estimuladas pela criatividade e pela compreensão da realidade social concreta”.

Deste modo, está-se perante o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva que poderá mesmo desencadear uma ação transformadora, efetivando a libertação dos “oprimidos”, ao despoletar a análise e aprendizagem orientadora para a reflexão crítica dos sujeitos acerca da sua situação real (Herber, 2005; Silva 2007). Ou seja, conta-se com um processo que permite enquadrar os acontecimentos dentro do contexto das forças sociais e históricas e refletir sobre as suas dinâmicas.

Nos propósitos de Paulo Freire (in Meirelles e Thiago, 2006), evidenciados nos seus trabalhos, em relação ao processo de conscientização, pode-se verificar que este implica uma premissa importante: conhecimento é poder. Considera-se, em especial, o conhecimento perspectivado pelo sujeito, num contexto real, acerca da situação concreta que o mesmo percebe. Deste modo, possibilita-se a quebra de barreiras e limites, contribuindo para uma visão mais ampla do contexto dos sujeitos. Isto é, permite-se ao sujeito um repensar da sua posição social, que é facilitado pelo cenário de reflexões críticas e conscientes, agilizando recursos, assim como, bens e serviços essenciais à melhoria da sua condição (Silva, 2007). Por outro lado, também se proporciona a produção de um conhecimento que permitirá aos investigadores sociais agir segundo a perspectiva dos sujeitos e não segundo a sua própria perspectiva, interligando determinado contexto com suas fundamentações teóricas. Como já se viu anteriormente, a IP articula, deste modo, o conhecimento teórico e o conhecimento da praxis.

Nesta mesma linha de pensamento, Machado Pais (2002:33) afirma que

“O quotidiano é uma rota de conhecimento [...] não é uma parcela isolável [...] é o laço que nos permite ‘levantar caça’ no real social, dando nós inteligibilidade ao social”.

Assim, este método torna possível a articulação do saber científico e do saber prático (Steubert e Carpenter, 2002; Trilla 2004; Silva, 2007), pois a confluência de ambos oferece múltiplas possibilidades no campo da investigação e intervenção social. Desta forma, a IP resulta na produção de conhecimento, para o qual foi potenciada, na medida em que integra a produção do saber prático através do envolvimento dos sujeitos na investigação e atende à importância da cooperação, nas relações estabelecidas entre investigadores, investigados, comunidades, instituições, etc.

Surge, assim, uma investigação que caminha de encontro à conscientização, cruzando-se com a esfera da aprendizagem, mobilizando a partilha, desocultando o poder invisível dos oprimidos. Este processo destaca-se por resultar numa dinâmica que permite aos sujeitos “desprender-se das amarras que lhes são impostas por sua própria consciência intransitiva ingênua” (Meirelles e Thiago, 2006:2). É também neste contexto que surge uma nova dimensão da investigação - empowerment.

Considera-se o empowerment um importante foco no desenvolvimento do autocontrole, na medida em que resulta da aprendizagem e da tomada de responsabilidade dos indivíduos, pela sua própria vida. Está-se perante uma noção de protagonismo, de pró-atividade dos sujeitos, num determinado contexto social. Assim, o empowerment consiste no desenvolvimento da autoconfiança, da capacidade dos sujeitos para eliminarem o efeito do poder opressivo, da capacidade de participar, de negociar e de tomar decisões, bem como o fomento do seu trabalho cooperativo para conseguirem um impacto mais abrangente. Isso comporta a ação coletiva com base na cooperação.

Assim sendo, a IP, ao promover o empowerment, distingue-se de uma atuação assistencialista (Meireles e Thiago, 2006). Trata-se de uma perspetiva que combina meios e recursos para a capacitação e emancipação social. Esta era a proposta de Freire, nos anos 60, quando iniciou os seus trabalhos (Hall, 2005).

Como se pode constatar, trata-se de uma mudança nas relações de poder implicadas no processo de investigação, tal como reconhece Hall:

“We also recognized that our ideas were as relevant in Europe and North America as they were anywhere, that people wanted to use research as a contribution to changes in power relations” (Hall, 2005: 13).

O processo de investigação, no âmbito da IP, integra-se como parte de um total educacional e experiencial, em que se credita os sujeitos para que, eles próprios, também denunciem as suas necessidades e as da comunidade. Os sujeitos, ao aumentarem a sua conscientização sobre os problemas, comprometem-se também com as soluções, com a liberação da potencial criatividade humana e da mobilização das pessoas (Hall, 2005; Meireles e Thiago, 2006).

De acordo com o exposto acerca das principais dimensões da IP, avança-se agora para a sistematização das suas principais características, de acordo com as perspetivas de dois autores em particular: Hall (baseado em Paulo Freire) e Falls Borda.

Para Hall (1979:409), a IP tem as seguintes características:

- O problema nasce no seio da própria comunidade e é ela que o define, o analisa e o resolve.
- Como o principal objetivo da investigação consiste em transformar radicalmente a realidade social e melhorar as condições de vida dos membros da comunidade, são eles os beneficiários da investigação.
- A investigação participativa implica a participação ativa e total da comunidade em todo o processo de investigação.
- Requer a participação de grupos humanos sem poder: os explorados, os pobres, os oprimidos, os marginais, etc.
- A investigação participativa pode sensibilizar mais a população para os seus próprios recursos e mobilizá-la tendo em vista o desenvolvimento autónomo.
- Trata-se de um método de investigação mais científico, visto que a participação da comunidade facilita uma análise mais profunda e mais verídica da realidade social.
- O investigador é, simultaneamente, participante comprometido e aprendiz, o que o conduz mais à militância do que ao distanciamento.

Já Borda (1986, in Villegas, 2012:18) apresenta somente quatro características deste método:

- A pesquisa é coletiva. Todos os processos de investigação são realizados pelo grupo, de forma dialógica.
- É um processo de recuperação crítica da história.
- Valoriza, particularmente, o uso da cultura e dos saberes populares.
- Procura produzir e difundir novos conhecimentos, com a convicção de que existe uma forma de produção alternativa ao conhecimento científico tradicional.

Para finalizar, apresenta-se, de forma sintética, as características fundamentais da IP, reforçando as já acima apresentadas, e destacando aquelas que se considera mais relevantes, a saber:

- A IP é um novo método de investigação social.
- Procura entender o mundo num contexto real, a investigação decorre perante uma realidade concreta.
- Realiza-se junto de grupos sem poder.
- Prevê um investigador coletivo e menos hierarquizado.
- Conta com a participação ativa dos sujeitos, requerendo o seu envolvimento em todo o processo de investigação.
- A participação resulta na produção de um conhecimento experienciado, contextualizado, coletivo e partilhado.
- É um método facilitador do pensamento crítico, promovendo a conscientização e mobilização dos sujeitos.
- Articula o conhecimento científico e a prática.

### **1.3.O papel do investigador coletivo**

A IP, como anteriormente descrito, encerra uma nova dinâmica de investigação. Como tal, encontra-se um novo investigador, em resultado da visão participativa que a integra, sendo o sujeito o centro do processo e o investigador um facilitador de técnicas e/ou dinâmicas que proporcionam as devidas condições para o processo de investigação.

Quanto a este ponto, Burgess (2001:3) destaca que “o objetivo último é estudar as situações do ponto de vista dos participantes”, isto é, trata-se de uma investigação conduzida a partir do interior, segundo a perspectiva do sujeito social.

A importância da investigação partir do sujeito deve-se ao facto de que cada sujeito social transporta consigo uma bagagem única e exclusiva, e como diz Jardim (2003), é irrepetível. Mais do que uma história, é uma realidade repleta de experiências vividas e sentidas, pois, mesmo considerando as circunstâncias iguais, cada sujeito experiencia esta mesma situação de formas diferentes. Cada um deles tem posturas, interpretações, pensamentos, assim como emoções, expressas de formas bem diferentes e distintas, ou seja, cada sujeito tem uma perspectiva diferenciada da mesma realidade. Deste modo, constata-se que a investigação social permite recorrer a todas as diferentes perspectivas que cada sujeito transporta na sua bagagem vivencial, constituindo uma mais-valia neste processo de reconhecimento social, cultural e histórico – possível pela utilização de uma investigação participada.

Envolvido na investigação, o sujeito, além de fonte de informação, é uma fonte de produção de conhecimento, conforme Freire. Segundo Heber (2005), o conhecimento constrói-se no movimento, na relação existente entre os sujeitos. Deste processo de participação e partilha que envolve a IP, os sujeitos não são considerados passivos, pelo contrário, confere-se aos mesmos uma postura ativa e dinâmica. Silva (2007:235) descreve-os “como agentes protagonistas e transformadores que conduzem a investigação em colaboração com os investigadores”. Deste modo, é-lhes atribuído um papel de grande responsabilidade e envolvimento, sendo uma atitude presente em todo o processo que envolve a IP e que contrasta com a investigação tradicional.

Reconhece-se, assim, na IP, uma produção coletiva de conhecimento, com base numa dimensão fundamental, a participação, que se destaca como pedra de toque nas relações entre sujeitos (Lima, 2003). Como já se viu acima, este processo, em que eles se vão encontrando envolvidos ao longo das etapas de investigação, resulta numa reconfiguração do ser. Nas palavras de Silva (2007:237), ao sujeito é possibilitada

“a exploração coletiva de um dado domínio, facilitando a construção interativa e social do conhecimento, onde os participantes envolvidos encontram e constroem os contextos onde aprendem, se transformam e se desenvolvem.”

A propósito, Bleijenbergh, Korzilus, Verschuren (2013:2) assinalam um aspeto indispensável que resulta desta dinâmica: “the relation between researcher and respondent becomes less hierarchical”.

Esta nova postura, que os autores mencionam, atenta para a proximidade das relações entre os sujeitos e investigadores, torna-se claramente importante e fundamental por resultar numa investigação menos hierárquica, sendo mais próxima das pessoas e das suas necessidades.

Afinal, e como refere Lima (2003:317), a IP

“reconhece que todos somos autores deste mundo, mas tenta diminuir a distância entre as possibilidades de decisões de uns e outros para que a responsabilidade seja assumida por todos”.

Com efeito, está-se perante um investigador coletivo. Os sujeitos são detentores de saber prático e os investigadores são detentores de saber científico, e é na articulação destes dois saberes que se pode reconstruir um saber situacional e válido à comunidade científica, para que esta possa representar as reais denúncias e injustiças, às quais as ciências sociais procuram responder.

Como tal, como assinala Lima (2003:323),

“o conhecimento constrói-se em diálogo, e essa co autorização não é por isso pertença de um ator, mas de um investigador coletivo que foi edificando com os contributos analisados”.

Perante o exposto, na IP a produção de conhecimento é resultante da interação de todos os sujeitos.

O tradicional papel de investigador, aqui, assume outra postura - menos imperativa - todavia não menos importante que a dos sujeitos. O destaque, contudo, é efetivamente dado a estes últimos.

É importante destacar que se encontra um investigador mais comprometido e envolvido na investigação (Villegas, 2012). Por outro lado, o seu papel de investigador toma outros contornos, mais ligados ao papel de facilitador, orientador, e até mesmo de dinamizador neste processo da investigação (Herber 2005; Villegas 2012). O investigador tem também um papel de escuta ativa. Segundo Lopes, Galinha e Loureiro (2010:180) este é um processo complexo, no entanto, vantajoso

“para o próprio, para este melhor se conhecer, se enriquecer, para dar atenção ao Outro, para relativizar pontos de vista e saberes, para procurar compreender aquilo que os outros pretendem transmitir e para fazer sentir ao Outro que aquilo que nos diz tem interesse.”

É neste processo de escutar, tomar notas, tratar os dados recolhidos, analisar e no processo complexo de descodificação que se valida e reproduz a realidade num trabalho científico prático. Não se trata de ouvir o senso comum mas a realidade na primeira voz.

Gabarrón (2008) especifica ainda mais, ao afirmar que o investigador pode tratar-se de um assessor e co-gestor do conhecimento produzido. O autor faz ainda referência a algumas atitudes do investigador na IP: Ouvir, Apoiar e Aconselhar, se necessário, sem assumir o processo e sem abandonar.

Finaliza-se este tema com uma frase do mesmo autor, que remete para a nova postura que os investigadores voltados para problemas situacionais das ciências sociais deverão considerar:

“Además de producir un conocimiento conjunto, un conocimiento que es producto de la experiencia de ambos sujetos (consultores y consultantes), es decir, un conocimiento popular-étnico que se encuentra en mestizaje con un conocimiento académico-occidental.” (Gabarrón, 2008:14)

#### **1.4.Considerações éticas na Investigação Participativa**

Como se tentou demonstrar anteriormente, a Investigação Participativa constitui um método da investigação no âmbito do processo de construção partilhada de conhecimentos.

Como tal, este tipo de investigação envolve um grau elevado de responsabilidade sobre os participantes e investigadores. Neste método, importa relacionar os princípios da democracia e da humanidade, considerando as dimensões da investigação - participativa, conscientizadora e de empowerment - assim como os aspetos estruturais que influenciam as condições de vida dos sujeitos participantes, no caso específico deste projeto, os jovens.

Os investigadores devem atender à individualidade e à singularidade da forma de ser e estar dos jovens, pois os seus modos de representação do mundo dão origem a múltiplas formas de estar, sentir e agir (Soares, 2006). Assim sendo, a diversidade e complexidade que compõem os jovens, enquanto categoria social e individual, devem ser pontos fulcrais a serem considerados neste tipo de investigação partilhada.

Neste sentido, o investigador deve considerar a adequabilidade dos objetivos e das ferramentas utilizadas, pensando no grau de influência que isso pode ter na vida dos jovens. A sua conduta deve desenvolver-se de forma a permitir a liberdade e o à vontade de participação para a construção de conhecimentos válidos, tendo em conta as suas singularidades e multiplicidades (Soares, 2006). Assim sendo, o investigador deverá perceber e ser cuidadoso no que diz respeito à vulnerabilidade que decorre do envolvimento dos jovens na investigação, para que esta não conduza a danos nas suas vidas. Para tal, os aspetos como a privacidade e a confidencialidade devem ser salvaguardados. Neste sentido, relativamente ao grupo específico de trabalho neste projeto de investigação participativa, consideramos pertinente a alteração dos nomes.

Um outro aspeto a considerar, ainda, passa pela seleção de parceria para integrar a equipa de investigação. Segundo Soares (2006), esta também deve ser cautelosa no sentido de salvaguardar possíveis discriminações, relacionadas quer com critérios de competências, quer com seriação étnicas ou de estatuto social.

## **2. Contextos: o grupo de participantes e a instituição**

### **2.1.O grupo participante – Os jovens**

Os participantes nesta investigação são quatro jovens que integram a Instituição ABCD e que são estudantes do ensino superior. Três dos jovens já não habitam no Lar, encontrando-se no processo de autonomia, vivendo no Apartamento de Autonomização. Estes foram os primeiros a inaugurar o Lar, no ano 2000, sendo que nunca haviam estado noutra instituição de acolhimento. Em 2010, inauguraram também o Apartamento de Autonomia. O quarto jovem ainda permanece no Lar, já em processo de futura transição para o referido Apartamento. Efetivamente, estes jovens contam já aproximadamente com 13 anos de institucionalização, iniciando assim o processo de acolhimento institucional com idades entre os 13 e os 7 anos.

Contamos, assim, para a investigação, com quatro jovens que frequentam o ensino superior, em diferentes pontos do país, Vila Real, Viseu, Coimbra e Barcelos e em áreas distintas de estudos, desde desporto, área social, geografia e design, com idades compreendidas entre os 20 e os 26 anos, sendo constituído este grupo de participantes por uma rapariga e três rapazes.

Dois dos jovens são irmãos, o Carlos, com 22 anos e o Pedro, de 20 anos. Estes jovens têm dois irmãos mais novos na instituição. O Carlos era o único irmão que vivia com a avó antes de entrar no Lar, tendo vivido separado dos irmãos nessa altura. O seu sonho é deixar a marca no mundo e ser feliz [Anexo III.3; Anexo V]. Gosta de ler. Já está a terminar a licenciatura geografia, somente tem de fazer algumas unidades curriculares em atraso e pretende seguir um mestrado. Atualmente, não tem nenhuma atividade de lazer a que se dedique em particular, mas gosta de futebol, que costumava praticar até há algum tempo. Aos fins de semana costuma visitar os familiares. Agora fá-lo de 15 em 15 dias, após o falecimento da avó, uma fase muito tumultuosa da sua vida.

O Pedro é o jovem que ainda vive no Lar. Apesar de já frequentar a universidade, no segundo ano do curso de design, não reside na cidade onde estuda e vem todos os dias para o Lar. Agora não tem tempo, mas gostava de andar de skate e fazia atletismo. O seu sonho é trabalhar na área de design [Anexo III.3, Anexo V]. Tem um fascínio por animais, desde pequeno, e tem particular gosto pela escrita. Escreve poemas.

A única rapariga do grupo é a Ana, que tem 23 anos. Este ano, está a terminar unidades curriculares de licenciatura serviço social e pretende seguir para mestrado. Já se encontra a trabalhar no Lar, faz algumas horas como auxiliar. Porém, nos últimos encontros, anunciou estar em vias de assinar contrato, realizando assim um sonho de vir a trabalhar na ABCD [Anexo III.3, e Anexo V]. O seu outro sonho é abrir uma instituição de acolhimento de crianças e jovens como a dela, uma vez que considera-a um exemplo [Anexo IV. 1]. A Ana tinha aulas de dança, no ginásio que frequentava, na faculdade, tendo retomado a atividade recentemente. Antes da sua entrada no Lar, vivia com a mãe. Apesar de gostar muito dela, atualmente não a visita muitas vezes [Anexo IV.1, Anexo III.8].

Por último, temos o João, de 26 anos. Neste momento, encontra-se a terminar o mestrado em desporto coletivo e o estágio derivado do trabalho a realizar nesse âmbito. Entretanto, está à procura de emprego e a dar aulas de natação, na ABCD, às crianças e ginástica a idosos (é voluntário da ABCD). O seu sonho é ser treinador e a sua especialização permitirá realizá-lo. O João sempre esteve envolvido em várias atividades, desde ginásio, karaté, futebol, música (no secundário tinha uma banda). Aos fins de semana, costuma visitar a sua família que é bastante numerosa, tem doze irmãos [Anexo III.7] e sempre foi muito próximo deles.

O quotidiano destes jovens é passado em vários universos que compõem os seus contextos de vida. Divididos entre a universidade, o Lar, o Apartamento de Autonomia de vida, as suas famílias biológicas e amigos, os jovens têm vidas atarefadas, agitadas, diferenciadas e sem passarem muito tempo no mesmo sítio. Estes fatores expostos vão ao encontro do que havia sido referido pela Diretora, quando acautelava a parceria necessária com os jovens, dada a dificuldade em juntá-los a todos, no mesmo horário, pois eles têm horários muito trocados [Anexo III.2] e as suas personalidades são muito distintas.

## 2.2. A instituição ABCD<sup>6</sup>

AABCD é uma Instituição Privada de Solidariedade Social (IPSS), situada no Norte do País.

Esta associação iniciou as suas atividades com um projeto de luta contra a pobreza, há mais de 20 anos, num território semi-urbano, ou seja, misto entre o tecido rural e a indústria manufactureira. Alguns anos mais tarde, depois de o projeto ter terminado, a associação constituiu-se com objetivos orientados para a criação de condições de inclusão social e bem-estar na comunidade local, primando para o desenvolvimento de uma intervenção comunitária, integrada e sustentada. Atualmente, trabalha numa diversidade de ações, no âmbito da intervenção social, de forma a mobilizar todos os seus esforços, partindo daquilo que são as iniciativas das populações e daquilo que é a participação das comunidades, para desenvolver respostas integradas aos problemas sociais sentidos na comunidade local.

Entre as suas valências, podem referir-se o Centro Comunitário, o Centro de Formação, a Ação Social, o Trabalho com Crianças e Jovens. A Associação contava, recentemente, com cerca de 30 colaboradores (houve uma redução devido à diminuição de formadores, tendo antes totalizado 76 colaboradores) que visam um quadro de referências postuladas pela solidariedade, flexibilidade, responsabilidade, ética, proximidade, qualidade e cooperação<sup>7</sup>, com fim a alcançar a realização dos objetivos de desenvolvimento social e cultural.

Ao longo dos anos, a ABCD tem desenvolvido inúmeros trabalhos e projetos em que se destacam três áreas de intervenção, concretamente, Sociocomunitária, Educação/Formação, e Infância e Juventude. Na primeira área temos o centro Comunitário, a Hemeroteca-Mediateca Educativas, que engloba várias iniciativas culturais, Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social, Serviço de Apoio Domiciliário e Gabinete de Inserção Profissional.

Quanto à segunda área, esta conta com o Centro Educação/Formação que tem os cursos EFA (Educação e Formação de Adultos), CEF (Cursos de Educação e Formação) e PIEF

---

<sup>6</sup> Os dados que se seguem foram retirados dos documentos relacionados com a Instituição e o Lar, cedidos pela Diretora Maria Silva.

<sup>7</sup> Cf. Sítio da Internet da Instituição.

(Planos Integrados de Educação e Formação); o Centro de Novas Oportunidades, a funcionar desde 2008, e o Centro de Recursos em Conhecimento, sendo que, nestas valências, houve cortes orçamentais recentes.

Na última área insere-se o Centro de Atividades e Tempos Livres; o Projeto Puerpolis; Serviço de Psicologia e Orientação; Projeto IN-Formar; Apartamento de Autonomia e Lar de Infância e Juventude. Em seguida, serão retratadas, de forma mais detalhada, estas duas últimas respostas da área de intervenção na Infância e Juventude, uma vez que é onde se desenvolve este trabalho de investigação.

### **2.2.1. Lar – Projeto LIJ**

O projeto, Lar da Infância e Juventude, nasceu da ideia de contrariar o ambiente frio e tipicamente ausente de afetos, de acolhimento institucional das crianças, segundo a Vice-Presidente da ABCD<sup>8</sup>. Nesse sentido, foi criado um Lar em 2000 para os mais novos, centrado na vivência dos afetos, na individualidade, aproximando o crescimento da criança ao típico ambiente familiar. Nasceu, assim, um Lar de reduzidas dimensões, num apartamento tipo T4, no centro da cidade, com a particularidade de não ter qualquer identificação especial, para que as crianças e jovens estejam livres de possíveis discriminações e estigmatizações.

O Lar acolhe somente oito crianças e procura também dar prioridade ao acolhimento de irmãos, tratando-se de um lar misto. Considerando a linha orientadora da instituição, que passa por servir a comunidade local, as crianças e jovens envolvidas no projeto LIJ são provenientes das localidades próximas à sua instalação.

De acordo com o objetivo de atuação, marcado pela afetividade, vinculações positivas e a criação de laços matriz, o Lar procura criar um ambiente familiar, harmonioso, flexível e participativo, tendo espaço para o restabelecimento dos laços familiares, e cuidando da integração dos utentes nos diferentes domínios das suas vidas. Todos os seus esforços são

---

<sup>8</sup> Os dados que se seguem foram retirados dos documentos relacionados com a Instituição e o Lar, cedidos pela Diretora, Maria Silva.

orientados no sentido de assegurar a proteção, promover o bem-estar, respeitar a individualidade e privacidade de cada criança e jovem, proporcionar um ambiente de vida adequado às suas necessidades, preparando as crianças e jovens para a sua autonomia e integração, com valores, capacidades e competências.

No Projeto Educativo do Lar de Infância e Juventude é salvaguardado que “As crianças e jovens do LIJ são muito mais que o objetivo do seu trabalho, são os protagonistas, o centro e o fim.”<sup>9</sup>

### **2.2.2. Apartamento de Autonomia**

O apartamento resultou de uma proposta, levada a cabo em 2010, para uma resposta social perante os jovens que ficaram sem a possibilidade de voltar à família, sem retaguarda de autonomia de vida e que não passasse pela institucionalização prolongada.

De acordo com a legislação, a instituição criou o apartamento enquadrando a

“Resposta Social, desenvolvida em equipamento – apartamento inserido na comunidade local – destinada a apoiar a transição para a vida adulta de jovens que possuem competências pessoais específicas, através da dinamização de serviços que articulem e potenciem recursos existentes nos espaços territoriais”<sup>10</sup>

Semelhante ao Lar, o Apartamento de Autonomia também se localiza no centro da cidade, mas destinado a acolher jovens a partir dos 16 anos, como medida de proteção e promoção para a autonomia de vida. Preparado para seis jovens, com este apartamento pretende-se proporcionar todas as condições para mediar o processo de autonomização de vida, quer através de estratégias desenvolvidas individualmente, a nível de acompanhamento e apoio psicossocial, material e de inserção sócio laboral, quer da supervisão de uma equipa técnica que intervirá com o sentido de orientação e promoção de competências para a autonomia.

---

<sup>9</sup> Projeto Educativo do Lar de Infância e Juventude, documento cedido pela Diretora.

<sup>10</sup> Projeto Educativo do Lar de Infância e Juventude, documento cedido pela Diretora.

### **3. Técnicas e dispositivos de investigação**

Com um método assente na dinâmica participativa e com recurso a técnicas expressivas que privilegiam a criatividade e aptidões sociais, os jovens têm a possibilidade de assumir papéis mais ativos e dinamizadores, ou seja, permite-se o seu protagonismo, neste projeto de investigação, com o objetivo de assegurar a mais adequada recolha e construção de efetivo conhecimento.

Deste modo, com o recurso a várias técnicas que serão abordadas em seguida, é possível, de forma mais sistemática, identificar as experiências e conhecimentos dos jovens. No decurso da investigação, ocorrem momentos de grupo e outros de carácter individual. Com este formato dual, pretendeu-se que nos momentos de grupo, houvesse lugar a debates, reflexões, trabalhos conjuntos, num contexto sinérgico que de outro modo não seria oportuno. Nas sessões individuais pretendeu-se proporcionar momentos de reflexão mais íntimos que gerassem o conforto e privacidade necessários a certos níveis de partilha e reflexão. Contou-se, assim, que fossem promovidas narrativas das suas histórias, dando-se espaço para a descodificação e reflexão sobre comportamentos e atitudes. Foi propósito da utilização das técnicas e dispositivos de investigação explanados seguidamente, que a partilha fosse feita num contexto de crescimento, maturação e mesmo de aprendizagem partilhada.

#### **3.1. Focus Group**

O Focus Group consiste numa técnica de investigação de carácter qualitativo, utilizada pela sua natureza flexível e exploratória de novas ideias. Os primeiros trabalhos com recurso a esta técnica datam de 1946 com Merton, Fiske e Kendall. O Focus Group foi desenvolvido com o objetivo de estudar as reações dos soldados norte-americanos, aos meios de comunicação social, durante a II Guerra Mundial (Ferreira, 2004). Somente na década de 80 é que ganhou expressão na investigação qualitativa, em várias disciplinas das ciências sociais, como a sociologia.

O resultado da tradução literal de Focus group, pode entender-se um grupo focalizado. No entanto, Ferreira (2004) prefere utilizar a expressão de entrevista de grupo, dado remeter para a existência de um contexto comum, das condições de existência, do vivido do grupo. Guerreiro et al., (1998) por seu turno, denominam a técnica de entrevista de grupo focalizada. Apesar da divergência de nome a atribuir, os autores partilham a ideia de que se trata de uma técnica que visa a produção de conhecimentos através da reunião de um grupo de pessoas que partilham experiências, condições de vida ou sentimentos, com o objetivo de refletir acerca de determinada temática.

O Focus Group apresenta características diferentes da entrevista individual, dado que recorre muito mais ao processo de escuta, produção e interpretação dos diálogos, permitindo momentos e reações aos discursos das pessoas envolvidas. O resultado proveniente da interação é uma fonte enriquecedora para a produção de conhecimento, assim como o caráter interpessoal da técnica, sendo uma mais-valia para o conhecimento congruente entre o saber teórico e o prático. Como tal, o objetivo do focus group não está voltado para o sujeito, mas sim para a interpretação que o grupo de sujeitos tem de determinadas situações, de acordo com Ferreira (2004:103), que afirma

“Tratar-se de um evento organizado que implica a reunião de pessoas que possuem em comum o terem passado por determinada experiência (...) e, em termos de conteúdos, são exploradas as experiências subjetivas das pessoas que participam relativamente à questão que constitui o foco da conversa.”

O focus group é caracterizado pela sua flexibilidade e mobilidade de pesquisa que permite uma dinâmica interpretativa, ou seja, não prescinde de restituição da complexidade de uma situação social concreta. Este processo requer que o dinamizador seja um bom mediador e que dirija o grupo com questões abertas (Ferreira, 2004). Berg (2001) salienta ainda o facto do focus group ser realizado sem perguntas diretas e orientações muito específicas, ou seja, permite um ambiente descontraído e gerador de discursos fluidos, em que o grupo tem espaço para a sua liberdade de pensamentos, emoções e reações. É possível, através da observação das dinâmicas do discurso, por meio destes momentos de livre expressão, verificar os processos emocionais, os valores e a visão do mundo. Promovem-se momentos geradores da multiplicidade de opiniões, sobre determinada temática, que viabilizam uma fonte

enriquecedora para a produção de informação. Considera Ferreira (2004:104) que neste processo de pesquisa, o interesse é

“o esboço das representações da pessoa entrevistada relativamente a uma experiência vivida; é uma noção do modo como as pessoas constroem a problemática e os aspetos que adquirem relevância nessa construção; é a compreensão do modo como as pessoas avaliam a sua experiência e do hiato que geralmente existe entre as práticas e os discursos.”

É por este carácter flexível e exploratório da realidade dos participantes que se evidencia o focus group como uma mais-valia para o seu uso, na investigação participativa, em específico com os jovens em situação de acolhimento.

No trabalho realizado com os jovens da ABCD, foi promovida a discussão de temas chave. Em cada sessão que antecede o focus group, foram propostos temas pelos jovens, sendo os mesmos utilizados como ponto de partida na sessão seguinte. Foi permitida, naturalmente, a abertura a outros temas, relevantes, que os jovens foram traçando nas suas conversas sem obrigações ou bloqueios face aos seus discursos.

### **3.2.Orçamento de Tempo – grupo**

O Orçamento de Tempo (OT) é uma técnica em investigação social que pretende traduzir e avaliar a forma como os intervenientes despendem o seu tempo, bem como obter a sua perceção sobre ele.

Em Nogueira (2010: 100-1005) a técnica de orçamento de tempo é apresentada, dividindo-se em quatro áreas da dimensão da vida distintas: uma primeira área está associada ao mundo prático e engloba três domínios: dinheiro, saúde e trabalho/carreira. A segunda área engloba o mundo emocional, dedicado ao romance, à família, aos amigos e a contribuições variadas, voluntariado e doações, por exemplo. Uma terceira área, relacionada com o mundo mental, é dedicada ao desenvolvimento pessoal, hobbies, vida social e o peer group (grupo de pessoas que partilham atividades de crescimento). Por último, temos o mundo espiritual, com a liderança pessoal (autoconfiança e autoestima), propósito de vida e significado de vida (implica as convicções da vida).

No âmbito deste trabalho, a ferramenta OT foi utilizada, dado que permite perceber as rotinas diárias e de fim de semana dos jovens. Com a sua aplicação, pretendeu-se obter um esboço do tempo dedicado às várias áreas que compõem a sua vida. De um modo geral, com o OT pretendeu-se entender as dinâmicas chave e diferenciadoras do grupo de jovens, assim, como perceber a mudança entre o antes e depois da entrada na universidade e como a envolvente social foi modificada.



Figura A - Orçamento de Tempo (exemplo)

Os procedimentos usados foram os seguintes: numa folha A3, previamente preparada (ver Figura A), constam quatro circunferências, semelhantes a relógios com um ponto no centro, uma para cada um dos quatro Orçamentos de Tempo (OT). Cada OT corresponde a: um “Dia típico” antes do ingresso na universidade (OT1); um “Fim de semana típico” antes do ingresso na universidade” (OT2); um “Dia típico” depois da entrada na universidade (OT3); um “Fim de semana típico” depois da entrada na universidade (OT4) (Tabela A.).

	“Dia típico”	“Fim de semana típico”
Antes do ingresso na Universidade	OT1	OT2
Depois do ingresso na Universidade	OT3	OT4

Tabela A - Orçamentos do tempo preparados

Como o objetivo principal foi dinamizar a investigação participativa, esta ferramenta foi efetuada em grupo. Os jovens foram convidados a preencherem os OT e a identificarem as fatias de tempo, dentro dos círculos. Simultaneamente, foi promovida a discussão sobre a temática tempo com uma autoconscientização da forma como ele é gasto/usado. Depois da explicação da atividade, todos foram convidados a representar as áreas e contribuir com a identificação de tarefas que realizam em cada área. Procurou-se, inicialmente, concentrar em áreas gerais, facilmente identificáveis no quotidiano dos jovens: a família, as tarefas e responsabilidades, o lazer e o desenvolvimento pessoal.

### 3.3.Círculo de Amigos – individual

O Círculos de Amigos (CA) é uma abordagem com origem na América do Norte, como estratégia de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) (Barrat et al., s/d). Esta ferramenta surge com a finalidade de normalizar as experiências de vida dos alunos com NEE, reconhecidos como alvo de vulnerabilidades e propensos ao risco de isolamento (Newton e Wilson, 2010). Todavia, no Reino Unido, esta técnica assume outro papel. O trabalho desenvolvido foi direcionado para problemas relacionados com o assédio moral, ou para os episódios de bullying. Neste cenário, o CA promoveu o desenvolvimento de uma rede de apoio, que conta com orientação para a formação de círculos fundamentais na vida dos alunos (Newton e Wilson, 2010; Barrat et al., s/d). Nas palavras de Newton e Wilson (2010 a base do CA é, “staff sharing responsibility for problem solving with pupils”.

Como se pode verificar, trata-se de uma técnica que reconhece o poder do grupo de pares. Como tal, o recurso desta técnica revela-se fundamental, dada a capacidade de fornecer uma representação visual ou de rede de juventude de apoio social (Favel et al., 2000). Permite analisar os círculos com intenção, identificar as pessoas chave, assim como

verificar, entre o grupo de participantes, as pessoas que têm em comum. Possibilita a interpretação das situações dos jovens, através da autorreflexão, a fim de alcançar a individualidade. Permite ainda entender áreas onde o apoio social é forte e onde ele precisa de ser fortalecido, como referem Stainback et al. (1999).

Para a execução do CA é necessário considerar quatro circunferências concêntricas (ver Figura B.) em que cada uma representa um nível diferente de importância social para cada jovem, sendo o mais importante no centro e o menos importante na periferia. O primeiro círculo – círculo da intimidade – inclui pessoas mais íntimas, sem os quais não se poderia viver; o segundo círculo – círculo da amizade – inclui pessoas próximas, amigos, mas não tão próximos como o círculo interno; o terceiro círculo – círculo da participação – inclui pessoas, organizações, redes com quem o indivíduo está envolvido, (colegas de trabalho, atividades desportivas); o quarto círculo – círculo de troca – inclui pessoas pagas para obter bens e serviços (médicos, dentistas, professores, etc). (Robson e Migliardi, 2004:5)

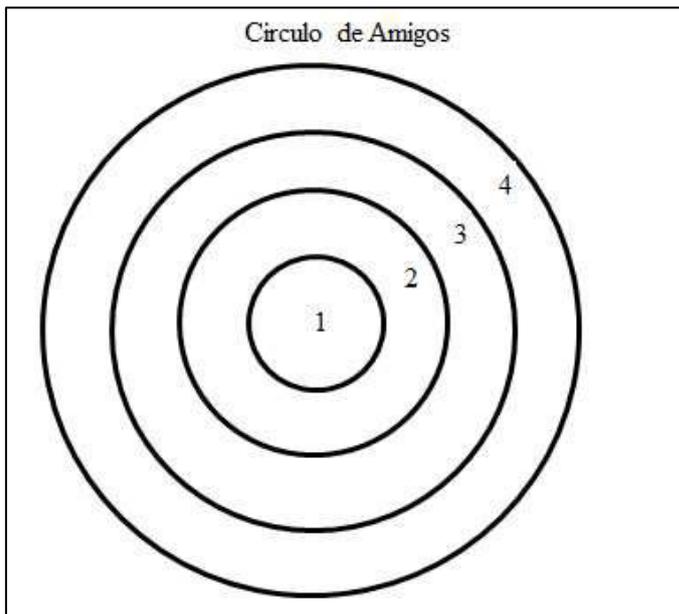


Figura B - Círculo de Amigos (exemplo)

A cada jovem foi apresentado o CA, preparado previamente, numa folha A4 com os quatro círculos concêntricos. Foi solicitado o preenchimento com o primeiro e último nome das pessoas que constam em cada um dos círculos. Foi considerado um requisito, importante na execução, a localização de três grupos distintos de amigos – crianças e jovens dentro da

instituição, os funcionários e os restantes amigos, externos à instituição. Foi utilizada a esferográfica de cor vermelha para assinalar o nome das crianças e jovens da instituição, a azul para os funcionários e os restantes amigos, externos à instituição, a cor preta. O foco dado às pessoas ligadas à instituição surge pela importância inegável das mesmas, na vida dos jovens e no seu desenvolvimento<sup>11</sup>.

A aplicação desta técnica foi individual, para proporcionar momentos de privacidade e reflexão e com o intento de proteger as suas escolhas da influência do restante grupo. Pretendeu-se, assim uma análise mais individualizada da rede de suporte social de cada jovem.

### **3.4.Linguagem Musical – individual**

A música sempre acompanhou o ser humano. Em particular, Jardim (2003:221) aponta a música como espelho do mundo dos jovens, em que

“o mundo da música é o planeta ideal onde os adolescentes e jovens se encontram, se refugiam, se perdem, se divertem, se conhecem e se amam.”

A sua importância deve-se, além da associação a determinados momentos da vida, ao facto de poder revelar estados de espírito, emoções e sentimentos.

A linguagem musical, como ferramenta na IP pretende trabalhar e aprofundar os diferentes sentimentos e pensamentos que marcaram a vida dos jovens, em determinado momento dos seus percursos. Pretende-se que na seleção de uma música ou mais possam associar e interpretar esses sentimentos e pensamentos significativos do seu percurso, através de numa breve leitura pessoal da sua vida. A sua escolha musical, assim como a composição da letra, permite um entendimento dos modos de ser, opiniões, valores e normas. Esta componente expressiva da música pode levar a momentos de conscientização que poderá suscitar intervenções e iniciativas futuras (Gomes, 2011).

---

<sup>11</sup> O desenho desta técnica surge posterior aos momentos do focus group, na medida em que nos é permitido uma melhor compreensão da realidade dos jovens. Deste modo, foi pertinente a divisão mais específica apresentada na atividade do CA para aprofundar a importância do grau das relações vinculares estabelecidas com as pessoas ligadas à instituição.

No caso prático da aplicação, o procedimento centrou-se na conversa em torno da música que melhor exprimia determinados momentos-chave na vida dos jovens: quando saíram de casa e foram para uma instituição pela primeira vez; o momento em que perceberam que tinham amigos na instituição e o momento em que souberam que entraram na universidade. Consideraram-se estes três momentos<sup>12</sup>, uma vez que terão sido dos mais marcantes na caminhada da vida destes jovens, ver exemplo (Tabela B).

<b>Que banda sonora é essa, quando:</b>		
Saíram de casa e foram para a instituição a primeira vez?	Perceberam que tinham amigos na instituição?	Perceberam que entraram na universidade?

Tabela B - Linguagem Musical (exemplo)

### **3.5.Role Playing – grupo**

O role playing é caracterizado como um jogo, a fim de conduzir situações da vida real para um processo interativo de definição e redefinição, tal como nos ilustra Montola (2007:178), trata-se de “imaginary game world”.

Na sua essência, é apresentado como um modelo facilitador do encontro inter-indivíduos, através do trabalho coletivo, distribuição de papéis e de responsabilidades partilhadas. A sua base, define Montola (2007), incide no discurso social com uma forte interação. O autor acrescenta que o role playing é um processo interativo que pode assumir a

<sup>12</sup> Tal como o sucedido no CA, o desenho desta técnica surge posterior aos momentos do focus group, na medida em que nos é permitido uma melhor compreensão da realidade dos jovens. Deste modo, foi pertinente explorar na atividade do LM estes momentos de transição nos seus percursos de vida.

compreensão subjetiva dos sujeitos implicados. Deste modo, o jogo possibilita a criação e comunicação dessas compreensões.

Este tipo de jogo pode assumir diversos cenários do quotidiano, do literário e até mesmo do imaginário (Lopes, 2008). O seu poder reside no estímulo à discussão e resolução de problemas. Tal deve-se à execução de um papel imaginário, num contexto seguido de conversas de improviso. Este refúgio do real possibilita maior liberdade de comunicação, exagero da expressividade e oferece momentos de diversão.

“The attraction is in the pleasure of doing real things for real.” (Montola, 2007:184)

Deste modo, a dramatização possibilita a compreensão do comportamento e interações sociais, assim como a conscientização dos pensamentos e sentimentos pessoais e alheios.

No caso deste projeto, o cenário proposto para dramatização foi uma entrevista de emprego entre os próprios. O envolvimento dos jovens da ABCD foi formulado com o sentido de conscientizá-los para os pontos de tensão, assim como para poder antecipar futuras realidades. Conforme pedido, foi necessário que os jovens assumissem o papel de entrevistador e de entrevistado. Após ter sido apresentada a técnica, os jovens não tiveram vontade de executar o exercício de role playing, tendo-se ficado por uma identificação conjunta das perguntas relevantes para uma entrevista de emprego.

### **3.6. Brainstorming – grupo**

O brainstorming é uma ferramenta conhecida para solução criativa de problemas. A sua popularidade data de 1939, por Osborn. O seu propósito tem por base o processo de geração de ideias, em que se potencia tantas ideias quanto possível (Isaksan e Gaulin, 2005).

A expressão brainstorming, na sua tradução integral significa tempestade cerebral, mas os seus significados surgem associados às expressões de “tempestades de ideias” e “chuvas de ideias”. Independente dos vários nomes similares, na essência fala-se de uma técnica pertinente no que toca à exploração e produção de ideias, pensamentos e até mesmo novos

conceitos. Está associada ao pensamento criativo e pensamento divergente para um processo de geração de ideias. De facto, está-se perante a valorização da componente criativa e espontânea (Coutinho e Junior, 2007), salvo, no entanto, do processo analítico numa primeira instância, na medida em que se encontra liberto da componente crítica e opinativa. Adverte-nos, assim, Trilha (2004:184) para o facto de que “A opinião pode interferir na criatividade.”

Claro que posteriormente à “chuva de ideias” será necessário uma fase seguinte. Aqui, sim, remete-se para um processo de análise, exploração e reflexão, em volta das ideias identificadas, à descoberta de soluções inovadoras (Coutinho e Junior, 2007) - processo de convergência.

O brainstorming estruturado permite a produção de inúmeros resultados inesperados pela sua criatividade e inovação. É neste sentido, que Osborn (in Isaksan e Gaulin, 2004:4) apresentou quatro linhas orientadoras:

- Não é permitida a crítica;
- O objetivo de debate é a geração de muitas, variadas e incomuns ideias;
- Aceita-se e saúda-se a ligeireza e a extravagância no que se pensa;
- Incentiva-se o surgimento de muitas ideias, não se privilegiando a qualidade;
- Procura-se combinações e aperfeiçoamentos entre ideias, através da transformação de ideias, ou mesmo da junção de várias ideias numa melhor.

Foi considerado este formato criativo para mais uma proposta de trabalho junto dos jovens da ABCD. Pretendeu-se, face às necessidades sentidas por cada jovem, várias propostas de mudanças e ação.

Assim, o mote para a realização do brainstorming foi a questão: “Se tu pudesses mudar a realidade das instituições de acolhimento, o que farias?”

Esta questão foi apresentada numa folha A5 e sugerido o recrutamento de um elemento do grupo para registar os pensamentos. Os jovens sugeriram outros tópicos chave a serem levados em consideração no painel, resultando, assim, o tema chave do brainstorming, a identificação de aspetos positivos e negativos em relação à ABCD.

### **Capítulo III – O Percorso da Investigação**

## **1. A entrada no terreno**

A Prof. Doutora Rosa Madeira, Coordenadora do Mestrado de Educação Social e Intervenção Comunitária (ESIC) facilitou-nos o contacto com a ABCD<sup>13</sup>, Instituição de Acolhimento de Jovens e Crianças, através da sua Diretora, Dra. Maria Silva.

Da primeira conversa informal surgiu a ideia de trabalhar com os quatro jovens que se encontram a frequentar o ensino superior. Esta sugestão da Diretora foi ponderada e aceite. . Ao amadurecermos a ideia, constatámos que, em 2009, somente 7% dos jovens provenientes de lares (72 jovens, PII, 2009) se encontrava no ensino superior, e que em 2012, eram apenas 94 (CASA, 2012).

Face ao exposto, o objetivo orientador do projeto de investigação centrou-se em torno construção de contributos para a promoção da reconstrução do lugar social das crianças e jovens institucionalizados. Para tal tornava-se necessário compreender o percurso de vida destes jovens, procurando identificar os fatores facilitadores do sucesso e inclusão social e, em última instância, tentar construir mecanismos geradores de inclusão e de participação social.

Um segundo encontro com a Diretora foi realizado com o propósito de combinar o início das sessões com os jovens.

## **2. Os encontros com os participantes**

Os encontros com os jovens partiram dos primeiros contactos com a Diretora do Lar de Infância e Juventude (LIJ) e do pedido para colaborarem neste projeto de investigação. A marcação dos encontros resultou do contacto telefónico com a Técnica Helena<sup>14</sup> que agilizou a data da primeira sessão com os jovens. Os encontros seguintes foram acordados no final do primeiro e, por contacto telefónico, com um dos jovens, a Ana. Contudo, para as sessões individuais e para o último encontro, a Helena voltou a agilizar o agendamento com os jovens, em virtude das dificuldades em compatibilizar horários. Os encontros

---

<sup>13</sup> Nome fictício de modo a preservar a confidencialidade. Pelo mesmo motivo, não se identifica a instituição.

<sup>14</sup> Nome fictício de modo a preservar a confidencialidade. Pelo mesmo motivo, não se identifica a técnica.

tiveram início em março de 2013 acabaram por estender-se até ao final de setembro de 2013.

A investigação comportou um total de nove encontros, dos quais, cinco foram em grupo e quatro individuais. No Capítulo II é possível verificar as atividades propostas. Aqui são apresentadas as sínteses do decorrer das mesmas, conforme a sua ordem de concretização.

Como é apresentado no Anexo II, tabela das sessões presenciais com os participantes, vemos que o primeiro encontro foi dedicado à conversa informal, em conjunto com a dinâmica de grupo na apresentação. No segundo e terceiro encontros explorou-se o Focus Group. No quarto encontro realizou-se o Orçamento de Tempo. As seguintes quatro sessões individuais foram dedicadas à realização dos instrumentos expressivos, Círculo de Amigos e Linguagem Musical. Na última sessão, houve um espaço dedicado à criatividade, inspirado pelo Role Playing e Brainstorming.

### **2.1.Primeiro encontro**

O primeiro encontro, a 25 de março de 2013, realizou-se no Apartamento de Autonomia, assim como os encontros seguintes, local sugerido pelos participantes, por se sentirem à vontade e mais confortáveis, estando na sua casa. Neste primeiro contacto, tivemos a presença da Técnica Helena, responsável pelo acompanhamento dos jovens que frequentam o ensino superior.

Salvaguardando a participação dos jovens na investigação, foi apresentado o documento de consentimento informado. Foram esclarecidos os seus aspetos de confidencialidade e privacidade, assim como os objetivos do projeto e as características gerais da investigação.

Esclarecidos e conscientes do propósito deste projeto, os jovens assinaram a Declaração de Consentimento Informado [Anexo I]. Depois, o encontro foi reservado para um momento mais informal, no sentido de criar um ambiente descontraído para apresentações, visando a empatia entre participantes e investigador, no intuito de mobilizar alguma proximidade, muito importante para os futuros encontros.

A dinâmica de grupo, apresentada com o intento de quebra-gelo, serviu como ferramenta para agilizar temas de conversa. Este encontro foi marcado por algumas reservas pessoais, por parte dos jovens, dado tratar-se de uma situação de certa forma ainda artificial. Decorreu uma apresentação genérica de cada jovem e dos motivos da sua escolha individual quanto ao curso superior; uma breve caracterização do Lar, dos funcionários e das relações de proximidade estabelecidas, em especial com três desses funcionários que os acompanhavam diariamente. Também tivemos momentos de partilha das suas esperanças e sonhos concretamente: ser treinador (João), abrir uma instituição de acolhimento de crianças e jovens (Ana), deixar a minha marca e ser feliz (Carlos), trabalhar na área de design (Pedro) [Anexo III.1; Anexo IV.1; Anexo V].

Neste primeiro encontro a presença da Técnica foi importante pois permitiu estabelecer uma primeira ponte entre os participantes e o investigado com intervenções pertinentes, permitindo verificar o ponto de vista dos funcionários, importantes colaboradores nesta jornada dos jovens.

No final, foi acordado em conjunto o tema para o próximo encontro, as suas experiências afetivas. Ficou agendada, para dois dias depois, uma reflexão acerca das relações que estabeleceram e que consideram um pilar importante que nos faz ser as pessoas que somos hoje [João: AnexoIV.1].

## **2.2. Segundo encontro**

O segundo encontro, a 27 de março de 2013, teve por base um Focus Group dedicado à reflexão e exploração do tema “As relações”, facilitando a expressão de necessidades, dúvidas e de emoções. Numa fase inicial do encontro, temos a presença da Diretora, Maria Silva. Após resolver alguns assuntos com os jovens, decidi partilhar alguns momentos dos seus primeiros contactos com cada um deles, bem como experiências na instituição, enquanto crianças, nos primeiros tempos da sua vida no Lar.

Destacamos assim esses momentos de entrada no Lar [Anexo IV]:

[Carlos] – “Pra me vir buscar, foram precisos dois polícias assim [gesticulava o porte dos polícias, como Carlos descrevera na altura] e eu franzino, pequenino.”

[João] – “Encostado a uma janela da casa de infância. (...) Estava envergonhado.”

[Ana] – “Aquele vinha com umas calças de ganga verdes e com uma camisola vermelha e branca, assim em lã muito grossa. A mãe dela chorava e ela ria-se”.

[Pedro] – “A este, eu fui vê-lo à escola. (...) Este parecia o dragon ball.”

Após a retirada da Diretora do encontro, passamos para o Focus Group contudo dando seguimento às conversas. Foram abordados alguns aspetos relacionados com os laços familiares e as mudanças neles ocorridas com a ida para o Lar. Inicialmente, as visitas eram realizadas com a deslocação dos familiares ao Lar, mas hoje já são todos os jovens que se deslocam às casas dos familiares. Sempre mantiveram o contacto com eles, apesar de, no início, não ter sido de imediato. Todos são bastante ligados à família biológica, com a exceção à Ana. Esta afirma que, com o tempo, essa relação desvaneceu-se.

Outro tema abordado reporta-se à forma como os jovens vêm o Lar nas suas vidas. Neste âmbito, o grupo reconheceu a criação de novas oportunidades e possibilidades de fazer amigos, a proximidade entre irmãos, criação de hábitos de estudo e assiduidade à escola. Destacaram, ainda, que os laços afetivos fortes, decorrentes das relações de proximidade, no Lar, o contínuo acompanhamento, assim como as oportunidades proporcionadas por este ambiente familiar, todos estes aspetos os ajudaram a superar a sua separação dos progenitores. Vêm o Lar como sua família, como fonte de amor e carinho e constante companheirismo. Relatam os jovens que sentem o mundo aos seus pés e querem traçar objetivos. Como constata o João: Deram-me asas para eu voar [Anexo IV.1].

O primeiro momento, com a Diretora, permitiu-nos compreender um pouco melhor a situação em que os jovens se encontravam e por que passaram, no processo de acolhimento. Não obstante isso, este segundo momento foi marcado pela frase inspiradora do João, o auge desta partilha. Representando uma opinião sentida por todos os jovens, a frase simboliza o sentimento de pertença, carinho, gratidão, ou seja, o reconhecimento do trabalho desenvolvido junto de si.

### 2.3. Terceiro encontro

No terceiro encontro, a 13 de março de 2013, realizou-se a segunda sessão de Focus Group. Agendado para duas semanas após o primeiro, o tema apresentado para discussão resulta da sessão anterior, partindo da frase Deram-me asas para eu voar, proferida pelo João.

Neste encontro com os participantes, sentimos um clima de maior abertura e à vontade, tendo sido abordados temas relacionados com o funcionamento e estrutura do Lar, que foram dando origem à expressão de opiniões diversificadas sobre situações geradoras de indignação e de injustiça, quer relativamente aos próprios, quer às crianças e jovens que permanecem no Lar. A transição para o Apartamento de Autonomia e a passagem para a universidade também foi referida, Ana e Carlos, apontaram que essas mudanças tão significativas ocorreram em simultâneo, o que desencadeou alguns desajustes nas suas vidas.

Uma primeira parte do encontro decorreu somente com a presença de três jovens participantes, o João, a Ana e o Carlos. Foi explorado o assunto das oportunidades geradas, do trabalho desenvolvido no Lar, em torno das suas vidas, do ambiente com as pessoas que lá trabalhavam. Destacaram-se algumas histórias, ligadas aos seus percursos escolares, que marcaram positivamente as suas vidas, as suas personalidades e formas de ser, estar e agir. Por outro lado, os jovens mencionaram situações menos agradáveis, destacando os castigos injustos, algum desrespeito pela individualidade e privacidade das suas vidas, por parte de algumas pessoas. Refletiram também sobre a transição do Lar para o Apartamento de Autonomia. A conversa sobre estes temas foi aprofundada, num segundo momento, após a saída do João, ficando presentes somente a Ana e o Carlos, que falaram abertamente das suas vidas e do percurso percorrido enquanto viveram no Lar. A intervenção do investigador tornou-se mínima, a partir de determinada altura, dada a fluidez da conversa.

Sendo uma das sessões que durou mais tempo do que o estipulado, cerca de trinta minutos a mais, terminou sem formalidade, quando as conversas fluíram naturalmente e terminaram.

## 2.4.Quarto encontro

Houve alguma dificuldade em agendar este encontro, a 4 de setembro de 2013. Existe um grande intervalo de tempo entre a terceira e a quarta sessões, que corresponde aos meses em que os jovens se dedicaram inteiramente às suas responsabilidades nos estudos para os exames. Já em julho, no final das aulas, cada um teve os seus trabalhos de Verão e ainda os dias de férias para usufruir. Só foi possível retomar os trabalhos para esta investigação a 4 de setembro.

Este encontro foi marcado por numa nova dinâmica, os instrumentos expressivos. No início, foi necessário recordar o âmbito deste projeto, bem como os objetivos da participação de cada um na investigação.

A primeira atividade desenvolvida com os participantes chama-se Orçamento de Tempo. Como assinalámos no capítulo da metodologia, esta atividade tinha o intuito de indagar e explorar, em sentido mais específico, a rotina diária dos jovens, para deduzir acerca da sua organização, das suas prioridades e do seu investimento horário. Com recurso a este instrumento expressivo, estabeleceram-se quatro categorias: “dias típicos” e “fins de semana típicos”, antes da entrada na universidade; “dias típicos” e “fins de semana típicos”, após a entrada na universidade. A proposta desta atividade foi recebida com pouco entusiasmo pelos jovens, que a consideraram dispensável, tendo em conta a semelhança das suas vidas, em comparação com a vida de qualquer outro jovem, de modo que nos desafiaram a começarmos nós (investigadora) a sua concretização. Começamos por aplicar este instrumento dando exemplos concretos de vida e de diferenças percebidas em concreto (da investigadora) por exemplo a quando o ingresso no ensino superior, familiarizando assim a atividade.

Apesar da resistência inicial, após a exposição realizada e equiparável do investigador aos jovens da atividade, começaram a expor os pontos comuns a todos. No decorrer do encontro, com o preenchimento escrito das folhas do Orçamento de Tempo, os discursos foram fluindo.

Nos quatro momentos referidos em análise, cada OT foi dividido em: -responsabilidades, mais ligadas às tarefas do Lar, do Apartamento de Autonomia e, posteriormente, da

universidade; -estudos, com oscilações quanto ao tempo dedicado, conforme a motivação e a ambição de cada um; -socialização, bastante presente nas suas vidas, desde o convívio com amigos, as visitas a Casa, como identificam referindo-se ao Lar, e à família biológica, sempre presente nas suas anotações; -lazer, com menor representatividade, mas repleto de um leque diversificado de atividades em que se envolviam e ainda envolvem.

### **2.5. Quinto a oitavo encontros**

Estes são os encontros individuais com cada um dos participantes, realizados nos dias, 9 de setembro de 2013 com Carlos e Pedro, e 16 de setembro de 2013 com João e Ana.

Cada encontro individual foi dedicado a dois instrumentos expressivos. Em primeiro lugar, trabalhou-se o Círculo de Amigos, em que foram preenchendo cada um dos espaços, começando pelo interior, ou seja, o mais íntimo. Cada jovem ponderou a necessidade de expor as pessoas que fazem parte da sua vida, a dificuldade em lembrar-se de todas elas e também o facto de classificar o grau de relação estabelecido. Para Carlos e João foi fácil e direto, já para Pedro, Ana esta tarefa implicou muito mais tempo de reflexão.

A segunda atividade apresentada foi a Linguagem Musical. Esta atividade, à semelhança do que aconteceu com o Orçamento do Tempo, suscitou pouco entusiasmo e até mesmo alguma resistência entre os jovens alegando a pouca ligação musical associada às suas vidas. Dois jovens, João e Carlos, recusaram mesmo realizar a atividade, ficando esta confinada somente a algumas comparações musicais expressas nos seus discursos associados aos seus percursos de vida. Por seu turno, Ana e Pedro, envolveram-se na atividade, permitindo a reconstrução de momentos das suas vidas não mencionados até então e a compreensão das suas emoções e sentimentos vividos em fases de transição. Essencialmente, facilitou a perceção sobre o impacto que representou para si a instituição de acolhimento e as oportunidades adjacentes.

## 2.6. Nono encontro

Este foi o último encontro, a 29 de Setembro de 2013. Tratando-se do início de um novo ano letivo, não foi fácil o encontro de disponibilidades entre todos. O João conseguiu com algum esforço reunir o grupo, tornando possível este nono encontro.

A primeira atividade prevista era o Role Playing, que não se concretizou na íntegra, associadas a várias indagações de recusa por parte dos jovens acerca do cenário proposto. Contudo, resultou numa discussão prolongada sobre a situação que se pretendia representar com “a entrevista do primeiro emprego”. Os jovens consideravam não ser o momento apropriado para encenar tal situação, uma vez que eram estudantes e ainda não se preocupavam com o primeiro emprego. No entanto, o João, que já estava nessa fase de procura de emprego, foi apontando as dificuldades dessa situação.

A atividade acabou por resultar, seguindo uma linha completamente diferente daquela que estava planeada. Resultou na discussão de preparação dos jovens para uma entrevista de emprego, apresentaram algumas questões a serem colocadas pela entidade empregadora, as respostas mais adequadas do entrevistado, discutiram ainda posturas e atitudes em caso de entrevista, assim como surgiu a questão de apoio e preparação por parte da instituição aos jovens nesta nova fase de vida.

O segundo momento do encontro foi dedicado à atividade Brainstorming com a pergunta “Se pudesses mudar a realidade das instituições de acolhimento, o que farias?”. Surgiram algumas posições distintas, face à questão. Numa primeira abordagem, os jovens entenderam que a pergunta era demasiado genérica, fazendo sentido se se reportasse à sua realidade, ao conhecimento daquilo que a sua experiência lhes permitia considerar. No seguimento desta posição, passou-se a considerar, concretamente, a sua instituição. A partir daí, manifestaram-se algumas discordâncias. Enquanto João consideravam a necessidade de trabalhar para a reformulação de algumas linhas de atuação, Pedro e Ana afirmavam que estava tudo bem, não denotando qualquer sugestão ou proposta relacionada com o funcionamento e estrutura do acolhimento. Por fim, a atividade foi estruturada, de comum acordo na enunciação de aspetos positivos e negativos, considerando a realidade da ABCD, a instituição em que os jovens se encontravam.

No final do encontro, agradecemos a participação do João, Ana, Carlos e Pedro e a sua disponibilidade para partilhar os seus percursos e para construir connosco este projeto.

Julga-se relevante concluir quanto à dificuldade das sessões de aplicação das técnicas expressivas. Não obstante, considera-se que esta dificuldade não terá sido tão associada às técnicas em si, e à sua maior ou menor razoabilidade ou interesse de aplicação. De facto parece ter havido, genuinamente, imensas dificuldades logísticas na marcação dos encontros, que não abonaram numa motivação para as interações quer entre os jovens, quer entre jovens e investigador. Deste modo não sendo possível dar continuidade ao projeto. Apesar das dificuldades, conclui-se este trabalho com partilhas enriquecedoras de experiencias únicas de vida.

## **Capítulos IV – Deram-me as asas para voar**

## **Introdução**

Neste capítulo pretende-se indagar e refletir acerca do percurso de vida, individual e coletivo destes jovens, provenientes de contextos de risco; refletir acerca dos pontos fracos e fortes da resposta social em que se enquadra o acolhimento institucional: Lar de Infância e Juventude e Apartamento de Autonomia e ainda explorar os fatores diferenciadores de sucesso do percurso educativo.

A construção deste capítulo tem por base as sessões realizadas com os jovens como se pode verificar nos anexos III a IX.

### **1. A importância da ABCD na vida dos participantes**

Após revisão e análise da literatura, concluiu-se que existe uma forte conotação depreciativa face à institucionalização. Esta perspetiva de quem “olha de fora” foi contrariada pelos jovens participantes neste projeto, que mantiveram ao longo dos encontros uma apreciação favorável, partilhada por todos. Foi evidenciado o papel fundamental na “construção do ser”, o contributo positivo e a influência no seu percurso escolar. De facto, tal como veremos mais à frente, os jovens consideram o Lar como essencial na construção dos sujeitos que se tornaram hoje e na trajetória de vida que ainda os espera. Definitivamente, estamos perante um grupo de jovens que não partilha o mesmo conceito de “imagens de gaiolas” com um profundo vazio de uma casa de verdade, descrita por Alberto (2003). Consideram-no antes uma oportunidade, pois permitiram-lhe ter as asas para voar [João, Anexo IV. 2]. Neste sentido, iremos abordar, em seguida, os pontos chave em destaque na construção desta apreciação.

### 1.1. Dimensão relacional – afetiva, vinculativa nas trajetórias de vida

Neste domínio, destacamos uma forte ligação afetiva com os diferentes atores do seu contexto de acolhimento. Os jovens reconheceram as relações humanas como um pilar importante, é a base de todos nós [João, Anexo IV. 3]. Justificaram, assim, a influência na sua trajetória de vida através do afeto, companheirismo, proteção e segurança que lhes foi sendo transmitido. Efetivamente, Ferreira (2011) alerta para a importância da vinculação e apego tanto na relação da criança (jovem) com a família biológica ou a família de acolhimento (Lar). O autor atenta para a necessidade de estabelecer um compromisso estável nas relações, assim como proporcionar um sentimento de confiança e securização na relação para o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo.

A perspectiva de família de acolhimento, aqui, ganha intensidade. Embora estejamos perante uma instituição de acolhimento (Lar e AA), como resposta social, na sua estrutura encontramos semelhanças à função da família (Ferreira, 2011:54)<sup>15</sup>.

Das várias funções associadas à família, a tónica dada pelos participantes à função expressiva ou emocional, neste projeto de investigação, ganha relevo na medida em que a criação de laços assim como a reconstrução de vínculos afetivos resulta num contexto de promoção do bem-estar e desenvolvimento dos jovens e crianças.

Assim, transparece que (...) pela afetividade que comecei a ganhar às pessoas que trabalham connosco no lar, também ao amor que elas nos davam, comecei a sentir-me bem, a sentir-me feliz e uma pessoa sendo feliz tem o mundo aos seus pés (...) eu sentindo esse apoio, comecei a interessar-me mais pelo estudo, comecei a traçar os objetivos de vida, comecei a querer sonhar (...) [João, Anexo IV.2].

Pronunciou-se, em particular o João, comparando as relações estreitas estabelecidas no Lar e no AA com o número de toques dados na bola durante um treino de futebol. O jogador dá mais toques na bola se treinar em pares, só dois, do que numa equipa com onze jogadores. De forma paralela, o grau de intimidade e de proximidade entre as pessoas é maior quanto

---

<sup>15</sup> Económica, social e emocional; biológica; aquisição de direitos e deveres; garantia de necessidades básicas; educativa e de socialização; proteção psicológica, física, sexual e social.

menor o grupo envolvido no processo vincutivo. Como nos dizia João, facilita mais as relações [Anexo IV.2].

Neste sentido, a estrutura do Lar facilita o estabelecimento de relações afetivas. São comportados pelo Lar somente oito crianças e jovens, um número reduzido, o que permitiu desenvolver um plano de integração com vista ao desenvolvimento de um vínculo afetivo e uma relação íntima, próxima. Pelos jovens é considerada a ideia de que o Lar acaba por ser a minha família [Pedro, Anexo IV.2], e temos sempre alguém que nos apoia [Ana, Anexo IV.2].

Numa primeira instância, a entrada no Lar proporcionou-lhes esse ambiente familiar. É uma opinião partilhada por todos. Como nos disse Pedro, o facto de estarem todos juntos e cada dia ser sempre uma experiência prática, uma oportunidade de aprender, possibilitou-lhes serem mais fortes, acrescentando ainda a ideia de que o ser humano nasceu e aprendeu *para socializar e para conviver com os outros*” [Anexo IV.2]. Por sua vez, a função de socialização também se insere neste quadro familiar partilhado pelos jovens.

No que toca ainda às relações, considerou-se quatro grupos de influência nas vidas dos jovens: um grupo de pessoas, técnicos e auxiliares, que os acompanhou no Lar; outro grupo constituído pelas crianças e jovens do Lar; a família biológica com quem se relacionam e ainda os grupos de pares (escola/universidade).

Com recurso à ferramenta do Círculo de Amigos [Anexo VII], no conjunto dos quatro jovens, pudemos constatar que as pessoas ligadas à instituição são as referenciadas com maior frequência por todos. Em semelhança, no círculo da intimidade, contemplamos oito pessoas ligadas à instituição (funcionários e amigos do Lar), contrapondo com as quatro pessoas destacadas que não pertencem ao Lar, são família e grupo de pares.

### **1.1.1. Funcionários da instituição**

A relação com os funcionários constitui-se como uma dimensão de base nas suas vidas. Falaram com carinho e ternura da proximidade, em particular, com a Raquel, a Melina e o Gonçalo. Falaram da plena integração deles nas suas vidas, referindo a sua presença diária

como fundamental e especificando que: eram os que faziam o maior número de horas possíveis e eram os que conheciam a fundo, mesmo, porque foram eles que nos acompanharam durante a nossa vida, durante o nosso crescimento cá [João, Anexo IV.3]. Assim, ficou expresso pelos jovens o suporte afetivo dado pelos funcionários, através do acompanhamento, compreensão e orientação e desempenho de figuras de referência - estando sempre presentes. Como se verificou na atividade Círculo de Amigos, os três funcionários mencionados acima, integram o círculo da intimidade, nos quatro jovens [Anexo VII; Tabela 7]. Consideravam-nos como pilares da casa, sendo esta união vista como uma família, havia mesmo aquele grau de proximidade [João, Anexo IV.3]. Pedro acredita ainda que é importante: o meio envolvente em que estamos inseridos, o que nos acompanha o nosso crescimento gradual, tudo isso, no meu ideal, é um excelente fator para uma boa condição e para uma aprendizagem de nós todos e para um bom comportamento. [Anexo IV.2], ou seja, a importância do contexto é um fator diferenciador no processo de desenvolvimento pessoal, social e organizacional (Ferreira, 2011).

Neste contexto, os jovens contavam ainda com uma outra experiência, pois, pontualmente, eram inseridos no círculo familiar dos funcionários, o que lhes permitia o contacto ainda mais íntimo com esses “outros significativos”, há pessoas que gostam de nós e que fazem o máximo para nos ajudar [Anexo IV.3].

Ao longo dos anos de convívio com os funcionários, os participantes viveram alguns momentos que os marcaram e influenciaram a sua vida. A Ana partilhou um hábito que tem com a Melina, mesmo no presente. Um hábito que tenho com a Melina é ir sempre tomar um café e comer uma nata sempre que estamos juntas [Anexo IV.3]. Por seu turno, o João mencionou um ditado popular que marcou e guiou a sua vida, frequentemente proferido pelo Gonçalo o que semeias hás de colher [Anexo IV.3]. Para Carlos marcou-o a expressão *carpe diem*, também do Gonçalo, porque o Gonçalo é que meteu o *carpe diem* um bocado em mim. E eu vivia o dia como se fosse o último, e sentia-me com muita tranquilidade e sem muitas preocupações [Anexo IV.3]. Afirmou ter gostado desses tempos: Eu adorei a minha juventude [Anexo IV.3], parecendo considerar-se, apesar dos seus 22 anos, integrado numa fase de vida posterior à juventude, dado sentir-se pressionado com as questões que a equipa do lar lhe coloca acerca da vida.

Apesar de, atualmente, o João, a Ana e o Carlos se encontrarem no Apartamento de Autonomização e na universidade, ainda hoje mantêm contacto com esses funcionários. O vínculo afetivo permanece, muito para além da distância física, pois os jovens já não vivem no Lar e um dos funcionários já não trabalha lá. Pode perceber-se o grau de proximidade que os jovens estabeleceram com estes funcionários na seguinte frase: a Melina é uma pessoa que neste momento não está presente mas é como se estivesse [João, Anexo IV.3].

A relação estabelecida com os funcionários mais novos não é a mesma, em relação aos antigos funcionários, não é tão profunda. Os jovens asseguraram que não os conhecem tão bem e que não criaram laços tão fortes com eles, porque não os acompanharam desde a infância.

### **1.1.2. Diretora**

Uma outra figura importante do seu núcleo relacional e de grande influência, assinalada pelos jovens, é a Diretora Maria Silva. Eles referenciam-na várias vezes ao longo dos encontros, embora no conjunto dos jovens seja mencionado no Círculo de Amigos somente duas vezes, todavia fazendo-se representar no círculo da intimidade. A sua presença é associada pelos jovens essencialmente numa configuração de uma pessoa de poder, com uma relação estabelecida nas formas de exercício de autoridade familiar e de ordem moral e doméstica<sup>16</sup>, como veremos mais à frente.

Nas palavras de Ana fica patenteada a relação afetiva forte estabelecida, gosto muito dela [diretora] e é uma das pessoas importantes na minha vida [Anexo IV.3].

Num dos episódios relatados pela Ana, ela revelou o afeto existente nesta relação. Estando em causa a possibilidade de voltar para a guarda da mãe, a pedido da própria Ana, esta não deixou de reconhecer a forte ligação com a Diretora. Ana esclareceu que não se tratava de não gostar de estar no Lar: gostava muito de estar cá mas queria estar com a minha mãe e a instituição, ao mesmo tempo [Anexo III.8].

---

<sup>16</sup> Abordado no Capítulo I, do tema 3, por Teixeira (2008), acerca das cinco dimensões da rede de relações de interdependência dos jovens.

Esta relação de reciprocidade de afeto também é vivida pela Diretora, traduzindo-se na forma carinhosa como se referia aos jovens nas conversas informais que tivemos no início do projeto.

Como pudemos ver, a Diretora, assume um papel importante na vida dos jovens e a relação e vínculo afetivo é vivida nos dois sentidos: eu [Carlos] sei que ela depositou muitas esperanças em mim lá em casa por ter chegado lá com muita sobrevivência [Anexo IV.3].

### **1.1.3. Amigos na instituição**

Quanto às relações de amizade e de sociabilidade, o Lar constituiu um contexto importante para estes jovens.

Para Carlos, a entrada na instituição permitiu a ampliação do contacto interpessoal, que até então não lhe havia sido proporcionado, afirmando foi uma coisa nova para mim, foi ter *amigos (...) passava os dias sozinho* [Anexo IV.2] e acrescenta Carlos que aliás, até cheguei aqui, *tive melhorias (...) brincava, ainda brinquei* mais porque tinha aqui amigos [Anexo IV.2].

Argumentam os dois irmãos (Carlos e Pedro) que a entrada no Lar facultou o convívio com outras crianças e jovens que até então ainda não tinham experienciado. Considera Pedro que este foi um momento de um avanço da solidão para amigos [Anexo III.6; VIII Tabela 8]. Realça ainda a inexistência destes relacionamentos antes de ir para o Lar, quando conheceu o verdadeiro significado de ter amigos [Anexo III.6]. A sua entrada proporcionou a interação com pessoas novas, a sua integração num grupo mais alargado e potencializou a vivência da sua infância.

Estamos perante laços de amizade que foram sendo (des)envolvidos e (re)construídos, quer entre irmãos, como também novas amizades proporcionadas pelo convívio e interação, como pudemos identificar na seleção das músicas da Ana e do Pedro. Estas ideias surgem expressas na análise interpretativa dos instrumentos expressivos – Linguagem Musical [Anexo VIII, Tabela 8]. Nesse exercício, encontramos algumas metáforas acerca das formas de ser e estar entre eles. Num primeiro momento, pudemos destacar uma forte

ligação estabelecida entre o grupo, na escolha musical, No meu coração – Tarzan da Ana: No seu olhar eu posso ver | A força pra lutar e pra vencer | O amor nos une para sempre. Como pudemos rever noutro excerto da música Sou teu amigo sim – Disney da Ana: *Sou teu amigo sim, quando a vida corre mal (...) tu tens um amigo aqui*. Esta expressão sugere o encontro com o “outro”, o sentimento de segurança e confiança que podemos esperar das pessoas que nos rodeiam. Apesar de o Carlos não ter feito uma escolha musical, referiu a dificuldade desta por representar um momento de transformação para uma realidade distinta, um avanço da solidão para amigos [Anexo III.6; VIII Tabela 8], como já adiantámos anteriormente. Assim sendo, num último momento do exercício, destacou a existência do envolvimento do “outro”.

Depois de verificarmos o instrumento expressivo, Círculo de Amigos, contamos dezassete referências aos amigos da instituição, só no círculo íntimo, assim como algumas referências no Focus Group 2: E tento trazer sempre a Filipa comigo, levo-a a passear | A Sara que tem 17 anos, ela vem ter comigo às vezes, sai comigo | E eu e a Alexandra, que era minha companheira de quarto, que está de fora agora, que vem cá de vez em quando [Ana, Anexo IV.3].

De uma maneira geral, consideramos que as relações de amizade dos jovens, no Lar, traduzem-se em relações fortes e coesas, permanecendo vivas no tempo, mesmo depois da sua saída: São visíveis os laços fortes que estabeleceram.

#### **1.1.4.Família biológica**

Uma outra dimensão das relações afetivas é a relação com os familiares. Neste campo, as opiniões divergiram. Para João e Pedro, esta relação era pautada pela proximidade e confiança; para Ana e Carlos a relação estabelecida não era a melhor. Em seguida, apresentamos um resumo das relações estabelecidas entre os jovens e as suas famílias.

A entrada no Lar permitiu (re)orientar e recuperar algumas das relações que tinham, como diz Pedro, construir um tipo de relações com os familiares que não tinham dantes [Anexo IV.2]. Este processo desenvolveu-se gradualmente, ao longo do tempo, teve que haver um

processo [Pedro, Anexo IV.2]. De início, os familiares vinham visitar os jovens ao Lar, depois os jovens já começaram a ir a casa visitá-los. Este trabalho desenvolvido com os jovens e as famílias permitiu, como nos constata Pedro, que ao longo do tempo, começamos a criar uma relação maior com os familiares [Anexo IV.2].

No caso do Pedro, criado pela mãe, junto com os seus outros dois irmãos (José e Filomena), existe relação forte com esta. O laço familiar é perceptível pelo destaque dado, no preenchimento do Círculo de Amigos, na sessão individual, à sua mãe, quando ele constatou estar incompleto pelo facto de ainda não ter incluído a mãe neste círculo. Apesar de passar pouco tempo com sua mãe, mas incluí-a nos seus melhores amigos, assim como os técnicos e o pessoal de casa [Anexo VII; Anexo III.6]

Já o seu irmão Carlos tem uma relação muito próxima e forte com a avó que o criou e considera-a a pessoa mais importante da minha vida [Anexo IV.3]. Durante a entrada para o Lar, devido a esta forte relação entre os dois, a separação constituiu e representou um momento muito difícil: a minha maior dificuldade de vir para aqui foi separar-me da minha avó [Anexo IV.2]. A vontade de a querer visitar imperou muitas vezes, declarando a periodicidade quinzenal insuficiente. Por outro lado, a angústia de cada despedida era demasiado forte, dado o impacto emocional que cada partida do neto tinha na avó. Carlos declarou que não a visitava com maior frequência porque na despedida a minha avó começava a chorar e abraçava-se a mim [Anexo IV.2]. Ao longo do tempo sentiu necessidade de se afastar um pouco devido à dor causada pela separação.

Para estes dois jovens, o Pedro e o Carlos, por outro lado, a entrada no lar permitiu algo de fundamental nas suas vidas, a possibilidade de aproximação entre os irmãos (posteriormente à sua entrada, mais dois irmãos foram acolhidos no Lar, Filomena e José). Tiveram a possibilidade de partilharem a mesma casa, como nos diz Carlos estava no quarto com os meus dois irmãos [Anexo IV.2].

No entanto, com a transição de Carlos para o Apartamento de Autonomia, a situação de separação entre irmãos repetiu-se<sup>17</sup> e constituiu para ele um momento muito difícil, Estava no quarto com os meus dois *irmãos (...) sou o irmão mais velho, o Pedro também, mas*

---

<sup>17</sup> Carlos era o irmão mais velho, seguido pelo Pedro, o José e a Filomena. Ele era o único que vivia com a avó, os seus três irmãos estavam com a mãe.

sempre protegia muito o José. Aquela coisa de eu vir para aqui, deixa-*los lá* (...) [Anexo IV.3]. Novamente, Carlos reviu-se na situação de separação de pessoas mais queridas, agora entre os irmãos.

Ana partilhou a necessidade de se afastar da mãe. A relação foi próxima com a mãe até aos dezoito anos, assegurando que eu até mentia por ela [mãe]. No entanto, esta relação desvaneceu-se devido às promessas e mais promessas que não são cumpridas, feitas, então (...) *eu deixei de ir aos natais e fins de semana à minha mãe e tudo, cortei* [Anexos IV.2].

No que se refere ao João, sempre estive e está muito ligado à família como podemos verificar na discussão da construção do Orçamento de Tempo [Anexo IV.4]. A família representaria para ele  $\frac{3}{4}$  do círculo do Orçamento de Tempo. Destacou o facto de possuir um extenso agregado familiar, constituído por doze irmãos [Anexo III.7]. No que toca a este tema, João revelou-se muito reservado, particularmente no que toca à sua família biológica. Somente nesta atividade é que proferiu alguns detalhes.

### **1.1.5. Grupo de pares**

Um último grupo da dimensão afetiva está associado aos amigos externos à instituição. Como se verifica através do Círculo de Amigos [Anexo VII], as pessoas identificadas fora da instituição incluem a família e amigos, sendo esta diferenciação pouco perceptível na atividade, mas, através das Notas de Campo, nas suas conversas é perceptível essa distinção [Anexo III. 5-8].

Este grupo conta com a presença de amigos nos quatro círculos concêntricos do Círculo de Amigos, com predomínio no círculo da amizade, ou seja, o segundo [Anexo VII; Tabela 4]. Os vínculos afetivos fora da instituição envolvem diferentes círculos de amizade, em diversos graus de proximidade e integração, não sendo assinaláveis diferenças significativas entre os quatro jovens.

Para melhor compreensão, recorreremos ao exercício do Orçamento de Tempo [Anexo IV.4], em que pudemos ver algumas particularidades destas relações. Numa primeira aproximação, verificamos que elas resultam das várias atividades e contextos que os jovens

integraram ao longo das participações em diferentes ocupações. Ou seja, referimo-nos a amizades fora do contexto escolar, particularmente, das provenientes de atividades de lazer. Temos, por isso, relações resultantes de atividades desportivas como o atletismo, ginásio, futebol, skate, karaté, dança, natação, música, escutismo, entre outras. Estas possibilitaram, portanto, a oportunidade para o estabelecimento de novas amizades.

Assim, para estes jovens, “o grupo de pares, o lazer e a diversão aparecem como elementos importantes para a construção da singularidade da condição juvenil, sendo em torno dessas atividades que se desenvolvem preferencialmente as relações de sociabilidade e a busca de novas referências na estruturação de identidades individuais e coletivas” (Dayrell, in Souza, Celecina, Oliveira, 2012: s/p).

Carlos partilhou um pouco das influências destes grupos na sua vida, acreditando que nem sempre foram positivas: tornei-me mais incorreto em algumas coisas, mais negligente, já faltava às aulas, já armava o trinta e um na sala, armava o trinta e um com os meus amigos, pra agradar aos meus amigos também um bocado porque queria ter amigos, até à altura não tinha, lá está, fui levado pelos meus amigos [Anexo IV.2].

Queria ser sempre o engraçado pra toda a gente olhar pra mim e rir, e falar comigo [Anexo IV.2].

Encontramos aqui uma experimentação de diversos papéis (Graça, 2010) implicados no processo de construção de identidade, como veremos posteriormente. Este grupo de companheiros dos jovens integra também o círculo escolar. No que toca ao número de amigos, neste círculo, os jovens falaram da oscilação sofrida. Apontaram a saída do ensino secundário e a entrada no ensino superior como fator que veio alterar os laços desenvolvidos. Foi associada a falta de disponibilidade para manter e fortalecer estes mesmos laços de amizade.

A mudança no percurso escolar implicou várias formas de relacionamento. Por um lado, as amizades constituídas na universidade aparecem como mais frágeis e passageiras: na universidade, as relações que tenho lá é relações de colegas [Pedro, Anexo IV.4]. Em seguida, categorizam as relações em: colegas de estágio, de casa, de turma, de viagem, sendo que a Ana justifica: são relações diferentes [Anexo IV.4].

Para os jovens, é clara a diferença entre as relações anteriores e as posteriores à universidade e a implicação na estrutura de apoio e segurança que essas relações de amizade representam nas suas vidas. Representa uma mudança significativa. Estas diferem pelo grau de proximidade e duração.

### **1.2.Dimensão de apoio à vida escolar**

*(...)essa base de apoio, de afeto, de carinho, de amor, por parte das pessoas que trabalharam connosco que foram pessoas muito chegadas a nós e (...) acabou por lançar-me as bases, e deram-me as asas para eu voar [João, Anexo IV.2].*

O apoio e orientação do Lar abrangeu diversas áreas do desenvolvimento pessoal e social dos jovens. Neste ponto damos destaque ao apoio à vida escolar.

Pedro fala de alguns problemas, antes da entrada no Lar. Refere-se a algumas dificuldades que sentia para comunicar, só dizia disparates, nem uma frase completa. Tinha muitas dificuldades e ninguém me ensinava nada [Anexo III.6]. Pedro explica que sentiu um apoio forte do Lar neste sentido, para melhorar, muita orientação e estímulo: ensinaram a estudar e a ter domínio, permitiram e deram condições para eu saber, ler, aprender a estudar, para eu ter domínio, controlo de mim, aprender novas maneiras de estudar [Anexo III.5]. Para Pedro, estes esforços tornaram o estudo numa atividade mais fácil.

No caso do João, autoconsiderava-se um caso de problemas comportamentais e de insucesso escolar, relatando que “Eu não tinha hábitos, completamente nenhuns, de *estudar era um miúdo muito rambo (...) completamente um miúdo selvagem (...) não tinha* hábitos de ir à escola, não tinha hábitos de ir estudar. Cheguei cá com sete negativas, menos a educação física que era a única [Anexo IV.2]. Mas o apoio proporcionado no Lar, ajudou-o a ultrapassar essa fase. Contou-nos que a sua maior *dificuldade (...) foi mesmo começar a ter regras (...) ter de começar a ganhar hábitos de estudar que ainda hoje* tenho [Anexo IV.2].

Pelos jovens são partilhados momentos especiais, particularmente de recompensas por parte dos funcionários, como incentivo por conseguirem alcançar os objetivos nos estudos. Trata-se de uma abordagem positiva de encorajamento que marcou as suas vidas.

O João fala de um momento em particular de reconhecimento do esforço. Partilha a sua história do *kinder bueno*<sup>18</sup>, que poderemos ler mais em detalhe no Anexo IV. Ana também partilha um momento de recompensa nos exames do 11º ano “Ai a mim foi um vestido, no final do 11º ano, nos exames nacionais, assim valeu a pena” [Anexo IV.3] Estes e outros episódios de recompensas vão ao encontro dos gostos e desejos dos jovens. Esclarecem que “no segundo ciclo, havia sempre recompensas sempre que tirávamos boa nota, depende se nos esforçávamos pra isso, ou era um euro, ou alguma coisa que nós gostávamos” [Anexo IV.3].

Este acompanhamento era proporcionado pelos três funcionários acima já mencionados (Raquel, Melina e Gonçalo). Tal como refere a Diretora Maria Silva, o acompanhamento escolar era assegurado pelos funcionários contando que cada criança tinha um encarregado de educação [Anexo III.1]. Até mesmo os jovens, já no processo de Autonomia de Vida e a frequentarem o ensino superior, contam com uma pessoa responsável pelo seu acompanhamento e supervisão. A título de exemplo a Ana e o Carlos comentam que no primeiro dia da universidade a Raquel acompanhou-os. Ana diz que: O melhor até foi que a Raquel levou-me no primeiro dia a Viseu, se não me tivesse levado, eu acho que nem tinha ido [Anexo IV.3]. Acrescenta Carlos que: A Raquel também me levou no primeiro dia e eu fiquei a chorar [Anexo IV.3].

Este acompanhamento inicial teve sempre continuidade, tal como nos descreve João: Lembro-me da Melina, que desde que fui para a faculdade tinha aquela preocupação de: João leva isto, leva aquilo, leva aquel’outro (...) estava sempre a ver se eu estava bem, se estava mal, como tinha corrido a faculdade, como tinha corrido a semana [Anexo IV.3]. O João sugere que se trata de uma relação além do mínimo profissional, por parte dos funcionários. Todo o envolvimento contribuiu verdadeiramente para o sucesso alcançado. Sendo que ainda hoje todo esse apoio e incentivo permanece.

---

<sup>18</sup> “O que aconteceu no teste posterior acabei por tirar depois o 100, e ela voltou a reconhecer e voltou a dar-me o *kinder*, ou seja, *fiquei gordinho de kinder buenos*” [Anexo IV.3]

Do ponto de vista dos jovens, a instituição nas suas vidas representou a possibilidade de atingir metas importantes particularmente na sua educação / formação, como elucida a expressão do Carlos nem sequer tinha o 12º ano, só por aí. [AnexoIV.3]. Afirma que não iria pensar como pensa hoje, não teria as mesmas oportunidades, como podemos rever no discurso de Carlos, nas Notas de Campo [Anexo III.5].

Ainda a propósito do apoio prestado pela instituição no âmbito das exigências escolares, os dois irmãos (Carlos e Pedro) partilham o gosto por línguas estrangeiras e quando chegaram à Instituição, pediram para ter aulas de inglês e foram para o Instituto Britânico [Anexo III.5].

Adiantaram no OT1 que, além do apoio na instituição nos estudos, já mencionados, tinham também outros apoios. Ana refere que: Eu tinha explicações na escola. E Pedro indica: Eu cheguei a ter uma explicação suplementar [Anexo IV.4].

Este apoio e incentivo à formação dos jovens permitiu-lhes desenvolver hábitos de estudo, aptidões e competências para continuarem o percurso formativo agora no ensino superior. Em resultado da análise dos jovens do OT3 e OT4 [Anexo IV.4], relacionados com o contexto universitário, afirmaram os jovens, Ana, Carlos e Pedro, dedicar mais tempo aos estudos, no entanto João afirmou ter sido o contrário para ele, na medida em: Eu levei uma bagagem muito grande, em termos de conhecimento, do liceu para a faculdade e já não precisei de dar o litro na faculdade [Anexo IV.4].

De facto, os meios e recursos reunidos pela instituição influenciaram o projeto de vida destes jovens e, como será retratado posteriormente, os sonhos dos jovens estão a poucos passos de serem concretizados – terminar a formação superior e entrar no mercado de trabalho, colocados numa perspetiva de sucesso educativo.

### **1.3.Dimensão de organização do quotidiano**

Neste quadro de dimensões, a família – o Lar – assume um papel fundamental na organização da vida quotidiana (Ferreira, 2011). Implica, também, o desenvolvimento do

saber estar e saber ser, através da gestão e organização individual e coletiva das responsabilidades.

Se prestarmos atenção ao instrumento expressivo, Linguagem Musical [Anexo VIII], verificamos, na interpretação das letras selecionadas pelos dois jovens, Ana e Pedro, a importância da instituição neste âmbito.

Implícita na escolha musical de Ana, Hakuna Matata Musical [Anexo VIII; Tabela 8], a sua vivência no Lar permitiu-lhe perceber que pra sobreviver é preciso aprender [Anexo III.8; Anexo VIII; Tabela 8]. A ausência de regras, de padrão de conduta e de modelo representativo, antes da entrada no Lar, eram fatores limitadores do seu desenvolvimento. Com a mudança, veio a aquisição de hábitos regulares de vida no dia-a-dia, o acompanhamento responsável e a definição de um percurso de vida, com incentivos e disciplina. Esses hábitos regulares do quotidiano tornaram-se parte do caráter dos jovens e facilitaram-lhes a sua vivência, ao longo da vida, por isso, a expressão “pra sobreviver é preciso aprender”.

No que toca às responsabilidades de ordem doméstica, a Diretora Maria Silva adverte, logo no primeiro encontro [Anexo III.1], acerca do envolvimento dos jovens nas tarefas domésticas. Atribui-lhes um ponto importante para a aprendizagem, a fim de tornarem-se sujeitos preparados para a autonomia de vida. De acordo com Magalhães (2012), a possibilidade de as crianças e jovens poderem assumir responsabilidades permite-lhes maior adaptação revertendo no desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

Com ajuda da atividade Orçamento de Tempo [Pedro, Anexo IV.4], é possível enumerar algumas dessas tarefas e responsabilidades atribuídas, desde arrumar a cozinha, o quarto, fazer o jantar, passar a ferro, todos os dias era preciso fazer tarefas.

Neste conjunto de responsabilidades também constam outras questões importantes na organização da vida quotidiana, nomeadamente, decisões relacionadas com as férias, as saídas de fim de semana e castigos [Anexo III.1]. Estas e outras áreas eram negociadas em reunião por todos no Lar.

Nesta dimensão, o papel dos funcionários revelava-se fundamental, assim como o da Diretora. Com efeito, na atividade do Círculo de Amigos temos duas referências à Diretora, no círculo da intimidade [Anexo VII; Tabela 7]. A Diretora foi encarada como uma figura de referência nos percursos de vida, pela autoridade, imposição de regras e promoção de valores. João referiu que era mais as vezes que ia lá para resmungar connosco porque alguma coisa não estava bem (...) [Anexo IV.3]. Neste sentido, lembra João que o que ela falava ficava na cabeça e refletia acerca disso e encarando aquilo de certa forma como algo positivo para o meu desenvolvimento [Anexo IV.3].

Contudo, para a Ana, alguns momentos da sua relação com a Diretora foram difíceis: os meus sermões com ela, acabava na casa de banho a chorar (...) quando a Raquel e a Melina já não aguentavam a Ana durante uma semana, lá vinha ela [Anexo IV.3].

De facto, a interiorização de valores e normas não é aceite com facilidade constituindo, por vezes, momentos de retaliação e negociação. Todavia, é uma interiorização que permite maior adaptação e estruturação, enquanto pessoa pertencente a uma sociedade regulada pelas regras e disposições de ser e estar (Dias, 2004).

## **2. Do coletivo ao individual**

Neste tópico pretende-se compreender o percurso de vida dos jovens, através da análise dos pontos de tensão, resistência, congruência e harmonia referidos pelos jovens, examinando como é interpretado por eles o contexto institucional.

### **2.1. A Identidade e individualidade**

Esquecem-se que o Pedro é o Pedro e a Filipa é a Filipa, muitas das vezes [João, Anexo IV.3].

É possível existir identidade individual onde a dimensão coletiva é tão acentuada?

No contexto institucional, o processo de regulação e orientação das condutas estrutura-se segundo uma ordem coletiva que acaba por interferir nos modos de construção da identidade individual. Existe um processo de normatização em constante oscilação e com fronteiras dissipadas entre o individual e o coletivo. Segundo Huning e Guareschi, (2002:43) “os sujeitos são posicionados e se reconhecem como sujeitos, não por aquilo que se identificam, mas por aquilo que indicam como diferença”. Esta ideia da diferença vai ao encontro da constatação de João: estava sempre a pôr no mesmo saco do que eles, dos mais novos, bem mais novos, e que eu estava numa fase completamente diferente [Anexo IV.3].

A construção da identidade é um conceito complexo que envolve várias dimensões. Na tentativa de compreensão deste conceito recorreremos a Hall (2001) de forma a esclarecer alguns pontos do processo de construção da identidade. Entende o autor que a identidade decorre de um processo que não é inato, mas essencialmente cultural, decorrente da interação entre os indivíduos e entre os grupos, durante a qual os indivíduos adquirem novas formas de se (re)conhecer. Assim sendo, a identidade vai sendo construída através da tensão entre o individual e o coletivo, entre o sujeito e os outros, representando um processo de identificação que se faz, também, a partir do exterior.

Trata-se de crianças e jovens em acolhimento, ou seja, provenientes de contextos assinalados de risco social e de vulnerabilidade. Neste sentido, esclarecem Hunninh e Guareschi (2002:49), que esta prática mais reguladora decorre de: “um processo de correção de identidades desviantes ou identidades de risco” que permite, por vezes, o surgimento de determinados sentimentos, como: (...)é quase meter um hiperativo dentro de *um quarto durante um dia de castigo (...) eu não era hiperativo, era quase | Nós não podemos errar* [Carlos, Anexo IV.3].

Segundo Hall e Woodward (2008), o processo de construção de identidade deve ser compreendido tendo em conta as seguintes dimensões: contextualização, reivindicações, razões de natureza relacional, condições sociais e materiais, social e simbólico, sistemas classificatórios, omissões e diferenças, contradições e nível psíquico, todavia analisaremos somente algumas destas dimensões.

Para os autores, a contextualização permite compreender como se pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação através da divisão social, cultural, política, histórica, etc. A este propósito, a jornada pela instituição constitui um fator preponderante no processo de construção da identidade, enquanto dimensão de contextualização. Importa referir que estes jovens deram entrada para o Lar com idades aproximadas dos 8 anos [Anexo III.1].

No Focus Group 1, é possível rever algumas das situações que permitem uma breve contextualização das histórias dos jovens, essencialmente associada ao momento de entrada para o Lar<sup>19</sup>, bem como enquadrar o ambiente social e caracterizar algumas situações de risco e vulnerabilidade em que se encontravam, no seio familiar.

Para exemplificar a realidade vivida antes da entrada no Lar, Ana, no terceiro encontro, refere que: Eu desde pequenina ficava com os meus irmãos pequeninos, com seis anos, e o mais pequenino era bebé [Anexo IV.3].

João partilha o facto de ter uma família numerosa, em específico, 12 irmãos<sup>20</sup>, à qual é muito apegado, como já foi indicado.

Pedro, antes de entrar no Lar, passava os seus dias a ver o que a mãe fazia ou a brincar, a fazer o que o irmão mais velho [Carlos] lhe havia ensinado, desde saltar das árvores *jogar à bola... mas sentia-se sozinho*. Sentia-se sozinho mesmo tendo dois irmãos mais novos (Manuel e Filomena) a viver com ele, na casa da sua família.

Seu irmão Carlos vivia com a avó, e às vezes ia uma visita até à minha mãe [Anexo IV.2].

Em todos os casos, as separações familiares foram vividas com dificuldade e tornaram-se dolorosas. Por outro lado, a chegada a um novo ambiente proporcionou, além da resposta às necessidades básicas, um contexto de socialização marcado positivamente por relações de vínculo e afetividade.

---

<sup>19</sup> Partes das histórias que a Diretora Maria Silva fez, relativamente aos momentos de entrada dos jovens, já estão enumerados no capítulo III no ponto 4.2 e também pormenorizados no Anexo III.4.

<sup>20</sup> Agregado familiar composto por 13 [Anexo V], porém constituído por 12 irmãos [Anexo III.7; Anexo VII]

Como vimos, Hall e Woodward (2008) apresentam ainda o domínio dos sistemas classificatórios que permite organizar e dividir as relações sociais. Como já referimos no ponto 1.1, dimensão relacional, podemos verificar que as relações sociais dos jovens são estabelecidas, essencialmente, com três grupos: pessoas da família biológica, pessoas ligadas à instituição e grupos de pares.

Como tal, o primeiro grupo – família biológica – é fulcral, considerando a bagagem vivencial que estas crianças trazem do contexto familiar, material, psicossocial e sociocultural, podendo apresentar reações e comportamentos distintos, diferenciados (Magalhães, 2012). Foram destacados alguns episódios que evidenciam esta fase controversa da sua vida, face à separação, assim como os diferentes comportamentos registados. Para Carlos, a separação foi mais dolorosa: durante o tempo que ela estava fora era intolerante, insuportável, transformavas-te [Anexo III.4]. Já para Ana, toma outros contornos, como relata a Diretora: A mãe dela [Ana] chorava e ela ria-se, e ela dizia: “Já vamos?” *Ui, ela estava feliz da vida* [Anexo III.4]. A Ana, no encontro individual, fez menção a este episódio em que expressava só se lembrar da mãe a chorar, quando veio para a instituição, como podemos verificar nas Notas de Campo III-8.

Quanto ao grupo de pessoas da instituição, apesar das diferenças a nível de empatia e proximidade, este grupo representa um processo dinâmico ao serviço da proteção, promoção do bem-estar, preparação e integração das crianças e jovens. Neste sentido, reúne várias práticas orientadas para a construção e consolidação de diretrizes, na medida do possível, numa real e plena integração aos vários níveis da sociedade (pessoal, social e cognitiva).

A título de exemplo, João descreve que o empenho dos funcionários foi importante para superar todas as dificuldades e ser a pessoa que é hoje. A Ana fala do acompanhamento que tiveram, uma vez que nem tínhamos objetivos de certeza [Anexo IV.3]. Carlos refere-se a eles, equiparando-os a uma relação de família [Anexo IV.3]. Para Pedro, eles permitiram que chegasse até aqui, pois ensinaram-me a estudar, entre as “mil e uma” maneiras de saber e aprender como estudar. Se não tivesse ido para a instituição não saberia nem uma [Anexo III.6].

Por último, o grupo de pares referido no ponto acima, ganha aqui destaque também, por caracterizar um grupo particular de socialização, com grande destaque na adolescência, constituindo um grupo de pessoas com características semelhantes, em necessidade de afirmação e construção individual.

De acordo com Graça (2010:12) o grupo de pares permite assumir:

- Uma série de identificações – ex: Eu era a mais revoltada lá da casa [Ana, Anexo IV.3]. Era uma pessoa n popular dentro do contexto escolar [João, Anexo IV.4].
- Um papel de suporte para conter a angústia – ex: entra um pouco na brincadeira deles [das crianças no Lar] para se distrair [Carlos, Anexo IV.3]
- A experimentação de diversos papéis, vivência de afetos – ex: (...) tornei-me mais incorreto em algumas coisas, mais negligente, (...) lá está, fui levado pelos meus amigos [Carlos, Anexo IV.2]. A relação é muito mais proxima com os meus irmãos, com o João e a Ana que estão lá [Lar] desde sempre [Pedro, Anexo III.6].
- O desenvolvimento de atitudes, valores e ideias – ex: uma vez por semana tentamos irmos lá jantar e confraternizar com o pessoal e também ouvir os mais pequenos e deixar-lhes também pequenas dicas acerca daquilo que nós também passamos e tentar deixar passar também um pouco o nosso testemunho [João, Anexo IV.3].

A este propósito, Pedro relata a história da sua passagem pela Universidade de Aveiro. Apesar de se ter desviado do objetivo de estudar durante a frequência do 1º ano, percebeu o erro mais tarde, agarrou a nova oportunidade que lhe deram e afirma: não vou falhar comigo mesmo [Anexo III.6].

Como pudemos ver, e de acordo com Giddens (1995), a (re)construção de identidades é o resultado de uma atividade reflexiva, na qual as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da formação e informação recebidas sobre as próprias práticas, indo ao encontro da necessidade do indivíduo se adaptar aos diferentes contextos. O sujeito está constantemente num contínuo processo de construção e transformação. Como se pode constatar nas seguintes frases: eu era uma pessoa diferente do que sou agora | eu tornei-me uma pessoa mais fria [Pedro, Anexo IV.3].

Neste processo de (re)construção e afirmação de identidade importa refletir sobre várias práticas de significação que segundo Huning e Guareschi (2002: 43):

(...)adquirem uma materialidade discursiva real (...) de sentidos em que está em jogo uma multiplicidade de categorias referenciais que se fazem a todo o momento, marcando, instituindo e constituindo novas formas dos grupos sociais definirem a si próprios e serem definidos pelos outros.

A título de exemplo desta prática de significação referida pelas autoras, apresenta-se a seguinte frase: Não João, não podes, porque sabes que tens que dar o exemplo [João, Anexo IV.3]. O resultado das proibições das saídas noturnas cria influencia no comportamento do restante grupo.

Por outro lado, outras práticas de significação são reveladas pelos jovens, como afirma Ana: – Imagina lá em cima no outro [referência a outra instituição de acolhimento], nenhum dos miúdos tem roupa própria, agora não sei, mas na altura que fui lá não tinham. Eles tinham que dividir as roupas uns pelos outros, nós aqui temos. Eles não tinham, nós temos [roupa própria] [Anexo IV.2]. A apresentação física, a escolha de suas próprias roupas e acessórios ajudam a definir e assumir uma identidade individual, de forma mais acentuada, e característica da fase da adolescência.

No contexto institucional, podem encontrar-se outros aspetos cuja significação aponta, também, para a valorização da diferença e identidade dos jovens, como declara Pedro: cada um tem acesso ao que gosta de fazer [Anexo IV.4]. Ainda, a partir da atividade do OT, na parte referente ao lazer, pode-se constatar as múltiplas e distintas atividades em que os jovens estiveram envolvidos: O Carlos andava no futebol, eu [João] andava na música. | No secundário [Pedro] andei no atletismo e cheguei a ser federado | Escuteiros? Eu [Ana] não ando nos escuteiros. Saio com os amigos [Anexo IV.4].

Na forma como os jovens se referem a determinados funcionários da instituição, transparece o sentimento de ter sido respeitada a sua individualidade. A título de exemplo - O Gonçalo nunca me tratou por exemplo como trata o José [João, Anexo IV.3].

Será, então, possível existir identidade individual onde a dimensão coletiva é tão acentuada?

Certamente. Pelo que foi exposto, o respeito pela identidade e pela individualidade de cada jovem é o caminho para que cada um viva um percurso distinto, de acordo com as suas necessidades, os seus gostos e as suas aspirações. Na organização dos recursos, na definição de regras e na relação entre todos, subsiste alguma tensão entre o individual e o coletivo. Através do diálogo entre os jovens e os responsáveis, essa tensão resolve-se.

## **2.2. Construção da identidade e da individualidade**

Neste sentido, os jovens trouxeram à discussão a questão da individualidade. A Ana refere, várias vezes, ao longo dos encontros, o desrespeito pela sua individualidade. Esta partilha encontra-se relacionada com a uniformização de determinadas regras de funcionamento do Lar, apesar da diferença de idades das crianças e jovens (8 aos 22 anos), como por exemplo a questão dos horários de dormir. Também crítico relativamente a esta situação, por ser mais velho, João elucida: Tínhamos horários pra dormir, uns deitavam-se às 10:30h, outros às 11h, e eu deitava-me às 11h juntamente com o Pedro, como a Ana, que são mais novos que eu, que estavam numa fase da vida deles. Esta é a situação concreta dos jovens que ainda vivem no Lar com diferença de 3 anos entre si (atualmente João com 26 anos, Ana, Carlos e Pedro 23, 22 e 20 anos, respetivamente) [Anexo IV.3].

Uma outra situação, já referida anteriormente, implicada na questão da individualidade corresponde à responsabilização dos mais velhos, como papel de exemplo para os mais novos, o que implica algumas restrições nos seus comportamentos, designadamente nas saídas para convívio. A justificação dada pelos responsáveis não era de acordo e em conformidade com os pensamentos dos jovens, porém estes compreendiam, tal como esclarece Carlos: é para não haver precedentes, se não os outros também querem... [Anexo IV.3].

É nítida a tensão entre o desejo de afirmação da individualidade pessoal e grupal, por parte destes jovens, e a regulação coletiva dos comportamentos e práticas por parte da instituição, a qual se orienta para a responsabilização dos jovens com base num quadro de regras e normas com as quais estes nem sempre concordam. Nesta regulação dos

comportamentos, o exercício do poder disciplinar, por parte da instituição, assume alguma importância.

Segundo Foucault (in Bett, 2011:111), o poder disciplinar é:

“uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas”

Um exemplo deste poder disciplinar no Lar está relacionado com os castigos. Neste caso, João esclareceu que: Havia reuniões que eram postas em ata e essas reuniões que eram para dar castigo a alguém, era discutida por todos, e pelo próprio que fez a asneira, acerca do que é que acharia o castigo que merecia, também era uma forma de refletirmos sobre isso [Anexo IV.3]. O poder disciplinar parecia, portanto, decorrer de forma horizontal e democrática.

No entanto, isso nem sempre acontecia, dado que referiram, várias vezes<sup>21</sup> ao longo dos encontros, acerca da aplicação dos castigos, que o poder de decisão os ultrapassava, como João ilustrou afirmando que quando não se sabe quem é e vão todos de castigo, é justo. *Agora, dentro de um grupo, quando se sabe quem é e ficam todos de castigo, isso é...* acrescenta Ana *“é uma coisa que ainda está mal* [Anexo IV.5].

Assim, nem sempre o poder disciplinar é interiorizado com vontade e aceitação. João exemplificou mencionando os argumentos utilizados para limitar as suas saídas: não vais sair porque tens que dar o exemplo aos outros porque os outros ainda não estão na fase de sair [Anexo IV.3]. No entanto, Ana apontou que desde que andamos no secundário, deram-nos essa liberdade. Está bem que tínhamos horas para chegar, mas é uma instituição [AnexoIV.5]. Face à afirmação da Ana, João contestou interrogando-a - não podemos sair, só por ser uma instituição? [AnexoIV.5]. Surgiu assim um ponto de tensão entre os dois participantes, com Ana a alegar que há responsabilidades acrescidas por estarem num Lar. Se te acontece alguma coisa durante a noite, és tu que vais a tribunal, como funcionário, até durante o dia, se saírem [Ana, AnexoIV.5]. Já o João defende a

---

<sup>21</sup> Anexo III.1 – 1 referências; Anexo IV.2 – 11 referências; Anexo IV.5 – 5 referências; totaliza 17 referências a castigos.

ideia de que a noite é igual ao dia, tu é que fazes. João acredita, portanto, que o facto de estar na instituição não se deveria traduzir num modo diferente de ser e estar.

A construção da identidade e da individualidade, numa instituição, pode ser mais difícil do que no seio de uma família. Nesta instituição, verificou-se esse cuidado e a defesa do interesse do jovem, nas diversas decisões, ainda que ele não tivesse plena consciência disso, na altura.

### **2.3. Autonomia de vida**

Nos pontos anteriores foram explorados vários aspetos do processo de construção da identidade e individualidade, por sua vez relacionados também com o processo de autonomia.

Entende Guitérrez (2008: 11), que o conceito de autonomia é:

“al derecho de todo sujeto a autorregular su vida y definir sus creencias y valores, libre de todo prejuicio o imposición fijadas en la tradición o la autoridad”.

Como é construído e perspectivado o processo de autonomia em contexto institucional?

Três destes quatro jovens (João, Ana e Carlos) consideram que deram um passo importante, de forma significativa, nesta jornada da autonomia – Apartamento de Autonomia. A instituição proporcionou, assim, uma nova resposta social, permitindo aos jovens o contínuo acompanhamento, apoio e orientação que outros jovens não tiveram, como explica Ana: Por exemplo em algumas instituições os jovens aos 18 anos vão embora, sem retaguarda nenhuma, sem casa, sem nada. [Pedro] Sem acompanhamento familiar, sem nada. Aqui não se passa o mesmo. [Ana] Por exemplo, na minha universidade, tenho muitos casos desses, de jovens que saíram da instituição e agora não têm acompanhamento, para estudar têm não sei quantos trabalhos, ou têm assim umas vidas esquisitas para poderem estudar [Anexo IV.5].

Também para a técnica Helena, a transição para o Apartamento de Autonomia constituiu uma mais-valia, para dar continuidade ao trabalho já iniciado pela instituição na vida dos jovens: Não fazia sentido, depois do *trabalho todo até aos dezoito anos, olha... “agora fizeste dezoito anos, pronto agora acabou”* [Anexo IV.1].

Os jovens admitiram que esta transição foi lenta, partilhando todos da mesma opinião, fomos vindo [Anexo IV.3], no período entre o mês de agosto e setembro.

Este processo de autonomia não foi vivido de igual forma entre os jovens. A transição foi difícil para a Ana: nós fomos assim meio empurrados daquela casa [Anexo IV.3], acrescenta ainda que foi tirar-nos as rotinas que nós estávamos habituados.

João comparando as duas realidades, o ambiente do Lar e o do Apartamento de Autonomia, considerava-as diferentes: Estava habituado a um ambiente de *companheirismo, de barulho (...)*. E depois vim para cá e não ouvia esse barulho e achei estranho, e foi um bocado difícil de adaptação [Anexo IV.3]. Ainda a este propósito, Carlos referiu que: Ainda ando por aí, às vezes, a tentar distrair-me porque já não consigo fazer algumas coisas. Às vezes tenho saudades de estar lá [Anexo IV.3]. Este sentimento é partilhado pela Ana: quem me dera estar naquela casa [Anexo IV.5].

É nítido, portanto, que os jovens em autonomia de vida partilham um sentimento de alguma tristeza devido à separação da casa onde cresceram, das amizades que fizeram, dos irmãos que deixaram (para os quatro irmãos, implica novamente a separação entre três irmãos que se encontram no Lar, agora, separados do irmão mais velho), apesar de continuarem a ter contactos com as crianças e jovens do Lar.

Esta transição foi marcada pela necessidade de adaptação e reorganização das suas vidas, o que, para Carlos, era visto de uma forma positiva: Aqui damos um avanço *comparadamente aos nossos colegas, [colegas fora do Lar] porque, (...), só ganham a experiência de vida, quando vão para a universidade, (...)* E nós tivemos que ganhar isso para aqui e depois pra universidade [Anexo IV.3]. Como é possível verificar, aquando do seu ingresso na universidade, eles já se consideravam mais preparados para enfrentar este novo mundo, em relação aos seus colegas provenientes de contextos não institucionais.

A par da transição para o Apartamento de Autonomia, surge um outro momento de mudança, a passagem para o ensino superior. Este caso reporta-se a dois jovens, Ana e Carlos, em que a mudança para o Apartamento de Autonomia coincidiu com a entrada no ensino superior. Confirmou Ana, nós [Ana e Carlos] fomos logo do secundário para a universidade e para aqui [Anexo IV.3]. O João, por seu turno, já estava na universidade quando se deu a passagem, Tu [João] passaste quase dois anos e meio de universidade *naquela casa (...)* *Tiveste mais sorte* [Ana, Anexo IV.3].

Pedro, o mais novo dos quatro jovens, ingressou no ensino superior, sem ter ainda transitado para o Apartamento de Autonomia. Futuramente é que irá passar por essa mudança. Entretanto, Pedro continua a permanecer no Lar e a estudar na universidade. Esclareceu Pedro que não fica durante a semana na cidade onde estuda, vai todos os dias para universidade e volta para o Lar no final do dia. Importa lembrar que, no 1º ano da faculdade, em Aveiro, Pedro admitiu ter-se perdido dos seus objetivos mas, mais tarde, conseguiu continuar e voltou a estudar, por vontade própria, noutra instituição de ensino superior. Mas a sua vida sofreu alterações: tínhamos residência universitária e lá [Aveiro,] tinha mais tempo para conviver com amigos e agora [Barcelos] não tenho tempo para *conviver com ninguém (...)* *Fica difícil, porque fica limitado, tenho outro tipo de vida* agora [Anexo IV.4].

Este conjunto de mudanças no ciclo da vida dos jovens foi marcante, portanto, nos seus processos de autonomia. No caso de João, Ana e Carlos, assinala-se a mudança para o Apartamento de Autonomia e, conseqüentemente, o menor contacto com o grupo de crianças e jovens do lar. Paralelamente, esta passagem tornou-os responsáveis por si mesmos e pela casa, sem o anterior acompanhamento diário dos funcionários. Como nos esclarece Carlos: A diferença é que agora não tenho irresponsabilidades que não dá para as ter. Tenho mais responsabilidades [Anexo IV.3]. Importa ainda considerar as implicações em relação à transição para o ensino universitário, pela qual todos passaram.

Relativamente à passagem para o apartamento de autonomia, parece existir um conjunto de expectativas que não foram totalmente satisfeitas. Tal como nos dizia Ana é um apartamento de autonomia, nós temos de ter autonomia para gerir a nossa vida e não sentimos isso, explica que não há as mesmas regras que no lar mas há coisas que, tipo,

não se justificam [Anexo IV.3]. Por exemplo, não lhes é permitido levar pessoas a casa sem avisar previamente, têm de justificar todos os gastos financeiros, têm que dar a conhecer os seus relacionamentos, mesmo sendo recentes. Aqui está refletida uma expectativa de maior liberdade e independência que Ana esperava neste contexto; no entanto, continua sob responsabilidade da Instituição e com a sua retaguarda. Ana também exprimiu algumas reservas quanto à necessidade de justificar as suas ações e de ser questionada por tudo, afirmando: Eu gosto de lhes contar tudo, tudo o que se passa, eu conto. Agora vir-me perguntar e sempre a questionar tudo (...) Isso irrita-me, já não tens idade. [Anexo IV.3]. Este sentimento de falsa autonomia está presente também na frase de Carlos, elas têm a faca e o queijo na mão e há sempre uma resposta muito lógica e por muito intelecto que eu tenha e uma grande linha de raciocínio e faço com que elas percebam, nunca ganho [Anexo IV.3].

Carlos introduziu, ainda, algumas questões ligadas ao dinheiro, referindo a necessidade de justificar constantemente os gastos: ia tudo pra fatura [AnexoIV.3]. João e Ana admitiram existir limitações, como refere Ana, mas acho que é um exagero porque há tipo, coisas que tu... quero fazer de momento e não vais porque não tens, então melhor, ter tens mas... [Anexo IV.3].

Relativamente a este tópico, os jovens mencionaram as advertências, por parte dos elementos da instituição, acerca da responsabilidade, da importância do dinheiro e da sua gestão nos dias de hoje e no futuro – *é sempre aquela frase de que: “no futuro podemos precisar desse dinheiro* [Carlos, Anexo IV.3]. Sendo assim, lamentam, de alguma forma, o controlo exercido sobre os seus gastos, particularmente com as relações de namoro, as prendas de aniversário, as saídas e também à vida académica.

Carlos elucidou o facto de cada jovem ter a sua conta, apontando que mesmo o dinheiro que se ganha, vai todo direcionado para a conta, ou damos razões óbvias para ficar no nosso bolso, e no meu caso, acho que, no fim apresento fatura [Anexo IV.3].

Ainda na discussão da promoção da autonomia, João fez referência às duas faces da moeda implicadas neste processo.

Por um lado, considera ter havido uma proteção excessiva, dificultando a autonomia, como designa João, exemplificando que foi essa demasiada proteção, de chegar ao ponto em que era necessário resolver alguma coisa prá escola e quem tratava disso era a Melina (...) e tu nunca irias aprender como é ir às finanças, por exemplo pedir um determinado papel, só soube isso passado um tempo. Eu senti nessas coisas que houve muita proteção [Anexo IV.3].

Por outro lado, houve momentos que exigiam maior apoio, por parte da Instituição, como por exemplo na busca do primeiro emprego. Tal despontou na atividade do Role Playing, quando falamos de formação e informação dos jovens, na procura de emprego. Com alguma cautela e receio, foram afirmando, nem falemos sobre isso, nem vale a pena; os participantes acabaram por relatar falta de acompanhamento nesta área, ainda nova para as suas vidas. Brinca um pouco Carlos, ao afirmar que, são um pouco noções abstratas. [Anexo IV.5].

No final dos encontros, apesar de referirem as várias limitações, restrições e frustrações apresentadas ao longo do segundo tema, focam-se na exploração pessoal e coletiva, na tentativa de (re)construção e formação de indivíduos. Consideram-se como uma família, estão juntos todos os dias e salientam o facto de ser boa esta troca de experiências [Anexo IV.5].

### **3. A caminho do sonho...**

Neste último tema do capítulo, pretende-se esboçar as perspetivas de futuro destes jovens, tendo por base os seus pontos de vista acerca das suas vivências na instituição.

Como verificamos no capítulo I, ser jovem significa hoje viver num palco de incertezas constantes. Estes jovens revelam diferentes infâncias, diferentes atitudes e comportamentos no percurso de vida, em contexto institucional. Depreendido dos vários relatos da vida individual, estão presentes formas distintas de ser jovem, implícitas nas formas de pensar, de agir e de estar. No entanto, apreende-se, que enquanto grupo proveniente de contextos de risco e desfavorecimento, procuram a diferenciação, a individualidade e a identidade

social. Enquanto grupo, organizam-se e apoiam-se de forma que retiram experiências distintas face a determinadas situações comuns.

Ficou perceptível a noção que os jovens têm do impacto da instituição sobre as suas trajetórias de vida. Para o Pedro, por exemplo, tal como apresentado no exercício de Linguagem Musical, permitiu-lhe a transição entre dois mundos: da guerra para a paz. Na música de Jonh Lennon “*Imagine*”, Pedro considera que foi um tratado de paz assinado, quando entrou para o Lar, como podemos verificar, nas palavras escritas pelo Pedro ao justificar a sua escolha musical, até certo ponto traduzia os climas de guerra como algo *muito próximo, algo biológico... tais comportamentos no seio familiar que eram negativos... mas de repente a chegada à instituição como se uma pomba voasse livre, e essa pomba fosse eu.* [Pedro, Anexo VIII; Tabela 8]

Aliada a esta ideia final de liberdade apresentada por Pedro, enuncia João que: Deram-me as asas para eu voar [Anexo IV.2 e 3]; já o Carlos refere que: Não iria pensar como pensa hoje e não teria as mesmas oportunidades [Anexo III.6]; Ana fala-nos da estrutura de apoio: Nós aqui, qualquer coisa que nos aconteça, temos sempre alguém que nos apoia. [AnexoIV.2]. Como podemos verificar nas frases acima, existe um forte laço vinculativo, de proximidade e coesão, relativamente à equipa da instituição, pois esta funciona como um elo fundamental e basilar nas suas vidas.

Como a própria técnica (Helena) referenciou, numa primeira sessão com os participantes, um dos objetivos dos funcionários é também proporcionar um futuro melhor, traduzido nas suas palavras: Consigam alcançar os objetivos deles e que consigam enveredar por um caminho que também lhes seja agradável, quer a nível profissional, quer a nível pessoal [Anexo IV.1].

Para que consigam percorrer o caminho da vida é necessário aptidões e competências, assim como desenvolver objetivos e sonhos, tal como o João nos diz ter projetado, comecei a traçar objetivos de vida, comecei a querer sonhar [Anexo IV.2].

O trabalho desenvolvido em volta dos jovens permitiu-lhes chegarem a heróis, tal como Ana, através da letra da atividade Linguagem Musical: Chegou aqui para conquistar | De zero a heróis sem hesitar [Anexo VIII; Tabela 8]. Identificando os elementos musicais

como metáforas para o papel dos outros elementos da instituição: tem a ver com o pessoal lá de casa, porque passaram de zero a heróis [Anexo III.8].

No que concerne ao trabalho desenvolvido junto dos jovens, a técnica Helena foca um ponto importante nesse processo. Na prática não há receitas. É ir avaliando e ir fazendo, por tentativa e erro, às vezes, porque nós optamos muitas vezes por um caminho, mas não há certezas de nada, é sempre uma opção. *Há sempre uma conversa sobre...às vezes a coisa até é mais difícil, exatamente por isso [eles quererem outra coisa], porque depois há que avaliar e tentar orientar, e há aquilo que nós achamos e aquilo que eles acham e às vezes encontrar aí um caminho não é fácil [Anexo IV.1].*

Esta partilha sugere incertezas de atuação e de que na vida nada é certo. Mas o seu desempenho é voltado para uma prática orientadora, o meu objetivo aqui também é educar da melhor forma que sei [Anexo IV.1]. E de acordo com Dias (2004: 158) os agentes de socialização influenciam os sistemas de conhecimento dos sujeitos.

De forma geral, como podemos verificar na atividade de Brainstorming [Anexo IV.5; Anexo IX] os discursos são dirigidos positivamente acerca da instituição. Pedro valida assim: aquela casa está bem reconhecida [Anexo IV.5]. Comenta ainda o facto de não mudar nada, está bem estipulado [Anexo IV.5]. Ao longo da atividade recolhemos então ideias desde:

Aquilo para o número de crianças e para o tamanho de casa que é, está ótimo.

*Fazem asneiras e não querem saber. (...) Aqui não, passa-se totalmente o contrário.*

O número de pessoas está bem definido, está bem estipulado, as horas também, e o número de crianças também está bem associado a isso.

*Eu nunca tive razão de queixa (...) eu agora posso achar uma coisa que na altura quando vivia lá era diferente.*

*Tivemos tudo positivo. Se chegamos a este ponto de universidade (...) e isso tudo, por alguma razão foi.*

São realidades diferentes desta com todas as casas do país.

Os jovens aos 18 anos *vão embora, sem retaguarda nenhuma, sem casa, sem nada (...)*  
Sem acompanhamento familiar, sem nada. Aqui não se passa o mesmo.

Existe acompanhamento.

*(...) as questões da individualidade, isso quase que não existia, não é?*

*“Mas já mudou, tipo, são coisas que vão mudando, que as pessoas vão vendo ao longo do tempo.*

Uma coisa que eu acho que ainda continua a ser é os castigos. Os castigos quando é dado a um, é dado a todos. [injustiças]

Desde que andamos no secundário, deram-nos essa liberdade. Está bem que tínhamos *horas para chegar, mas é uma instituição não é uma casa (...)*

Na minha situação específica, falta de apoio na procura de emprego por parte de *algumas pessoas (...)*

Troca de experiências.

**Podemos ter experiências de vida diferentes mas os outros também têm experiência de vida diferente das nossas.**

Não deixam assim de atribuir o que conquistaram até hoje ao trabalho desenvolvido com eles.

Uma ideia importante a reter é o reconhecimento, por parte dos jovens, do trabalho realizado em contexto da instituição. Considerando o facto de grande parte da sua aprendizagem ser consolidada lá, os participantes acreditam que se não estivessem na instituição tais oportunidades não teriam surgido.

Num futuro próximo, esperamos a conclusão do mestrado do João, em Ciências do Desporto. Contando assim concretizar o seu sonho de ser treinador. É evidente um novo

caminho, que se faz traçar com a procura de emprego. Revela-se uma pessoa persistente e com o apoio prestado pelo Lar, sente-se preparado para continuar, tem as asas...

A Ana encontra-se numa fase diferente, ainda projetada num emprego do ensino, encontra-se a terminar o 1º ciclo da licenciatura e pretende também tirar mestrado. Em paralelo, já está a realizar parte do seu sonho - vir a trabalhar no Lar - pois está prestes a assinar um contrato com a Instituição.

O Carlos também se encontra na mesma situação da Ana, a terminar unidades curriculares, e deseja seguir para o 2º ciclo de estudos, na universidade.

O Pedro também frequenta a universidade, numa fase diferente. Ainda está no meio da jornada do ensino superior. Pedro, como já foi referido, está a ser preparado para o processo de autonomia. Os outros consideram que ele estaria melhor junto deles mas ainda é um caminho a ser traçado.

A verdade é que os jovens já percorrem caminhos de realização, como escolar, profissional, sonhos, esperanças, relações afetivas, familiares, entre outros em que continuarão a empenhar-se. Tal como nos elucida a metáfora “deram-se as asas para eu voar”, os jovens sentem as necessidades supridas, e acrescentaríamos que sentem também a necessidade de voar, têm bagagem pessoal, coletiva, educativa, para lançar-se a novos desafios presentes na vida.

## **Considerações Finais**

Refletindo sobre o trabalho realizado, considerando os pontos explorados pelos jovens neste projeto de investigação, acreditamos ter contribuído, de alguma forma, para a promoção social dos jovens participantes em acolhimento institucional, constituindo-se esta como uma resposta social viável.

No decorrer do projeto de investigação sentimos algumas dificuldades e limitações. Registamos constrangimentos, já verbalizados, no agendamento dos encontros, devido à mobilização dos jovens em diversos pontos do país, nos diálogos dos encontros, algumas dificuldades de fluidez dos discursos, constituíram barreiras ao alcance dos objetivos que nos propusemos. Aliado está, o facto de se tratar de uma primeira investigação por parte do investigador, o que representou uma maior dificuldade de articular os contratempos.

Todavia, consideramos ter alcançado, parcialmente, o objetivo geral a que nos propusemos: contribuir para a reconstrução do lugar social dos jovens. Acreditamos ter construído memórias das suas histórias, indo de encontro à valorização subjetiva e promoção social deste grupo de jovens, embora sentíssemos a necessidade de explorar e desenvolver o projeto de investigação exterior ao grupo, para contribuir de forma mais efetiva a promoção da participação social coletiva.

Não obstante, o facto desta valorização subjetiva dos jovens ter-se concretizado apenas no interior do grupo, não deixam de ser relevantes os efeitos provenientes da sua participação neste projeto. O facto de exteriorizarem e verbalizarem as suas inquietações e aspirações possibilitou-lhes visualizarem as suas competências e aptidões. Registamos ainda uma dinâmica de partilha, através da participação ativa dos sujeitos, que se revelou num processo de empowerment.

Efetivamente, o grupo conseguiu assumir as expetativas de vida, não reconhecidas inicialmente, assim como apurar objetivos de vida e confiança para os exteriorizar. Estamos perante um grupo de protagonistas, construtores das suas histórias, sem complexidade de inferioridade e fragilidades, apesar dos vários constrangimentos vivenciados em alguns momentos mais íntimos do projeto de investigação.

A partir dos objetivos específicos que nos propomos desenvolver: 1) reconstruir o percurso de vida dos jovens na instituição e a sua relação com a escolarização; 2) identificar fatores facilitadores de sucesso escolar e de inclusão social; 3) tendo por base os dois objetivos anteriores, construir coletivamente mecanismos geradores de participação social; foi possível descobrir pontos relevantes numa resposta social efetiva, considerando fios condutores de sucesso e de inclusão social, como veremos a seguir.

Tomando como exemplo mais expressivo, o percurso de um dos jovens, o João, podemos compreender a efetividade das práticas desenvolvidas como promissoras. Apesar de alguns autores referirem que sujeitos provenientes de grupos sociais de risco possibilitam a ideia de acentuar as fragilidades e desigualdades, estes jovens mostram uma outra perspetiva: dão-nos as condições para que nós saibamos decidir o nosso futuro. Podemos afirmar que o contexto de vulnerabilidade e risco social não implica diretamente a reafirmação das desigualdades e não é fator eliminatório do acesso à educação. Efetivamente, implica empenho, dedicação, acompanhamento e esforço. São evidentes, nos jovens, histórias de singularidades nos seus percursos formativos, mas refletem uma perspetiva homogênea em relação ao seu sucesso, quer pelo trabalho individual, quer pelas pessoas responsáveis por eles. Estabelecemos, assim, correspondência entre o papel dos educadores nas relações interpessoais e a construção de vínculos verdadeiros e duradouros, bases importantes no sentir da vida dos jovens e pilares orientadores nas suas decisões. O que semeias há de colher é o lema de vida de um jovem, aprendido com um funcionário. O meu sonho é criar um lar igual a este diz uma jovem que tem uma ligação estreita com a Diretora do Lar. Certamente que os valores matriz também foram adquiridos, não apenas na primeira infância, mas nas fases seguintes, junto de quem os transportava e os partilhava na simplicidade do quotidiano.

No que toca ao contexto institucional, foram identificados pelos jovens, como fatores preponderantes para o seu sucesso, o facto de existir um acompanhamento diário e um vínculo afetivo estabelecido com os cuidadores. Na relação afetiva, consideraram a importância de não haver rotatividade da equipa cuidadora, permitindo criar uma relação duradoura e de confiança. A institucionalização, além de criar a figura de referência na própria equipa, possibilitou a socialização com outras crianças, fator importante para os espaços de aprendizagem e do brincar que, por sua vez, permitiu a vivência da infância,

mesmo quando as suas histórias de vida são marcadas por chegadas e partidas de pessoas e de contextos.

Uma particularidade do acolhimento, aqui retratado, passa por integrar uma resposta que possibilita o reencontro de irmãos, outrora separados. Deste modo, encontram um contexto familiar. Conta ainda com a singularidade de agregar um número reduzido de crianças e jovens. Pensamos assim, definir-se como ponto importante por se tratar de uma resposta assente numa dinâmica de proximidade, de intimidade e de confiança.

Exploramos também algumas dificuldades sentidas pelos quatro jovens, no seu percurso, bem como a forma como lidam com elas. Queixam-se de algumas injustiças nos castigos coletivos, queixam-se do respeito pela individualidade e autonomia, de terem de regressar a casa cedo, após as saídas noturnas, de serem tratados por igual, algumas situações de maior necessidade de acompanhamento e outras até mesmo designam de demasiada proteção... São queixas relativas considerando as dimensões implicadas na (re)construção da identidade. Neste processo de desenvolvimento do ser estiveram presentes várias práticas disciplinares e orientadoras. Os jovens partilharam situações de apoio emocional, de confiança, de desenvolvimento de capacidades e aptidões outrora inexistentes. Ou seja, reportam todo um processo voltado para o bem-estar e o interesse da criança e do jovem. Nas suas histórias de vida esteve sempre presente um exercício de comunicação, tentando primar por uma comunicação mais horizontal, desencadeando nos sujeitos um processo de questionamento e de reflexão.

Pensamos ter compreendido a origem das suas expetativas. Deram-me asas para voar. Gostávamos de dar este título a todo o projeto de investigação. Na verdade, é o relato simplificado de um jovem para caracterizar o trabalho concretizado com ele, no Lar onde cresceu. As expetativas destes quatro jovens resumem-se a dar o melhor de si e viver um dia de cada vez (*carpe diem*), visionando os seus objetivos e cumprindo as regras que a instituição lhes impõe, com carinho e autoridade. Reconhecem o fracasso dos progenitores e preferem manter um contacto adequado, construtivo.

Todo este trabalho de desenvolvimento a nível pessoal e social tem reflexo também ao nível educativo. Durante o percurso escolar, foram bem presentes várias estratégias quanto ao incentivo, ao estímulo, trabalho individualizado, atendendo às particularidades,

necessidades e especificidades de cada criança e jovem. Importa ressaltar o facto de o caminho educativo ser percorrido, não exclusivamente pelas crianças e jovens, mas com o estreito envolvimento da equipa responsável. Podemos aferir que a base familiar, ou seja, a estrutura de apoio dos cuidadores é fundamental para o sucesso educativo.

O facto de os jovens terem alcançado níveis formativos acima da média nacional, no que se refere a crianças e jovens institucionalizados, deve-se a um grande esforço e investimento pedagógico proporcionado pela instituição. É notável que uma instituição local, sujeita às dificuldades da conjuntura, mantenha, atualmente quatro jovens a estudar na universidade, abrindo caminhos de igualdade, fraternidade e liberdade informada às gerações mais novas. “A quem muito se dá, muito é pedido”. Este provérbio popular faz jus ao historial de vida dos relatos que este projeto inclui.

Medindo prós e contras, na vida de todos os envolvidos, o acolhimento institucional, efetivamente, trata-se de uma resposta social que requer uma prática complexa, tendo em conta o desenvolvimento individual, social e cognitivo de um grupo de indivíduos, num processo de transição de vida associado a várias dinâmicas de (re)estruturação do ser. Assim sendo, esta resposta social implica, para além do envolvimento de todo um conjunto de entidades, equipas de cuidadores, recursos materiais e financeiros, uma forte mobilização e sensibilização em volta dos utentes, um contexto acolhedor e vinculativo que prima pelo ambiente familiar - relação de família. Deste modo, o trabalho desenvolvido em instituições de acolhimento implica um verdadeiro desafio, como averiguado a partir das experiências de vida dos jovens, das suas interpretações e perceções de vida.

Em termos de execução técnica do projeto, entendemos que a investigação participativa é um recurso valioso dado que permite o contacto próximo e rico entre investigador e grupo de participantes. Contudo, ela necessita de uma grande confiança e interação entre os mesmos, algo que necessita de tempo e de mecanismos de criação de laços afetivos.

Gostaríamos de ter contado com maior disponibilidade para continuar a desenvolver o projeto neste sentido e poder alcançar o terceiro objetivo que nos propusemos de construir coletivamente mecanismos geradores de participação social. Deste modo, não esgotamos as nossas expetativas. Durante a construção deste projeto, sentimos necessidade de ir mais

além, de incluir outros protagonistas, executar outras técnicas e dispositivos de investigação, assim como, continuar com outros jovens, profissionais e instituições. Definimos, aqui, o caráter aberto do processo de Investigação Participativa, remetendo para oportunidades futuras, o alcance total e cabal do objetivo geral definido, sabendo, à partida, que envolve trabalho digno de um estudo muito mais vasto, recursos muito mais abrangentes e uma experiência de vida mais longa.

---

## Bibliografia

- Alberto, Isabel. (2003). “Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco”. In: Machado, Carla e Gonçalves, Rui. Violência e vítimas de crimes. Coimbra: Quarteto editora Vol.(2).
- Alves, Sandra. (2007). Filhos da Madrugada: percursos adolescentes em lares de infância e juventude. Lisboa: Universidade técnica. Instituto superior de ciências sociais e políticas.
- Ariés, Philippe. (1981). História Social da Criança e da Família. (2ªed.) Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Barrat, Penny.et al. (s/d). Circle of friends: A peer based approach to supporting children with autistic spectrum disorders in school. Leicestershire Cointy Council. Internet. Disponível em: [http://www.leics.gov.uk/autism\\_circle\\_of\\_friends.pdf](http://www.leics.gov.uk/autism_circle_of_friends.pdf) [consultado a 12-03-2014].
- Berg, Bruce. (2001).“Focus Group Interviewing”. In: Bruce Berg. Qualitative Research Methods For the Social Sciences. California USA: A Pearson Education Company. (4º ed.). (111-132).
- Bett, Ianko. (2011). *Da construção da “individualidade” ao “indivíduo sitiado”*: Uma crítica Baumaniana ao elogio do hibridismo cultural. Revista Brasileira de Histórias e Ciências Sociais. Vol. (3). (6º) (Dezembro). Internet. Disponível em: [http://www.rbhcs.com/index\\_arquivos/Artigo.Daconstrucaodaindividualidadeaoindividuositado.pdf](http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Daconstrucaodaindividualidadeaoindividuositado.pdf) [consultado a 8-04-2014].
- Bleijenbergh, Inge., Korzilius, Kubert., Verschuren, Piet. (2013). Participatory research: a delphi study on the methodological criteria for the quality of the research process. Internet. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/235333642\\_PARTICIPATORY\\_RESEARCH\\_A\\_DELPHI\\_STUDY\\_ON\\_THE\\_METHODODOLOGICAL\\_CRITERIA\\_FOR\\_THE\\_QUALITY\\_OF\\_THE\\_RESEARCH\\_PROCESS](https://www.researchgate.net/publication/235333642_PARTICIPATORY_RESEARCH_A_DELPHI_STUDY_ON_THE_METHODODOLOGICAL_CRITERIA_FOR_THE_QUALITY_OF_THE_RESEARCH_PROCESS) [consultado a 21-01-2014].
-

- Brito, Mozar., et al. (2005). Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault: Uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações. *Organizações Rurais e Agroindustriais*, Lavras. Vol. (7). (3º) (356-369). Internet. Disponível em: [http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/43936/2/Artigo%209%20\(05.196\).pdf](http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/43936/2/Artigo%209%20(05.196).pdf) [consultado a 8-04-2014].
- Burgess, Robert. (2001). *A Pesquisa de Terreno – Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora
- Cabral, Paulo. (2005). “Projeto de Apoio de Alunos por Alunos: testemunho de um apoiante” In: Anabela Pereira e Elisa Motra (edt.) *Ação Social e Aconselhamento Psicológico no Ensino Superior Investigação e Intervenção: Actas do Congresso nacional. SASUA*. (151-157).
- Carneiro, Carla. Veiga, Laura. (2004) *O conceito de inclusão, dimensões e indicadores*. Belo Horizonte: Pensar BH: Política Social.
- CASA. (2011). *Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Instituto da Segurança Social.
- CASA. (2012). *Relatório da Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das crianças e Jovens*. Instituto da Segurança Social.
- Chambers, Robert. (1994). *The Origins and Practice of Participatory Rural Appraisal*. Pergamon. Vol. (22). (7º). (953-969).
- Chichorro, Ana., et al. (coord.). (2006). *Respostas Sociais: Nomenclaturas/conceitos*. Lisboa: Direcção-Geral da Segurança Social, da Família e da Criança.
- Coleman, James., Husén, Torsten (1985). *Tornar-se Adulto numa sociedade em mutação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cornwall, Andrea., Jewkes, Rachel. (1995). *What is participatory research?* Pergamon. Vol. (41). (12º). (1667-1676).
- Coutinho e Junior. (2007). *Utilização de técnica do Brainstorming na introdução de um modelo de E/B-Learning numa escola Profissional Portuguesa: a perspectiva de*

- professores e alunos. Universidade do Minho. Internet. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7351/1/Discurso%20metodologia%20e%20tecnologia.pdf> [consultado a 19-02-2014].
- Deyrell, Juarez (2007). “O Jovem como sujeito social”. In: Fávero, Osma et al. (coord.). Juventude e Contemporaneidade. Brasília: UNESCO. (155-176).
- Dias, Fernando. (2004). Relações Grupais e Desenvolvimento Humano. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dolores, Jacques. (2010). Um tesouro a descobrir. UNESCO
- Durston, John., Miranda, Francisca. (2002). Séries políticas sociais: Experiencias y metodologia de la investigación participativa. Santiago de Chile: Naciones Unidas.
- Falabella, Gonzalo. (2002). “Investigación participativa: nacimiento y relevancia de un Nuevo encuentro ciencia-sociedad” In: Durston, John., Miranda, Francisca. Séries políticas sociais: Experiencias y metodologia de la investigación participativa. Santiago de Chile: Naciones Unidas. (19-32).
- Falvey, Mary, et al. (2000): *All my Life's a Circle. Using the Tools: Circles, MAPS & PATHS*. Toronto: Inclusion Press.
- Ferreira, Jorge. (2001). Serviço Social e Modelos de Bem-estar para a Infância – Modus Operatori do Assistente Social na Promoção da Proteção à Criança e à Família. Lisboa: Quid Juris.
- Ferreira, Virgínia. (2004). “Entrevista focalizadas de grupo: Roteiro da sua utilização numa pesquisa sobre o trabalho nos escritórios.” In: actas dos atelieres do Vº Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção. Atelier: Teorias e Metodologias de Investigação. Internet. Disponível em: [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR46291f9a72c00\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR46291f9a72c00_1.pdf) [consultado a 8-11-2012].
- Freire, Paulo. (1972). Pedagogia do Oprimido. Porto: Afrontamento.

- 
- Gabarrón, Luis. (2008). Infancia e Investigación Participativa: Teoría y Experiencias. Subje / Civitas – Estudios Interdisciplinarios sobre Subjetividad Y Civilidad. Vol. (1). (1º). Enero-Junio.
- Giddens, Anthony. (2000). Sociologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, Agostinho. (2011). “A Música como Meio de Animação Socioeducativa”. In: As fronteiras da Animação Sociocultural. Pereira, José., Lopes, Marcelino. (org.). Amarante: Intervenção
- Gonçalves, Manuela. (2012). Educação, Trabalho e Família: trajetórias de diplomados universitários. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Graça, Marta. (2010). Os adolescentes e o teatro na construção coletiva do ser. Universidade de Aveiro: Tese de Mestrado.
- Guerreiro, Maria das Dores., et al. (1998). Trabalho, Família e Gerações. Oeiras: Celta.
- Guerreiro, Maria das Dores., et al. (2009). “Transição na juventude - percursos e descontinuidades”. In: Portugal no Contexto Europeu – Quotidiano e qualidade de vida. vol. III (239-262). Internet. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/4532/1/TrilogiaCIES03-MDG3.pdf> [consultado a 3-7-2013].
- Guitérrez, Juan. (2008). Autoridade moral y autonomía: una relectura del pensamiento sociológico de Émile Durkeim. México: Universidade Iberoamericana.
- Hall, Budd. (1979). “O saber como mercadoria e a investigação participativa” In: A educação física e desportiva. Perspetiva. Lisboa:Unesco. Vol. (9). (4º). (395- 504).
- Hall, Budd. (2005). In from the cold? Reflections on participatory research from 1970-2005. Convergence. Vol. (38), (1º). Internet. Disponível em: <http://www.eslarp.uiuc.edu/PAR%20RG/Hall%20PAR%201970-2005%20Convergence.pdf> [consultado a 6-01-2014].
-

- 
- Hall, Stuart. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Hall, Stuart., Woodward, Kathryn. (2008). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora vozes.
- Herber, Sérgio. (2005). Pesquisar com participação no orçamento participativo: Investigação fundamentada na metodologia freireana. *Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire”* Ano (1). (1º). Julho. Internet. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/fae/paulofreire/novo/br/pdf/54.pdf> [consultado a 23-01-2014].
- Huning, Simone., Guareschi, Neuza. (2002). Tecnologia de Governo: constituindo a situação de risco social de crianças e adolescentes. *Currículo sem Fronteiras*. Vol (2). (2º). Jul/Dez. (41-56).
- Isaksan, Scott., Gaulin John. (2004). A Reexamination of Brainstorming Research: Implications for Research and Practice. *Gifted Child Quaterly* Fall. Vol. (49). (315-329).
- Jardim, George. (2004). O individualismo na cultura moderna. *CAOS. Revista eletrônica de Ciências Sociais*. (7º) (23-31). Internet disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/georgeardilles.pdf> [consultado a 10-04-2014].
- Jardim, Jacinto. (2003). *O Método da Animação – Manual para o Formador*. Porto: AVE (2ªed.)
- Lima, Rosa. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra*. Porto: Universidade do Porto.
- Lopes, Marcelino. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção. (2ªed.).
- Lopes, Marcelino., Galinha, Sónia., Loureiro, Manuel. (2010). *Animação e Bem-Estar Psicológico – Metodologias de Intervenção Sociocultural e Educativa*. Chaves: Intervenção.
-

- Lopes, Maria. (2004). “ O estigma da exclusão social, educação, poder e a utopia da inclusão” In: Sociedades contemporâneas: reflexividade e ação. Actas dos ateliers do V congresso português de sociologia. (39-44). Internet. Disponível em: [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR4628c628d6df8\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628c628d6df8_1.pdf) [consultado a 16-11-2012]
- Machado Pais, José (1990). “A construção sociológica da juventude – alguns contributos”. In: Análise Social. Vol. XXV. (105-106). (1º,2º) (139-165).
- Machado Pais, José (1993). Culturas juvenis. Lisboa: imprensa nacional-Casa da moeda.
- Magalhães, Ana. (2012). A depressão na criança institucionalizada. Universidade Fernando Pessoa: Tese de Mestrado.
- Martins, Ernesto. (s/d). Política de juventude. Internet. Disponível em: <http://historico.ensino.eu/em-artigo01.pdf> [consultado a 3-7-2013].
- Martins, Paula. (2004). Proteção de crianças e jovens em itinerários de risco-representações sociais, modos e espaços. Instituto de estudos da criança. Universidade do Minho.
- Martins, Paula. (2005). O desenvolvimento pessoal e social da criança em contexto de vida institucional - elementos para uma análise da ecologia da interpersoalidade. Internet. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6750/1/O%20DPS%20da%20crian%C3%A7a%20em%20contexto%20de%20vida%20institucional.pdf> [consultado a 8-11-2012].
- Meireles, Mauro., Thiago, Ingrassia. (2006). Perspetivas teóricas acerca do empoderamento de classe social. Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire” Ano (2). (2º). Julho. Internet. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/fae/paulofreire/novo/br/pdf/Mauro%20Meirelles%20e%20Thiago.pdf> [consultado a 23-01-2014].

- Mendes, Mónica (2005). “A consulta de Psicologia e de saúde mental do Centro de Saúde escolar da Universidade de Lisboa: generalidades e particularidades da nossa realidade.” In: Anabela pereira e Elisa Motra (edt.) Acção Social e Aconselhamento Psicológico no Ensino Superior Investigação e Intervenção: Actas do Congresso nacional. SASUA. (213-222)
- Montola, Markus. (2007). Tangible Pleasures of Pervasive Role-Playing. University of Tmpere: DiGRA
- Morais, Isabel., Jorge do Ó. (2011). “O território da privacidade das crianças de acolhimento institucional prolongado” In: Calheiros, Maria; Garrido, Margarida; Santos, Salomé. (org). Crianças em risco e perigo: contextos, investigação e intervenção. Lisboa: Edições Sílabo. (165-189).
- Newton, Colin., Wilson, Derek. (2010). Criando círculos de amigos. Soluções Inclusivas. Internet. Disponívm em: <http://inclusive-solutions.com/circle-of-friends/> [consultado a 12-03-2014].
- Nogueira, Daniel. (2010). Trata a Vida Por Tu. Alfragide: Lua de Papel. (4ªed.). (100-105).
- Nolasco, Néstor., García, José., Castro, Justo. (2007). Aplicaciones de Investigación Participativa. costa Rica: CATIE. Internet. Disponível em: <http://intranet.catie.ac.cr/intranet/posgrado/Met%20Cual%20Inv%20accion/Semana%202010/Documento%20de%20M%C3%A9todos%20Cualitativos.pdf> [consultado a 10-12-2013].
- Novaes, Regina. (2011). Juventude e sociedade: jogos de espelhos Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. Internet. Disponível em: <http://portalyah.com/facj/files/2011/09/Juventude-e-Sociedade-Regina-Novaes.pdf> [consultado a 3-7-2013].
- Ortiz, Marielsa., Borjas, Beatriz. (2008). La Investigación Acción Participativa: aporte de Fals Borda a la educación popular. Espacio Abierto. Vol. (17). (4º). (615-627).

---

Internet. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/122/12217404.pdf> [consultado a 10-01-2014].

Pazos, Carlos. (2005). Apuntes sobre investigacion participativa: una revisión de antecedentes, proposiciones politicas y de metodologia. Uruguay. Internet. Disponível em: [http://www.inia.org.uy/online/files/contenidos/link\\_05062006103256.pdf](http://www.inia.org.uy/online/files/contenidos/link_05062006103256.pdf) [consultado a 10-02-2014].

PII (2007). Relatório de caracterização das crianças e jovens em situação de acolhimento em 2007. Instituto da Segurança Social.

PII (2009). Plano de Intervenção Imediata - Relatório de Caracterização das Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento em 2009. Instituto da Segurança Social.

Robson, Nerina; Migliardi, Paula. (2004). Planificación Centrada en La Persona Es una Celebración en Comunidad. Puerto Rico.

Rodrigues, Hélder (2005). “A Acção Social no Ensino superior: um novo compromisso na área da saúde”. In: Anabela pereira e Elisa Motra (edt.) Acção Social e Aconselhamento Psicológico no Ensino Superior Investigação e Intervenção: Actas do Congresso nacional. SASUA. (161-166)

Santos, Ana. (2009). (In)sucesso escolar das crianças e jovens institucionalizados. Dissertação: ISCSP.

Santos, Maria. (2010). O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco – a passada de institucionalização e o seu significado actual para os sujeitos adultos. Tese de Mestrado. Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Santos, Milica. (2004). A actual realidade dos internatos em Portugal decorre da incapacidade de criar respostas alternativas. A página da Educação. (135º). 13 de junho. Internet. Disponível em:

---

<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=135&doc=10149&mid=2> [consultado a 16-11-2012]

Schmidt, Luísa. (1990). “Jovens: família, dinheiro, autonomia”. *Análise social*. Vol. XXV. (108-109). (4º, 5º). (645-673)

Silva, Sofia. (2007). “O caminho é a cidadania: investigação-acção, contributos de uma dinâmica educativa.” In: Fernando Ramos (ed.). *Educação para a cidadania europeia com as artes*. Granada: Universidad de Granada & Center for Intercultural Music Arts. (231 – 238).

Soares, Natália. (2006). “A Investigação Participativa no Grupo Social da Infância” In *currículo sem Fronteiras*. Vol. (6). Jan/Jun. (25-40).

Souza, Francisca., Celecina, Sales., Oliveira, Jaiane. (2012). “Grupos juvenis e Escola: Conflitos e Possibilidades”. In: I Colóquio Internacional, Diálogos Juvenis. *Juventudes, Processos Educativos e Trabalho*. Laboratório das Juventudes – Lajus.

Stainback, Susan; Stainback, William. (1999). *Inclusão – Um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Steubert, Helen., e Carpenter, Dona. (2002). *Investigação qualitativa em enfermagem: avançando o imperativo*. (2ed.) Loures: Lusociência. Cap. (12). (285-292).

Teixeira, Elsa. (2008). “Histórias Singulares – Trajetórias de Sucesso no Ensino Superior de Jovens Provenientes de Contextos Descapitalizados.” In: VI Congresso Português de Sociologia – *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*.

Trilla, Jaume. (2004). *Animação Sociocultural – teorias, programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Villegas, Emilio. (1991). *La investigación participativa en procesos educativos com adultos: El caso “parque”*. Universidade de Sevilla: Tese de Doutoramento.

\_\_\_\_\_. (2007). *Construir uma argamassa contra-hegemónica: reflexões sobre Educação Desenvolvimento*. *Revista lusófona de Educação*, Vol. (9). (35-49).

\_\_\_\_\_. (2012). A construção da cidadania participativa através da educação. Revista lusófona de Educação, Vol. (20). (13-29).

Artigo 2º, Decreto-Lei nº 2/86 de 2 de Janeiro.

Lei nº 31/2003 de 22 de Agosto, Artigo 35º.

Lei nº147/99 de 1 de Setembro, Artigo

## **Anexos**

**Anexo I – Consentimento Informado**

## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**Por favor, leia com atenção todo o conteúdo deste documento. Não hesite em solicitar mais informações se não estiver completamente esclarecido. Se entender que está de acordo com a proposta que lhe é feita, por favor, assine este documento.**

Chamo-me Patrícia Castro, sou aluna na Universidade de Aveiro e, no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, proponho-me desenvolver um projeto com jovens em acolhimento institucional. O objetivo deste projeto é poder partir das experiências de vida dos jovens e com eles tentar compreender como podem ser construídos percursos de inclusão social em grupos marginalizados socialmente. Para tal, será necessário constituir um grupo de investigação - investigador coletivo - e é neste sentido que preciso da sua colaboração. A sua participação, sempre de acordo com a sua disponibilidade, será feita através de conversas informais, grupos de discussão e, eventualmente, entrevistas. Todas as informações prestadas serão gravadas em formato áudio, todavia, confidenciais, com fins somente académicos. Porém, se no relatório final pretender anonimato, este será garantido, até mesmo o nome da instituição, se assim o entender.

A investigadora,

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

**Declaro ter compreendido os objetivos e as características do que me foi proposto e ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o assunto e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora.  
Assim sendo, acedo a participar na investigação.**

O(a) participante,

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Anexo II – Tabela de sessões do projeto**

<b>Data</b>	<b>Participantes do Projeto</b>	<b>Técnicas e Instrumentos</b>	<b>Anexos</b>
12-11-12	Dr <sup>a</sup> Maria Silva	Conversa informal 1	NC n°1
01-02-13	Dr <sup>a</sup> Maria Silva	Conversa informal 2	NC n°2
25-03-13	João, Ana, Carlos, Pedro, Técnica Helena	Conversa informal - dinâmica de grupo	NC n°3 TRAN n°1
27-03-13	João, Ana, Carlos, Pedro	Focus group 1	NC n°4 TRAN n°2
13-04-13	João, Ana, Carlos	Focus group 2	TRAN n°3
04-09-13	João, Ana, Carlos, Pedro,	Instrumentos expressivos – orçamento de tempo	TRAN n°4
09-09-13	Carlos	Instrumentos expressivos – círculo de amigos e linguagem musical	NC n°5
09-09-13	Pedro	Instrumentos expressivos – círculo de amigos e linguagem musical	NC n°6
16-09-13	João	Instrumentos expressivos – círculo de amigos e linguagem musical	NC n°7
16-09-13	Ana	Instrumentos expressivos – círculo de amigos e linguagem musical	NC n°8
29-09-13	João, Ana, Carlos, Pedro	Role playing e brainstorming	TRAN n°5
Tabela 1 – Sessões do projeto			

**Anexo III – Notas de Campo**

## 1. Conversa informal 1

Participantes: Diretora do LIJ, Dra Maria Silva	
Data: 2ª feira, 12 de novembro de 2012	
Local: Café da cidade	Hora: 10:00h – 11:30h
Atividade: Conversa Informal 1	

<p>Hoje falei pela primeira vez, pessoalmente, com a Diretora da Instituição.</p> <p>Feitas as apresentações, ao entrar no café e num ambiente descontraído, expus o meu projeto de investigação e os seus objetivos no âmbito do mestrado em ESIC. A indicação para esta instituição foi feita pela Professora Rosinha Madeira. Declaro ainda que é minha professora, orientadora de estágio. A orientação para esta instituição foi feita a pensar no quão vantajoso seria para o trabalho a desenvolver no projeto.</p> <p>A Dra Maria faz uma breve apresentação da instituição. Aponta para uma matriz diferente do comum das instituições, tanto em relação ao número de crianças (8 em regime acolhimento prolongado), como à estrutura física (um apartamento, tipo T4, no centro da cidade), não possuindo qualquer sinalização visível de que se trata de uma instituição.</p> <p>Lá vivem pessoas com idades entre os 8 e os 20 anos, mas já houve até aos 22. Atualmente, tem uma criança que foi adotada no passado. Ao fim de seis anos, a família de acolhimento rejeitou-a (afirma que não quis continuar a tomar conta) e ela voltou ao sistema de acolhimento prolongado.</p> <p>Tem casos de transferência por motivos de mau comportamento. Nestes casos, os jovens melhoraram a sua conduta. Na</p>	<p>Instituição com 8 crianças em regime de acolhimento prolongado num apartamento T4, sem identificação diferenciada.</p> <p>O Lar perspetiva uma melhor conduta dos jovens e crianças.</p>
--	---

<p>perspetiva de sucesso escolar e do seu futuro não seria o esperado, no entanto, o que se verifica nos exemplos destas crianças e jovens que acolhemos é o contrário.</p> <p>Trata-se de um lar misto, essencialmente porque acolhe irmãos. Isto é “considerado um fator importante no desenvolvimento deles” enquanto, que nos outros lares, são separados.</p> <p>Estes utentes têm um acompanhamento próximo, por parte dos funcionários que se encontram diariamente com eles, pela restante equipa de trabalho e ainda pelos seus familiares. Claro que depende do processo de cada um deles, mas, mais tarde ou mais cedo, esta relação subsiste.</p> <p>A Dra Maria fala das tomadas de decisão. Estas são consideradas em grupo, com a presença dos envolvidos, ou seja, os próprios estão implicados neste processo, fazem parte deste momento. As decisões que os utentes tomam podem estar relacionadas consigo próprios ou mesmo com as outras crianças. Podem ser circunstanciais, do seu dia-a-dia, podem estar relacionadas com questões de castigos (definem como deve ser e se realmente é necessário), questões de férias (se vão para a praia, rio, quais os passatempos), saídas de fins de semana e todas as áreas que envolvem as suas vidas.</p> <p>Destaca que têm duas figuras de referência no apartamento, feminina e masculina, sempre presentes no quotidiano. Têm sempre um funcionário, mesmo de noite.</p> <p>Profere ainda que há um sistema de flexibilidade de horários, muito próximo do familiar, adaptado a cada criança. “Não são obrigados, em determinado horário, a fazer determinada coisa ao som de campainhas como é característico nas instituições”.</p>	<p>Lar misto por acolher irmãos.</p> <p>As decisões são tomadas em conjunto com crianças e jovens, estão implicadas no processo.</p> <p>A figura masculina e feminina está presente no Lar.</p> <p>Flexibilidade de horários (individualidade) e sistema idêntico ao da família.</p>
---	--

<p>Outro fator importante referido é a oportunidade de eles terem as suas próprias roupas, não há necessidade de as mesmas serem partilhadas por todos. O Lar tem o cuidado de proporcionar roupas apropriadas, não havendo constrangimentos na forma como se vestem. Vestem-se de maneira semelhante aos seus colegas de escola.</p> <p>A Dra Maria fala ainda das tarefas domésticas que lhes são atribuídas, no sentido de desenvolverem capacidades, aptidões de forma a aprenderem a ser autónomos nas lidas da casa. Exemplifica: desde pôr a mesa, aprender a cozinhar, limpar o pó, cuidar das roupas, tal como numa família seria normal.</p> <p>Na escola, cada criança tem um encarregado de educação.</p> <p>A Diretora dirige-me uma palavra de prevenção para as possíveis barreiras a encontrar: personalidades fechadas, intervalo grande de idades, o facto de viverem em meio muito familiar, intimista e ser uma instituição pequena (8crianças, sendo que uma tem um atraso de desenvolvimento). Como entrar lá? Vou parecer alguém estranho a querer saber da vida deles... Com quem vou trabalhar, com crianças ou jovens? O que fazer em concreto com eles? Quais as atividades a realizar?</p> <p>Tem quatro jovens a frequentar o ensino superior, três deles em regime de autonomia (Viseu, Vila Real e Coimbra) e um no Lar.</p> <p>Foi um encontro agradável e muito proveitoso!</p> <p>Depois desta conversa, fiquei ainda mais motivada com o projeto. Surge uma questão: trabalhar com as crianças ou jovens?</p> <p>Efetivamente, a realidade desta instituição destaca-se, promove a</p>	<p>Não há partilha de roupas (individualidade).</p> <p>As crianças e jovens fazem as tarefas domésticas – desenvolvem capacidade de autonomia.</p> <p>Crianças e jovens com personalidades fechadas e intervalo de idades, uma criança com atraso de desenvolvimento e que vivem num contexto familiar.</p> <p>4 jovens no ensino superior</p>
---	--

---

<p>proximidade de figuras vinculativas, assemelha-se muito ao funcionamento duma família nuclear, dum lar acolhedor, revisto nas minhas inquietações nesta valência de acolhimento.</p> <p>Considerando os dados nacionais de crianças e jovens em situação de acolhimento, tal percurso de sucesso não seria expectável. Além de concluírem a escolaridade obrigatória<sup>22</sup>, estudam no ensino secundário. Alguns fazem-no via profissionalizante. Chegam mesmo a ingressar no ensino superior. Atualmente, quatro jovens frequentam este nível de ensino, um deles já se encontra a concluir o grau de mestre. Apesar de um percurso de vida tumultuoso, estes jovens chegam onde não seria de se esperar, ou seja, vão para além das expetativas.</p>	<p>Percurso dos jovens, para além das expetativas.</p>
--	--

---

<sup>22</sup> Artigo 3º do Decreto-Lei n.º 176/2012 - os alunos que se matricularam, no ano letivo de 2009 -2010, no 8.º ano de escolaridade e seguintes, o limite da escolaridade obrigatória continua a ser os 15 anos.

## 2. Conversa informal 2

Participantes: Diretora do LIJ, Dra Maria Silva	
Data: 6ª feira, 1 de fevereiro de 2013	
Local: Café da cidade	Hora: 10:00h – 11:30h
Atividade: Conversa Informal 2	

<p>No decorrer da conversa, a Diretora esteve em contacto com a equipa que preparava uma feira, a realizar-se em Coimbra, resultando em algumas interrupções.</p> <p>Tomo início à nossa conversa com uma breve explicação do trabalho que pretendo desenvolver, sendo que pronuncio a minha vontade de trabalhar com os jovens.</p> <p>O trabalho começaria por compreender o percurso de vida, procurando identificar os fatores facilitadores assim como o percurso escolar (pré-universitário/universitário), no sentido de averiguar os diferenciadores de sucesso.</p> <p>Apresento os pontos principais das sessões de trabalho: conversas informais, focus group e instrumentos expressivos. Partindo das experiências de vida dos jovens, com os dados recolhidos, em conjunto com eles, tentar compreender como podem ser construídos percursos de inclusão social em grupos marginalizados e estigmatizados socialmente. Numa fase final, desenvolver um projeto com os jovens, na medida em que eles considerem pertinente uma intervenção ou mudança.</p> <p>A Diretora chama a atenção que “vou ter dificuldade em juntá-los”. O Carlos estuda em Coimbra, Geografia. Aos fins de semana vai a casa da avó. O João estuda na UTAD, Desporto (Mestrado). Durante a semana, vive no Lar, ao fim de semana</p>	<p>Obstáculos com o grupo - horários divididos entre a Faculdade, o Lar e a</p>
---	---

<p>tem treinos, incluindo futebol. A Ana estuda em Viseu, Educação Social. Aos fins de semana vai visitar a mãe, (não tem pai). O Pedro estuda em Barcelos, Design Gráfico. Não está em Apartamento de Autonomização de vida por causa do amadurecimento. (Pedro e Carlos são irmãos)</p>	<p>Família Biológica - pouca disponibilidade.</p>
<p>A Dra Maria afirma que “eles têm os horários muito trocados”. Que em relação à Ana e ao João “não vou ter problema nenhum” em falar com eles. Porém, mostra receio em relação ao Pedro e ao Carlos. Afirma que eles são muito fechados (irmãos). Lembra-se de uma viagem à Disneyland, em que estes irmãos se afastavam do grupo. “O Carlos não gosta nada de investigação sobre a vida dele. Foge mesmo dos questionários, ele não gosta”. Estes dois irmãos são mais retraídos face à sua situação, fogem da exposição. Se as entrevistas e atividades forem em grupo, maior é a retração por parte deles.</p>	<p>Obstáculos com o grupo - Carlos e Pedro são mais retraídos quanto à exposição da sua história, os outros dois estão mais à vontade.</p>
<p>Apesar dos fatores desfavoráveis apresentados, a Diretora mostrou disponibilidade para falar com eles, solicitando a sua boa colaboração. Falará também com a técnica Isabel. É quem acompanha os jovens que estão em autonomia de vida. A Dra Maria afirmou que, após o meu primeiro contato com eles, já poderei combinar as sessões seguintes.</p>	<p>Laços afetivos – diretora e jovem. Expressões de afeto e carinho.</p>
<p>Entretanto, a minha interlocutora telefona a um dos jovens, o João. Referiu-se a ele como “o meu mais velho”. Ele costuma andar na cidade, por isso, se estivesse disponível iria ter connosco e seríamos apresentados. Registo que a Diretora inicia a conversa dizendo: “Tou sim, meu afilhado lindo!”. Admiro este à vontade, esta relação próxima que se subentende na frase. Para ele não era possível vir ter connosco, porque tinha aulas. Marcou para mais tarde.</p>	<p>É uma instituição grande</p>

<p>Por fim, solicito alguns esclarecimentos sobre a história e a filosofia de base da ABCD. Descreve que a ABCD é constituída por quatro valências, três delas de maior ênfase: Centro Comunitário, Lar, CAT e SAAS. São valências da área social.</p> <p>Relativamente à Educação e Formação, o Centro de Novas Oportunidades desaparecerá. Ficará o Centro de Formação e o Centro de Recursos em Conhecimento. Na área de apoio social e comunitário, tem os SAAS (Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social), o Centro Comunitário com a hemeroteca (local onde se guardam jornais e publicações periódicas) e mediateca educativa. O apoio domiciliário foi transferido para outra instituição. Surgiu, entretanto o projeto “Feira da Aldeia” a realizar-se anualmente, no mês de julho.</p> <p>O Lar de Acolhimento, o Lar de Infância e Juventude, o Centro de Atividades de Tempos Livres, bem como o projeto “Comunidade” e o projeto comunitário de infância são áreas específicas vocacionadas para os mais novos.</p> <p>Em relação aos colaboradores, a maioria eram formadores, agora já são menos, cerca de 30 pessoas, atualmente.</p> <p>Relativamente à questão dos encarregados de educação, a Dra Maria afirma que, normalmente, são os funcionários. Quem habitualmente assume essa função é a Raquel. No entanto “uma ou outra vez pode ser outra, a Helena, foi o caso do Pedro, há um ou outro que tem outro encarregado de educação.”</p> <p>Em relação à figura masculina, o funcionário trabalha de segunda a sexta-feira.</p> <p>No que concerne, à filosofia de base, Maria Silva, declara que “a ideia é que todo o funcionamento é numa base de</p>	<p>com 4 valências.</p> <p>Cerca de 30 funcionários ao serviço da ABCD.</p> <p>Funções dos funcionários do Lar - encarregados de educação, sendo que um se ocupa mais dessa responsabilidade.</p> <p>Presença da figura masculina no Lar.</p> <p>Linhas orientadoras do funcionamento do lar – individualidade e proximidade, nº de crianças</p>
---	--

---

<p>individualidade e proximidade, há um número restrito de crianças. Nós acabamos por ter uma relação muito próxima, conhecer profundamente, o jeito, a forma de ser de cada um dos nossos meninos, e há muito respeito pela individualidade, muita atenção em termos das características de cada um, isto por um lado. Por outro lado, tentamos estabelecer relações afetivas positivas com as pessoas que travaram conhecimento. Outra parte é com os irmãos, raparigas-rapazes, rapazes-raparigas, não importa, com os amigos, no sentido que se constitua também uma família. Já que eles não têm família nuclear, que eles possam manter os outros laços no caso dos laços matriz.”</p> <p>Mesmo antes da despedida, a Diretora disponibiliza-se para o envio de documentos e relatórios, para serem analisados com mais calma, acerca das linhas orientadoras do trabalho desenvolvido.</p>	<p>reduzido, estabelecer relações afetivas positivas criar laços matriz.</p>
---	--

### 3. Conversa informal – Dinâmica de grupo

Participantes: João, Ana, Carlos, Pedro, Técnica Helena	
Data: 2ª feira, 25 de março de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 10:00h – 11:00h
Atividade: Conversa informal – dinâmica de grupo	

<p>Esta terceira sessão corresponde ao primeiro encontro com o grupo investigador coletivo, ou seja, os jovens, na presença da técnica Helena. Tem como objetivo a apresentação do grupo, o conhecimento e envolvimento no projeto, a declaração do consentimento informado e a iniciação das conversas.</p> <p>Damos início às apresentações, enquanto se aguarda a chegada do Pedro. Já na sua presença, falo da declaração de consentimento informado, esclareço os âmbitos e os objetivos do projeto, assim como a pertinência da colaboração dos jovens no processo de desenvolvimento do mesmo e apelo à sua participação nas atividades. Esclareço que fazem parte de um grupo investigador coletivo.</p> <p>Para quebrar o gelo, uso a dinâmica de apresentação como ferramenta para abrir caminho a conversas mais descontraídas. No entanto, esta não é levada a termo, acaba por ser mais usada como um guia de temas a conversar.</p> <p><b>Dinâmica de Apresentação</b></p> <p><b>João</b> – 26 anos, licenciatura em Ciências do Desporto, a frequentar o último ano de mestrado, na UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). Tinha entrado primeiro na Universidade em Covilhã, mas depois mudou para a UTAD, porque era mais perto. A escolha do curso deve-se ao seu sonho</p>	<p>Apresentação dos jovens</p>
--	--------------------------------

<p>de ser treinador e então tomou esse caminho. A entrada no mestrado, cuja especialização é Desporto Coletivo, permite assim seguir o seu sonho de ser treinador. Entretanto está a dar aulas de ginástica a idosos, é treinador num clube, voluntário na ABCD e dá aulas de natação às crianças.</p> <p><b>Ana</b> – 23 anos, último ano em Educação Social, em Viseu. O seu sonho é abrir uma instituição de acolhimento de crianças e jovens e tem a esperança de “vir a trabalhar na ABCD”.</p> <p><b>Carlos</b> – 22 anos, último ano em Geografia, na Universidade de Coimbra. Quando era pequeno gostava de ler. O seu sonho é “deixar a minha marca no mundo e ser feliz”.</p> <p><b>Pedro</b> – 20 anos, curso Design Gráfico, em Barcelos (vem todos os dias para o Lar), mas já está no processo de autonomização. Gosta de escrever, tem um fascínio por animais. O seu sonho “é trabalhar na área de Design”.</p> <p><b>Helena</b> – 43 anos, técnica da ABCD, licenciada em Sociologia.</p> <p>Este primeiro encontro em grupo correu bem. A presença da técnica como intermediária foi basilar quer na comunicação estabelecida, quer nas suas intervenções.</p> <p>Alguns jovens corresponderam às minhas expectativas, tendo em conta as precauções de que a Dra. Maria Silva me havia falado. Fiquei surpreendida com o à vontade do Pedro. Esperava uma pessoa mais introvertida, calada. Presenciei um Pedro fluente no seu discurso, a dar a sua opinião sem grande insistência da minha parte. O seu irmão Carlos revelou uma atitude bem mais passiva, como o esperado, só respondia a perguntas direcionadas e de resposta curta. Da Ana esperava maior interação, considerando a sua formação ligada à área da sua experiência de</p>	<p>Sonho – ser treinador; é voluntário na ABCD.</p> <p>Sonho – abrir uma instituição como a ABCD. Sonho – deixar a minha marca no mundo e ser feliz.</p> <p>Sonho – trabalhar na área que está a estudar.</p> <p>Alteração das expectativas esperadas no primeiro encontro com os jovens: (à vontade do Pedro, mais tímido o Carlos, esperado maior interação por parte da Ana, o João estava menos apreensivo que o resto do grupo)</p>
---	--

<p>vida. O João foi intervindo com uma postura menos apreensiva que o restante grupo.</p> <p>Mesmo antes de finalizar a sessão, procurou-se escolher o dia mais conveniente a todos para realizar outro encontro para as nossas conversas. No entanto os jovens mostraram-se renitentes. Segundo opinião partilhada por todos, têm os dias bastante preenchidos, entre visitar familiares, trabalhos, participações em atividades na própria instituição e marcar os nossos encontros torna-se uma tarefa complicada.</p>	<p>Segundo opinião partilhada por todos, têm os dias bastante preenchidos, entre visitar familiares, trabalhos, participações em atividades na própria instituição.</p>
---	---

#### 4. Focus Group 1

Participantes: João, Ana, Carlos, Pedro, Diretora Maria Silva	
Data: 4ª feira, 27 de março de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 10:00h – 12:00h
Técnica: Focus group 1	

<p>A sessão começou um pouco mais tarde da hora prevista, uma vez que a Diretora e os jovens estiveram a esclarecer alguns assuntos.</p> <p>Já sentados, em volta da mesa, enquanto esperávamos pelo João, a Diretora Maria falou de uma palestra que a instituição está a organizar para o dia 31 de Maio de 2013, que contará com a presença do Presidente da Câmara local e um ministro do Governo Nacional.</p> <p>Convidou os jovens a partilharem as suas experiências de vida, pretendendo dar a conhecer outra forma de atuar face à realidade portuguesa dos jovens em acolhimento. Esta atividade surge também no sentido de garantir os fundos necessários, por exemplo, para suprir a renda do apartamento de autonomização. É assegurada pela ABCD e pelo compromisso de apoio que a autarquia assumiu, pois a requisição feita, junto da Segurança Social, para este projeto não foi aceite.</p> <p>A Diretora dá alguns exemplos de episódios que eles poderiam partilhar no painel reservado aos jovens. Começa a contar algumas dessas histórias, coincidentes com os primeiros tempos no Lar. De algumas delas os jovens já nem se recordavam.</p> <p><b>Histórias</b></p>	<p>Momentos iniciais da entrada no Lar são esquecidos pelos jovens.</p> <p>Medidas de atuação: o</p>
--	--

<p><b>Carlos</b></p> <p>“Lembras-te? De quando a tua avó ia para a Madeira, tu ficavas insuportável... Durante o tempo que ela estivesse fora eras intolerante, insuportável, transformavas-te. E isso mudou. Sabes em que dia? No dia em que eu te disse:</p> <p>[Diretora] “Porra, Carlos, a tua avó volta.”</p> <p>[Carlos] “Eu sei lá, eu sei lá.”</p> <p>[Diretora] “Vamos ao Aeroporto levá-la.”</p> <p>E nós fomos contigo acompanha-la. Ela foi de táxi, nós fomos atrás, lembras-te? [Carlos acena que sim] E tu, nesse dia, conseguiste perceber o que era ir à Madeira e nunca mais te portaste mal enquanto ela ia à Madeira. O simples levar-te ao aeroporto descansou-te. Essa foi uma das ideias que me ficou de ti.</p> <p>E sabes outra, Carlos? A relva. A erva na tua mão. [Carlos não se consegue recordar] O dia em que vieste. Tu é que me descreveste. A relva que arrancaste do chão a jogar à bola. [Carlos neste momento recorda-se] Quando me lembro de tu dizeres assim:</p> <p>[Carlos] “Pra me vir buscar, foram precisos dois polícias assim [gesticulava o porte dos polícias, como o Carlos descrevera na altura] e eu franzino, pequenino.”</p> <p>Lembras-te disso? Eu achei uma graça, realmente...”</p> <p><b>João</b></p> <p>“E este? Encostado a uma janela da casa de infância. [gesticula a</p>	<p>facto de levar a avó ao aeroporto ajudou o Carlos e ele melhorou o seu comportamento.</p> <p>Entrada no Lar – foram precisos dois polícias para o buscar, mesmo ele sendo pequeno.</p> <p>Entrada no Lar – foram busca-lo à casa de infância</p>
--	---

<p>posição que o João se encontrava. Sentado numa cadeira de pernas afastadas e a mochila ao centro das pernas] Eu sei lá porque te punhas assim com a mochila.</p> <p>João – Estava envergonhado.”</p> <p><b>Ana</b></p> <p>“Aquele vinha com umas calças de ganga verdes e com uma camisola vermelha e branca, assim em lã muito grossa. A mãe dela chorava e ela ria-se, e ela dizia:</p> <p>[Ana] “Já vamos?”</p> <p>Ui, ela estava feliz da vida.”</p> <p><b>Pedro</b></p> <p>“A este eu fui vê-lo à escola. Lembras-te de mim na escola? Este parecia o dragon ball.</p> <p>[Diretora] “Ó Pedro, come.”</p> <p>[Pedro] “Não gosto desta carne.”</p> <p>[Diretora] “Não gostas? Mas é carne de leão.”</p> <p>[Pedro] “É.”</p> <p>[Diretora] “É.” [simulava a situação do Pedro a comer].</p> <p>Ele gostava de carne de leão, lembras-te? Eras puto, eras pequenito. Se fosse carne de leão ele já comia.</p> <p>Este ia reprovar na quarta classe. Lembras-te? Por quê? Ele não sabia fazer composições. As composições dele eram uma</p>	<p>e sentia-se envergonhado.</p> <p>Entrada no Lar – precisão da descrição por parte da Diretora; a vontade da Ana em querer ir para o Lar.</p> <p>Entrada no Lar – foi visitá-lo à escola.</p> <p>Pedro iria reprovar a</p>
---	--

<p>absoluta desgraça, se é que aquilo era uma composição. No exame da quarta classe, no último teste, que era tipo exame de quarta classe a português, ele só iria reprovar por causa do português. A professora pediu-lhes uma composição sobre animais, e ele adora animais, sabe imenso de animais, aquelas coisas menos óbvias, ele via montes de documentários então sabia detalhes que ninguém sabe, agora não sei, mas na altura ele sabia nomes de bichos, animais. Se jogássemos aquele jogo do stop, dos animais, ele ia buscar cada nome... Isso existe? Que a gente até desconfiava se existia, e o Pedro era mesmo muito bom naquilo. Então quando a composição era sobre animais, ui... era a praia dele, ele tinha que contar tudo o que sabia. Então ele fez uma composição brutal, teve uma nota espetacular na composição, lembra-te Pedro? Passou. A professora disse: “Ele sabe!!” Como ele sabia do assunto ele quis escrever, era uma coisa de que ele gostava, então escreveu. O problema dele é que não tinha vontade de escrever.</p> <p>Entretanto, a Diretora deixa o apartamento e é a partir deste ponto de partilhas das suas histórias que se dá início à sessão.</p> <p>Esta sessão foi muito facultosa em termos do conhecimento desta bagagem que transportam consigo na caminhada da vida.</p> <p>O primeiro momento com a Diretora foi enriquecedor, pois foram relatados episódios de que os próprios jovens não se recordavam, permitindo uma visão simplificada do contexto e situação em que se encontraram, inicialmente.</p> <p>Na segunda parte, registei com frequência nos seus discursos, um sentimento de pertença, o que deve ser muito gratificante. A frase que mais marcou este encontro, estas sessões, até mesmo o trabalho e, arrisco-me a dizer, que deveria tomar como premissa</p>	<p>português, mas, felizmente, a composição do exame era sobre animais. Devido ao seu interesse por esta área conseguiu superar-se.</p> <p>No Lar havia momentos lúdicos e tinha acesso a documentários.</p> <p>Ao que não fosse do interesse dele não se dedicava da mesma forma.</p> <p>“Deram-me as asas para eu voar”</p>
---	---

na área social, foi a do João – “Deram-me as asas para eu voar”.	
--	--

Esta frase implica todo o trabalho desenvolvido com eles e resume alguns momentos e opiniões partilhados nesta sessão.	
--	--

## 5. Instrumentos Expressivos – Carlos

Participantes: Carlos	
Data: 2ª feira, 9 de setembro de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 10:00h – 11:00h
Técnica: Instrumentos Expressivos – Círculo de amigos e Linguagem musical	

<p>Quando chego ao apartamento, na sala estão o Carlos e o João. Conversamos um pouco antes de dar início à sessão individual. Esta foi agendada com o Pedro, no entanto, alterou-se e foi com o Carlos.</p> <p>Apresento o motivo da sessão individual por se tratar de momentos mais íntimos e reflexivos. É composto por duas atividades.</p> <p>Para a primeira trago o Círculo de Amigos. Pretendo identificar as relações de amizade com as pessoas da instituição (ou não), assim como, identificar o tipo de relação, mais íntima ou menos.</p> <p>Exponho os 4 círculos concêntricos. O círculo mais interior representa a esfera da intimidade, o seguinte a amizade, o terceiro a participação e o último refere-se às simples relações de trocas. O jovem deve escrever a vermelho o nome dos amigos da instituição, a azul o nome dos técnicos e a preto os restantes. Pretendo, posteriormente, comparar com os dados do restante grupo.</p> <p>Silenciosamente, o jovem começa por preencher o círculo da intimidade. Regista, a vermelho, as iniciais dos respetivos nomes. De seguida, usa a cor azul e por fim a preta. Quando termina, pergunto se acha que está completo este primeiro círculo e se realmente não poderia viver sem essas pessoas. Olha</p>	<p>Laços afetivos – Carlos lamenta o facto de a irmã não compreender a importância que ela tem para ele.</p>
---	--

<p>seriamente para o papel e afirma que “está bem e lamento o facto de a Filomena [irmã] não compreender isto, mas ela ficaria contente por a ter colocado aqui”.</p> <p>Eu pergunto por quê. Ele responde dizendo, “ela ainda não entende e também tem um atraso”. Permanece reflexivo durante algum tempo. Depois de dar-lhe espaço, incito-o a escrever os nomes por extenso, para posteriormente poder comparar.</p> <p>Quanto ao segundo círculo, exemplifico o género de relação que pode identificar na esfera da amizade. Com a expressão de que se trata de uma tarefa complicada, afirma ser muita gente e não considera necessário referir todos os amigos. Todavia, preenche silenciosamente.</p> <p>Finalizada a identificação, interrogo-o se haverá alguém da instituição que queira registar, porquanto só havia usado a caneta preta. Declara estar completo. Em seguida, afirma não perceber os outros círculos. No entanto, como havia escrito apenas as iniciais dos nomes, solicito que os complete.</p> <p>No terceiro círculo, o da participação, afirma não ter ninguém a não ser do núcleo de letras a que pertence. Assim sendo, indico para assinalar as pessoas do núcleo. Porém, recusa-se afirmando serem bastantes e dar-se bem com todas elas. Insisto para identificar, pelo menos, a pessoa com quem estabelece contacto mais vezes. Decide identifica-la.</p> <p>Ao passar para o quarto círculo, o das trocas, exemplifico com pessoas que prestam serviços, como o caso dos médicos, dentistas, psicólogos, funcionários da biblioteca, etc. Relativamente a esta última, afirma que vai lá estudar mas não fala com ninguém. Constata que o cabeleireiro também pode ser</p>	<p>Estuda na biblioteca, mas não fala com ninguém.</p>
--	--

<p>incluído nesta categoria e eu confirmo.</p> <p>Passamos para a segunda atividade, “linguagem musical”. Expliquei em que consiste, ao que, de forma assertiva, o Carlos arrogava “não sou ligado à música, não me interessa, não sou esse tipo de pessoa que tem a sua vida ligada à música e videoclips. Isso não resolve a minha vida e nem me leva a lado nenhum.”</p> <p>No sentido de contornar esta situação, para acalmar aquela rejeição e expressão negativa, expliquei melhor o que pretendia, nomeadamente, perceber as emoções dos momentos da sua vida, não se tratando de questões musicais mas o que podem representar, simbolicamente.</p> <p>Como revogava a escolha de uma música, sugeri, de forma a flexibilizar a dinâmica, outras opções tais como livros, textos, frases, até filmes. Importa algo que pudesse caracterizar os momentos da sua vida. Ainda que não se lembrasse do que sentira, poderia descrever as emoções que emergem quando recorda estes momentos. No entanto, de forma convicta, afirma recordar-se bem da primeira vez que foi para a instituição, pois já tinha dez anos, “ fui um dos primeiros a vir pra cá”.</p> <p>Nesta altura, surgem algumas conversas com o Pedro [já se encontrava na sala] acerca de quem foi o primeiro, quem é que entrou depois de quem, o intervalo de semanas ou meses que separava as suas entradas, a questão das idades, assim como a relação que havia com dois dos jovens que entretanto já saíram do Lar.</p> <p>[Um deles, passado três anos, ainda frequentava o 7º ano, saiu da instituição e foi viver para casa da tia. A outra terminou o 12º ano de escolaridade, pois não queria estudar mais, queria</p>	<p>Não é ligado à música.</p> <p>Entrada no Lar – tinha 10 anos e foi um dos primeiros.</p>
---	---

<p>ser cabeleireira, apesar de não estar a trabalhar como tal. Nunca perderam o contacto com eles.]</p> <p>Retomei a conversa para atividade “linguagem musical” em que, persistentemente, o jovem assume uma atitude de recusa completa. Não escreveu nada.</p> <p>Peguei pela questão dos filmes uma vez que tinha demonstrado algum interesse. No entanto continuava a achar complicado. O jovem passa algum tempo a pensar e diz que gosta dos filmes de “Luise Cody” mas que ultimamente nem tem visto. O mais recentemente que viu foi o “Elysium”, o último, no cinema. Este filme tem muitas mensagens e só quem estiver atento é que as percebe. Revela que os filmes orientais talvez fossem a sua escolha por transmitirem pacificidade, pelo facto de mostrarem a natureza, os montes. Referiu aquele filme em que alguém sozinho salva o mundo. Revê-se na posição de estar sozinho. Afirma que “eu não tenho capacidades para mudar o mundo mas gostava”. Explico que, “talvez sozinho não seja possível mudar o mundo, mas cada um pode contribuir”. Saliento o facto de que todos têm capacidades, podemos ser diferentes uns dos outros mas, juntos, até podemos fazer mudanças significativas.</p> <p>Achei por bem terminar. Agradeço a colaboração, realçando que é muito importante a sua participação. No final, o seu irmão Pedro já se encontrava na mesa e surgem algumas conversas.</p> <p>O Carlos comenta que, se não fosse acolhido no Lar, iria viver de maneira diferente. Não iria pensar como pensa hoje e não teria as mesmas oportunidades. Salienta o facto de também ser uma pessoa empenhada e conta alguns episódios relacionados com o seu gosto por novas línguas.</p> <p>Diz ter aprendido a falar italiano numa semana, no intercâmbio</p>	<p>Passagem de outras crianças e jovens pelo Lar.</p> <p>Os filmes referidos vão ao encontro do seu sonho, deixar a marca no mundo (salvar o mundo), e ainda refere momentos de tranquilidade, ligados à natureza - vai de encontro à sua personalidade, como é perceptível nos encontro de grupos (por vezes permanece em silêncio a olhar pela janela numa procura da tranquilidade e momento de fuga).</p> <p>Importância da ABCD na sua vida – iria pensar de forma diferente e não iria ter as mesmas oportunidades.</p> <p>Gosto pela língua</p>
---	--

<p>de doze dias que fez em Itália. Chegou lá a falar português e inglês e saiu a falar italiano. Conta ainda a sua viagem à Polónia, de uma semana e meia, em que já participava nas conversas, em polaco. Também aprendeu algumas palavras em japonês, numa série televisiva. Chegou a falar, em Coimbra, com alguns jovens do programa Erasmus. Aqui está bem presente o seu gosto por aprender novas línguas, como ele mesmo diz ter.</p> <p>Tanto o Pedro como Carlos, dizem ter um grande gosto pelo inglês. Quando chegaram à Instituição, pediram para ter aulas de inglês. Foram para o Instituto Britânico, e como afirmam: “quando gostamos, nós insistimos”</p> <p>O Pedro intervém, apontando que também fala bem inglês. Diz que foi para Londres, aos doze anos, com os escuteiros. Já tinha um bom desenvolvimento, pois só ele e o chefe falavam inglês. Tem o hábito de escrever poemas e também o faz em inglês. Não precisa de pensar muito para falar e escrever nessa língua, é como se fosse em português.</p> <p>A sessão termina com esta pequena conversa entre irmãos.</p> <p>Gostaria de salientar que, nas sessões de grupo, observo o Carlos com uma postura fechada, pouco comunicativa. Nesta sessão individual, a situação agravou-se. Quanto mais diretas foram as questões colocadas, mais fechado e introvertido se demonstrou, pois sentiu a sua vida exposta. [Talvez o facto de estar sozinho o perturbe.] Em contraponto, quando começamos a conversa a três, com o seu irmão, num diálogo descontraído, ele já se envolveu, não havendo necessidade de eu intervir para ele falar.</p>	<p>estrangeira – fala inglês, italiano, polaco e algumas palavras em japonês.</p> <p>Momentos fora do Lar – Itália, Polónia, Coimbra.</p> <p>O Lar proporcionou aulas de inglês segundo o interesse destes dois irmãos.</p> <p>Momentos fora do Lar – Inglaterra numa viagem proporcionada pelos escuteiros.</p> <p>O Carlos sente-se mais à vontade na presença do irmão do que na sessão individual.</p>
--	--

## 6. Instrumentos Expressivos – Pedro

Participantes: Pedro	
Data: 2ª feira, 9 de setembro de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 11:00h – 11:45h
Técnica: Instrumentos Expressivos – Círculo de amigos e Linguagem musical	

<p>Já sentados, começo por explicar como decorrerá a sessão e o motivo de ser individual.</p> <p>Começo com o “círculo de amigos”, exponho as diretrizes para o preencher. Em silêncio, identifica as pessoas do primeiro círculo. Fala, particularmente, da Alexandra que identifica como uma amiga da instituição que já não se encontra lá.</p> <p>Comenta que, no Lar, são todos amigos, só com os mais novos é que não tem tanta intimidade. Afirma que: “A relação é muito mais próxima com os meus irmãos, com o João e a Ana que estão lá desde sempre.”</p> <p>Depois de eu perguntar se estava completo, acrescenta ainda o nome da D. Orquídea. Rasura-o, de seguida, afirmando que fica no segundo círculo. Acrescenta ainda dois grandes amigos [Samuel e David, irmão]. Ao olhar para a folha, comenta que ainda não está completa, “falta a minha mãe”. Depois de escrever, pega na folha e diz: “acho que agora está completo”. Revela passar pouco tempo com sua mãe, mas inclui-a nos seus melhores amigos, assim como os técnicos e o pessoal de casa.</p> <p>Já no segundo círculo, diz ter amigos de Aveiro. Acha que se passasse mais tempo com eles, estariam no primeiro círculo. Para de preencher e assegura “dar que pensar, pois nem todos os dias pensa na roda desta forma, e provavelmente há mais pessoas</p>	<p>Laços afetivos – pessoas que passaram pelo Lar, os laços que se estabeleceram foram fortes.</p> <p>Laços afetivos – a mãe faz parte dos melhores amigos como os técnicos, crianças e jovens do Lar.</p> <p>Estruturar os laços de amizade “dá que pensar”</p>
---	--



<p>música Imagine está associada às questões da guerra e aos fundamentos da paz. Para si, o que traduz a sua guerra foi: “a vivência e os comportamentos que sofri, que levei quando estava na minha família biológica. Pra mim vir para a instituição foi um tratado de paz. Foi aquela paz que estava por trás da música, aquela paz que se queria transmitir às pessoas.”</p> <p>Não preenche o segundo momento, pois sente dificuldades em associar uma música “de um avanço da solidão para amigos na instituição”.</p> <p>De imediato, sabe qual a música a identificar no terceiro momento. Na altura em que entrou para a universidade começou a ouvir música rock and roll e “rock pesado”, por sentir mais liberdade de expressão, ter acesso a outras coisas e ver de forma diferente. Quando ouvia uma música sentia que podia fazer inúmeras coisas. Comenta que, apesar de não fazerem muito sentido, para a própria pessoa faz sentido. O Pedro diz que, ao ouvir esta música: “Quis pôr em prática todos os meus fundamentos, liberdade, movimento de estar aqui, estar ali, de poder agora e o que quiser.”</p> <p>No final, volto ao segundo momento. Porém, sem sucesso. Diz somente ter de ser uma música muito melancólica porque só quando chegou à instituição é que percebeu o verdadeiro significado de ter amigos. Sabia o que era, mas não os tinha, apenas o Carlos. Afirma ter estado incapacitado. Diz ainda que, até chegar ao Lar, era um “ignorantezinho qualquer” na questão de falar e de dar a opinião em público, “só dizia disparates, nem uma frase completa. Tinha muitas dificuldades e ninguém me ensinava nada, também porque a minha mãe não sabia ler e nem sabe. Passava os dias a jogar futebol sozinho, a subir às árvores sozinho e também a partir-me todo sozinho.” Havia alturas em</p>	<p>Dois mundos diferentes: a família biológica representa o mundo da guerra e a Instituição representa o tratado de paz.</p> <p>Antes da instituição vivia numa solidão; no Lar encontrou amigos</p> <p>A universidade representa mais liberdade de expressão e poder. A música rock representa para ele a procura da liberdade.</p> <p>Laços de amizade – no Lar aprendeu o verdadeiro sentido de ter amigos.</p> <p>Antes de entrar no Lar - passava momentos sozinho, não tinha capacidade de comunicar, expressar-se e não tinha ninguém para o ensinar, passava os dias sozinho.</p>
---	---

<p>que chorava sozinho porque queria estar com o Carlos.</p> <p>Nesta altura, pergunto o que considerou crucial para entrar na universidade.</p> <p>Ele conta que, no primeiro ano, quando foi para Aveiro, não foi com vontade de estudar, apesar do objetivo ser estudar, “enganei-me a mim mesmo”. Foi com vontade de fazer contactos e estar com os amigos, de gozar ao máximo aquilo que não teve, como ele próprio diz, “não o fez aos poucos e de uma forma periódica e controlada.” Pergunto quando e como é que teve consciência deste facto. Argumenta ter tido um ano muito difícil e percebeu que agora tem a oportunidade de consertar o erro. Voltou a entrar na universidade e tenta cumprir as responsabilidades. “Não vou falhar comigo mesmo”, fala de uma forma convicta. Diz ter voltado com outro objetivo, de livre vontade, tal como fez sempre. Foi muito estimulado na casa e sempre gostou de estudar também. Partilha que “eles permitiram que chegasse até aqui, pois ensinaram-me a estudar, entre as “mil e uma” maneiras de saber e aprender como estudar. Se não tivesse ido para a instituição não saberia nem uma. Aqui permitiram, deram condições para eu saber, ler, aprender a estudar, para eu ter domínio, controlo de mim, aprender novas maneiras de estudar, uma vez que não gostava que fosse sempre da mesma forma, assim era mais fácil.”</p> <p>Terminadas as atividades com o Pedro, comenta não estar muito à vontade para se expor, mas compreender da importância deste projeto. Afirma não lhe custar assim tanto ajudar. Sugere ainda, de uma próxima vez que estivermos juntos, falar destas atividades, pois talvez se lembre de mais algum fator importante que possa acrescentar.</p>	<p>A universidade, no primeiro ano, foi experimentar a máxima liberdade e fazer novas amizades.</p> <p>Teve outra oportunidade de voltar a estudar mesmo depois de o primeiro ano não ter corrido bem.</p> <p>No Lar sempre houve apoio e estímulo, ensinaram a estudar.</p> <p>A Instituição ensina-o a estudar, a ter domínio próprio, a ser e estar.</p>
--	---

## 7. Instrumentos Expressivos – João

Participantes: João	
Data: 2ª feira, 16 de setembro de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 9:14h – 9:50h
Técnica: Instrumentos Expressivos – Círculo de amigos e Linguagem musical	

<p>Encontramo-nos à hora combinada. Quando nos sentamos na sala, perguntei se já estava a trabalhar e como decorria a sua tese. Responde não ter trabalho, por enquanto, e apresentar a tese muito breve. Comento que partilhamos a mesma situação, neste assunto estamos em comum.</p> <p>Iniciamos a atividade do “círculo de amigos”. Explico como deve ser preenchida. Sem grandes dúvidas, apresenta a questão da família ser grande [12 irmãos] e não ter espaço para mencionar o nome de todos. Neste caso, indico mais espaços na folha, onde pode continuar a identificar os nomes devidamente sinalizados. Prefere identificar apenas dois ou três por não achar necessário referir todos os membros da família. Sem grandes dúvidas, inicia este processo.</p> <p>Verifiquei que o João, em primeiro lugar, escreveu os nomes a preto, ou seja, os respetivos nomes da família, o que não se verificou em relação ao Pedro e ao Carlos. Observei um João retraído, pois, apesar de demonstrar facilidade em selecionar os nomes para cada género de relação, tem dificuldade em divulgar quem são, demonstrando que a sua privacidade está a ser invadida.</p> <p>Em pouco tempo, passamos para a segunda atividade, “linguagem musical”.</p>	<p>Família biológica muito numerosa.</p> <p>Por sentir a sua privacidade invadida mostrava-se um pouco retraído no discurso.</p>
--	--

<p>Explico em que consiste, ao que pronuncia de imediato: “é difícil encontrar uma música que distinga estes três casos.”</p> <p>Recomendo que tanto pode identificar uma para cada caso, como uma geral, por exemplo a sua música preferida, ou mesmo uma da sua banda. No entanto, permanece sem reação.</p> <p>Passo a sugerir alguns estilos de música, com os quais poderá identificar-se melhor, como por exemplo, Rock, Pop, Clássico...</p> <p>Esclarece que o seu género é mais Pop-Rock e que apesar do seu gosto pela música, não tem nenhuma que se destaque por algum motivo.</p> <p>Perante esta posição, procuro falar somente dos momentos, sem qualquer associação artística. Porém, ele considera que são assuntos demasiados pessoais e não se sente confortável, à vontade, para partilha-los comigo. Assim sendo, dou por terminada a sessão.</p> <p>Eu não esperava uma atitude tão apreensiva por parte do João. Ele costuma encorajar os outros a participarem nas atividades e ainda faz boa mediação. Provavelmente, e como ele próprio afirma, os assuntos que hoje procurei trabalhar são “demasiado pessoais.”</p>	<p>Invasão da sua privacidade – são informações demasiado pessoais.</p>
---	---

## 8. Instrumentos Expressivos – Ana

Participantes: Ana	
Data: 2ª feira, 16 de setembro de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 10:00h – 10:30h
Técnica: Instrumentos Expressivos – Círculo de amigos e Linguagem musical	

<p>A sessão individual com a Ana foi muito interessante.</p> <p>Início com o “círculo de amigos”. Ela entendeu que seria para identificar o grupo de amigos e não seus os nomes. No círculo interior, indica primeiro os técnicos da instituição. Relativamente a estes, afirma ter mais pessoas, mas de momento não se recorda. Quanto aos utentes do Lar, comenta que são todos amigos, no entanto, só escreve alguns e coloca reticências. Sinaliza, ainda neste círculo, alguns nomes a preto que correspondem aos amigos da universidade. Não tendo mais espaço, assinala fora do círculo outros amigos e diz não pertencerem à universidade.</p> <p>Já o segundo círculo é preenchido somente a preto. Questiono-a se não terá alguém ligado à instituição. Refere a D. Glória e acaba por fazer um círculo azul em volta desse nome, uma vez que já estava identificada.</p> <p>Achei curioso o círculo de participação, pois não identifica ninguém, nem mesmo do núcleo de Letras, onde tinha a função de tesoureira, nem do ginásio, nem da biblioteca. Em contrapartida, no círculo de troca já identifica algumas pessoas, sem apresentar grande dificuldade. Tem a mesma pessoa em dois círculos, Isabel Silva (proprietária do salão de cabeleireira) e afirma ser muito próxima.</p>	<p>No círculo da intimidade identifica muitas pessoas quer do Lar, funcionários crianças e jovens, amigos da universidade e de outros serviços.</p>
---	---

<p>Dando por terminada a primeira atividade, prosseguimos para a segunda – Linguagem musical.</p> <p>Depois de explicar o que pretendo, imediatamente ela pede para buscar o telemóvel, pois “assim é mais fácil.” Chegada à mesa, vai de imediato ao youtube procurar uma música da Beyoncé e indica-a como a principal. Não se lembrando de outra música em particular, resolve procurar no facebook, “com certeza tinha-a publicado”, afirma ela.</p> <p>Entretanto, quer transcrever uma parte da letra que publicou no facebook. Diz que esta caracteriza a sua vida. De seguida, indica uma música específica para o seu ingresso na universidade: “Viseu graciosa”. Na parte dedicada ao momento da entrada na Instituição, refere não se recordar de uma música em especial, pois nessa altura não lhe dava muita importância. Recorre à play list do telemóvel e procura mais músicas para o segundo momento – amigos na instituição. Ao ouvir a música “ De zero a heróis” diz que “tem a ver com o pessoal lá de casa, porque passaram de zero a heróis.”</p> <p>Continua a procurar e encontra outra, “Estranhos como eu”, e coloca-a no primeiro momento, uma vez que “era uma estranha quando cheguei à instituição”. Refere que a casa estava cheia quando chegou e não conhecia ninguém. Só se lembra da mãe a chorar, quando veio. A Ana não chorava, pelo contrário, só queria ir-se embora. Ao passar mais uma música, “Hakuna matata”, diz logo que também se encaixa, só não sabe onde. Quando ouve a letra: “pra sobreviver é preciso aprender” identifica-a logo para o primeiro momento.</p> <p>A par da música, fala do episódio de uma fuga do Lar. Identifica-a como “foi uma fuga gira e não deixei por menos, fui</p>	<p>A entrada no Lar proporciona caminho para chegarem a heróis, serem alguém na vida, um caminho orientador para um futuro promissor.</p> <p>Ao entrar no Lar sentia-se como uma estranha.</p> <p>O Lar permitiu desenvolver aptidões de sobrevivência.</p> <p>Promessas falsas da família biológica levam à fuga do Lar.</p>
--	---

<p>a tribunal”. Este episódio aconteceu quando ela tinha cerca de 14 anos, no dia 6 de Janeiro de 2004. Nesse dia, deixou a Alexandra na escola porque ela lhe tinha pedido. Foi ter com a mãe para irem a tribunal dizer que queria ir-se embora. Justifica-se com o facto de a mãe lhe fazer muitas promessas falsas. Como eram muito chegadas, acreditava, pois não via muito bem as coisas.</p> <p>Comenta que “não fugi e fiquei por lá, tinha que fazer a coisa certa, ir a tribunal...”. A sua fuga foi de um dia, ao final da tarde. Depois voltou e nunca mais repetiu. O tribunal contactou a Instituição, pois ela tinha ido lá pedir para ir-se embora. Quando foi a tribunal, na sexta-feira, 7 de janeiro, chorou muito, assim como toda a gente no tribunal, segundo diz. A Ana acrescenta que: “gostava muito de estar cá mas queria estar com a minha mãe e a instituição ao mesmo tempo. Queria que, quando estivesse mal num sítio ia para outro, quando estivesse mal noutra ia para o outro.” Comenta que, naquela altura, até pôs o advogado dela e a escritã da juíza a chorar. A própria juíza se emocionou.</p> <p>Desse dia, diz ter chorado toda a tarde e noite. Diz que o procurador falou com ela como se se tratasse de um adulto e não uma criança, o que realmente era. Chocou-se, embora soubesse que o que ele havia dito sobre sua mãe era verdade. Já na sala da juíza, quando entram a Dra. Maria, a mãe e a assistente social, diz que a primeira pessoa a quem se agarrou a chorar foi à Diretora.</p> <p>Após ter saído da sala para se acalmar, o procurador perguntou-lhe porque é que ela se tinha agarrado à Doutora uma vez que queria ir embora. Esta pergunta tocou-a muito, diz ter sido então que “fez click” pensou melhor.</p>	<p>Queria estar na Família e no Lar ao mesmo tempo</p> <p>Laços afetivos- abraçou primeiro a Dra. Maria (impacto positivo do papel da Diretora na sua vida).</p> <p>Consciência da verdade acerca das falsas promessas da mãe.</p>
--	--

<p>Refere que lhe deram autorização para passar os fins de semana com a mãe, tirar um dia com ela até aos 18 anos, “ia visitar-me todos os domingos e sempre que eu estivesse doente, ligava-me.” Depois diz ter desistido de a visitar, apesar de serem muito ligadas, “a determinado momento da minha vida, comecei a perceber que tudo o que ela me dizia não batia certo.”</p> <p>Enquanto relatava este episódio foi acrescentando mais músicas, duas no segundo momento e mais uma no terceiro momento. Por fim, comenta que eu levo muitas músicas para ouvir...</p> <p>Confesso ter passado um bom tempo com a Ana. Fomos ouvindo as músicas e partilhando algumas histórias, até mesmo algumas risadas. Hoje experimentei, com sucesso, o que se pretendia com esta atividade, um ambiente de descontraída comunicação.</p>	<p>Visitas familiares – fins de semana, um dia a mais até aos 18 anos; se ela estivesse doente a mãe ligava. A certa altura deixa de visitar a mãe.</p>
--	---

## **Anexo IV – Transcrições**

## 1. Conversa informal – Dinâmica de grupo

Participantes: João, Ana, Carlos, Pedro, Técnica Helena	
Data: 2ª feira, 25 de março de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 10:00h – 11:00h
Atividade: Conversa informal	

<p><b>Motivo da escolha do curso</b></p> <p><b>João</b> – Desde pequenino queria ser professor de educação física mas com o processo de Bolonha surgiu este novo curso ciências do desporto, há quatro ou cinco anos. Este curso é diferente de educação física, embora estejam os dois em paralelo um com o outro. Ciências do desporto é mais virado para a parte do treino desportivo. Eu, realmente, sempre quis ser treinador e nessa altura pensava que, por base, deveria ter uma licenciatura em educação física, sendo que surgiu este curso novo muito especificado pra treino, deu para depois virar um bocadinho para o que queria.</p> <p><b>Carlos</b> – Na altura não era bem o curso que queria mas agora adaptei-me. [Pergunto como encara o curso agora?] A partir do momento em que me adaptei, mentalizei-me que era este curso e dar tudo neste curso, para atingir coisas maiores dentro desta área.</p> <p><b>Ana</b> – Eu cresci numa instituição e quero trabalhar com crianças como eu e jovens.</p> <p>No seguimento da conversa surge a questão da teoria versus prática.</p> <p><b>Ana</b> – É muita teoria, podia ser mais prática... já estou cansada.</p>	<p>Desde pequeno, queria ser professor de educação física... Está em Ciências do Desporto.</p> <p>Inicialmente, não queria este curso, mas adaptei-me.</p> <p>Quero trabalhar numa instituição como esta.</p>
---	---

<p><b>Investigador</b> – É muita teoria e pouca prática.</p> <p><b>Ana</b> – Isso digo eu, estou a estagiar no Mondão, desde setembro.</p> <p><b>Investigador</b> – Aqui a prática tem-na a Dra. Helena.</p> <p><b>Técnica Helena</b> – Na prática não há receitas. É ir avaliando e ir fazendo, por tentativa e erro, às vezes, porque nós optamos muitas vezes por um caminho, mas não há certezas de nada, é sempre uma opção.</p> <p><b>Motivo da escolha do curso</b></p> <p><b>Pedro</b> – Eu gostava de ser biólogo quando era pequeno, eu gostava mesmo. Sempre estive relacionado muito com os animais, foi uma paixão. Quando era pequeno, estudava os comportamentos deles, também para poder ver que eles apesar de agirem através de instintos não são muito diferentes de nós. Nós temos inteligência racional, que é uma coisa que difere de muitos outros, mas não são muito diferentes de nós. Era algo que em pequeno não percebia isso. Eu cheguei a ser padrinho de um leão, e saber que a minha aproximação por animais era grande, senti-me um pouco como se fosse um deles, mas por outra razão, nem tanto, por eu saber pensar e saber tomar uma atitude, e outros se calhar não. Mas a forma de estar livre, sem problemas, é quase esse género. Mas não segui esse curso, pelo contrário. Eu já estive um ano numa universidade, em design de produto e não aproveitei tudo, também comecei a desmoralizar-me muito e acabei por não gostar do curso, nem aproveitar o curso. Entretanto houve alterações na minha vida e agora estou noutra sítio, e está a correr tudo bem, em Design Gráfico.</p> <p>Falei também da minha escolha de curso, Animação Sociocultural, que pertencia à UTAD, em Vila Real, mas tinha</p>	<p>Técnica fala que no campo de atuação não há receitas.</p> <p>Escolha do curso – diferente da sua paixão de infância; passou por outra faculdade antes de estar na que frequenta atualmente.</p>
---	--

<p>um polo universitário na cidade de Chaves, uma cidade pequena.</p> <p><b>Pedro</b> – Quando há um polo, eu acho que a relação entre as pessoas é sempre maior do que numa universidade. Isto por quê? Porque, nós na universidade é sempre diferente, há diferentes cursos e as pessoas que estão num curso, no segundo ou terceiro ano, nunca tendem sempre a ter relações ou a criar amizades só com pessoas daquele ano, daquele curso. Não, aliás, nós estamos numa universidade, nós temos que nos relacionar com as pessoas todas. Quer as praxes, quer jantares, vem tudo a evidenciar isso tudo. E eu sei que num polo, também já cheguei a estar num polo, as coisas não são assim, e o tipo de relação que lá se dá é sempre maior do que uma relação... pode ser mais aberta e diversificada que numa universidade. Mas o tipo de relação e o nível de socializar é sempre maior. Porque não precisa de estar com aquela... pronto, vou sair de casa, tenho um montão de amigos, hoje vou tomar um café com aquele ali só, hoje vamos tocar café todos juntos porque somos poucos mas ao mesmo tempo somos muitos, somos só nós, e é mesmo assim.</p> <p>Depois da intervenção do Pedro, continuo a explicar a escolha do curso, mas neste caso o mestrado em Aveiro e completo a minha apresentação seguindo alguns tópicos da dinâmica de apresentação – um desporto, idade, um sonho...</p> <p><b>Partilhar uma esperança, um sonho, um objetivo</b></p> <p><b>Pedro</b> – Eu acho que o meu maior sonho é ver este país florescer e ter emprego na área, naquilo em que me vou a formar, tanto eu como eles, e como qualquer um. O meu sonho, acho que é mesmo isso. Atribuir uma esperança a um determinado facto e espero eu que tudo corra bem.</p>	<p>A relação depende do contexto: comparação universidade / polo – num contexto menor a relação que se estabelece é de maior proximidade “mais aberto e diversificado”.</p> <p>Sonho – ter emprego na área em que se está a formar e o país crescer.</p>
--	--

<p><b>Ana</b> – O meu sonho é criar uma instituição (...) uma igual à minha. [Pergunto como quer criar essa instituição.] Primeiro criar e depois logo se vê, mas tem que ser igual à nossa, é um exemplo.</p> <p><b>Investigador</b> – O que marcou?</p> <p><b>Ana</b> – É ser familiar.</p> <p><b>Pedro</b> – Tem a ver um pouco com aquela questão do polo e da universidade. Tem tudo a ver com isso. É comparar a nossa instituição, ser mais rica, serem mais fortes, porque estamos todos os dias uns com os outros e é aquela questão. O ser humano aprendeu e nasceu para socializar e para conviver com os outros, e não para se afastar. E nós, partindo disso, estamos todos os dias, todos juntos e cada dia é sempre uma experiência, é sempre uma experiência prática para todos, é sempre um dia, é sempre assim.</p> <p>Pergunto se tiveram experiências noutras instituições ao que todos respondem que não.</p> <p><b>Técnica Helena</b> – Agora temos alguns no Lar que já passaram por outras. Temos três, que estiveram em outras instituições e agora vieram pra cá. Mas estes [refere-se aos quatro jovens] praticamente abriram a casa.</p> <p><b>Pedro</b> – Era mais fácil chamar de macro instituições, podemos dizer que sim, porque são instituições muito alargadas.</p> <p>Explico aqui a pertinência de trabalhar com eles, e que numa família sempre se pode encontrar pessoas de referências e criar <i>laços mais fortes</i>. “<i>Achei interessante esta instituição por ser</i></p>	<p>Sonho – ter uma instituição igual á ABDC.</p> <p>Características Lar – relação de proximidade, pois estão todos os dias juntos, e é sempre uma experiência prática.</p> <p>Este grupo de jovens não tem experiências anteriores em instituições, foram os primeiros neste Lar.</p> <p>Caraterísticas Lar – ambiente familiar.</p>
---	--

<p><i>uma família.”</i></p> <p><b>Pedro</b> – Das pessoas aqui, tenderão sempre a acompanhar, não deixarão os laços também romperem-se, mas evoluindo e acompanham o crescimento gradual de nós todos, que é um fator muito importante. Não é facto de chegar aos dezoito anos e por norma é: “pá tens dezoito anos, maior de idade, agora vai à tua vida”. Pelo contrário, esta instituição não fez isso. Penso eu que não faz porque aquele laço que cria connosco e aquela principal intensão que é ver-nos formados e ver-nos com um futuro melhor e um futuro risonho, é o principal objetivo desta instituição, eu sei disso.</p> <p><b>Técnica Helena</b> – Não fazia sentido, depois do trabalho todo até aos dezoito anos, olha... “agora fizeste dezoito anos, pronto agora acabou”.</p> <p>[Todos se riem]</p> <p><b>Tristeza</b></p> <p><b>Técnica Helena</b> – Quando algum tira uma má nota acaba por ser uma tristeza pra mim, de sentir também isso um bocado, de olha..., não conseguiu e querer que eles consigam. Consigam alcançar os objetivos deles e que consigam enveredar por um caminho que também lhes seja agradável, quer a nível profissional, quer a nível pessoal. Pronto, às vezes, confundem-se aqui um bocadinho os papéis, não é só a técnica, aqui também há sentimentos, há emoções, às vezes até muito fortes, às vezes zangamo-nos porque as coisas não foram como deveriam ser. E o meu objetivo aqui também é educar da melhor forma que sei, sabendo que há falhas sempre. Há sempre uma conversa sobre...às vezes a coisa até é mais difícil, exatamente por isso [eles quererem outra coisa], porque depois há que avaliar e</p>	<p>Características Lar – acompanhamento, os laços evoluem e acompanham o crescimento gradual de todos os jovens.</p> <p>Características Lar – reconhecem que o objetivo do Lar é vê-los formados e com um futuro risonho, e mesmo ao atingirem 18 anos o Lar continua a acompanha-los.</p> <p>Envolvimento dos funcionários – ficam tristes se os jovens não conseguem alcançar os seus objetivos, querem que eles consigam um caminho agradável quer profissional quer pessoal.</p> <p>Tensões de ideias e objetivos entre os jovens e os funcionários/Lar.</p>
---	--

<p>tentar orientar, e há aquilo que nós achamos e aquilo que eles acham e às vezes encontrar aí um caminho não é fácil.</p> <p><b>Uma coisa a partilhar, algum sonho</b></p> <p><b>Carlos</b> – É ser feliz. Eu feliz consigo fazer tudo ao meu alcance.</p> <p><b>João</b> – Tiraste-me as palavras da boca, pito.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu sei disso, porque passei fases que estive muito em baixo e já fui muito feliz, e sei diferenciar as coisas e sei (...) eu sei que depois consigo fazer tudo e deprimido...em baixo, não consigo fazer nada, nem sequer pensar.</p> <p><b>João</b> – Acho que uma pessoa estando bem consigo mesma, acho que é a base de podermos alcançar algo.</p> <p><b>Carlos</b> – Depois, isto tem outros objetivos.</p> <p><b>João</b> – Tudo parte do pensamento da própria intelectualidade. Se tu pensares bem e estiveres bem, realmente as tuas ações vão-se refletir naquilo que tu pensas. O que não é mentir-te, são casos práticos. Se eu pensar que estou bem vou estar bem, se pensar que estou triste, sei perfeitamente, se transparecer para um caso físico, a minha tristeza, que é intelectual, vai-se transparecer no meu ser, noutra tipo de ação, o que é verdade. Tudo depende da forma como nós pensamos as coisas.</p> <p><b>Sugestão de temas para falar na próxima semana</b></p> <p><b>João</b> – Posso deixar uma ideia no ar. Acho que é uma ideia, um pilar importante que nos fez ser as pessoas que somos hoje, que são as relações que estabelecemos uns com os outros. Acho que é um tema pertinente.</p>	<p>Ser feliz é a base para alcançar algo (consciência da postura positiva).</p> <p>Se estiveres bem, isso reflete-se nas tuas ações (consciência da postura positiva).</p> <p>Tema para a próxima sessão é Relação. As relações que estabelecem é</p>
---	---

<p><b>Carlos</b> – Concordo.</p> <p><b>Pedro</b> – Aliás era isso, outra forma diferente, mas era isso. Acho que o mais importante do que muita coisa é a própria relação que há em si. Uma boa relação é como: “Quem tem boca vai a Roma.” É praticamente isso, uma boa relação consegue construir muita coisa, por isso, acho isso muito importante e muito superior a muita coisa que possa suceder depois disso.</p>	<p>“um pilar importante que nos faz ser as pessoas que somos hoje”</p>
--	--

## 2. Focus goup 1

Participantes: João, Ana, Carlos, Pedro	
Data: 4ª feira, 27 de março de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 10:00h – 12:00h
Técnica: Focus group 1	

<p><b>Tema – Relações</b></p> <p>É o João que dá início às conversas.</p> <p><b>João</b> – Eu acho que as relações é a base de todos nós, o facto de nos mantermos e de evoluir, acho que, é a base de todos nós, pelo menos é a ideia que eu tenho.</p> <p><b>Pedro</b> – A minha ideia é que o meio envolvente em que estamos inseridos, o que nos acompanha o nosso crescimento gradual, tudo isso, no meu ideal, é um excelente fator para uma boa condição e para uma aprendizagem de nós todos e para um bom comportamento.</p> <p><b>Ana</b> – Exato. O meio faz aquilo que nós somos.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu acho que tudo parte por aí.</p> <p><b>João</b> – O facto de ser mais pequeno facilita mais as relações. Dou um exemplo do caso do futebol, a nível de treino. Se tu treinares com outra pessoa vais tocar mais vezes na bola do que jogares contra onze, percebes? E isto aplica-se a este caso.</p> <p><b>Carlos</b> – A qualquer contexto.</p> <p><b>João</b> – Porque numa instituição maior, é lógico que os miúdos vão ter menos atenção, logo, vão se sentir menos</p>	<p>Tema da sessão: relações</p> <p>A relação “é a base de todos nós”.</p> <p>O meio envolvente é um excelente fator para uma boa condição, aprendizagem e bom comportamento.</p> <p>O Lar ser pequeno facilita as relações. Comparação dos treinos de futebol, se treinar aos pares toca mais vezes na bola do que se treinar com 11 jogadores.</p> <p>A estrutura ao ser maior proporciona menos</p>
--	---

<p>compreendidos, vão sentir menos carinho, menos amor pelas</p> <p><b>Carlos</b> – Eu, sinto-me mais privilegiado por causa disso.</p> <p><b>Ana</b> – Depende das circunstâncias. Acho fundamental. Se não fosse assim, acho que não tinha chegado onde cheguei agora, se não tivesse apoio. Imagina se tivéssemos crescido numa instituição maior... Acho que nunca tinha chegado à universidade, de certeza que não, que éramos metidos de lado. Nós aqui, qualquer coisa que nos aconteça, temos sempre alguém que nos apoia.</p> <p><b>Investigador</b> – Quando vieram para cá, continuaram a falar com a vossa família?</p> <p><b>Ana</b> – Não. Eu era muito chegada à minha mãe. Por exemplo, eu até mentia por ela, mas com o passar dos tempos, às vezes promessas e mais promessas que nunca são cumpridas, feitas, então, vais perdendo a vontade. Imagina que eu deixei de ir aos natais e fins de semana à minha mãe e tudo, cortei. Mas foi porque eu quis.</p> <p><b>Pedro</b> – Isso não foi imediato, foi um processo gradual, uma coisa que nos acompanhou. Mas o facto de nós irmos ver os nossos familiares, não foi uma coisa que se estabeleceu logo de imediato aquando a nossa entrada naquela casa, não foi por aí. Teve que haver um processo, também não demorou muito tempo até que nós fôssemos visitar os familiares, sendo que no início não eramos nós a ir vê-los mas eles a virem cá ver-nos, faz tudo parte das relações. Começamos a construir um tipo de relações com os familiares que não tínhamos dantes. Também quando eu vim para aqui era puto, era criança, não tinha noção das coisas. Gradualmente, ao longo do tempo, começamos a criar uma relação maior com os familiares, em vez de eles virem cá ver-</p>	<p>atenção, compreensão, carinho e amor.</p> <p>Como veem a instituição na sua vida – não teria chegado onde chegou; se não tivesse apoio não estaria na universidade (sentimento de privilégio). Estrutura de apoio – tem sempre alguém que os apoia.</p> <p>Laços familiares – é chegada à mãe mas acerta altura deixa de a visitar.</p> <p>Laços familiares – a entrada no Lar permitiu manter o contacto. Esse processo contribuiu para melhorar a relação que tinham.</p>
---	--

<p>nos nós começamos a ir lá vê-los, e foi tudo a partir disso.</p> <p><b>Investigador</b> – Como viveste essa mudança da relação com a família, uma vez que eras mais velho? [Dirijo-me ao Carlos]</p> <p><b>Carlos</b> – Pra já era tudo diferente, eu vivia com a minha avó, e ele [Pedro] com a minha mãe. Eu comecei a socializar mais com o Pedro quando vim para cá, a conviver mais porque até aos dez anos fui criado pela minha avó e sempre estive lá. Às vezes ia uma visita até à minha mãe ou até aos meus pais.</p> <p><b>Investigador</b> – E a relação de irmãos?</p> <p><b>Carlos</b> – Nós tínhamos isso, temos as nossas aventuras e eu sempre ajudei o meu irmão nos trabalhos de casa, por exemplo. Sempre tive aquele sentimento de irmão porque a minha avó também não morava longe e eu era aquele independente, eu andava sempre, fazia o que me apetecesse. Ia até lá baixo aos meus pais, ia até ali, até acolá, não podia chegar de noite, chegar depois das seis, muito tarde senão a minha avó, uiii. Mas ia sempre às aulas, nunca faltei, sempre tive o estímulo de ir às aulas e de estudar sempre. Eu acho que tive sorte porque havia competitividade na minha sala, desde o primeiro ano. Então a professora era boa no método que tinha, porque era um método que puxava, aumentava a competitividade entre nós porque quem não soubesse não tinha intervalo. Ahh... eu queria ter intervalo e havia alturas em que eu era o primeiro a ir para intervalo, respondia às coisas rápido e sempre tive aquele estímulo de estudar mesmo. Apesar das dificuldades, estava com a minha avó, sempre fiz os trabalhos de casa, mas era sempre à noite, antes de ir para a cama, mas não podia ir para a cama sem isso. Claro que eu senti, a minha maior dificuldade de vir para aqui foi separar-me da minha avó. Foi muito difícil isso, muito</p>	<p>“Inicialmente eles vinham visitar-nos agora somos nós.”</p> <p>Laços familiares – vivia com a avó e ia até a casa dos pais, não era longe.</p> <p>Laços familiares – quando veio para o Lar permitiu passar mais tempo com o seu irmão (viviavam separados).</p> <p>Carlos – não faltava às aulas e tinha estímulo para estudar, havia competitividade na sala de aula.</p> <p>Entrada no Lar – maior dificuldade foi a separação</p>
---	--

<p>difícil. Ia visitando-a, pra aí de quinze em quinze dias, mas também chegava ao ponto em que eu queria estar mais com a minha avó mas se estivesse, se tivesse três, quatro dias com a minha avó, na despedida a minha avó começava a chorar e abraçava-se a mim e eu vi que isso... não me afastei mas em vez de ir, no Verão, por exemplo um mês, ia uma semana, passado uns tempos, ia outra semana, assim separada. Essa foi a minha maior dificuldade que eu tive, de resto não senti muitas dificuldades, já tinha outra noção. Aliás, até cheguei aqui tive melhorias para continuar aquilo que estava a continuar era estudar, aliás, brincava, ainda brinquei mais porque tinha aqui amigos, não senti dificuldades senti até melhorias e até tive uma evolução um bocado inversa, em vez de continuar a melhorar, de tanta coisa boa que tinha, fui-me desleixando, foi pra aí a partir do sétimo ano que me desleixei um bocadinho, as influências... Depois tornei-me mais incorreto em algumas coisas, mais negligente, já faltava às aulas, já armava o trinta e um na sala, armava o trinta e um com os meus amigos, pra agradar aos meus amigos também um bocado porque queria ter amigos, até à altura não tinha, lá está, fui levado pelos meus amigos.</p> <p><b>Investigador</b> – Afastaste-te dos amigos que tinhas quando vieste para a instituição?</p> <p><b>Carlos</b> – Não tinha muitos, porque também era uma aldeia e acho que eram no máximo dois, dois amigos. Na altura foi uma coisa nova pra mim, foi laços entre amigos, se até à altura não tinha, passava os dias sozinho ou a desenhar, ou a jogar à bola, ou a ir pró monte, subir árvores, ou então a ler livros, que eu gostava muito de ler livros, aproveitava a biblioteca da escola e trazia livros pra casa e era isso, o meu dia-a-dia era isso.</p> <p><b>Pedro</b> – É verdade, até vir pra aqui não tinha amigos nenhuns,</p>	<p>da avó.</p> <p>Laços familiares – nas férias grandes não passava muito tempo para ela não chorar.</p> <p>Como vê a instituição na sua vida – proporcionou melhorias e brincava mais porque tinha amigos.</p> <p>A sua conduta altera-se, e justifica-se pelas influências de amigos, para lhes agradar.</p> <p>Carlos – considera-se incorreto, negligente, já faltava às aulas, “armava o trinta e um” na sala e com os amigos.</p> <p>A entrada no Lar proporcionou algo novo: amigos.</p> <p>Antes do Lar passava os dias sozinho, gostava de ler (recorria à biblioteca da escola), desenhava e jogava</p>
---	---

<p>ele morava com a minha avó e eu com a minha mãe. Passava os dias todos ou a ver o que a minha mãe fazia ou ia a correr mesmo agora na chuva, ia a correr feito maluco para brincar. Não tinha amigos, subia às árvores, fazer o que ele fazia porque ele também me ensinou a fazer isso e o meu único amigo que eu tinha era ele, não tinha mais amigos nenhuns, e quando ia vê-lo à minha avó sentia-me muito contente e quando vinha embora ficava triste.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu acho que sei mais ou menos a razão de eu me ter desleixado, foi de ter seguido os meus amigos e não os querer perder porque era uma coisa que nunca tive, fazia mesmo de tudo. Queria ser sempre o engraçado pra toda a gente olhar pra mim e rir, e falar comigo. [O Carlos fala como se estivesse a pensar para si mas este pensamento saiu em voz alta]</p> <p><b>João</b> – A minha maior dificuldade, quando cheguei cá era ... Eu não tinha hábitos, completamente nenhuns, de estudar era um miúdo muito rambo, como a Dra. Maria Silva gosta de dizer, sem maneiras, sem educação, completamente um miúdo selvagem, pronto. E então não tinha hábitos de ir à escola, não tinha hábitos de ir estudar. Cheguei cá com sete negativas, menos a educação física que era a única, sempre foi a minha paixão.</p> <p><b>Carlos</b> - Já tive negas a educação física por mau comportamento</p> <p><b>Ana</b> – Eu também, por mau comportamento.</p> <p><b>João</b> – E mesmo assim sempre que pudesse, tivesse, um bocadinho de tempo onde pudesse armar o trinta e um, armava, mas ia-me safando, ia-me safando, prontos. A minha maior dificuldade quando cheguei cá foi mesmo começar a ter regras, coisa que eu não tinha, foi ter de começar a ganhar hábitos de</p>	<p>à bola.</p> <p>Antes do Lar os irmãos viviam separados e não tinham amigos – só o irmão.</p> <p>Carlos – para não perder os amigos fazia de tudo, de forma a olharem e falarem para ele.</p> <p>Dificuldade quando veio para o Lar foi não ter hábitos de estudar ou mesmo de ir à escola e tinha sete negativas; era um “miúdo selvagem” sem maneiras e educação.</p> <p>Dificuldade em ter regras.</p>
--	---

<p>estudar que ainda hoje os tenho. O Carlos ainda ontem disse: - “estás sempre a estudar”. Então!! Quem é professor há de estudar pra toda a vida, é o que costumo dizer, e é assim. Se cheguei aqui com sete negas, depois foi fazendo os SASs lá na escola, e via os meus amigos a tirar grandes notas, e comecei a sentir também necessidade de os acompanhar e com força de vontade e esta força de vontade, também veio pela afetividade que comecei a ganhar às pessoas que trabalharam connosco no lar, também ao amor que elas nos davam, comecei a sentir-me bem, a sentir-me feliz, e uma pessoa sendo feliz tem o mundo aos pés, como já tínhamos falado na outra vez, eu sentindo esse apoio, comecei a interessar-me mais pelo estudo, comecei a traçar objetivos de vida, comecei a querer sonhar, e pronto, comecei a marrar, marrar, marrar. Lembro-me que havia alturas que eu levantava-me às cinco da manhã para ir estudar, que é coisa que não passa pela cabeça de ninguém. Pôr-se a pé às cinco da manhã para ir estudar, numa altura de exames, o exame era às duas da tarde e eu punha-me a pé às cinco. Mas eu fazia isso, e foi com muita persistência, com muita persistência, e é uma das qualidades que eu tenho, sou muito persistente naquilo que faço e eu alcanço muitas as vezes as coisas com a persistência. Eu para ter as coisas que fui tendo ao longo da vida foi com persistência, foi com muito trabalho, com muito acreditar. Eu sentindo essa base de apoio, de afeto, e de carinho, de amor por parte das pessoas que trabalharam connosco que foram pessoas muito chagadas a nós e algumas delas ainda trabalham lá, acabaram por, pelo menos a mim, acabou por lançar-me as bases, e <b>deram-me as asas para eu voar</b>, praticamente.</p> <p><b>Ana</b> – Como a Dra. Maria disse, a minha mãe chorava e eu já queria vir, mas custou-me separar-me dela. Eu era mesmo muito ligada à minha mãe, mas pronto, à medida que o tempo foi</p>	<p>No Lar ganhou hábitos de estudo que ainda hoje tem.</p> <p>Começou a sentir necessidade, vontade e força, por meio da afetividade por parte de quem trabalhava no Lar.</p> <p>Com o amor que davam começou: a sentir-se feliz e com o mundo aos seus pés; a interessar-se pelo estudo; a traçar objetivos de vida; a querer sonhar.</p> <p>João – é persistente.</p> <p>A base de apoio foi o afeto, carinho, o amor e o muito trabalhar e o muito acreditar das pessoas que trabalhavam com os jovens “deram-me as asas para eu voar”.</p>
---	--

<p>passando, isso foi deixando de ser um obstáculo, e tinha lá as pessoas lá de casa, as relações, aproximo-me mais de umas pessoas do que outras, então isso ajudou-me muito, mas não me custou muito. Já tinha uma noção daquilo que queria.</p> <p>No recorrer das conversas pergunto se este ambiente vivido no Lar é como numa família. [Esta minha questão é colocada, uma vez que todos eles se lembram da sua saída da família, pretendia que falassem das mudanças sentidas].</p> <p><b>Ana</b> – O quarto é dividido.</p> <p><b>Pedro</b> – Uma noção básica, pelo que eu sei dos outros meus colegas, sim, à partida. Nunca posso afirmar que sim verdadeiramente, porque isto acaba por ser a minha família mas não é a minha família biológica, as coisas nunca são sempre iguais. Num sentido de carinho, e de amor é igual, mas noutro sentido não, nunca posso dizer sim a partir disso.</p> <p><b>Ana</b> – Imagina lá em cima no outro, nenhum dos miúdos tem roupa própria, agora não sei, mas na altura que fui lá não tinham. Eles tinham que dividir as roupas uns pelos outros, nós aqui temos. Eles não tinham, nós temos.</p> <p>Dado o adiantar da hora, damos por encerrados os trabalhos, eles já tinham demonstrado esta vontade, e agendamos a próxima sessão.</p>	<p>Entrada no Lar – difícil a separação da mãe, mas tinha noção do que queria. A relação das pessoas do Lar ajudou a superar a separação.</p> <p>Estrutura do Lar – quarto dividido.</p> <p>Como veem o Lar na sua vida – o Lar “acaba por ser a minha família” no sentido de carinho e amor.</p> <p>Outra realidade de instituição – as crianças dividem roupa e nós não [sentimento de pertença].</p>
--	---

### 3. Focus group 2

Participantes: João, Ana, Carlos	
Data: Sábado, 13 de abril de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (Sala)	Hora: 14:00h – 15:30h
Técnica: Focus group 2	

<p><i>Para esta sessão, partimos da expressão “Deram-me as asas para eu voar” e exploramo-la, procurando os momentos que os marcaram mais na sua passagem pelo Lar, num ambiente mais descontraído na sala, nos sofás. [Neste encontro o Pedro não pôde comparecer]</i></p> <p><b>Carlos</b> – A passagem pelo lar deu muitas oportunidades.</p> <p><b>Ana</b> – Claro que era diferente, não estávamos na universidade sequer.</p> <p><b>Carlos</b> – Nem sequer tinha o 12º ano, só por aí.</p> <p><b>Ana</b> – Nem tínhamos objetivos de certeza. Fomos acompanhados pela Raquel, Gonçalo e Melina, eles são os principais lá de casa.</p> <p><b>Investigador</b> – Como era essa relação?</p> <p><b>Ana</b> – Sempre fomos unidos, aliás, eles são os pilares lá de casa.</p> <p><b>Carlos</b> – Pra mim é uma relação de família.</p> <p><b>Ana</b> – Pra contar como foi o dia e ajudar nos trabalhos de casa, tínhamos sempre a Raquel, e o Gonçalo ou a Melina, depende dos horários rotativos. Eles trabalhavam durante a semana.</p> <p><b>João</b> – Havia, no fim de semana, outras pessoas que faziam</p>	<p>Tema: “Deram-me asas para eu voar”</p> <p>Como veem o Lar nas suas vidas – deu-nos muitas oportunidades; ter o 12º ano concluído; ter objetivos.</p> <p>Foram acompanhados por três funcionários – eram os principais da casa.</p> <p>Relação com os funcionários: eram os pilares da casa; são unidos; são como uma família.</p> <p>Trabalhavam em horários rotativos e durante a semana.</p> <p>Havia outros funcionários,</p>
--	---

<p>menos horas, mas quem estava connosco era a Raquel, Gonçalo e Melina, eram os que faziam o maior número de horas possíveis e eram os que conheciam a fundo, mesmo, porque foram eles que nos acompanharam durante a nossa vinda, durante o nosso crescimento cá. E foi como o Carlos diz, foi um crescimento de família.</p> <p><b>Carlos</b> – E trabalhavam connosco em dias úteis, porque trabalhar ao fim de semana, sabes que estás cansado ao fim de semana, fazes o que queres, as pessoas....</p> <p><b>Ana</b> – Não estão cá.</p> <p><b>Carlos</b> – Exato.</p> <p><b>João</b> – Eram eles que nos ajudavam nos TPCs de casa, eram eles com quem nós desabafávamos acerca de determinado problema, era praticamente eles a quem nós recorriamos e podíamos contar com eles, a Melina o Gonçalo, a Raquel. Eu falo mais em particularmente do Gonçalo porque, não é pelo facto de ser homem, ou deixar de ser, é mais porque eu criei uma relação muito forte com ele porque vi nele um modelo. Digamos assim, um modelo de pessoa que eu queria seguir porque ele era uma pessoa espetacular, era uma pessoa muito competente no trabalho que faz, independentemente de ser ou não formado na área, isso não interessa, o importante é que ele é competente naquilo que faz, e é uma pessoa que acima de tudo transmite bons valores e bons princípios.</p> <p><b>Investigador</b> – Para eles, não era somente uma questão de trabalho mas sim uma família! [Todos afirmam que sim.]</p> <p><b>Ana</b> – Nós...é a família deles, pra nós também. Nós também</p>	<p>com menos horas e ao fim de semana.</p> <p>Eram como uma família</p> <p>As figuras de referência só trabalhavam à semana.</p> <p>Acompanhamento dos 3 funcionários: TPCs, desabafos.</p> <p>Relação mais forte com o Gonçalo, por considera-lo um modelo a seguir, transmitia valores e princípios; era competente no que fazia.</p> <p>Os jovens tinham contacto com os familiares dos funcionários.</p>
--	--

<p>convivemos com a família deles também, por exemplo.</p> <p><b>João</b> – Exatamente, havia esta... uma mão que lavava a outra, havia mesmo aquele grau de proximidade em que estávamos também em contacto com a realidade, após o trabalho dessas pessoas, que isso também ajudou-nos a refletir que realmente há pessoas que gostam de nós e que fazem o máximo para nos ajudar. Eu não posso dizer isso da Helena, por exemplo, porque a Helena chegou cá, à média de três, quatro anos, e que não influenciou no meu crescimento. No entanto, um miúdo que já lá está, na época que ela entrou, poderá dizer o contrário. A Raquel, Melina e o Gonçalo, a Melina é uma pessoa que neste momento não está presente mas é como se estivesse.</p> <p><b>Investigador</b> – Que momentos engraçados passados com eles podem partilhar?</p> <p><b>João</b> – Tantos. Não assim nenhum episódio em particular, foram pequenos episódios que foram acontecendo ao longo destes tempos todos. Não dá pra lembrar assim dum particular porque foram muitos, mesmo, cada um no seu momento no seu devido tempo. [algum tempo de silêncio] Lembro-me sempre de umas frases do Gonçalo. Foi uma das primeiras frases que me ficou quando cheguei cá, e quando eu cheguei cá ele depois também passado um tempo, o quê? Um ano? O Gonçalo entrou pra cá, pra instituição, e lembro-me de frases sábias que ele dizia, do género: “O que semeias hás de colher”. E isso foi me entrando na cabeça, fui refletindo sobre elas, e realmente, isso é o que é verdade nesta vida. Tudo o que semeias irás colher.</p> <p>[algumas dificuldades no Carlos falar, no entanto tento que ele intervenha]</p>	<p>Esta experiência permitia contacto com outra realidade; e os jovens sentiam que “há pessoas que gostam de nós e que fazem o máximo para nos ajudar”.</p> <p>O que ficou marcado na vida dos jovens – um ditado popular “o que semeias hás de colher”.</p>
--	--

<p><b>Carlos</b> – Eu não sei dar ordem a isso.</p> <p><b>João</b> – Estou a lembrar-me da Raquel que ela ficava muito feliz de cada vez que eu tirava uma positiva. Quando eu cheguei cá era, tinha um historial de sete negativas, e via nos olhos dela que ela realmente ficava mesmo feliz por eu tirar uma positiva, porque no fundo era o reconhecimento do trabalho que ela fazia connosco. Cheguei a fazer várias apostas com ela do género:</p> <p>[João] “Raquel se eu tirar 100% a história você dá-me um pacote de kinder bueno?”</p> <p>[Raquel] “Ok, combinado.”</p> <p>Não era um kinder, era um pacote, aquilo trazia dez e eu adorava aquilo. Porque eu também, eu gosto muito de desafios e então marrava, marrava, marrava, marrava e chegava ao final...98%.</p> <p>[João] “Oh Raquel não consegui.”</p> <p>[Raquel] “Conseguiste, não chegaste aos 100 mas chegaste ao 98 e isso já é um grande motivo de orgulho.”</p> <p>Porque comparando com os meses passados que eu tirava 60, 70, ou seja, passei do cinco pro oito, não passei pelo seis nem pelo sete, passei logo do cinco, pro oito. Ela reconheceu isso e deu-me lá o tal pacote na mesma. O que acontece no teste posterior acabei por tirar depois o 100, e ela voltou a reconhecer e voltou a dar-me o kinder, ou seja, fiquei gordinho de kinder buenos.</p> <p><b>Investigador</b> – O Carlos não precisava da recompensa! [pretendia chamar a atenção dele para dar uma oportunidade de falar, mas mesmo assim permanecia retraído]</p> <p><b>Ana</b> – Ai a mim foi um vestido, no final do 11º ano, nos exames</p>	<p>O que ficou marcado na vida dos jovens – incentivo ao estudo, como apostas para tirar boas notas;</p> <p>Um pacote de Kinder Bueno por 100% a história.</p> <p>Reconhecimento do esforço.</p> <p>Incentivo ao estudo: um</p>
---	---

<p>nacionais, assim valeu a pena. Eu disse sempre que só ia na primeira fase, nem que fosse com 10. Nunca ia à segunda e sempre passei na primeira, e lá tive o vestido da Raquel e do Gonçalo.</p> <p><b>Investigador</b> – Havia mais episódios de recompensas?</p> <p><b>Ana</b> – Sempre, no segundo ciclo, havia sempre recompensas sempre que tirávamos boa nota, depende se nos esforçávamos pra isso, ou era um euro, ou alguma coisa que nós gostávamos.</p> <p><b>João</b> – Lembro-me da Melina, que desde que fui para a faculdade tinha aquela preocupação de: João leva isto, leva aquilo, leva aquel'outro, leva um tuperware com comida, assim depois não tens que gastar lá dinheiro e já fica pro jantar. Tinha sempre esta preocupação, estava sempre a ver se eu estava bem, se estava mal, como tinha corrido a faculdade, como tinha corrido a semana, e sempre a dizer: leva isto, leva aquilo, leva aquel'outro. Repete várias vezes esta frase.</p> <p><b>Ana</b> – Por falar em Melina. Um hábito que tenho com a Melina é ir sempre tomar um café e comer uma nata sempre que estamos juntas. Quando ela estava lá a trabalhar, depois do almoço íamos sempre comer uma nata e tomar café. Comenta, depois de ir para a universidade via-a poucas vezes, sendo que nessa altura ela esteve doente também. Ainda ontem ela veio cá.</p> <p>No seguimento desta afirmação surge um pequeno diálogo entre a Ana e o João, pois ele não sabia da sua visita, se bem que ela afirma tê-lo referido e que ele nunca se lembra de nada.</p> <p><b>Ana</b> – Esteve sim senhor e logo vou tomar café com ela e com a Raquel.</p>	<p>vestido se passasse na primeira fase dos exames do 11º ano.</p> <p>Havia recompensas sempre que tiravam boas notas.</p> <p>O que ficou marcado na vida dos jovens – tipo de acompanhamento: mesmo quando foi para a faculdade ainda se preocupavam desde levar comida, perguntar se estava tudo bem, como tinha corrido a faculdade, a semana.</p> <p>O que ficou marcado na vida dos jovens – tem o hábito de tomar café e uma nata com a Melina, e ainda hoje o tem.</p>
---	---

<p><b>João</b> – Sobre a doutora Maria, era uma pessoa que não estava mais presente, ou tão presente como o Gonçalo, a Raquel e a Melina, mas era aquela pessoa que quando ia lá a casa... Foram mais as vezes que foi lá, ao lar, para resmungar connosco do que propriamente para... Faz uma pausa e a Ana completa referindo a falta de um momento recompensador, mas o João diz que não seria bem isso, e diz novamente: era mais as vezes que ia lá para resmungar connosco porque alguma coisa não estava bem do que para conviver. O que é certo, é que de cada vez que ela ia lá e me dava um sermão aquilo entrava-me pelo ouvido esquerdo e ficava aqui a moer, a moer, moer, moer, moer, e só passado uma semana é que saía pelo ouvido direito, ou seja aquilo que ela ia dizendo, do facto de alguns estar bem, também acabou por influenciar muito, no meu crescimento, porque também fui refletindo acerca daquilo que ela foi dizendo, e encarando aquilo de certa forma como algo positivo para o meu desenvolvimento. Embora não fosse uma pessoa tão presente como o Gonçalo, a Raquel e a Melina, mas sempre que cá vinha para resmungar connosco acabava por influenciar o meu comportamento.</p>	<p>A figura da diretora – não é tão presente; as suas visitas são caracterizadas como momentos para resmungar e só vem quando as coisas não estão bem.</p> <p>Mas o que a diretora falava ficava na cabeça e refletia – influenciou o seu crescimento e comportamento.</p> <p>Este momento era visto como algo positivo no seu desenvolvimento.</p>
<p><b>Investigador</b> – E tu Ana partilhas da mesma ideia?</p>	
<p><b>Ana</b> – Sim claro. Sempre que a víamos era...quando tocava à campainha, cada um ia para o seu quarto que já sabia que algum de nós ia levar um sermão.</p>	<p>A presença da diretora simbolizava o momento do sermão.</p>
<p>Interrompe o João afirmando que não era um sermão de uma hora mas de uma tarde.</p>	
<p><b>Ana</b> – Por exemplo, os meus sermões com ela, acabava na casa de banho a chorar, as duas. Quando a Raquel e a Melina já não aguentavam a Ana durante uma semana, lá vinha ela. Eu era a mais revoltada lá de casa, logo tinha que ser uma semana de</p>	<p>Os sermões da diretora eram longos.</p> <p>Ana: era a mais revoltada.</p>

<p>revolta. Não era portar-me mal, mas revoltava-me com as coisas que achava que estava mal. Há coisas que são injustas, por isso, se uns têm, fazem uma coisa pior que nós e não têm castigo e nós à mínima coisa temos castigo, já não pode ser assim.</p> <p>Dirige-se ao grupo e dá o exemplo dum rapaz da casa que fazia <i>“trinta por uma linha”</i> e que não tinha castigos nenhuns. Entretanto o Carlos afirma que não se deve olhar para os outros, e num olhar de defesa da sua verdade, Ana, pergunta novamente se sabia o que ele fazia em casa, e o João intervém chamando a atenção que estamos a falar de nós e não dos outros.</p> <p><b>Investigador</b> – Como era feita a negociação dos castigos?</p> <p><b>João</b> – Haviam reuniões que eram postas em ata e essas reuniões que eram para dar castigo a alguém, era discutida por todos, e pelo próprio que fez a asneira, acerca do que é que acharia o castigo que merecia, também era uma forma de refletirmos sobre isso.</p> <p><b>Investigador</b> – Quem estava sujeito a castigo, não se tornava uma situação constrangedora?</p> <p><b>Ana</b> – Não.</p> <p><b>João</b> – Não, porque é assim. Cada pessoa tem os seus problemas e cada pessoa era uma pessoa, e era lógico que estávamos a partilhar uma causa comum, embora cada qual com os seus problemas e percebíamos perfeitamente os problemas um do outro.</p> <p>Pergunto quantos eram na casa, e o João e Ana respondem que</p>	<p>Injustiças nos castigo.</p> <p>Havia reuniões as crianças/jovens onde eram tomadas decisões – era um momento também de reflexão.</p>
---	---

<p>eram nove.</p> <p><b>João</b> – Mas as coisas que eu não achava bem, era o facto de a doutora Maria, ver... não olhar para nós e ver cada caso em particular, do género, metia-nos a todos no mesmo saco, ou seja [faz uma pausa e tenta encontrar algum exemplo, recordando-se de várias situações] Tinha eu 18, 19, 20 anos e que eu queria chegar mais tarde um bocado a casa, e ela: “Não João, não podes, porque sabes que tens que dar o exemplo.” E eu como era o mais velho, talvez não vivi essa minha fase do que deveria ter vivido, por quê? Porque ela estava sempre a pôr no mesmo saco do que eles, dos mais novos, bem mais novos, e que eu estava numa fase completamente diferente. E eu acho que ela sentia dificuldade em perceber isso, e ainda hoje tem.</p> <p><b>Carlos</b> – Até nos horários de dormir por exemplo.</p> <p><b>João</b> – Repete o que o Carlos disse. Tínhamos horários pra dormir, uns deitavam-se às 10:30h, outros às 11h, e eu deitava-me às 11h juntamente com o Pedro, como a Ana, que são mais novos que eu, que estavam numa fase da vida deles. Eu já estava numa fase diferente. [20, 22, 23 – os mais velhos a seguir a ele de 26 anos]</p> <p><b>Carlos</b> – E o Pedro também está a passar por isso. [vive no Lar]</p> <p><b>João</b> – Pois está. A doutora Maria acha que os mais velhos têm que servir de exemplo, e logo....</p> <p>Comento se não será o facto de querer proteger.</p> <p><b>Carlos</b> – Também é para não haver precedentes, se não os outros também querem e....</p>	<p>Individualidade – “metiam-nos a todos no mesmo saco”; os mais velhos tinham que ser o exemplo; desfasamentos de idades, e fases de vida também diferentes.</p> <p>Individualidade – apesar de haver horários ajustados, ainda assim o jovem mais velho cumpria os mesmos horários dos mais novos, (sente um desfasamento da sua vida em relação às regras a cumprir).</p> <p>O Carlos também sente este desajuste de horários.</p>
---	---

<p><b>Ana</b> – Ela esquece-se que nós somos jovens e temos que viver.</p> <p>[Todos concordam]</p> <p><b>João</b> – A questão é que estamos numa fase de sair, mas no entanto não vais sair porque tens que dar o exemplo aos outros, porque os outros ainda não estão na fase de sair.</p> <p><b>Ana</b> – E mesmo aqui, ela esquece que nós somos jovens que temos que viver, que temos que errar.</p> <p><b>Investigador</b> – E aqui mantêm os horários?</p> <p><b>Ana</b> – Aqui não temos esses horários, mas há coisas que tipo não se justificam.</p> <p><b>Carlos</b> – Há limitações que não se justificam.</p> <p>Coloco a questão se seria um tema que poderíamos vir a trabalhar.</p> <p><b>Carlos</b> – Não dava pra trabalhar isso, não estando no organigrama, num posto até assim acessível, não vale a pena trabalhar nisso.</p> <p>[Todos riram]</p> <p><b>João</b> – Agora falaste bem. Atenção, nós estamos aqui a falar não é só um mar de rosas, também tem os seus quês...</p> <p>Dou um exemplo de situação a ser trabalhada: a diferença de idades.</p> <p><b>Ana</b> – Isso era importante, era. Principalmente para aqueles agora, que estão ali, aquele sistema de diferença assim, a Filipa tem sete, e o mais velho tem dezanove, vinte, e imagina eles às</p>	<p>A Ana fala da necessidade de ter espaço para cometer erros.</p> <p>O Apartamento de Autonomia, não tem as mesmas regras do Lar, contudo têm limitações que consideram injustificáveis.</p> <p>Carlos refere a falta de poder para operar mudanças.</p> <p>Individualidade – desfasamentos de idades; Intervalo dos 7 aos 20</p>
--	--

<p>vezes são...a Filipa e o Pedro, estás a ver, eles esquecem-se disso.</p> <p><b>João</b> – Esquecem-se que o Pedro é o Pedro e a Filipa é a Filipa, muitas das vezes. Isso é que não está bem.</p> <p><b>Carlos</b> – O Pedro às vezes, para se animar, tem que se sujeitar a entrar nas brincadeiras, ele é o próprio a dizer isso, se não estou lá desanimado os dias todos, ou entra um bocado na brincadeira deles para se distrair.</p> <p><b>Ana</b> – E é como os castigos.</p> <p><b>Carlos</b> – Ele ganhava mais estar aqui, nós somos mais velhos, aprendia connosco, ali só desaprende.</p> <p><b>Ana</b> – É como os castigos. Um faz e pagam todos não acho justo.</p> <p><b>Carlos</b> – Se isso for como pressão, e servir como finalidade até pode funcionar em certos casos.</p> <p><b>Ana</b> – Acho que é uma coisa de que não conhecem e nós já vivemos há muitos anos. A personalidade de cada um?</p> <p><b>João</b> – Quem trabalhou connosco conhece-nos, o Gonçalo a Raquel e a Melina conhecem-nos. O Gonçalo nunca me tratou por exemplo como trata o José.</p> <p><b>Ana</b> – Eu com o Gonçalo fui uma vez de castigo.</p> <p><b>João</b> – Quem não nos conhece em particular a cada um de nós, é mais complicado.</p> <p><b>Ana</b> – Por exemplo, a Mariana está lá há muitos anos, e</p>	<p>anos.</p> <p>Individualidade – respeito da personalidade de cada um.</p> <p>Individualidade – o desajuste do meio envolvente em que o Pedro se sujeita a determinadas situações no Lar.</p> <p>Injustiça dos castigos, todos são sujeitados à mesma penalização.</p> <p>Quem trabalha com os jovens há mais anos, respeita com maior facilidade a personalidade de cada um.</p> <p>Personalidades diferentes - é preciso conhecer.</p>
--	---

<p>conhece-nos perfeitamente.</p> <p>O Carlos confirma que ela tem um conhecimento assim profundo.</p> <p><b>Ana</b> – Mas tipo, a doutora Helena e a doutora Rosa nunca na vida nos vai conhecer quem nós somos.</p> <p>Todos afirmam que nunca vão conhecer quem são.</p> <p><b>Carlos</b> – E continuando a ter as funções que elas têm, então ainda pior.</p> <p><b>Ana</b> – E mesmo assim, não é só a teoria que conta... e depois esquecem-se principalmente que somos jovens que temos que viver. Nem é oito nem é oitenta.</p> <p><b>Investigador</b> – Ainda têm limitações para sair e assim?</p> <p><b>Carlos</b> – Temos liberdade para isso...</p> <p><b>Ana</b> – Temos liberdade para isso, os custos é que...</p> <p><b>Carlos</b> – Os custos é que têm limitação.</p> <p><b>Ana</b> – Somos controlados nessas coisas todas.</p> <p><b>Carlos</b> – Mesmo o dinheiro que se ganha, vai todo direcionado para a conta, ou damos razões óbvias para ficar no nosso bolso, e no meu caso, acho que, no fim apresento fatura.</p> <p>O Carlos falou que já esteve quase um ano em que teve que apresentar faturas desde os bolicasos aos cafés.</p> <p><b>Ana</b> – Nem oito nem oitenta, é o que eu digo.</p>	<p>As pessoas que não estão envolvidas no quotidiano destes jovens não os conhecerão em profundidade.</p> <p>Apelo à necessidade de viver sem extremos [expressão: 8 ou 80]</p> <p>Têm liberdade de sair mas têm a condicionante económica.</p> <p>Gestão de dinheiro – o dinheiro é direcionada para as contas dos jovens; a utilização de dinheiro o tem de ser justificável. Em particular o caso do Carlos que teve de apresentar faturas de todos os gastos.</p>
---	---

<p><b>Carlos</b> – Ia tudo pra fatura, andava aí com uma cara...</p> <p><b>João</b> – Fazias isso?</p> <p><b>Carlos</b> – Fazia, Às vezes esquecia-me da fatura do almoço ou do jantar e depois tinha que meter mais ou menos o valor, e se esquecesse já ouvia.</p> <p><b>Ana</b> – Eu nunca faço isso, nunca fiz, nem hei de fazer.</p> <p><b>João</b> – Eu também nunca fiz isso.</p> <p><b>Ana</b> – Mas acho que é um exagero porque há tipo, coisas que tu... quero fazer de momento e não vais porque não tens, então melhor, ter tens mas....</p> <p><b>Carlos</b> – E depois estamos na posição que estamos e depois é sempre aquela frase de que: “no futuro podemos precisar desse dinheiro”. Comenta o facto de que é um extremo, e exemplifica que <i>“devemos comer meia sardinha hoje e guardar prós próximos dias”</i>.</p> <p><b>Ana</b> – Se não podermos fazer determinadas coisas, quem nos diz pra não fazermos isso, também não devia fazer determinadas coisas, se estamos em crise.</p> <p>Comentam, entre eles, algumas atitudes e valores que depreciam considerando o papel que essas pessoas responsáveis desempenham. Referem que exigem uma coisa e elas próprias <i>fazem outra. Esta situação faz com que o que dizem “entra a cem e sai a duzentos.”</i></p> <p>O Carlos fala em gastar dinheiro em momentos especiais, como os dias dos namorados que é uma vez no ano, e o caso do</p>	<p>Gestão de dinheiro – limitações, pois “no futuro podemos precisar desse dinheiro”.</p> <p>Em relação à gestão, não encontram um modelo a seguir. [sentimento de frustração].</p>
---	---

<p>cortejo, uma vez na vida.</p> <p><b>Carlos</b> – Agora, estou num dilema por causa do carro do cortejo, nem é uma vez no ano, é uma vez na vida, só vou esta vez. Posso não ser finalista por causa de quatro ou cinco cadeiras, é que não posso ir pró ano. Quem vai pró ano são os do segundo ano, quem segue no carro não depende de quem não vai terminar o curso ou não. Começamos todo no primeiro ano e no terceiro ano aquele grupo segue. Eu estou nesse dilema. Daqui a bocado vou tomar café com a doutora Maria pra ver esse dilema, por causa do dinheiro. A doutora Maria disse-me logo: “Podes precisar desse dinheiro, podes estar a passar fome daqui a uns anos...” É claro que eu vou repor o dinheiro, vou trabalhar.</p> <p><b>Ana</b> – Eu, imagina o meu kit de finalistas e a camisola e assim, foi tudo com o meu dinheiro, nem sequer ninguém me perguntou o que é que eu precisava pra finalista, nem ninguém se preocupou com isso, e se eu pedisse iam-me questionar tudo e mais alguma coisa, por isso, olha, juntei. É complicado, às vezes esquecem-se dessas coisas. Mas gostam de ir, e estar presentes mas esquecem-se.</p> <p><b>Carlos</b> – É uma vez na vida que vou fazer. Já me limitei muita coisa na universidade, já nem vou ao baile que nem sou finalista e não quero gastar dinheiro nisso, mas até aqui já poupei, tenho poupado muito por ano, não tenho saído, nem convívio. Faço uma vida mesmo daquele estudante “nurd” quase, vou às aulas e ainda tenho tempo para fazer uns trabalhos e casa. E eu era o contrário disso, é que parece uma mudança radical. A partir do momento que vim pra’qui, para esta casa, [apartamento de autonomização] deparei-me com mudanças, coisas na vida que nunca pensei, foi tudo ao mesmo tempo em cima de mim mas coisas, muito choques, grandes mesmo, só mudança. Estar com</p>	<p>Dilema de dinheiro para o cortejo de curso (uma atividade de finalistas).</p> <p>A Ana fala da falta de apoio e interesse por parte do Lar para as atividades e materiais dos finalistas.</p> <p>O Carlos fala-nos que já se tem limitado a muitas coisas desde que foi para a universidade: “tenho poupado muito por ano”; “não tenho saído nem convivo”; vai às aulas, faz os trabalhos e casa.</p> <p>O Apartamento de Autonomia acarretou</p>
--	--

<p>os meus irmãos e vir pra aqui, por acaso fui o último a vir pra aqui, porque não queria, elas ainda me deram um prazo pra ficar lá, porque eu não queria. Estava no quarto com os meus dois irmãos era difícil, pois o meu irmão José também era muito apegado a mim, para mim era assim um bocado....sou o irmão mais velho, o Pedro também, mas sempre protegia muito o José. Aquela coisa de eu vir para aqui, deixa-los lá, ouve aí muitos problemas que me surgiram na cabeça. No momento que vim pra cá também tive que ir pra universidade, já tinha que me adaptar à universidade. Eu levei com tanta coisa na cabeça nesse ano, na universidade, a minha namorada acabou comigo. Ui, eu desde que entrei para a universidade é só problemas, no ano seguinte a minha avó falece, a pessoa mais importante na minha vida. Tenho andado com problemas atrás de problemas.</p> <p><b>João</b> – E depois andaste a tomar comprimidos.</p> <p><b>Carlos</b> – Andei a tomar medicação a torto e a direito...tomei só uma semana, chegou.</p> <p><b>Ana</b> – O meu primeiro ano de universidade, passei meio ano sem vir a casa, sem vir aqui...nós fomos assim meio empurrados daquela casa.</p> <p><b>João</b> – Eu tentei vir sempre de fim de semana, por várias razões, primeiro....</p> <p><b>Ana</b> – Tu passaste quase os teus dois anos e meio de universidade naquela casa, nós fomos logo da secundária pra universidade pra aqui. Tiveste mais sorte.</p> <p><b>Carlos</b> – Foi muita mudança ao mesmo tempo. Eu era mais desinibido.</p>	<p>mudanças: separação de irmãos; a transição para o apartamento coincidiu com a transição para a universidade.</p> <p>Neste mesmo ano o Carlos terminou o namoro e a avó faleceu.</p> <p>Por se sentir com muitos problemas chegou a tomar comprimidos.</p> <p>A Ana no primeiro semestre do primeiro ano passou quase sem vir ao Apartamento sente-se que “nós fomos assim meio empurrados daquela casa” [do Lar].</p>
---	--

<p><b>João</b> – A mim custou-me mais um bocadinho quando a gente fez a transição de lá pra cá, mais pelo ambiente em si. Estava habituado a um ambiente de companheirismo, de barulho, que é mesmo assim, estavas a estudar e estavas sempre a ouvir barulho e cheguei a um ponto que eu estava a estudar e parece que já não ouvia barulho, ficava já de fundo. E depois vim para cá e não ouvia esse barulho e achei estranho, e foi um bocado difícil de adaptação.</p> <p>Pergunto se vieram todos ao mesmo tempo para o apartamento <i>de autonomização</i>. Todos afirmam que “<i>fomos vindo</i>”. A Ana diz que foi a primeira, a 15 de agosto. Depois o João. O Carlos só veio já depois das aulas terem começado, em setembro.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu era muito diferente do que sou agora. Tinha muita liberdade, deram-me muita liberdade, adorei isso, convivi muito com os meus amigos e saía com eles, fazia asneiras, era igual a eles em tudo e depois... vim para aqui com dezoito ou dezanove anos. Vim para aqui em setembro e nesse mês entrei na universidade.</p> <p><b>João</b> – Todos nós tivemos 12?? [questiona-se quantos anos viveram no Lar]</p> <p><b>Ana</b> – Eu estive lá 11 anos.</p> <p><b>João</b> – Eu fui pró Lar em 2000 e vim pra cá em 2010.</p> <p><b>Carlos</b> – Tu [João] chegaste em fevereiro, acho eu, e eu cheguei em março.</p> <p><b>Ana</b> – O facto de mudarmos pra aqui foi tirar-nos tudo. Foi tirar-nos as rotinas que nós estávamos habituados.</p>	<p>Apartamento de Autonomia – antes da transição estava habituado a um ambiente de companheirismo e barulho mas depois já não havia barulho e o ambiente de casa cheia.</p> <p>A mudança para o apartamento foi lenta, não foram ao mesmo tempo.</p> <p>A par da mudança para o apartamento o Carlos também mudou, “Eu era muito diferente do que sou agora”.</p> <p>“Vim para aqui em setembro e nesse mês entrei na universidade.”</p> <p>Estiveram no Lar cerca de 10 a 11 anos.</p> <p>A mudança para o apartamento mudou as suas rotinas.</p>
---	--



<p><b>João</b> – Nós muito dificilmente nos podíamos perder porque...</p> <p><b>Ana</b> – Nós não podemos errar.</p> <p><b>João</b> – Já levamos a escolinha feita no primeiro ano se não, levávamos por tabela logo.</p> <p><b>Ana</b> – Acho que nós aqui, não podemos errar na vida. Tipo esquecem-se que nós somos humanos.</p> <p><b>Investigador</b> – Não será uma questão de vos proteger?</p> <p><b>Ana</b> – Assim não aprendemos, nunca vamos lá. Temos que cometer erros pra aprender.</p> <p><b>João</b> – Acredito que seja isso mas uma coisa que eu também senti foi, lá está, foi essa demasia proteção, de chegar ao ponto em que era necessário resolver alguma coisa prá escola e quem tratava disso era a Melina ou a Raquel. Era uma coisa que não passa por ti e tu nunca irias aprender como é ir às finanças, por exemplo pedir um determinado papel, só soube isso passado um tempo. Eu senti nessas coisas que houve muita proteção de que se houvesse necessidade de fazer algo era a Raquel, Melina, ou o Gonçalo que iriam fazer. Menciona ainda a questão de ser necessário ir ao hospital, ou alguém ficava doente, ou era necessário uma consulta, eles é que tratavam disso, e quando precisou de ir sozinho não sabia como funcionava.</p> <p><b>Ana</b> – Nisso não me queixo porque sempre fui muito desenrascada desde pequenina. Eu desde pequenina ficava com os meus irmãos pequeninos, com seis anos, e o mais pequenino era bebé. Por isso sempre fui desenrascada. Mas a Alexandra também era assim, até ir pró secundário prá Taipas.</p>	<p>Demasiada proteção – os funcionários resolvem os problemas por eles, por exemplo: documentos das finanças e consultas médicas.</p> <p>A Ana acha-se desenrascada para resolver os seus problemas.</p>
--	--

<p><b>Carlos</b> – E essa proteção faz com que não vivêssemos a nossa fase até ao fim. Queremos tornar-nos mais atentos para a vida o mais depressa possível, mais adultos.</p> <p><b>João</b> – Fazia com que nós não evoluíssemos, ou seja, não estávamos mesmo a par da realidade, ou seja, vivíamos naquele mundo da fantasia, era tudo muito bonito, há sempre alguém que resolve as coisas por nós. Sem dúvida que a gente quando foi para a universidade, lá está, é mais uma questão de aprenderes. Tem duas hipóteses ou aprendes ou desaprendes, é mesmo assim. E isso não aconteceu em nenhum de nós, o facto de desviar-nos para caminhos menos bons, eu pelo menos, eu soube sempre distinguir essa fase e sempre soube desde muito cedo realmente aquilo que queria e quando via que estava a desviar-me um bocadinho do caminho pelo qual eu queria seguir, voltava-me a pôr na linha.</p> <p><b>Ana</b> – E nós sempre soubemos aquilo que queríamos, e o objetivo não é ficar nesta casa eternamente, queremos também futuro.</p> <p><b>Investigador</b> – Ainda costumam ir ao lar?</p> <p><b>João</b> – Uma coisa que nós estabelecemos desde...</p> <p><b>Ana</b> – Era à sexta jantarmos e ao domingo almoçarmos lá. Dantes íamos lá muitas vezes, quer dizer, eu agora não vou lá, nem jantar nem almoçar, muito raro mas vou muitas vezes lá, e ajudo lá. Imagina, daqui a bocado, às cinco vou com a Filipa ver a Xana Toc Toc ao Multiusos.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu vou lá para estar com os meus irmãos. [Pedro, José e Filomena]</p>	<p>Demasiada proteção – sente que os impede de estarem atentos para a vida.</p> <p>A proteção impede de crescer pois havia sempre alguém que resolvia as coisas por eles, “não estávamos mesmo a par da realidade”.</p> <p>Os jovens já tinham interiorizado uma postura na vida, traçados os objetivos e também não tinham margem de desvio.</p> <p>Continuam a estar ligados ao Lar: estabeleceram jantar à sexta a almoçar ao domingo.</p> <p>Visitar os irmãos.</p>
---	---

<p><b>Ana</b> – Faço noites no lar.</p> <p><b>João</b> – Uma coisa que a gente estabeleceu desde o início, quando viemos pra cá e fomos pra universidade, foi de pelo menos uma vez por semana. Agora, até há situação de duas - à sexta e ao domingo. Pelo menos uma vez por semana tentamos irmos lá jantar e confraternizar com o pessoal e também ouvir os mais pequenos e deixar-lhes também pequenas dicas acerca daquilo que nós também passamos e tentar deixar passar também um pouco o nosso testemunho e, certa forma, também para as pessoas que lá trabalham o Gonçalo, a Raquel, também perceber como as coisas têm corrido connosco.</p> <p><b>Ana</b> – E tento trazer sempre a Filipa comigo, levo-a a passear....</p> <p>Nesta altura, a sessão é interrompida uma vez que o João tem de se ausentar. Apesar de a sessão estar quase a ser dada por terminada, com a saída dele, não interrompo com o Carlos e a Ana, pois parecem confortáveis e assim deixo fluir a conversação.</p> <p><b>Ana</b> – A Sara que tem 17 anos, ela vem ter comigo às vezes, sai comigo. A Filomena é que é mais complicado trazer, porque ela faz muitas perguntas de que tudo e mais alguma coisa e então eu não tenho paciência, tem que ser mesmo lá em casa, ela tem 17 anos. Tem ela e a Sara. Eu faço noites no lar, os feriados por exemplo eu faço-os para dar folga e vou pra lá de tarde às vezes. E também combino coisas com a Raquel e a Melina, mas andei assim mais um bocadinho afastada. Eu quando ando chateada ou zangada com alguma coisa, afasto-me, e andei assim muito tempo. Mas há muitas coisas que deveriam mudar.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu olho para trás e às vezes nem me conheço.</p>	<p>Trabalha no Lar.</p> <p>Estabeleceram, pelo menos, uma vez na semana, confraternizar, ouvir os mais novos, aconselha-los e falar das suas experiências.</p> <p>Tem duas raparigas que costuma acompanhar e sai com elas.</p> <p>Trabalha no Lar, faz noites e tardes, folgas e fins de semana.</p> <p>Mantem contacto com os funcionários.</p> <p>Caraterísticas individuais – quando está zangada e chateada, afasta-se.</p>
---	--

<p><b>Ana</b> – É confuso.</p> <p><b>Carlos</b> – Claro que tenho muitas saudades.</p> <p><b>Ana</b> – Aquela casa já não era a casa que nós crescemos. Não é o caso de entrarem novos meninos, é como aquilo funciona, como o ambiente daquela casa mudou, porque nós quando estivemos lá também tivemos entrada de alguns, passou o Xico a Daniela, o Daniel, o José o nosso bebé, nós passamos por alguns mas da maneira que...já não é assim tão familiar quanto era, eu acho. E eu e a Alexandra, que era minha companheira de quarto, que está de fora agora, que vem cá de vez em quando, também acha o mesmo. Mudou, é pena. Aquilo que nós víamos já não, perdeu-se, é muita pena.</p> <p><b>Investigador</b> – [refiro-me ao Carlos] Que tempo passas lá, uma vez que tens lá os teus irmãos?</p> <p><b>Carlos</b> – Sexta à noite. Vou agora lá um bocadinho. [permanece algum tempo em silêncio e afirma que a mudança o perturbou muito] Eu sou uma pessoa muito forte, porque... [sente dificuldade em explicar o porquê de ser forte] eu acho que ainda não lido muito bem, muito de todo, desde a raiz. O facto de estar sozinho com a minha avó, até aos dez anos, e ter sido eu a estimular a mim próprio, e ter arranjado coisas para distrair de várias coisas, até... mas depois também era aquela pessoa que gostava de ter atenção e ter audiência dos amigos e às vezes chamava-os à atenção de várias maneiras. Depois quando vim para cá foi outra mudança e como nunca gostei de estar sozinho, também era assim, chamava a atenção dos amigos com umas palhaçadas. Era muito perturbador nas aulas, foi aquele extrovertido que animava a aula ou então, para o professor não era animar, era barulho. E depois, no 12º ano é que sei lá... foi</p>	<p>A propósito de mudanças, o Carlos diz nem se reconhecer.</p> <p>O ambiente e o funcionamento do Lar agora é diferente, considera não ser tão familiar mas não tem a ver com as novas crianças, pois na altura também passaram outras crianças, e ainda hoje têm contacto com elas.</p> <p>Vai ao Lar à sexta à noite.</p> <p>Caraterísticas individuais – considera-se forte porque viveu até aos 10 anos sozinho com a avó; era uma pessoa que gostava de atenção (fazia de tudo para chamar a atenção dos amigos, perturbava as aulas).</p>
---	--

<p>um choque, custou-me, não sei bem explicar quando. Só o facto de pensar nisso acho-me com problemas ainda na cabeça. O meu modo de pensar é esquisito, há dias que penso a mil na minha vida.</p> <p><b>Ana</b> – Sabes o que é ter tudo e de repente não ter nada? E depois acham com direito de questionar tudo na tua vida?</p> <p><b>Carlos</b> – E eu neste momento tenho que olhar bem por mim. Tenho-a a ela mas às vezes não posso correr sérios riscos, por exemplo, de ser o que era porque não tenho nem a faca nem o queijo. São eles que têm, e também não tenho muitas alternativas, tenho que me sujeitar a muita coisa.</p> <p><b>Investigador</b> – Achas que quando saíres, vais conseguir mudar muita coisa?</p> <p><b>Carlos</b> – Não vou, é quase meter um hiperativo dentro de um quarto durante um dia de castigo, ou dois. Acho que ele definha, eu não era hiperativo, era quase. Era muito dinâmico, era aquele aluno que estava sempre a jabardar na sala, sempre a pegar com as amigas e com os amigos, muito social na escola, era um carpe diem [aproveita o momento] perfeitamente, porque o Gonçalo é que meteu o carpe diem um bocado em mim. E eu vivia o dia como se fosse o último, e sentia-me com muita tranquilidade e sem muitas preocupações, tinha aquelas preocupações dos castigos, fazia muita asneira na escola. Por acaso fui das pessoas que mais vezes estive de castigo lá em casa, mas vivi as coisas. Eu adorei a minha juventude. Adorei. Agora sou uma pessoa completamente, uma pessoa diferente. Agora a partir dos 18, 19 anos, já me meteram questões importantes da vida, sempre a meter-me questões importantes da vida. Sempre que fazia uma asneira metiam na mesa essa questão: “O que é que queres</p>	<p>O Carlos acha que tem problemas, um modo de pensar esquisito “há dias que penso a mil na minha vida”.</p> <p>Individualidade invadida – ter tudo e depois perder e ser questionado por tudo.</p> <p>O Carlos sente-se limitado, sem poder, “não tenho nem a faca nem o queijo”.</p> <p>Carlos teve fases agitadas, sentia-se como se estivessem a “meter um hiperativo dentro de um quarto durante um dia de castigo”.</p> <p>Era extrovertido. Aprendeu o carpe diem e passou a sentir-se tranquilo e despreocupado, adorou a juventude.</p> <p>Foi das pessoas que mais vezes esteve de castigo no Lar.</p> <p>Agora é diferente, colocam-lhe questões</p>
--	---

<p>ser?”... não sei quê, não sei que mais. Não conseguia...</p> <p><b>Ana</b> – Uma coisa que acho que nunca se deveria dizer, é chamar-nos ingratos. Nós não temos culpa de virmos parar à instituição, não temos culpa da vida que os nossos pais nos deram. E acho que isso nunca se deveria dizer nem a uma criança que vai pra lá porque se separam e vai para lá, ou alguém que cresceu lá. Há coisas fora da tua personalidade, que tu não ages com todas as pessoas da mesma maneira, nem tens que gostar de todas as pessoas da mesma maneira, e aqui elas levam isso muito a sério. Conta uma situação relacionada com o facebook, em que estava online no chat para uma pessoa e offline para outra, e levaram a mal. Eu não sou obrigada a falar com toda agente. Outra coisa que eu acho é se este é um apartamento de autonomia nós temos que ter autonomia para gerir a nossa vida, e não sentimos isso. Questionam tudo, tudo o que nós fazemos, nem trazer amigos...</p> <p><b>Carlos</b> – Por isso é que eu acho que tenho problemas, porque houve aí um ano, foi o ano que eu entrei para a faculdade, que não foi nada bom. Perdi-me, estava maluco só queria era estar distraído com alguma coisa, estar desinibido, não pensar nos problemas que estavam a cair naquele momento, perdi-me. No ano a seguir por causa de ter cometido aqueles erros, ainda foi pior, andava aí controlado, quase nem respirava, andava controlado, tinha que mostrar as faturas, tinha que apresentar tudo. Raramente saía e isso fez com que eu me tornasse antissocial e fechei-me muito pró mundo.</p> <p><b>Ana</b> – Eu tornei-me uma pessoa mais fria.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu também, mais insensível mais antissocial, fechado, afastei-me muito também.</p>	<p>importantes da vida, responsabilidades.</p> <p>Injustiças – afirmar que os jovens são ingratos; sentem-se indignados pois “Nós não temos culpa de virmos parar à instituição, não temos culpa da vida que os nossos pais nos deram”.</p> <p>Sem autonomia – têm que dar conta de tudo, mesmo estando no Apartamento de Autonomia.</p> <p>Sem autonomia – “quase nem respirava, andava controlado”, mas era consequência do 1º ano de faculdade por se ter perdido, estava com vários problemas.</p> <p>Agora acha que é “antissocial” e fechou-se “muito pró mundo”</p> <p>Ana é uma pessoa mais fria e afastou-se das pessoas de quem gosta.</p>
--	--

<p><b>Ana</b> – Também afastei-me muito das pessoas que eu gosto lá de casa.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu também mas sem querer, mas foi sem querer, porque estava fechado no mundo e não estava a olhar para os meus amigos. Negava e ainda nego alguns cafés, não me apetece sair de casa, apetece-me estar distraído e eu acho que o computador distrai-me, e eu quando estou no computador, nem estou mentalizado que me estou a distrair. Eu acho que é a forma, uma forma de eu estar mesmo...</p> <p><b>Ana</b> – Se isto é a nossa casa tu tens direito a trazer a tua casa quem queres, amigos...mas nós nem isso podemos trazer sem avisar que vamos trazer alguém aqui a casa. Tipo é a nossa casa, é mau.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu não ligo a isso. Com tanta coisa que houve já nem ligo a nada.</p> <p><b>Ana</b> – A ele passa, a mim não. Tipo a mim e ao João não nos passa, porque temos direito a conviver.</p> <p><b>Carlos</b> – Isso é verdade. Mas eu já não estou com os meus amigos, já nem me apetece estar com eles, porque sou completamente diferente com eles.</p> <p><b>Ana</b> – Imagina se, todos nós, de cada passo que nós fazemos temos que ligar a dizer. Que autonomia nós temos?</p> <p><b>Carlos</b> – Eu estou mesmo naquela que só quero fazer as cadeiras.</p> <p><b>Ana</b> – Desde que seja combinado connosco que somos as pessoas que vivemos cá em casa e se nenhum de nós se importa,</p>	<p>Afastou-se, isolou-se, não lhe apetece sair de casa, até ainda hoje nega cafés.</p> <p>Sem autonomia – não podem trazer amigos a casa, sem avisar.</p> <p>Já nem lhe apetece estar com os amigos.</p> <p>Sem autonomia – o facto de dar satisfações de tudo sente-se como se não tivesse vida própria.</p>
--	---

<p>tudo bem. Agora ter que ligar e mais isto e mais aquilo....não temos vida.</p> <p><b>Carlos</b> – De tanto que levei na cabeça só quero fazer as cadeiras e acabar...</p> <p><b>Ana</b> – ...e ir-me embora, é como eu. É acabar o curso, xau e adeus, e ter uma vida própria. É o que me falta é ter uma vida própria, sem ninguém a comandar a minha vida.</p> <p><b>Carlos</b> – Por isso é que rejeito muita coisa que poderia estar a fazer e a viver, mas tenho outras coisas que fazer, porque senão elas andam em cima de mim outra vez.</p> <p><b>Ana</b>– Eu gosto de dizer, à Raquel e à Melina. Eu gosto de lhes contar tudo, tudo o que se passa, eu conto. Agora vir-me perguntar e sempre a questionar tudo. “Ai o que é que fazes? Porque é que vais gastar isso? Para onde vais? Com quem vais? Quem é essa pessoa?” Isso irrita-me, já não tens idade.</p> <p>Falo da questão de namorar</p> <p><b>Ana</b> – Isso é o problema. Eu hoje tenho, a Raquel a Melina e a doutora Maria para conhecer o meu namorado, eu só namoro há dois meses, e querem conhecer e para não me chatear....</p> <p><b>Carlos</b> – Há uma coisa que também desde que vim para cá, que ando sempre em batalha, sempre no diálogo, não dá para dialogar. É como eu disse, elas têm a faca e o queijo na mão e há sempre uma resposta, e há sempre uma resposta muito lógica e por muito intelecto que eu tenha e uma grande linha de raciocínio e faço com que elas percebam, nunca ganho. Elas arranjavam sempre diálogo pra combater. Eu depois também não gosto de ouvir certas coisas e enervo-me e não consigo acabar o</p>	<p>Desejo de ir embora, “sem ninguém a comandar a minha vida”.</p> <p>Controlo – rejeita fazer outras coisas porque “elas andam em cima de mim” A Ana até gosta de partilhar a sua vida mas ser questionada irrita-a.</p> <p>Para não se chatear vai apresentar o namorado, de uma relação de dois meses.</p> <p>Controlo e dificuldade em dialogar – “elas têm a faca e o queijo na mão e há sempre uma resposta”.</p>
--	---

<p>diálogo.</p> <p><b>Ana</b> – Por isso que eu e a doutora Maria andamos sempre a picar-nos, porque nunca concordo com nada, gosto muito dela e é uma das pessoas importantes na minha vida, mas ela tem que perceber que temos vida e somos jovens temos que viver.</p> <p><b>Carlos</b> – Ela devia ver isso, e ela sabe, sabe muito bem a pessoa que eu era, e eu sei que ela depositou muitas esperanças em mim lá em casa por ter chegado lá com muita sobrevivência, porque muita gente... Eu não sei como era a Ana, mas os meus irmãos, sei que... eu não estava com eles, estava sozinho, eles não iam às aulas, João por exemplo chegou com sete negas, eu ia às aulas, fazia os trabalhos de casa, aplicava-me, como aquele exemplo que eu tinha dado, havia aquela competição, eu competia dentro da sala pra ser o melhor porque queria chamar a atenção, porque queria ganhar amigos através disso. E foi assim que eu... já tinha isso desde pequeno. Ela mal me viu quando cheguei, ela depositou muitas esperanças em mim. Mas depois eu comecei, pelo menos até ao sétimo ano continuei a mesma pessoa, mas depois sei lá...achei que fiquei farto, de achar as coisas fáceis daquela maneira, e depois também comecei a desleixar-me e a perturbar mais as aulas, em vez de estar mais atento, mas estudava na mesma à noite e sempre me safava da noite pró dia, sempre me safava assim. E então ela criou uma expectativa.</p> <p><b>Ana</b> – Uma coisa que eu lembro-me da Melina dizer: “Nós não nascemos todos para ser doutores.” E ela tem razão, é giro ter numa instituição quatro meninos formados, tudo bem, mas nem todos temos vocação para isso, nem todos vão chegar naquela casa a doutores. O Carlos quando entrou em geografia, não era bem o curso que queria, e depois queria mudar e foi uma guerra</p>	<p>A diretora é uma pessoa importante na sua vida e gosta dela, mas existe momentos de tensão.</p> <p>A diretora depositou confiança, criou expectativas no Carlos (considerando o seu percurso) mas depois ele mudou.</p> <p>“fiquei farto, de achar as coisas fáceis daquela maneira e depois também comecei a desleixar-me e a perturbar mais as aulas”</p> <p>Nem todos têm de ser doutores, tem de se ter vocação, apesar de ser bonito.</p>
---	---

<p>lá em casa porque ele queria mudar, e ninguém ouvia a opinião dele. É normal que tu chegues a um ponto não gostes e queiras mudar e dar-te oportunidade para isso.</p> <p>Pergunto ao Carlos se mudou de curso.</p> <p><b>Carlos</b> – Mudei, mas também era aquele inteligente despassarado, que ao mudar sem querer mudei outra vez para a segunda fase que escolhi. Fui com um amigo, fiz ao lado dele, para ciência de desporto na UTAD como o João. Vou a ver o resultado da segunda fase e fui colocado em geografia na faculdade de Coimbra, sem querer mudei-me outra vez para a faculdade de geografia. Elas pensaram que eu estava a gozar com elas, candidatei-me outra vez ao mesmo curso, até podia ter perdido a vaga e estava lixado. A verdade é que eu saí e entrei outra vez, não sei como é que eu fiz aquilo. É que eu tinha um amigo ao meu lado e não fiz as coisas certas e não sei. Agora estou a lembrar-me, a não ser que não tenha entrado e não me lembro se tinha como segunda opção, para não perder geografia. Se calhar foi mesmo isso, e só cheguei à conclusão agora, passado três anos. É que tem lógica por um lado.</p> <p>Falei o facto de ele já se ter adaptado ao curso.</p> <p><b>Carlos</b> – Há coisas que eu gosto, é geografia vertente história. Só há um curso que até gosto mas não ia conseguir dar-me bem, porque, era matemática, eu de resto, eu por mim ia para os cursos todos, eu gosto de quase todos. Tanto me adaptei a geografia como podia adaptar-me em engenharia civil como noutro curso. Eu dantes gostava de matemática porque era aquele desafio, gostava daquele desafio, eu gosto daquele joguinho, porque gostava de chegar ao resultado e ver se dava igual, e gostava do processo todo, gosto mas também se falhava</p>	<p>Quando o Carlos quis mudar de curso gerou grande tensão “foi uma guerra lá em casa”.</p> <p>Apesar dos conflitos e de ter tentado mudar de curso acabou por ficar no mesmo.</p> <p>Afirma ter-se adaptado a este curso mas podia ser outro qualquer.</p>
--	---

<p>numa coisa, e a matemática era metódica. Acabei por agir por influência dos amigos, iam todos para Coimbra. Coimbra é a cidade dos estudantes, ouvi falar disso, tem um espírito incrível, já estavam lá uns amigos que andaram comigo em CT, como em CT eu perdi um ano porque mudei para humanidades, então porque os meus amigos de CT já estavam lá alguns, falaram-me, e eu sempre foi aquela coisa de não estar sozinho no mundo e fui um bocado atrás deles.</p> <p>Eu explico a minha situação. Também fui para uma cidade onde não conhecia ninguém.</p> <p><b>Ana</b> – Foi como eu em Viseu. Como disse tive meio ano sem quase vir a casa, só vim uma vez, que vim na sexta e fui logo no sábado. Depois no segundo semestre eu ia à segunda e vinha à quarta, e por isso deixei quatro cadeiras pra trás, mas já estão duas feitas.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu estava perdido, eu só queria era tentar distrair-me e não pensar onde é que estava, no que se estava a passar, no que estava a acontecer tudo naquele momento, só queria estar noutra.</p> <p><b>Ana</b> – O melhor até foi que a Raquel levou-me no primeiro dia a Viseu, se não me tivesse levado, eu acho que nem tinha ido.</p> <p><b>Carlos</b> – A Raquel também me levou no primeiro dia e eu fiquei a chorar. Ela foi e eu fiquei lá a chorar em frente à faculdade de letras. Fui a chorar pela rua e já nem ia saber onde era a residência. A residência ficava a dez minutos e eu cheguei lá passado quarenta minutos, dei uma volta do caraças. Ainda estava a dividir um quarto com um gajo que ainda não sabia, era tudo ao mesmo tempo, sei lá.</p> <p><b>Ana</b> – Eu por acaso nunca tive razão de queixa. O meu primeiro</p>	<p>A escolha do curso foi por influência de amigos, pois já tinha amigos na cidade, “não estar sozinho no mundo”.</p> <p>No 1º semestre do 1 ano foi poucas vezes ao apartamento, no entanto no 2º semestre foi o contrário, e justifica assim o facto de ter deixado disciplinas por fazer.</p> <p>Na universidade só se queria distrair.</p> <p>Foram acompanhado no 1º dia de universidade.</p> <p>Carlos chorou no 1º de universidade.</p> <p>A Ana não teve problemas na residência.</p>
--	---

<p>ano foi bom, o segundo e terceiro fiquei sozinha.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu tive o azar da pessoa que vivia não ser bem assim. [reportava-se ao respeito, valores, bons horários que tinha referido anteriormente] Estava em arquitetura e então algumas vezes estudava até às três ou quatro da manhã, a luz ligada, a fazer barulho, a cortar esferovite, a cortar não sei o quê...e depois aquela residência era só povo de Erasmus, só pretos. Eu não sou racista mas metiam cada música de “kuduro”, às duas da manhã, por exemplo, é que o apartamento era todo deles, eram muitos e era todo deles, coitadinho de mim. Eu fiquei mesmo atordoado, sem chão, mesmo perdido. No segundo já traumatizei por outra coisa. Este ano estou mais ou menos a recuperar coisas e...estou mais calminho mas estou, sinto-me diferente. Ainda não estou à vontade pra mandar as minhas piadas quando estou em grupo com os amigos. Eu sou aquela pessoa em grupo, que está sempre a mandar as suas piadas e o povo a rir-se e eu desde há dois anos sou aquela pessoa que está sempre calada.</p> <p>[Nesta sessão, deparei-me com um grupo mais liberto com ensejo de se expressar sem receios. Na fase final, senti como se fosse um momento libertador de todas as pressões e tensões sentidas durante estes anos. O Carlos e a Ana, a certa altura, falavam das suas histórias, em discursos não sobrepostos mas também não eram correlacionados, somente partilhavam o mesmo espaço físico]</p> <p>A sessão da próxima semana não ficou marcada por não estar todo o grupo presente.</p>	<p>Ficou nas residências e teve problemas.</p> <p>Traumatizou no 1º ano com o colega de residência.</p> <p>No 2º ano teve outros problemas.</p> <p>Ainda não consegue ser extrovertido.</p>
--	---

#### 4. Instrumentos Expressivos – Orçamento de Tempo

Participantes: João, Ana, Carlos, Pedro	
Data: 4ª feira, 4 de Setembro de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 10:00h – 11:15h
Técnica: Instrumentos Expressivos – Orçamento de Tempo	

<p>[Uma vez que passou bastante tempo desde a última sessão (13-04-13), no início conversamos um pouco do que se passou nestes meses.]</p> <p>Começo por lembrar os objetivos dos nossos encontros e apresento a atividade.</p> <p><b>Investigador</b> – A atividade que trago é o orçamento do tempo. Centra-se essencialmente na visão global dos dias. Faço quatro Orçamentos de tempo, corresponde a – “Dias típicos” e “fins de semana típicos” antes da entrada na universidade; “Dias típicos” e “fins de semana típicos” depois da entrada na universidade. Então peço que, em conjunto, contribuam com a identificação de atividades, afazeres que componham os vossos dias de forma a ser o mais próximo à realidade.</p> <p><b>João</b> – Eu, sinceramente, eu vejo isso como o que nós fazemos, é como se fosse uma pessoa normal.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu vou-lhe fazer uma pergunta. O que é que você fazia antes de ir para a universidade e o que é que mudou depois?</p> <p>[Perante esta pergunta, fico surpreendida. Não esperava que fosse dirigida desta forma. No entanto, pensei que talvez protegessem a sua privacidade].</p> <p>Expliquei aquilo que fazia, nos meus dias, antes da universidade</p>	<p>Os jovens mostraram-se retraídos e indignados porque os seus dias eram normais, como os de outra pessoa qualquer.</p>
--	--

<p>e o que se alterou aquando da minha entrada, desde a minha postura na vida, as responsabilidades, os laços de amizade, as implicações a nível familiar, enfim, todo um conjunto de mudanças implicadas neste processo.</p> <p><b>Carlos</b> – [justifica-se] Acho que é uma pergunta normal para uma resposta normal e que, se calhar, está à espera de outra resposta.</p> <p><b>João</b> – Antes da universidade, o meu passatempo era estudar. Para alguns, isso não é nada. Para mim, o passatempo era estudar antes da universidade e depois. Ainda hoje estudo após terminar a licenciatura e o mestrado, ainda hoje estudo. Tinha muitos amigos, era uma pessoa n popular dentro do contexto de escola devido ao facto de eu fazer alguns concertos, em que participei em vários saraus que a escola organizava. Depois fui para a faculdade e todo esse contacto acabei por perder, o que é normal. Fui para a universidade e não foi cá, foi em Vila Real, passei... praticamente agora a minha vida a ser lá, em Vila Real, e não cá. Quer dizer que os contactos que eu tinha, praticamente perdi-os todos. O meu fim de semana não passava lá, tentava sempre o quanto antes vir a casa, estar com eles estar com o resto da malta lá do lar. Também arranjava sempre tempo pra ir à minha família ver a minha mãe, os meus irmãos e pronto era esse...e também para namorar ao fim de semana, claro. E pronto, basicamente era isso, o que uma pessoa normal faz, não é?</p> <p>Explico que, aparentemente, será tudo normal. No entanto, ao refletir, pode surgir algum ponto sobre o qual não teriam pensado e que poderiam sentir a necessidade de, eventualmente, alterar a situação. Pergunto, agora, à Ana. Tal como os outros, afirma não ter nada demais para contar. Em seguida, pergunto</p>	<p>No secundário, estudava muito e continua a estudar, pela vida fora.</p> <p>João “era uma pessoa n popular dentro do contexto de escola devido ao facto de eu fazer alguns concertos”</p> <p>A quando a entrada na universidade perdeu na sua grande maioria o contactos com os seus amigos.</p> <p>Arranjava tempo para visitar a família e para namorar.</p>
--	--

<p>ao Carlos. Diz que as suas respostas são rápidas e claras.</p> <p><b>OT 1 – “Dia típico” antes da universidade</b></p> <p>Começo por apresentar o orçamento de tempo, numa folha A<sub>3</sub>. Um círculo desenhado e dividido, em secções, para preencher o “<i>dia típico</i>” antes da universidade. Exemplifico algumas secções, como os trabalhos de casa e estudo, as responsabilidades domésticas, os compromissos com grupos <i>sociais e desportivos, lazer, visitas...</i> Solicito a um dos jovens para identificar uma atividade em cada fatia (ou secção).</p> <p><b>Fatia dos estudos</b></p> <p>Os jovens negociam o tamanho da fatia que simboliza o tempo médio dedicado aos estudos. Para uns é maior do que para outros. A Ana fala da ginástica que frequentava até à universidade. O Pedro era mais dedicado ao desporto, em particular, o atletismo.</p> <p><b>Pedro</b> – Admito que nunca precisei de estudar muito, tive sempre algumas facilidades às disciplinas.</p> <p>Identificada a fatia dos estudos, pergunto-lhes que parte do tempo era dedicado às aulas e que parte ao estudo em casa. A Ana fala em meio, meio, assim como o Pedro. Porém, o João e o Carlos indicam que estudavam mais em casa do que na escola. Surge assim um empate e discutem o tempo dedicado ao estudo.</p> <p><b>Ana</b> – Eu estudo mais na escola, ia para a biblioteca.</p> <p><b>João</b> – Eu não estudo na escola, eu afunilo informação. Depois, em casa, é que estudo.</p> <p><b>Carlos</b> – Há muitas mais pessoas que estudam na escola. Mete</p>	<p>Estudos</p> <p>-não precisava estudar muito;</p> <p>-uns estudavam mais na escola e outros em casa;</p> <p>-a escola era para adquirir informação e em casa é que estudava;</p>
--	--

<p>meio meio!!</p> <p><b>Investigador</b> – Vocês tinham alguma ajuda em casa? Explicações...</p> <p><b>Ana</b> – Eu tinha explicações na escola.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu cheguei a ter uma explicação suplementar mas, de resto, estudava por mim mesmo.</p> <p><b>Fatia da socialização</b></p> <p><b>Ana</b> – Nunca ia a casa.</p> <p>[O João apontou que, para ele, a família representa cerca de três quartos do bolo.]</p> <p><b>Carlos</b> – O meu dia era assim. Era escola, estava com os meus amigos, chegava a casa e estava com a minha família.</p> <p><b>João</b> – Passavas mais tempo com os teus amigos, antes ou depois da faculdade? [para o Carlos]</p> <p><b>Carlos</b> – Depois. Se antes de eu ir para a faculdade estudava e chegava, estava com a minha família, que são vocês, agora que estou na universidade, não estou aqui, e são vocês a minha família.</p> <p><b>Ana</b> – Ele agora passa mais tempo com os amigos do que no secundário.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu estive um ano na Universidade em Aveiro e se continuasse lá, se calhar, partilhava do mesmo que o Carlos. É uma situação parecida. Mas como fui para Barcelos, tinha o tempo com a minha família, e era isso, é meio meio.</p>	<p>-havia acompanhamento na escola;</p> <p>Socialização</p> <p>-não ia a casa visitar a família biológica;</p> <p>-passava muito tempo com a família biológica;</p> <p>-amigos da escola e família biológica;</p> <p>-estava com a família do Lar, “a minha família que são vocês”</p>
---	--

<p>Coloco a questão da família biológica. A Ana associa quase nenhum tempo. Ao contrário, o João passava bastante tempo com a sua. Durante a semana, a família biológica não entrava nesta divisão, como afirma a Ana.</p> <p>Reporto que, na parte da socialização, só entrariam os amigos da escola e os da instituição. Todos confirmam.</p> <p><b>Fatia do lazer</b></p> <p>O João associa uma pequena fatia. <i>Afirma “só pensava em estudar”. A Ana chama a atenção “ele tinha muitas atividades”.</i> Indica o karaté, o ginásio e os ensaios. O Pedro atesta que <i>“ele tinha uma vida muito ativa”.</i> <i>Quando informo</i> que também pode incluir a leitura, <i>afirma “por aí, então dedicava 24h por dia, quase”.</i> Faço um reparo sobre a secção que é feita, segundo a realidade, não o que se desejaria que fosse.</p> <p><b>Pedro</b> – Qualquer um tem acesso ao que gosta de fazer. Eu andava no atletismo, às vezes ia jogar futebol, dedicava assim grande parte, fazia as coisas.</p> <p>[Dirijo-me em específico ao Carlos, por estar em silêncio, sem contribuir para esta identificação.]</p> <p><b>Carlos</b> – Eu era na escola, normalmente, nas salas, dentro das aulas.</p> <p><b>Pedro</b> – Tinha atividades extracurriculares.</p> <p>Peço então, para sinalizar as atividades que faziam parte da fatia dedicada ao lazer.</p> <p><b>Pedro</b> – Atletismo.</p>	<p>Lazer</p> <p>Envolvido em muitas atividades:</p> <p>-karaté,</p> <p>-ginásio,</p> <p>-atletismo,</p> <p>-futebol,</p> <p>-dança,</p> <p>-música,</p> <p>-natação,</p> <p>-ler,</p>
---	---

<p><b>Ana</b>- Ginásio, que ia ao ginásio à quarta-feira prá dança.</p> <p><b>João</b> – Karaté, o Carlos andava no futebol, eu andava na música. Também chegamos a fazer natação.</p> <p><b>Pedro</b> – Sim, mas eu pensei que estávamos a falar das atividades mais recentes, tipo no secundário.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu não fazia nada no secundário. Já não andava no futebol.</p> <p><b>Pedro</b> – No secundário andei no atletismo e cheguei a ser federado. No secundário até tinha assim uma vida ativa.</p> <p><b>João</b> – Eu andava no karaté e no ginásio.</p> <p><b>Investigador</b> – [para o Carlos] O que fazias, sem ser atividade física, podia ser ler...</p> <p><b>Carlos</b> – Eu não fazia nada, era escola e portátil. [pergunto se estudava] Eu nem estudava, pra já.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu gostava de escrever e desenhar.</p> <p><b>Carlos</b> – Lia um bocado.</p>	<p>-escrever,</p> <p>-desenhar,</p> <p>-estar no computador,</p> <p>-skate (adicionado posteriormente)</p>
<p><b>Fatia das tarefas e responsabilidades</b></p> <p>Pergunto se, o que resta do círculo, corresponde às tarefas e responsabilidades. Todos acenam que sim. Então, solicito que especifiquem as atividades.</p> <p><b>Pedro</b> – Era ir às aulas, fazer os trabalhos de casa.</p>	<p>Responsabilidades</p>

<p><b>Ana</b> – Era ir às explicações, ir ao ginásio também que era uma responsabilidade.</p> <p><b>Carlos</b> – Eu considero que tenho umas agora, mas na altura das aulas ainda tenho outras mais porque tenho que jogar com as coisas de casa, tenho que ajudar.</p> <p><b>Investigador:</b> Tinham algumas responsabilidades no Lar?</p> <p><b>Ana</b> – Arrumar a cozinha, essas coisas.</p> <p><b>João</b> – Fazer o jantar.</p> <p><b>Pedro</b> – Todos os dias era preciso fazer tarefas. Arrumava o quarto e fazia o que fosse preciso e depois é que ia para a escola.</p> <p><b>Ana</b> – Arrumar a cozinha, passar a ferro.</p> <p><b>Carlos</b> – Mas isso não é normal? O meu filho vai ter que fazer isso se não está tramado.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu acho que é perfeitamente normal, em qualquer casa, há que haver um método. Mete tarefas domésticas, não é preciso um testamento, é mais prático. Eu falo por mim, eu agora tenho outro tipo de responsabilidades.</p> <p><b>Investigador</b> – Nas atividades que tinham, assumiram algum papel com responsabilidade de destaque?</p> <p><b>Pedro</b> – Eu por acaso já. Já assumi um treino, ser responsável por um treino.</p> <p><b>Ana</b> – Eu era a secretária da minha professora de filosofia. Ia todos os dias buscar o raio do livro de ponto, descia aquelas escadas todas as vezes.</p>	<p>Atividades do lazer também são responsabilidades.</p> <p>-aulas e TPCs</p> <p>-explicações</p> <p>-ginásio</p> <p>-tarefas domésticas</p> <p>Tarefas de destaque:</p> <p>-responsável pelo treino;</p> <p>-buscar o livro da professora;</p>
--	---

<p>[O Pedro e a Ana afirmam que gostavam dela e era fixe, era muito calminha; o João comenta que a turma dele estava sempre a pegar com ela; a Ana diz que ainda vai ser professora do Manuel. (irmão do Carlos e do Pedro que se encontrava na sala)]</p> <p>No fim, pergunto se o orçamento de tempo do “dia típico” está de acordo com a organização do tempo deles. Confirmam e mostram alguma pressa em terminar.</p> <p><b>OT 2 – “Fim de semana típico”, antes da universidade</b></p> <p><b>Pedro</b> – Eu, ao fim de semana, não altero muito do que tenho dito. No fim de semana mantenho quase a mesma rotina.</p> <p>Para construir este segundo orçamento de tempo, coloco ao lado o OT1, para terem um ponto de referência, no sentido de verificarem se as proporções temporais se mantêm ou se é necessário alterar as secções.</p> <p><b>Fatia dos estudos</b></p> <p><b>Ana</b> – A fatia do tempo é maior.</p> <p><b>João</b> – É igual.</p> <p><b>Carlos</b> – Não é nenhum.</p> <p><b>Pedro</b> – Lá está, é igual.</p> <p><b>Ana</b> – Eu tinha algum, ao fim de semana, preparar tudo para a semana, os testes.</p> <p><b>João</b> – O tempo que dedicava aos estudos era igual ao fim de semana, é igual à semana, é só por dizer que o fim de semana é</p>	<p>Estudos – o tempo dedicado ao estudo é o mesmo do OT1.</p>
---	---

<p>menos dias.</p> <p>Sugiro então que o tempo de estudo se mantém igual, só se retira o tempo das aulas. Todos concordam. O grupo chama a atenção do João, pois está a assinalar uma fatia maior no tempo dedicado ao estudo do que aquilo que tinham concordado.</p> <p><b>Fatia da socialização</b></p> <p><b>Ana</b> – Aqui não temos os amigos [refere-se aos amigos da escola], mas tem a família para alguns, quer dizer, tem os amigos na mesma, são os escuteiros.</p> <p>A Ana falava que mantinha a fatia de tempo. Menciono o tempo dedicado à família biológica.</p> <p><b>Ana</b> – Ele [refere-se ao João] pode dedicar mais e eu dedico o mesmo, por isso é igual.</p> <p><b>Pedro</b> – No fim de semana dedico mais tempo à família.</p> <p><b>João</b> – Eu, ao fim de semana, para além de dedicar tempo a esta família, dedicava tempo também à outra família e ia também para os escuteiros. Em vez de estar com os amigos da escola ficava com os amigos dos escuteiros.</p> <p>Dirijo-me ao Carlos, que demora certo tempo a responder.</p> <p><b>Carlos</b> – Tinha um período que passava com a minha família, era de quinze em quinze dias.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu acho que essa fatia mantém-se porque nós estamos na mesma com pessoas.</p> <p>Todos comentam que é igual.</p>	<p>Socialização:</p> <p>-o tempo é dedicado mais à família do Lar e família biológica</p> <p>-escuteiros,</p> <p>-visita a família só de 15 em 15 dias.</p>
---	---

<p><b>Fatia do lazer</b></p> <p><b>Ana</b> – É ela por ela, podes fazer muita coisa ao sábado e domingo.</p> <p><b>Carlos</b> – Pra mim é igual, à semana e ao fim de semana.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu mantenho o mesmo.</p> <p><b>João</b> – Eu, ao fim de semana, não tinha o ginásio, karaté, mas ia para os escuteiros.</p> <p>Falo de terem um tempo só para eles, não me referindo apenas a atividades. [desenvolvimento pessoal]</p> <p><b>Pedro</b> – Eu quando ia para o atletismo estava a tirar um tempo para mim, porque era uma coisa pra mim, eu acho que era isso.</p> <p><b>João</b> – Escuteiros.</p> <p><b>Ana</b> – Escuteiros? Eu não ando nos escuteiros. Saio com os amigos.</p> <p>Referi o tempo dedicado à leitura e à escrita. O Pedro confirma.</p> <p><b>João</b> – Eu fazia concertos.</p> <p><i>A Ana lembra o nome do grupo “Of gang”.</i></p> <p><b>Pedro</b> – Pronto, eu, à semana, tinha dito que andava no atletismo, era uma atividade extracurricular fora da escola, mas também tinha outro tipo de desporto que eu também gostava muito, que era um desporto radical, que era o skate. Pode pôr nos dois. [refere-se: adicionar ao OT1, uma vez que se havia esquecido de mencionar]</p>	<p>Lazer:</p> <p>-escuteiros,</p> <p>-atletismo,</p> <p>-sair com os amigos,</p> <p>-concertos,</p> <p>-ler,</p> <p>-escrever,</p> <p>-skate,</p> <p>-sair,</p> <p>-jogar futebol.</p>
--	--

<p>[De novo, tenho que dirigir-me diretamente ao Carlos.]</p> <p><b>Carlos</b> – Saía e ia jogar futebol.</p> <p><b>Fatia das tarefas e responsabilidades</b></p> <p><b>Ana</b> – Só tens de tirar ali as explicações. [seria igual ao OT1, retirava então as explicações]</p> <p>Remetendo ainda para a fatia do lazer, pergunto se a instituição programava atividades em conjunto. Todos afirmam que só nas férias.</p> <p><b>Pedro</b> – As tarefas mantém-se o mesmo, menos o apoio ao estudo.</p> <p><b>Carlos</b> – A mim, quanto às responsabilidades, pode dizer que a responsabilidade que tinha era fazer as tarefas. Só tinha uma responsabilidade ao fim de semana e outra à semana. À semana, era ir às aulas, tinha mais irresponsabilidades que responsabilidades. Ao fim de semana, tinha muitas irresponsabilidades, mais uma.</p> <p><b>João</b> – Responsabilidades, aqui ao fim de semana, era o compromisso com os escuteiros.</p> <p><b>Pedro</b> – Ao fim de semana também eram as tarefas domésticas.</p> <p>O João fala em ir à missa, como tarefa e responsabilidade. Porém, surge discórdia em assumir isso como tal. É uma questão de crença, dedicação, uma vontade, afirmam alguns. Debate-se o facto de nem todos irem à missa. O João lembra-se que houve uma altura em que os obrigaram, mas poucos o cumpriram. Concluíram que este pormenor não se inseria no OT. Consideraram que <i>“não é importante”, como declara o</i></p>	<p>Tarefas e responsabilidades:</p> <p>É igual ao OT1, menos as explicações.</p> <p>-escuteiros,</p> <p>-tarefas domésticas,</p> <p>-atividades organizadas pela instituição, só nas férias.</p> <p>Consciência de uma fase menos responsável da sua vida (Carlos).</p> <p>-ir à igreja (chegou a ser obrigatório mas mesmo assim iam poucos)</p>
--	---

<p>Pedro.</p> <p><b>OT 3 – “Dia típico” na universidade</b></p> <p><b>Carlos</b> – Eu acho que os nossos dias são quase todos diferentes, tirando a parte de ir às aulas.</p> <p><b>Fatia dos estudos</b></p> <p>Aqui permanece novamente o OT1 como base de comparação das fatias de tempo. Pergunto se dedicavam mais tempo à fatia de estudo, na universidade ou na secundária.</p> <p><b>João</b> – Não, eu dedicava mais tempo no liceu do que na universidade.</p> <p><b>Ana</b> – Eu era na universidade.</p> <p><b>Pedro</b> – Era na universidade, mas tinha... quer dizer eu a partir do ano passado comecei a ir e a vir todos os dias. O tempo que eu tinha para o estudo, também não era assim muito, que eu passava parte do dia na universidade e em viagens. Tive uma vida muita ativa e ainda tenho.</p> <p><b>Carlos</b> – Teve períodos, mas, atualmente, dedico mais ao estudo.</p> <p><b>Pedro</b> – Também me dedico mais ao estudo. Estudo muito mais, sem dúvida. [na universidade]</p> <p><b>João</b> – Eu não foi assim tanto. Eu levei uma bagagem muito grande, em termos de conhecimento, do liceu para a faculdade e já não precisei de dar o litro na faculdade.</p> <p><b>Ana</b> – Depende dos cursos. Havia muitos trabalhos para fazer.</p>	<p>Na universidade, os dias são diferentes para cada jovem.</p> <p>Estudos:</p> <p>-dedicam mais tempo na universidade,</p> <p>-tempo que haveria de dedicar aos estudos passa em viagens,</p> <p>-momentos de oscilação de tempo dedicado aos estudos,</p> <p>-tempo dedicado ao estudo é igual, pois tem uma vantagem “Eu levei uma bagagem muito grande, em termos de conhecimento,</p>
--	--

<p>Eu sugiro que a fatia dos estudos não é repartida igualmente, entre as aulas e estudo, mas sim, mais tempo dedicado ao estudo. Acabam por indicar mais dedicação aos trabalhos em casa, quando entraram para a universidade.</p> <p><b>João</b> – Eu, continua a ser mais em casa.</p> <p><b>Ana</b> - Eu agora é mais em casa, na universidade.</p> <p><b>Fatia da socialização</b></p> <p><b>João</b> – A minha reduziu drasticamente.</p> <p><b>Pedro</b> – A mim também, concordo com o João.</p> <p><b>Ana</b> - A mim nem por isso.</p> <p><b>Pedro</b> – A mim por acaso reduziu, porque eu, foi um oposto ao outro, por causa de coisas, levou a isto. A situação é que eu morava em Aveiro, tal como eles. Tínhamos residência universitária e lá tinha mais tempo para conviver com amigos e agora não tenho tempo para conviver com ninguém. A questão é essa. Fica difícil, porque fica limitado, tenho outro tipo de vida agora.</p> <p><b>João</b> – A minha reduziu drasticamente. Praticamente, todos os amigos que tinha da secundária, deixei de falar com eles, devido ao facto de já não estar com eles. A gente foi perdendo contactos e depois também as amizades que a gente faz na faculdade são... não podemos chamar amizades, são mais colegas de trabalho, porque na verdade tu vais acabar o curso e nunca mais vais vê-los, da mesma forma que não podes chamar isso de amigos.</p> <p><b>Ana</b> – E tu, não fazes amigos na universidade? [dirige-se para o</p>	<p>do liceu para a faculdade”</p> <p>Socialização:</p> <p>-menor na universidade,</p> <p>-mantém,</p> <p>-enquanto morou na cidade onde estudava, tinha tempo para conviver, mas na situação atual (vive no Lar e frequenta a universidade noutra cidade) deixou de ter tempo,</p> <p>-perda de amizades anteriores quando foi para a universidade,</p> <p>-na universidade são colegas de trabalho e agora não os vai ver mais,</p>
--	--

<p>João]</p> <p><b>João</b> – Fazes mas é assim... Fizeste amigos na faculdade, não é? Queres ir tomar café com...</p> <p><b>Ana</b> – Eu tenho amigos aqui, que andam comigo na faculdade, e volta e meia posso ir passar um fim de semana a casa deles.</p> <p><b>João</b> – Mas isso és tu, mas estás diariamente com eles? Não!</p> <p><b>Ana</b> – Agora não, estava e vivia com as minhas colegas.</p> <p><b>Pedro</b> – Mas mantém na mesma a relação. Não está todos os dias mas mantém a relação.</p> <p><b>Ana</b> – Pois mantenho.</p> <p><b>Pedro</b> – Isso é que é importante. Não tens que estar todos os dias com a pessoa. Mas eu nisso por acaso, não mantenho mesmo nenhuma relação, estou mesmo fora.</p> <p><b>João</b> – Da mesma forma que eu também tinha colegas meus que fizeram comigo o curso. Tem sido colegas meus que acabaram o curso.</p> <p><b>Ana</b> – Estamos a falar da universidade, de um dia na universidade. Das relações que tens lá.</p> <p><b>Pedro</b> – Na universidade, as relações que tenho lá é relações de colegas.</p> <p>Eu sugiro que, na fatia da socialização, podem dividir em amigos mais íntimos e em colegas de trabalho. Para o Pedro, pode ser um pequeno tempo dedicado à família, uma vez que vem a casa. Todos concordam que a fatia da socialização deve</p>	<p>-passa fins de semana na casa dos amigos,</p> <p>-na universidade as relações são de colegas.</p>
---	--



<p>Solicito que identifiquem o tipo de relações.</p> <p><b>Ana</b> – Colegas de estágio de casa, de turma, de viagem, também fazemos colegas nas viagens. Mete relações interpessoais.</p> <p><b>João</b> – Eu fazia mais socialização com colegas da faculdade do que relações mais próximas. Alguém está de acordo comigo?</p> <p>Todos concordam! [Enquanto o João faz a identificação, o Carlos e o Pedro mantêm uma conversa paralela]</p> <p><b>Fatia do lazer</b></p> <p><b>João</b> – Eu deixei o Karaté, mas, em contrapartida dei mais tempo ao ginásio e a outro desporto e deixei a música.</p> <p><b>Ana</b> – Deixei a ginástica, saía mais com os amigos.</p> <p><b>Carlos</b> – Pra mim era igual, estar com os amigos.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu deixei isso mais para o fim de semana. Vou ser sincero, tenho poucos hábitos de leitura, tirando isso... se for coisas mesmo para estudar, isso aí leio, agora outro tipo de leitura, para o meu interesse pessoal, não tenho muitos hábitos.</p> <p><b>Investigador</b> – O tempo de lazer em relação OT1 era menor?</p> <p><b>João</b> – Eu acho que é menor, no meu ponto de vista.</p> <p><b>Ana</b> – É menor.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu só saí praí uma ou duas vezes à noite, mas não vou contar isso como. [comento com o Pedro que o seu “dia típico” na universidade é muito semelhante ao “dia típico” na secundária e ele concorda]</p>	<p>Lazer</p> <p>Menos tempo dedicado ao lazer, na universidade,</p> <p>-deixou a música e o Karaté,</p> <p>-mais tempo no ginásio,</p> <p>-estar com os amigos,</p> <p>Tempo de lazer é mais no fim de semana.</p> <p>-tem poucos hábitos de leitura,</p> <p>Para Pedro, o dia da semana na universidade é igual ao do secundário, porque vem a casa todos os dias.</p>
---	---

<p>[Por algum tempo, Carlos ausenta-se da mesa]</p> <p><b>Ana</b> – Eu, às vezes, tenho aulas até às oito e meia da noite.</p> <p><b>Investigador</b> – Que atividades continuam a ter?</p> <p><b>Pedro</b> – Se isto fosse há dois anos atrás, o meu tempo de lazer, era o mesmo. Eu, em Aveiro, jogava futebol, fazia tudo.</p> <p><b>Ana</b> – Ver filmes, via muitos na universidade, sair com os amigos / colegas.</p> <p><b>Pedro</b> – Ai isso aí, sempre. Jogar futebol, era tudo. Agora olha, fui de um extremo pro outro, praticamente. Foi de um ponto para o outro, não há intermédios.</p> <p><b>Fatia das tarefas e responsabilidades</b></p> <p><b>Ana</b> – Responsabilidades é isso, nós agora temos responsabilidades diferentes, como tomar conta da casa, pagar luz, água, alimentação, pagar universidade, essas coisas, é diferente.</p> <p><b>Pedro</b> – Eles têm mais responsabilidades do que eu. As responsabilidades que eu tenho são mais responsabilidades domésticas, universitárias de pagar propinas, mas as deles são responsabilidades pra além das minhas.</p> <p><b>Ana</b> – Gerir a casa, gerir o dinheiro.</p> <p><b>João</b> – Pagar propinas e residência.</p> <p><b>Pedro</b> – Isso pode parecer pouco, mas também podes pôr aí</p>	<p>Tem aulas até as 20h30</p> <p>-ver filmes,</p> <p>A mudança da faculdade “fui de um extremo pro outro”</p> <p>Tarefas e responsabilidades:</p> <p>Mais responsabilidades e diferentes.</p> <p>-tomar conta da casa, -pagar água, -pagar luz, -alimentação, -pagar universidade, -pagar residência, -gerir a casa, -responsabilidades domésticas,</p>
---	---

<p>transportes, pagas na mesma.</p> <p><b>Investigador</b> – Vocês participam em alguma atividade ou grupo na universidade?</p> <p><b>Pedro</b> – Eu não participo.</p> <p><b>Ana</b> – Eu até fazia parte do núcleo de educação social. Eu era tesoureira.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu ainda tenho a sorte de ver os outros participar.</p> <p><b>João</b> – Eu, no que respeita a estas coisas de tesoureiro e praxes e assim, não é nada comigo.</p> <p>Todos pedem que este último OT seja feito em menos tempo.</p> <p><b>OT 4 – “Fim de semana típico” na universidade</b></p> <p>Pedem para não tirar da mesa o OT3</p> <p><b>Ana</b> – É quase igual, tiras os trabalhos da universidade e metes os trabalhos de casa.</p> <p><b>Pedro</b> – Aumentas o tempo das atividades livres, extracurriculares.</p> <p><b>Ana</b> – Pedro não tens muitas porque é chegar a casa desfazer a mala e no dia a seguir é quase fazer a mala e ir embora.</p> <p><b>Pedro</b> – Mas isso eras tu, eu não tinha que fazer isso.</p> <p><b>Investigador</b> – Devemos colocar uma nova fatia para as viagens?</p> <p><b>Pedro</b> – Só pra mim temos que ocupar quase a roda toda, faço</p>	<p>Fazia parte de um núcleo – tesoureira.</p> <p>João não participava, nem como tesoureiro, nem nas praxes.</p> <p>Os fins de semana são para fazer e desfazer as malas.</p> <p>Todos os dias faz viagens para a faculdade e ocupa muito tempo em transportes.</p>
---	--

<p>muitas mais viagens do que eles, mas muitas mais.</p> <p><b>Fatia dos estudos</b></p> <p>Todos concordam que a fatia dos estudos é menor, em relação à semana, muito devido às viagens.</p> <p><b>Ana</b> – Não tens muito por onde andar, andas sempre em viagem.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu, só num dia, faço quase tanto como eles fazem só pra ir pra lá, eu é que tenho cinco dias.</p> <p><b>Fatia da socialização</b></p> <p><b>Pedro</b> – Estou muito mais tempo com a minha família. Aos fins de semana são os únicos dias que tenho mesmo tempo, pra além de estar com a minha família ainda estou com alguns amigos, amigos que conheci a andar de skate, amigos de...nunca estamos propriamente sozinhos.</p> <p><b>Investigador</b> – Como fica esta divisão?</p> <p><b>Pedro</b> – Se calhar corta-se um bocadinho, um bocadinho.</p> <p>[Indico na folha a parte que seria dedicado á família]</p> <p><b>Ana</b> – Não, porque eu nunca vou.</p> <p><b>João</b> – Eu ia.</p> <p><b>Pedro</b> – Pra mim e pro Carlos mete assim. [corresponde à fatia representada na OT4]. Isso poder-se-ia manter no mesmo. Tanto a família biológica como a família daqui, acho que isso se poderia manter na mesma barra</p> <p>[Quando o Carlos está de volta à mesa começa a conversar com</p>	<p>Estudos:</p> <p>Menos tempo, por causa das viagens.</p> <p>As viagens de um fim de semana dos outros jovens equivalem ao que o Pedro faz todos os dias.</p> <p>Socialização:</p> <p>Mais tempo dedicado:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-à família,</li> <li>-ao Lar,</li> <li>-aos amigos.</li> </ul> <p>Não vai visitar a família.</p>
--	---

<p>a Ana, em paralelo]</p> <p>O Pedro considera desnecessário especificar com que tipo de pessoas socializa. Eu explico que, para mim, seria importante. De seguida, ele coloca a questão do tempo dedicado à família identificando se se refere à família biológica ou de casa.</p> <p><b>João</b> – Não compliques.</p> <p><b>Pedro</b> – Não estou a complicar, achas que está certo? Olha para ai. Se são as duas essa barra tem que ser maior, estás mais tempo aqui.</p> <p>Depois de retificado, todos chegam a um consenso que representa melhor a realidade.</p> <p><b>Fatia do lazer</b></p> <p><b>Ana</b> – É igual a este. [OT3]</p> <p><b>João</b> – É igual, basicamente, continuo a ir ao ginásio.</p> <p>[novamente surge uma conversa paralela, sendo que, desta vez, todos acabam por se envolver]</p> <p><b>Investigador</b> – Continuas a ver filmes ao fim de semana? [dirijo-me à Ana]</p> <p><b>Ana</b> – Sim</p> <p><b>João</b> – Tá sempre a ver filmes naquela cabeça.</p> <p><b>Investigador</b> – Carlos, o que costumavas fazer agora ao fim de semana?</p>	<p>Lazer:</p> <p>É igual</p> <p>-ginásio,</p> <p>-ver filmes,</p> <p>-descansar,</p> <p>-correr.</p>
--	--

<p><b>Pedro</b> – Eu mantenho mais ou menos a mesma rotina.</p> <p><b>Carlos</b> – Zerinho. É pra descansar.</p> <p><b>João</b> – Zerinho.</p> <p><b>Pedro</b> – De vez em quando vou correr um bocadito.</p> <p>[O Carlos faz um comentário, em que usa uma expressão interna, do qual todos se riem durante algum tempo. Prolonga-se pelas conversas seguintes, provocando mesmo interrupções e momentos de risadas. A certa altura, o João tem o cuidado de me dizer que não tem a ver comigo, para não levar a mal.]</p> <p><b>Fatia das tarefas e responsabilidades</b></p> <p><b>João</b> – É isto tudo. [refere-se ao espaço restante do círculo]</p> <p><b>Ana</b>- É igual, nós temos que gerir tudo.</p> <p>Todos afirmam que é mais do mesmo.</p> <p><b>Investigador</b> – Esta fatia toda [indico] representa, no vosso fim de semana, as vossas responsabilidades?</p> <p><b>Ana</b> – Ah, sim claro, tratar das roupas.</p> <p><b>Pedro</b> – A diferença é que agora não tenho irresponsabilidades que não dá para as ter. Tenho mais responsabilidades.</p> <p><b>Ana</b> – Ai não tens? Tens que tratar da tua mala, de gerires o teu dinheiro pro fim de semana, isso não é responsabilidade?</p> <p><b>Carlos</b> – Foi o que eu disse. Agora não tenho irresponsabilidades, porque nem sequer tenho tempo para as ter.</p>	<p>Tarefas e responsabilidades:</p> <p>Mantem-se iguais</p> <p>-têm de gerir tudo,</p> <p>-tratar de roupas</p>
--	---

Dou por terminada a tarefa. Refiro que, se quiserem posteriormente acrescentar alguma coisa da qual não se tenham lembrado durante a sessão, podem fazê-lo. Agradeço a disponibilidade, a colaboração e a paciência.

Sondo sobre a sua disponibilidade para o encontro seguinte, salientando que gostaria que fosse individual. Não dando resposta definitiva, entrarão em contacto com a Técnica Helena para agendar as sessões individuais.

## 5. Role playing e Brainstorming

Participantes: João, Ana, Carlos, Pedro	
Data: Domingo, 29 de setembro de 2013	
Local: Apartamento de Autonomização (sala)	Hora: 15:45h – 16:20h
Técnica: Instrumentos Expressivos – Role Playing e Brainstorming	

<p>[Para concretizar esta sessão surgiram alguns contratemplos, à última hora. Apesar de alguma dificuldade, por fim, concretizou-se a última sessão de grupo.]</p> <p>Já todos sentados à mesa, explico a atividade que trago para esta sessão, o role playing. Explico que, dois a dois, irão representar a situação de uma primeira entrevista, que poderá ou não estar relacionada com a sua formação ou emprego.</p> <p>[Assim que termino de explicar a atividade, começam logo a contestar por vários motivos, como veremos em seguida]</p> <p><b>Ana</b> – Eu nunca fui, ali para o lar nunca precisei de entrevista.</p> <p><b>Pedro</b> – Cheguei a ir a uma entrevista quando fui trabalhar para os cinemas mas não é propriamente uma entrevista de um emprego fixo.</p> <p><b>Investigador</b> – Por isso é importante esta atividade, para poderem experienciar determinadas situações. Até podias representar aqui, por exemplo, essa entrevista para o cinema.</p> <p><b>Pedro</b> – Não posso nada Patrícia, não há nada para representar.</p> <p><b>Carlos</b> – Nós agora não temos entrevistas de emprego.</p> <p>Sugiro que encarem este desafio como uma atividade</p>	<p>Contestação: dificuldades em posicionar-se numa situação que nunca viveu.</p> <p>Busca de situação semelhante: já trabalhou nos cinemas.</p> <p>Não estão numa situação de procura de trabalho.</p>
--	--

<p>extracurricular, onde têm de fazer um teatro, uma dramatização de uma entrevista de emprego.</p> <p><b>Pedro</b> – Mas isso não é nenhuma entrevista de nenhum emprego, isso é uma coisa que se formos a ver até estamos à vontade para falar nisso se for uma coisa que gostamos mesmo, não é uma questão de ser emprego.</p> <p><b>Ana</b> – Prontos, queres fazer? Nós podemos fazer, mas olha, eu estou no meu direito de não participar. Eu acho que não tem sentido nenhum.</p> <p><b>João</b> – Mas também ninguém está aqui obrigada ou participas ou não participas.</p> <p><b>Pedro</b> – Lá está aquela coisa não sei mesmo o que te dizer. Eu acho que tinha que preparar isso com um dia ou dois de antecedência e aí já estava mais preparado.</p> <p><b>Ana</b> – Uma entrevista...vai-se lá e elas fazem as perguntas óbvias e nós respondemos.</p> <p><b>Pedro</b> – Imagina: uma pessoa nem está a contar com aquilo que vem, imagina que te fazem uma pergunta de uma coisa que não sabes, tu não vais responder.</p> <p><b>Investigador</b> – Então fazemos o cenário diferente. Imaginamos que estão na instituição... Como vocês participam nas decisões... Imaginamos que a instituição, no Lar ou aqui, precisa de contratar alguém...</p> <p><b>Todos afirmam</b> – Isso não passa por nós.</p> <p><b>Investigador</b> – Mas, agora, imaginem-se na posição de poderem fazer isso. E nesse caso, eu sou a pessoa que vem candidatar-se</p>	<p>Não faz sentido simular uma situação de entrevista de emprego.</p> <p>Têm de se preparar para isso, com tempo.</p> <p>“uma pessoa nem está a contar com aquilo que vem”</p> <p>Suposição de tomada de decisão por parte dos jovens - “isso não passa por nós”</p>
--	--

<p>ao emprego aqui. Vocês são o meu júri e vão selecionar-me ou não. Vocês fazem as perguntas.</p> <p><b>Pedro</b> – Acho que isso ficava bem visto quando nós estivéssemos mesmo numa entrevista a sério e tivéssemos um emprego, porque já sabíamos....</p> <p><b>João</b> – Ó Pedro não dramatizes, é só responder às questões, ponto final. Se tu fosses neste momento procurar um emprego o que é que precisavas?</p> <p><b>Pedro</b> – Ó João o que queres que eu responda? Eu gostava, mas não sei o que te vou responder, meu. Se calhar tu sabes porque tu estás agora com o futebol e aquela cena com os velhinhos e isso tudo, tu sabes mas eu não sei meu. A questão é essa. Não tenho necessidade de fazer isso agora, quando chegar a altura eu preparo o meu discurso preparo aquilo, que até vou crescer com isso e aí já falo. Não vou dizer uma coisa assim quando não sei do que se passa, percebes? Não faz muito sentido isso, pelo menos pra mim.</p> <p><b>Carlos</b> – Faz pá.</p> <p><b>Pedro</b> - Faz nada meu, estou-te a dizer.</p> <p><b>Carlos</b> – Não custa nada.</p> <p><b>Investigador</b> – A segunda opção que eu proponho, vocês alinham ou não?</p> <p><b>Ana</b> – Fazer essas perguntas a ti?</p> <p><b>Investigador</b> – É outro cenário de entrevista...</p> <p><b>Ana</b> – Que perguntas te havemos de fazer? Nunca estivemos</p>	<p>Por não estarem na posição de procura de emprego, não se sentem à vontade para o simularem. Somente o João é que já está nesta fase.</p> <p>Não sabem o que contar numa situação de entrevista de emprego.</p>
--	---

<p>nesse papel também.</p> <p><b>João</b> – Então és patroa, vai uma pessoa falar contigo para procurar emprego...</p> <p><b>Ana</b> – É só na altura, João, quando tiver experiência, tipo agora?</p> <p><b>João</b> – Não dá, neste momento? Neste momento, és patroa....</p> <p><b>Investigador</b> – Imaginamos que tens um cargo nesta instituição aqui e que te delegam a responsabilidade de contratar alguém...</p> <p><b>Pedro</b> – A questão, neste momento, nem faço um discurso nem nada, tu não vais fazer um...</p> <p><b>Ana</b> – Isso é diferente, tenho que ver o currículo e tudo.</p> <p><b>Pedro</b> – E preparar as coisas, não é assim às três pancadas.</p> <p><b>Ana</b> – Tem que ser uma coisa bem pensada.</p> <p><b>Pedro</b> – Ou não me digas que foste fazer lá as entrevistas quando foste para o futebol, assim às três pancadas? Tiveste que preparar o teu discurso também, preparar as coisas, evidente. Não era eu fazer-te uma pergunta, umas maçãs e tu responderes tomates, não é?</p> <p><b>João</b> - Imagina que tu és patrão, não é? E que queres contratar uma funcionária para a tua empresa. Qual era a primeira pergunta que lhe fazias? Não a conheces.</p> <p><b>Pedro</b> – Não sei João, lá está...</p> <p><b>Ana</b> – Não tens currículo para saber, tipo, não é assim ao deus dará.</p>	<p>Preparar o discurso para a entrevista.</p>
--	---

<p><b>Pedro</b> – As coisas acontecem de um modo natural. É se eu um dia chegar a esse ponto, aí vou-te poder responder à pergunta que me fizeste.</p> <p><b>João</b> – E que tal começares por perguntar: porque é que você quer trabalhar aqui?</p> <p><b>Ana</b> – Não comes logo assim!</p> <p><b>João</b> – Não?</p> <p><b>Pedro</b> – Por acaso não, estás a ver...</p> <p><b>João</b> – E se eu te disser que já fui para aí a três ou quatro entrevistas e começou assim!</p> <p><b>Ana</b> – Bom, está mal.</p> <p><b>João</b> – Está mal por quê? Eles é que sabem. E eles é que são dos recursos humanos.</p> <p><b>Pedro</b> – E os dados biográficos, os dados biográficos... Deves pensar que é só tudo através do currículo. É: vou ver o currículo nem vou perguntar o nome, não vou perguntar nada. Eles normalmente perguntam as coisas, depois é que fazem essas questões.</p> <p><b>Ana</b> – Primeiro fazem essas perguntas, como no Vitória fizeram. Se aparecer um cliente revoltado, que no jogo anterior o Vitoria perdeu, qual é... o que é que vai fazer? Essa foi a última pergunta que fizeram. Olha, chamar o segurança.</p> <p><b>Pedro</b> – Depois é aqueles pormenores: gosta de trabalhar? Essas coisas todas.</p>	<p>Autoconfiança: “as coisas acontecem de modo natural”.</p> <p>O João já teve algumas entrevistas. Começava por questionar as motivações do candidato.</p> <p>Pedro considera que a primeira questão a ser abordada são os dados biográficos.</p> <p>Ana acha que as questões de trabalho são no fim.</p>
---	--

<p><b>Carlos</b> – Continua que a entrevista está a ser feita.</p> <p><b>Pedro</b> – Isso é verdade.</p> <p>Todos se riem.</p> <p><b>Ana</b> – Quais são as suas qualidades? Quais são os seus defeitos?</p> <p><b>João</b> – Já estás a ver, já estás a dizer.</p> <p><b>Pedro</b> – Realmente, faltam coisas. [fala a rir]</p> <p><b>Carlos</b> – Alguém tem que ter desconto, João. João, ela está-nos a fazer as perguntas, tu é que estás na entrevista.</p> <p><b>Pedro</b> – Responde lá, João.</p> <p><b>João</b> – Com certeza que, numa entrevista, não vais dizer os teus defeitos. Vais dizer uma qualidade, que da forma que tu dizes, faz parecer um defeito, por exemplo, ser persistente demais. Isso não é um defeito, é uma qualidade mas da forma como tu falas dá a ideia que é um defeito, mas não é.</p> <p><b>Pedro</b> – Mas também, pra ser persistente, há como saber ser persistente.</p> <p><b>João</b> – Ó Pedro isso são outras questões.</p> <p><b>Pedro</b> – Isso não são outras questões. Está tudo metido num único assunto, não há outras questões.</p> <p><b>João</b> – Agora qual é? Diga-me um defeito: -“Não gosto de levantar muito cedo”. Realmente você quer vir trabalhar? Então fica em casa. [estão a supor situações de entrevistas]</p> <p><b>Pedro</b> – Por aí, corta logo tudo, corta o discurso todo. Agora, se</p>	<p>Outras perguntas das entrevistas: “Quais são as suas qualidades, quais são os teus defeitos”.</p> <p>Ter em atenção ao discurso, saber falar, disfarçar os defeitos.</p>
---	---

<p>ela disser o defeito, ou não me dou muito bem, ou tenho certas dificuldades em me integrar. Ali, lá está.... Vais trabalhar e pouco a pouco...mas prontos. Ó Patrícia, lá está, estamos aqui, já estamos a fazer questões uns aos outros, a entrevista está a decorrer.</p> <p><b>Investigador</b> – Embora o objetivo fosse interação dois a dois... Porém, essas questões que vocês estão a pôr....</p> <p><b>Pedro</b> – Acho que fomos diretos ao objetivo, de uma outra maneira. Não queríamos ir, mas fomos.</p> <p>Pergunto se, mesmo assim, não querem fazer realmente a atividade. Continuam a afirmar que não.</p> <p><b>Pedro</b> – Não me sinto à vontade, Patrícia. Mesmo a fazer perguntas a ti, não sei que perguntas é que te ia perguntar. Acho que é uma coisa que aprendemos e crescemos com isso, tempo ao tempo, de forma natural.</p> <p><b>Ana</b> – Esse papel aí é que temos necessidade de desempenhar...</p> <p><b>João</b> – Eu acho que é natural. Ó Pedro, tens a tua empresa, não é? Tu queres contratar alguém e tens que fazer essas perguntas indo de encontro áquilo que tu queres.</p> <p><b>Ana</b> – Tu fazes perguntas aos miúdos que vais contratar? Não!</p> <p><b>João</b> – Ó Ana, isso é diferente.</p> <p><b>Ana</b> – Então não vamos por aí. Olha, o Pedro está a estudar agora, não pensa nisso.</p> <p><b>João</b> – Então eu digo-te já. Tu, como patroa, nunca vais ser.</p>	<p>De uma forma diferente, cumprem os objetivos da atividade.</p> <p>Não se sentem à vontade nem têm muito contacto com a realidade das entrevistas.</p> <p>Por ainda estarem a estudar não pensam ainda na procura de emprego.</p>
--	---

<p><b>Ana</b> – Como é que sabes?</p> <p><b>Pedro</b> – Não é bem assim.</p> <p><b>João</b> – Vais ser uma cópia de alguém que não és, porque vais fazer as perguntas que tu queres fazer, quando na verdade não são essas perguntas que se enquadram contigo.</p> <p><b>Ana</b> – Como é que tu sabes? Eu não cheguei a esse patamar ainda.</p> <p><b>João</b> – Porque isso são coisas que saem naturalmente.</p> <p><b>Ana</b> – Não é nada, tu não pensas nisto agora porque não estás nessa posição.</p> <p><b>Pedro</b> – É uma coisa que cresce contigo e quando a necessidade surgir mesmo, aí as coisas acontecem.</p> <p><b>Ana</b> – Exato. Não é um dever meu, não é uma responsabilidade minha.</p> <p><b>João</b> – Eu, se fosse patrão, interessava-me numa pergunta. Para além de lhe perguntar ....</p> <p><b>Pedro</b> – Eu acho que tu estás à vontade de falar sobre isso...mas eu percebo também.</p> <p><b>Ana</b> – ... porque razão ela quer trabalhar na minha empresa? Perguntava também quais é que eram as ambições que ela tinha dentro da empresa. O que é que ela queria fazer com aquilo? Percebes? Há pessoas que... as pessoas têm ambições, as pessoas não querem ir trabalhar e simplesmente ir trabalhar para aquele cargo. Querem subir cada vez mais e isso é bom porque</p>	<p>Perguntas nas entrevistas:</p> <p>-por que razão quer trabalhar na empresa?</p> <p>-quais são as suas ambições?</p> <p>[procura de rentabilidade na empresa e realização pessoal]</p>
---	--

<p>isso vai dar rentabilidade à empresa, pra empresa e pra pessoa.</p> <p><b>Pedro</b> – Mas tu, já reparaste que tu, tu sentes-te à vontade a falar sobre isso e discutir sobre isso? Porque mesmo tu agora, na situação que estás, tiveste que desenvolver isso, fizeram-te perguntas e tiveste que saber responder acerca disso. A mim não é essa questão.</p> <p><b>Investigador</b> – Aqui a instituição não proporciona momentos desses, de preparação para o futuro e isso?</p> <p>[momento de silêncio]</p> <p><b>João</b> – Nem falemos sobre isso, nem vale a pena.</p> <p><b>Pedro</b> – São um pouco noções abstratas.</p> <p><b>Carlos</b> – O quê, o quê não ouvi.</p> <p><b>Investigador</b> – Se aqui a instituição não proporciona momentos de...</p> <p><b>Ana</b> – Claro que não, cada um por si.</p> <p><b>Pedro</b> – Dão-nos asas para voar. [momento de silêncio] Lá está, como quem diz, dão-te as condições.</p> <p><b>Carlos</b> – Podem interpretar mal.</p> <p><b>Pedro</b> – Pode nada.</p> <p><b>João</b> – Eu é assim, naquilo... exatamente, pode ser mal interpretado e eu nem vou falar sobre isso sequer.</p> <p><b>Ana</b> – Cada um por si.</p>	<p>A instituição não proporciona formação e informação para esta fase dos jovens, na procura de emprego.</p> <p>“São um pouco noções abstratas”</p> <p>“cada um por si”</p> <p>A instituição dá-lhes "asas para voar,”</p> <p>“dão-nos as condições para que nós saibamos decidir o nosso futuro, não que nos indiquem”</p>
---	---

<p><b>Pedro</b> – Não é isso, dão-nos as condições para que nós saibamos decidir o nosso futuro, não que nos indiquem....</p> <p><b>Ana</b> – Que nos preparam para uma entrevista.</p> <p><b>Pedro</b> – É diferente, o que eu estou a dizer está certo.</p> <p>[Termina por aqui a primeira atividade.]</p> <p>Apresento ao grupo a última atividade das nossas sessões. Assim sendo, coloco uma questão e solicito que deem sugestões, ideias. <i>“Se tu pudesses mudar a realidade das instituições de acolhimento, o que farias?”</i> Embora algumas sugestões tenham sido referidas em sessões anteriores solicito que sejam agora escritas e que novas ideias sejam acrescentadas.</p> <p><b>João</b> – Patrícia, desculpa lá a crítica, mas a pergunta está, digamos que, está muito vasta. Agora, se tu perguntasses se tu pudesses mudar a realidade da instituição, que é da nossa, que nós não conhecemos a realidade das outras, percebes? Tão simples quanto isso.</p> <p><b>Pedro</b> – Isso é verdade.</p> <p><b>Ana</b> – Eu conheço mais um bocadinho que eles porque eu estudei a área e sei o que se passa nas outras instituições, sei que é diferente.</p> <p><b>Investigador</b> - Vocês podem reformular a pergunta como acharem que se enquadra melhor. E deem sugestões. E tu (Ana) que conheces mais, porque acabas por estudar esta área, aquilo que vos toca e que vocês acham que seria pertinente estar no trabalho, que fosse registado.</p> <p><b>Ana</b> – É difícil, isso vai de encontro a cada jovem a cada criança</p>	<p>Prefere falar da sua instituição, não conhece a realidade das outras.</p> <p>Conhece a realidade de outras instituições.</p>
--	---

<p>naquela casa.</p> <p><b>Investigador</b> – A tua realidade... o que é que tu achas que poderia ser mudado nesta instituição, a tua.</p> <p><b>Ana</b> – Não sei.</p> <p><b>Investigador</b> – Não vais falar pelos outros, porque neste caso o estudo é convosco.</p> <p><b>Pedro</b> – Neste momento nada, aquela casa está bem reconhecida. E a questão de ter condições e de poder albergar o número de crianças, aquilo está muito bem estipulado.</p> <p><b>Investigador</b> – Daí a minha pergunta! Tu [Ana] falaste, se calhar seria melhor aqui nesta instituição, e, por exemplo, tu [Pedro] falaste em ser um número menor de crianças, isto seria....</p> <p><b>Pedro</b> – Aquilo para o número de crianças e para o tamanho de casa que é, está ótimo. Não disse o contrário.</p> <p><b>Investigador</b> – Ao nível da realidade das instituições de acolhimento, porque normalmente é maior....</p> <p><b>Pedro</b> – A questão é, depende de instituições para instituições. Há instituições com maior número de crianças e menor número de funcionários e que tendem às vezes a correr mal.</p> <p><b>Ana</b> – Que devia ser o contrário.</p> <p><b>Pedro</b> – Que devia ser o contrário e tendem a correr mal. Por quê? Porque o número de funcionários que está lá não vai poder atender às necessidades do número de crianças que está lá.</p>	<p>Não mudaria nada – é bom o facto de a estrutura ser reduzida, ter poucas crianças e o tamanho da casa é adequado.</p> <p>Tende a correr mal quando há mais crianças e menos funcionários</p> <p>Corre mal porque não responde às necessidades</p>
--	--

<p><b>Ana</b> – Exatamente.</p> <p><b>Pedro</b> – E os horários não estão bem estipulados nesses espaços.</p> <p><b>Ana</b> – E não querem saber. Fazem asneiras e não querem saber.</p> <p><b>Pedro</b> – Aqui não, passa-se totalmente o contrário. O número de pessoas está bem definido, está bem estipulado, as horas também, e o número de crianças também está bem associado a isso. A realidade é essa.</p> <p><b>Investigador</b> - Em relação a sugestões, aí já estás a responder a esta que o João disse que era mais vago porque falava das instituições apesar de não conhecer a realidade.</p> <p><b>Pedro</b> – De uma forma indireta, estou a corresponder aquilo que ele disse.</p> <p><b>Investigador</b> – Vocês querem a pergunta de uma forma geral ou específica para a instituição? Porque há sempre sugestões, há sempre coisas que vocês poderiam melhorar, olhavam pra trás e poderia ser alterado se isto fosse de outra maneira.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu acho que todos nós...</p> <p><b>Investigador</b> – Vocês estão contentes a cem por cento?</p> <p><b>Pedro</b> – Eu nunca tive razão de queixa.</p> <p><b>Ana</b> – Eu nunca tive razão de queixa. Eu agora estou dos dois lados. Eu agora sou funcionária por isso, tipo é...eu agora posso achar uma coisa que na altura quando vivia lá era diferente.</p> <p><b>Pedro</b> – Eu acho que nesse sentido nunca nos faltou nada. Para mim, nunca nos faltou nada.</p>	<p>Os horários, não estando bem estipulados, criam indiferença menos acompanhamento.</p> <p>A realidade do Lar é bem diferente – nº de pessoas é certo, os horários também, assim como o nº de crianças.</p> <p>Não têm razão de queixa.</p> <p>A Ana está na outra posição agora, de funcionário do Lar, além de jovem em acolhimento.</p> <p>Sentem as necessidades supridas.</p>
---	---

<p><b>Ana</b> – Temos as nossas desavenças como tudo.</p> <p><b>Pedro</b> – Provavelmente... Agora, ainda respondendo à conta de há bocado. Provavelmente, se houvesse outra instituição com outras condições eu aqui já poderia fazer a crítica negativa da instituição....</p> <p><b>Ana</b> – Do acompanhamento...</p> <p><b>Pedro</b> – Estás a perceber? Neste caso, não, neste caso tivemos tudo. Pelo menos, falo por mim e posso falar por eles. Tivemos tudo positivo. Se chegamos a este ponto de universidade e de o João ter, neste caso, o posto de trabalho no futebol e isso tudo, por alguma razão foi, foi tudo fatores positivos. E foi tudo associado a isso.</p> <p><b>Investigador</b> – Então posso pedir-vos que façam, por escrito, os fatores positivos?</p> <p><b>Pedro</b> – Se calhar é melhor, não sei. Mas também já dissemos, tipo.</p> <p><b>Ana</b> – Sim está gravado.</p> <p><b>Pedro</b> – Já está gravado, já dissemos.</p> <p><b>Ana</b> – É difícil de ver, são realidades diferentes desta com todas as casas do país.</p> <p><b>Pedro</b> – Totalmente diferente.</p> <p><b>Investigador</b> – E tu que tens um conhecimento mais, conheces outras coisas, o contexto....</p> <p><b>Ana</b> – Por exemplo em algumas instituições os jovens aos 18</p>	<p>Se chegaram até aqui deve-se aos fatores e circunstâncias criadas pela instituição. Esta proporcionou-lhes uma forma positiva para estarem na vida. “neste caso tivemos tudo (...) foi tudo fatores positivos”</p> <p>Consideram a realidade do Lar diferente das restantes casas do país.</p> <p>Aos 18 anos não ficaram</p>
---	--

<p>anos vão embora, sem retaguarda nenhuma, sem casa, sem nada.</p> <p><b>Pedro</b> – Sem acompanhamento familiar, sem nada. Aqui não se passa o mesmo.</p> <p><b>Ana</b> – Por exemplo, na minha universidade, tenho muitos casos desses, de jovens que saíram da instituição e agora não têm acompanhamento, para estudar têm não sei quantos trabalhos, ou têm assim umas vidas esquisitas para poderem estudar.</p> <p><b>Investigador</b> – Então reformulem os pontos positivos de estarem nesta instituição.</p> <p><b>Pedro</b> – Acabamos de enunciar isto há bocado. Já dissemos tudo.</p> <p><b>Investigador</b> – Queres escrever? [Ana]</p> <p><b>Ana</b> – Com certeza que não te interessa tanto os aspetos positivos mas os negativos.</p> <p><b>Investigador</b> – O sentido era de melhorar a prática.</p> <p><b>João</b> – Então se é melhorar a prática não podemos partir dos aspetos positivos mas sim dos negativos, não é? Porque melhorar, já os aspetos positivos já estão melhorados.</p> <p><b>Ana</b> – Queres nesta, ou no geral? No geral, eu digo-te, é uma completa desgraça.</p> <p><b>Pedro</b> – Se for por aí, João. Não há nada para escrever, desculpa que te diga.</p> <p><b>João</b> – Há sempre alguma coisa pra escrever.</p> <p><b>Pedro</b> – Não há nada. Então, diz-me lá, que crítica ou que coisa</p>	<p>desamparados, sem casa. “Aqui não se passa o mesmo.”</p> <p>Têm amigos na universidade que não foram acompanhados nesta fase e para estudar têm “vidas esquisitas”.</p> <p>Discordância do grupo sobre aspetos negativos, uns consideram que os há, outros não.</p>
--	--

<p>é que querias mudar lá naquela instituição?</p> <p><b>João</b> – Começa tu por dizer. Achas que está tudo bem?</p> <p><b>Pedro</b> – Pelo menos, para mim, até agora, esteve. [um momento de pausa] Mas tu é que sabes, se quiseres estar aí a falar e a teres aí um discurso.</p> <p><b>João</b> – Não, cada um tem uma perspetiva diferente.</p> <p><b>Carlos</b> – Porque as vidas também são um bocado diferentes.</p> <p><b>Ana</b> – Há as opções que cada um de nós tem e depois o trabalho dos funcionários vai de encontro a isso, por isso é diferente.</p> <p><b>Pedro</b> – De um modo geral, acho fatores positivos.</p> <p><b>Ana</b> – Queres esta ou no geral?</p> <p><b>Investigador</b> – Podem ser feitos positivos e negativos que uns dizem uma coisa e outros dizem outra.</p> <p><b>Ana</b> – No positivo pus o acompanhamento.</p> <p><b>Pedro</b> – Era mais fácil...</p> <p><b>Investigador</b> – Negativos, na parte do acompanhamento, por exemplo, houve partes que vocês falaram de serem todos, às vezes, classificados de igual modo. Quer dizer, há preocupação do individualismo, de cada um ser tratado de acordo com a sua própria maneira de ser, mas, por exemplo, há casos em que, se calhar, não é tanto assim, quer dizer, não que seja mau de todo mas houve certos momentos que...</p> <p><b>João</b> – Foi uma das coisas que na nossa altura, na minha época, eu senti isso, na minha época... Estou a falar como se fosse um</p>	<p>Positivo acompanhamento</p>
---	------------------------------------

<p>velhinho mas...</p> <p><b>Ana</b> – Os castigos eram quando era dado a um...</p> <p><b>João</b> – Mas era assim que funcionava o acompanhamento, ligarmos... as questões da individualidade, isso quase que não existia, não é? Digamos que toda a gente tinha horas de ir para a cama. Tu vais para a cama, tu vais para a cama, tu vais para a cama... tipo eu como mais velho nunca tive essa diferença, tipo o João é mais velho pode ir para a cama, não.</p> <p><b>Investigador</b> – A questão da individualidade não era respeitada...</p> <p><b>Ana</b> – Mas isso mudou, a Leontina vai à meia noite.</p> <p><b>João</b> – Eu estou a falar do meu tempo.</p> <p><b>Ana</b> – Mas já mudou, tipo, são coisas que vão mudando, que as pessoas vão vendo ao longo do tempo.</p> <p><b>Investigador</b> – Mas aqui são as vossas necessidades sentidas.</p> <p><b>Ana</b> – Uma coisa que eu acho que ainda continua a ser é os castigos. Os castigos quando é dado a um, é dado a todos.</p> <p><b>João</b> – Isso, não estou de acordo.</p> <p><b>Pedro</b> – Isso, até eu.</p> <p><b>João</b> – Estou de acordo quando não se sabe quem é, dentro de um grupo quando não se souber quem é...</p> <p><b>Ana</b> – Por isso mesmo é que eu estou a dizer.</p> <p><b>João</b> – ...quando não se sabe quem é e vão todos de castigo, é</p>	<p>Negativos – a individualidade não era respeitada [horários de deitar]</p> <p>O respeito pela individualidade já mudou.</p> <p>Injustiça - os castigos continuam a ser aplicados a todos.</p>
--	---

<p>justo. Agora, dentro de um grupo, quando se sabe quem é e ficam todos de castigo, isso é...</p> <p><b>Ana</b> – É isso que estou a dizer é uma coisa que ainda está mal, ali. Como agora a net, ficaram sem net porque o Manuel e o José andaram a fazer asneiras, ficaram todos, agora, sem o raio da net.</p> <p><b>João</b> – Não é justo. Ficavam sem net o José e o Manuel. Foram eles que fizeram asneiras.</p> <p>Pergunto se há mais alguma coisa que queiram dizer, <i>acrescentar... Apenas surge momentos de silêncio.</i></p> <p><b>Ana</b> – Quem me dera estar lá naquela casa, era menos problemas, menos responsabilidades. Não se pode falar em saídas porque por norma, numa instituição, as crianças não saem sozinhas à noite nem nada, por isso já é uma benéfica.</p> <p><b>Investigador</b> – A partir de que altura começaram a sair?</p> <p><b>Ana</b> – Desde que andamos no secundário, deram-nos essa liberdade. Está bem que tínhamos horas para chegar, mas é uma instituição não é uma casa, está bem que é uma casa normal, mas é uma instituição.</p> <p><b>João</b> – E achas isso bonito?</p> <p><b>Ana</b> – O quê?</p> <p><b>João</b> – Não puderem sair numa instituição, só por ser uma instituição?</p> <p><b>Ana</b> – Se te acontece alguma coisa a responsabilidade é de quem?</p>	<p>Injustiça – ficam todos de castigo, mesmo quando sabem quem é o responsável.</p> <p>Saudades do Lar – menos problemas e responsabilidades.</p> <p>Restrições das saídas à noite.</p> <p>Começaram a sair a partir do secundário, mas com restrições que considera normais por estar num lar de acolhimento.</p> <p>Injustiça- essas restrições só por estarem num Lar?</p>
--	---

<p><b>João</b> – Prontos...</p> <p><b>Ana</b> – No caso do Pedro até podem deixar porque já é...</p> <p><b>João</b> – Vai para um lar e vai com essa ideia e implementa essa ideia lá.</p> <p><b>Ana</b> – Se te acontece alguma coisa durante a noite, és tu que vais a tribunal, como funcionário, até durante o dia, se saírem.</p> <p><b>Pedro</b> – É complicado nenhum de vocês os dois pode responder a isso, por isso, nem eu respondo.</p> <p><b>João</b> – A noite é igual ao dia, tu é que fazes.</p> <p><b>Pedro</b> – Nem tu nem ela pra responder a isso porque as instituições são diferentes, depende dos miúdos e é uma relação de afeto que tu crias.</p> <p><b>Ana</b> – Por que é que eu tive de me tornar uma funcionária daquela casa? [Conta um episódio de um adolescente que teve problemas e teria que responder no tribunal, ela e as funcionárias por ela não ser funcionária do lar. Entretanto, o Carlos explica o porquê de ter acontecido aquele episódio].</p> <p><b>João</b> – Eu também sou funcionário daquela casa, sabes? Então quer dizer, eu ia dar as aulas dos miúdos de natação e um...</p> <p><b>Ana</b> – Eu sou paga para trabalhar lá.</p> <p><b>João</b> – E achas isso bonito, uma casa que te acolheu? Uma criança afogava-se e eu também ia responder?</p> <p><b>Ana</b> – Não, és só professor, não acho bonito. Então eu não trabalho lá? Vou assinar contrato e tudo.</p>	<p>As restrições devem-se às responsabilidades, perante a lei. Se acontecer alguma coisa às crianças e jovens...</p> <p>João considera que “A noite é igual ao dia”</p> <p>Pedro diz que depende da relação de afeto que se cria. Ana tornou-se funcionária do Lar, implicada num acontecimento em que poderá ter que ir a tribunal responsabilizar-se.</p> <p>João não considera isso bem: ser funcionária do Lar que a acolheu (e ainda está sob guarda da instituição).</p> <p>O João também é funcionário do Lar, professor de natação.</p>
---	---



<p>dependesse de mim...</p> <p><b>João</b> – Ia por água abaixo, não era feita.</p> <p><b>Carlos</b> – Era o mesmo que fazer 50 mil jovens por aí fora, iguais aos outros. Eu tenho uma vida igual aos outros.</p> <p><b>Ana</b> – Por que é que não somos iguais aos outros? Somos! Podemos ter experiências de vida diferentes mas os outros também têm experiência de vida diferente das nossas.</p> <p><b>NOTA IMPORTANTE:</b> Todos os nomes de pessoas, cidades e instituições mencionados nestes anexos são fictícios, a fim de proteger a verdadeira identidade dos participantes.</p>	<p>Não se sentem diferentes em relação a outros jovens, “Podemos ter experiências de vida diferentes mas os outros também têm experiência de vida diferente das nossas”.</p>
--	--

## **Anexo V – Atividade Dinâmica de Grupo**

01 Nome.....  
 02. Apelido.....  
 03. Idade..... 26.....  
 04. Nº amigos próximos.....  
 05. Composição familiar..... 13.....  
 06. Graduação/Escola..... Licenciatura Ciências do Desporto - IAD.....  
 07. Um desporto..... Futebol.....  
 08. Um lazer.....  
 09. Uma qualidade.....  
 10. Um defeito.....  
 11. Uma alegria.....  
 12. Uma tristeza.....  
 13. Um sonho.....  
 14. Um medo.....  
 15. Uma esperança.....

01 Nome.....  
 02. Apelido.....  
 03. Idade..... 23.....  
 04. Nº amigos próximos..... ±13.....  
 05. Composição familiar.....  
 06. Graduação/Escola..... último ano do ensino Superior - Ciências Sociais.....  
 07. Um desporto..... futebol.....  
 08. Um lazer..... sair com os amigos ir ao Karaoke por vezes.....  
 09. Uma qualidade..... organizada.....  
 10. Um defeito..... teimosa.....  
 11. Uma alegria..... acabar a minha ..... Universidade de poly. red. comente todo.....  
 12. Uma tristeza..... falar em algum aspeto que me falta de mim mesmo.....  
 13. Um sonho..... abrir uma instituição acolhimento de crianças e jovens de.....  
 14. Um medo..... não realizar todos os meus sonhos..... objetivos.....  
 15. Uma esperança..... vir a trabalhar na A.D.C.....

- 01 Nome..... [Redacted]
02. Apelido..... [Redacted]
03. Idade..... 22
04. Nº amigos próximos..... 10
05. Composição familiar..... 4
06. Graduação/Escola..... 3º ano 1º ciclo
07. Um desporto..... Futebol
08. Um lazer..... praticar futebol
09. Uma qualidade..... amável
10. Um defeito..... inseguro
11. Uma alegria..... convívio amigável
12. Uma tristeza..... pensar no mundo / reflectir em assuntos sérios
13. Um sonho..... deixar a minha marca no mundo e ser feliz
14. Um medo..... sentir-se para além de si / insegurança
15. Uma esperança..... ter coisas boas e ter mais segurança

- 01 Nome..... [Redacted]
02. Apelido..... [Redacted]
03. Idade..... 20
04. Nº amigos próximos..... 1
05. Composição familiar..... Somos nove
06. Graduação/Escola..... 1
07. Um desporto..... Futebol
08. Um lazer..... Futebol
09. Uma qualidade.....
10. Um defeito..... timidez
11. Uma alegria..... ver os outros felizes
12. Uma tristeza.....
13. Um sonho..... trabalhar na cidade de Braga
14. Um medo.....
15. Uma esperança.....

- 01 Nome..... [REDACTED] .....
02. Apellido..... [REDACTED] .....
03. Idade..... 43 .....
04. N° amigos próximos..... 10 .....
05. Composição familiar..... 2 .....
06. Graduação/Escola..... Licenciatura Sociologia .....
07. Um desporto..... Caminhada, andar de bicicleta (luz) .....
08. Um lazer..... ler .....
09. Uma qualidade..... Transparência .....
10. Um defeito..... timidez .....
11. Uma alegria..... estar feliz e ver os outros felizes .....
12. Uma tristeza..... .....
13. Um sonho..... .....
14. Um medo..... .....
15. Uma esperança..... .....

**Anexo VI – Orçamento de Tempo**

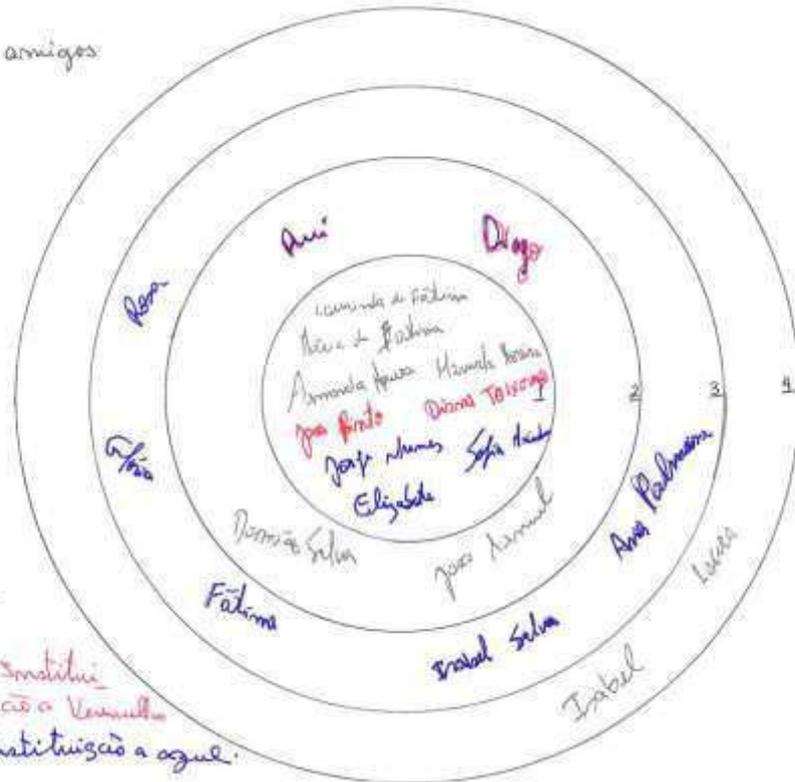




<b>OT</b>	<b>Responsabilidades</b>	<b>Estudos</b>	<b>Socialização</b>	<b>Lazer</b>
<b>OT2 OT1</b>	Igual 2/7	Reduziu em metade de 1/6 para 1/12	Aumentou de 2/5 para pouco menos de 1/2	Um aumento ligeiro de 1/9 para 1/7
<b>OT3 OT1</b>	Aumentou de 2/7 para 2/5	Aumentou de 1/6 para 1/5 sendo 1/7 para trabalho em casa	Reduziu de 2/5 para 1/3 em que 1/5 são relações de colegas de universidade	Reduziu de 1/9 para 1/12
<b>OT4 OT2</b>	Aumentou de 2/7 para 3/9	Reduziu numa margem mínima de 1/12 para 1/14	Reduziu considerável de menos de 1/2 para 2/5	Reduziu de 1/7 para 1/9
<b>OT4 OT3</b>	Ligeiro aumento de 2/5 para 3/9	Redução drástica de 1/5 para 1/14	Aumentou de menos de 1/3 para 2/5	Aumentou de 1/12 para 1/9
<b>Tabela 2 - Comparação Orçamentos de Tempo (1,2,3,4)</b>				

**Anexo VII – Círculo de Amigos**

Círculo de amigos

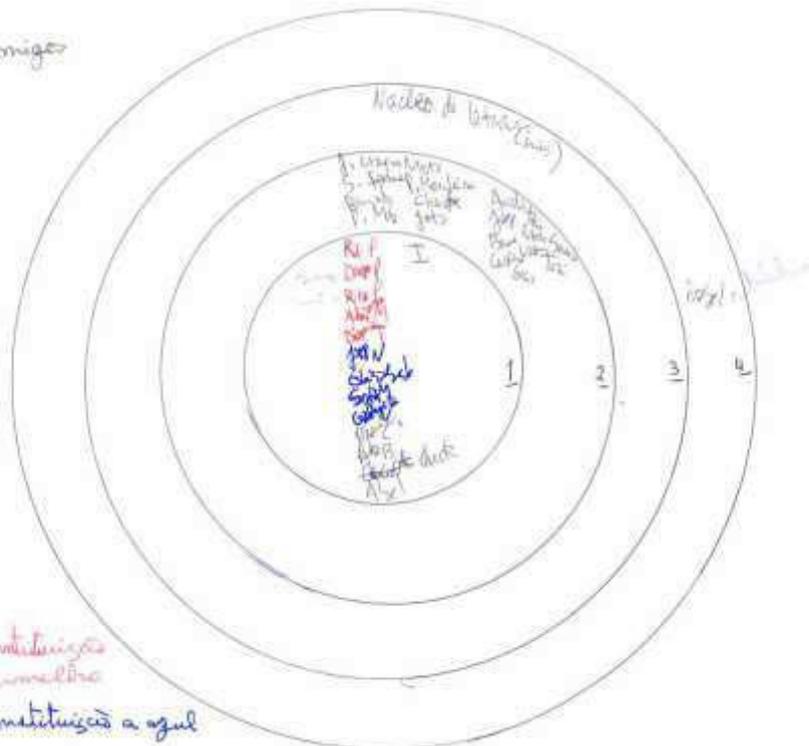


Identificar:

Amigos da Instituição e do Veneza

Técnicos da Instituição a seguir.

Círculo de amigos



Identificar:

Amigos da Instituição e do Veneza

Técnicos da Instituição a seguir



Referências	Número de pessoas enunciadas				Número de referências
	Ana	João	Pedro	Carlos	
Amigos na instituição	4	2	6	5	4
Funcionários da instituição	11	3	5	4	4
Outro (amigos e família)	9	4	3	4	4

**Tabela 3 - Círculo da Intimidade**

Referências	Número de pessoas enunciadas				Número de referências
	Ana	João	Pedro	Carlos	
Amigos na instituição	∅	2	1	∅	2
Funcionários da instituição	1	∅	∅	∅	1
Outro (amigos e família)	10	3	10	12	4

**Tabela 4 - Círculo da Amizade**

Referências	Número de pessoas enunciadas				Número de referências
	Ana	João	Pedro	Carlos	
Amigos na instituição	∅	∅	∅	∅	∅
Funcionários da instituição	∅	5	∅	∅	1
Outro (amigos e família)	∅	∅	14	1	2

**Tabela 5 - Círculo de Participação**

Referências	Número de pessoas enunciadas				Número de referências
	Ana	João	Pedro	Carlos	
Amigos na instituição	∅	∅	∅	∅	∅
Funcionários da instituição	∅	∅	∅	∅	∅
Outro (amigos e família)	3	2	5	1	4

**Tabela 6 - Círculo de Troca**

Funcionários da instituição						Amigos da Instituição					
Nomes	CI	CA	CP	CT	Total	Nomes	CI	CA	CP	CT	Total
Amélia	1	Ø	Ø	Ø	1	Adriano	2	Ø	Ø	Ø	2
Ana	1	Ø	1	Ø	2	Ângelo	Ø	1	Ø	Ø	1
Cristina	2	Ø	Ø	Ø	2	Catarina	1	Ø	Ø	Ø	1
Elisabete	4	Ø	Ø	Ø	4	Cátia	2	Ø	Ø	Ø	2
Fátima	Ø	Ø	1	Ø	1	Diogo	2	1	Ø	Ø	3
Gabriela	2	Ø	Ø	Ø	2	Diana	2	Ø	Ø	Ø	2
Glória	Ø	1	1	Ø	2	Miguel	3	Ø	Ø	Ø	3
Isabel	Ø	1	1	Ø	2	Rita	3	Ø	Ø	Ø	3
Jorge	4	Ø	Ø	Ø	4	Rui	1	1	Ø	Ø	2
Olga	2	Ø	Ø	Ø	2						
Rosa	1	Ø	1	Ø	2						
Sofia	4	Ø	Ø	Ø	4						

**Tabela 7 - Número de repetição de funcionários e amigos da instituição por Círculo**

## **Anexo VIII – Linguagem Musical**

Que banda sonora é esta:

<p>Saíram de casa e foram para uma instituição a primeira vez</p> <p>11 Estúdios como eu...</p> <p>A amiga Di Sney</p> <p>Há uma melada A amiga Di Sney</p>	<p>perceberam que tinham amigos na instituição</p> <p>11 Do zero é herói... A amiga Di Sney</p> <p>11 Sou teu amigo em m... A amiga Di Sney</p> <p>11 No meu coração "tantas"</p>	<p>perceberam que entraram na universidade</p> <p>11 "Vá-sem gostoso" Tundo 1998</p> <p>Estudante de 450 Tundo 1998</p>
<p>Beyoncé</p>	<p>= I Was Here =...=</p> <p>11 eu quero fazer algo importante</p> <p>Dizer algo de frente</p> <p>Algo que eu não atrevo de mundo inteiro</p> <p>Eu quero fazer algo melhor</p> <p>Com o tempo que eu não</p> <p>o eu quero tentar fazer algum coisa</p> <p>nesto vida</p> <p>e de ser me de sempre</p>	<p>11 eu quero fazer algo importante</p> <p>do mundo inteiro</p> <p>melhor</p> <p>eu não</p> <p>algum coisa</p> <p>nesto vida</p> <p>que eu a que quero...</p>

Que banda sonora é esta:

<p>Pai</p> <p>Saíram de casa e foram para uma instituição a primeira vez</p> <p>Longina - John Lennon</p> <p>Az certo facto verdade</p> <p>Alguns de quem como algo muito fúria, e algo muito mais confortáveis no seu mundo</p> <p>11 Não existem coisas de muito a ligação a instituições, como se não fossem necessárias, e não foram feitas.</p>	<p>perceberam que tinham amigos na instituição</p>	<p>perceberam que entraram na universidade</p> <p>Chuck Berry, Sweet Little Sixteen</p>
--	--	---

Dois jovens não realizaram a atividade, somente ficou registada a conversa, nas Notas de Campo 5 e 7

Momentos de Transição	Saíram de casa e foram para a instituição	Perceberam que tinham amigos	Quando entraram na universidade	Em geral
<p><b>Ana</b></p>	<p><b>Estanhos como eu - Tarzan</b>  “Quero entender. Conte tudo.   Quero saber sobre os estranhos como eu.   Fale mais   Me mostre!   Quero entender esses estranhos como eu.   Cada gesto!   Cada som da sua voz,   toca fundo dentro de mim!   Não sei por quê.   Preciso tanto estar com ela.   Eu nunca tive a sensação.   De um outro mundo além daqui.   Além de tudo a minha volta.   Eu vejo um novo horizonte!”</p> <p><b>Hakuna Matata</b>  “É tão fácil dizer   Hakuna Matata   Sim, vais perceber   Os teus problemas são para esquecer   P’ra sobreviver, tens de aprender Hakuna Matata”</p>	<p><b>De Zero a Herois - Disney</b>  “Chegou aqui para conquistar   De Zero a Herói sem hesitar   De Zero a Herói já cá está   E ao passar faz suspirar com “uh’s” e “ah’s”</p> <p><b>Sou teu amigo sim – Disney</b>  “Sou teu amigo, sim,   quando a vida corre mal   e tu ficas só e sentimental,   sou alguém que gosta e é leal,   tu tens um amigo aqui!”</p> <p><b>No meu coração - Tarzan</b>  “No seu olhar eu posso ver   A força pra lutar e pra vencer   O amor nos une para sempre   Não há razão pra chorar”</p>	<p><b>Viseu graciosa – Tunadão 1998</b>  “Ó Viseu Graciosa   Cidade tu és jardim   Tens flores em teus recantos   Ó Viseu tu és assim.”</p> <p><b>Estudante de Viseu – Tunadão</b>  “O estudante de Viseu   Tem na alma um Beirão   P’ra onde quer que ele vá   Leva sempre um garrafão   O estudante de Viseu   Pode ser quem tu quiseses   Gosta muito de beber   E também dessas mulheres”</p>	<p><b>I Was Here – Beyoncé</b>  “Eu quero fazer algo importante   Dizer algo diferente   Algo que chame a atenção do mundo inteiro   Eu quero fazer algo melhor   Com o tempo que eu recebi   E eu quero tentar tocar alguns corações nesta vida   E deixar nada menos   Que deixar algo que diz que eu estive aqui (...)”</p>
<p><b>João</b></p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>	<p>-----</p>	<p>Estilo de música – <b>Pop Rock</b></p>
<p><b>Pedro</b></p>	<p><b>Imagem – John Lennon</b>  “até certo ponto traduzia os climas de guerra como algo muito</p>	<p>“um avanço da solidão para amigos na instituição” [Pedro]</p>	<p><b>Sweet Little Sixteen - Chuck Berry</b>  “(…)Por favor, deixe-me ir   É uma visão tão boa   Alguém</p>	<p>-----</p>

	próximo, algo biológico... tais comportamentos no seio familiar que eram negativos... mas de repente a chegada à instituição como se uma pomba voasse livre, e essa pomba fosse eu.” [Pedro]		roubou o show (...)   Porque eles estarão agitando no coreto (...) Ela tem corpão violão   Vestido apertado e batom   Ela veste sapatos de salto alto   Oh, mas amanhã de manhã   Ela vai ter que mudar a tendência   E ser doce aos dezasseis   E volta em classe novamente”	
<b>Carlos</b>	-----	-----	-----	Estilos de filmes – <b>Filmes orientais</b> (transmitirem passividade, e estar ligados à natureza); filmes com o protagonista sozinho a salvar o mundo.
<b>Tabela 8 – Linguagem Musical: Letras</b>				

## **Anexo IX – Brainstorming**

Aspectos Positivos / Negativos



- Acompanhamento
- Ambiente familiar
- Amizades
- falta de experiências de vida

- castigos quando se dá de um e dado todos.
- individualidade - que não se esqueça dos mais velhos juntamente com os mais novos
- Falta de apoio e procura de emprego por parte de algumas pessoas sem referências

Se for possíveis mudar a realidade das instituições de acolhimento, o que fazer?